UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CRISTINA MARIA CAMPOS

CUMPLICIDADE E FANTASIA NA COMPOSIÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: *A*S NARRATIVAS PEDAGÓGICAS NO COTIDIANO ESCOLAR.

CAMPINAS

2016

Cristina Maria Campos

CUMPLICIDADE E FANTASIA NA COMPOSIÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: *A*S NARRATIVAS PEDAGÓGICAS NO COTIDIANO ESCOLAR.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Educação, na área de concentração de Ensino e Práticas Culturais.

ORIENTADORA PROFª DRª CORINTA MARIA GRISOLIA GERALDI

O ARQUIVO DIGITAL CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA CRISTINA MARIA CAMPOS, E ORIENTADA PELA PROFª. DRª. CORINTA MARIA GRISOLIA GERALDI.

CAMPINAS

2016

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES, 5636-11-6

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

C157c

Campos, Cristina Maria, 1964-
Cumplicidade e fantasia na composição do trabalho docente : as narrativas pedagógicas no cotidiano escolar / Cristina Maria Campos. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Corinta Maria Grisolia Geraldi.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Formação continuada do professor. 2. Aquisição da escrita. 3. Professor pesquisador. 4. Narrativas. I. Geraldi, Corinta Maria Grisolia,1952-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Complicity and fantasy in the composition of teaching work : pedagogical narratives in the school daily life
Palavras-chave em inglês:
Continuing teacher training
Writing acquisition
Research professor
Narratives
Área de concentração: Ensino e Práticas Culturais
Titulação: Doutora em Educação
Banca examinadora:
Corinta Maria Grisolia Geraldi [Orientador]
Laura Noemi Chaluh
Maria Emília Caixeta de Castro Lima
Adriana Varani
Guilherme do Val Toledo Prado
Data de defesa: 23-02-2016
Programa de Pós-Graduação: Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Tese de Doutorado

CUMPLICIDADE E FANTASIA NA COMPOSIÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: *A*S NARRATIVAS PEDAGÓGICAS NO COTIDIANO ESCOLAR.

Autora: Cristina Maria Campos

COMISSÃO JULGADORA:

Orientadora: Profª Drª Corinta Maria Grisolia Geraldi
Profª Drª Laura Noemi Chaluh
Profª Drª Maria Emília Caixeta de Castro Lima
Profª Drª Adriana Varani
Prof Drº Guilherme do Val Toledo Prado

A Ata da Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

2016

Dedico

A memória de Terezinha e Antonio, meus pais. Graças à dedicação e ao amor de ambos, hoje seus filhos podem exercer na vida o que aprenderam com eles: o constante exercício de aprender com o próximo.

A memória de Marisa Campos Marques, minha irmã mais velha que sempre me mostrou que esse era um exemplo importante a ser seguido, embora não fosse fácil. Laços que sempre me farão falta.

Aos meus Piratas, Heróis, Países e Galeria dos Famosos alunos da EMEF Francisco Ponzio Sobrinho que viajaram comigo no mundo de possibilidades da aprendizagem na escola. Sem eles essa Tese não existiria.

As Crianças da Terra do Nunca, do Set de Filmagens, As 5 Maravilhas do Mundo Moderno e Ao Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas. Crianças italianas que tornaram possível o meu reencantamento com a Escola com seus sabores e saberes.

Aos meus pequenos Autores da EMEF Ângela Cury Zákia, que abriram as “janelas” dos seus sonhos e dividiram comigo, rindo, criando, ensinando e tornando o Planeta Escola um lugar intenso e vivo!

AGRADECIMENTOS

Agosto[1]

01/08/12

Dia 1 de agosto chegou rápido, semana que vem com ele a realidade: estou há sete meses em terras italianas. Parece que faz uma eternidade que deixei minha casa, família e amigos, pessoas queridas que mesmo distante estão sempre presentes na minha vida.

Fazem falta, mas aquela falta que dá uma sensação de presença, aquela falta alegre que me faz sorrir quando lembro de uns, rir muito quando penso em outros e falar "putz" de outros ainda e acho que esses são a maioria!

Outro dia a querida que me trouxe para cá me perguntou: - como você está preparando a volta? - Volta? Que volta!!! Respondi que não preparava a volta, pois tinha a sensação de estar em férias em uma viagem só um pouco mais longa!

Espantada me olhou e perguntou de novo: - Mas e seus laços aqui, sua escola, a vida que construiu, não vai te fazer falta?

Pensei um pouco e respondi: Que laços foram coisas que sempre me atraíram e que posso fazer como os de fita, desmanchar e levar comigo para onde eu for. Aqui tenho laços vermelhos, amarelos, azuis de todas as cores, quando for à hora de ir embora, pegarei cada um com o cuidado que merece e colocarei no lugar mais frágil que possuo, meu coração, que apesar de frágil é enorme e por certo, eles não ficarão apertados e chegarão comigo no Brasil, da mesma maneira que trouxe do Brasil para a Itália meus laços coloridos e animados.

A Terra do Nunca, Gallarate, Milano-Bicocca, lugares que quando toco o chão me dão alegria da escolha e do acerto. Nesses lugares estão os laços que levarei daqui! Pessoas que conheci, com quem ri, com quem me diverti, com quem aprendi. Vivi sensações outras, que fizeram sete meses voarem.

Diálogos e olhares feitos em trens, metrôs, ônibus e ruas, marcaram momentos de entrega aquele dia, àquela hora, a partilha e produção de

[1]Texto escrito por mim no final do início do mês de agosto em um momento de intensa saudade do Brasil, da família e dos amigos. Resolvi deixar na abertura dos agradecimentos, estava exatamente em diálogo com todos citados sobre a escrita da tese.

sentidos numa terra que sei que não é minha, mas não me faz estrangeira, porque pertenço à Terra do Nunca, aos pequenos Peters e Wendys que povoam a Itália, que não sabem da crise e muito menos das Fronteiras, Passaportes e "Permessos"[2].

Aos pequenos que procuram o Céu do Brasil no Verão italiano. Que me perguntam o que tem de tão legal em Campinas, que não posso viver em Rescaldina, afinal as casas lá são tão boas e baratas e que ainda acreditam como eu, que no fim do arcobaleno[3] a gente vai achar a Moneda Argenta e ela vai nos dizer o que fazer, por isso temos até dezembro para viver o momento que nos é dado a cada semana.

O ontem sempre nos pertenceu, falamos sempre sobre ele, o dia fica muito curto, então "voltar" ao ontem é solução fácil e rápida para o retorno ao presente.

O AMANHÃ, esse fica por conta do arcobaleno, não nos interessa. Agosto chega aquecendo as mentes e nos preparando para o retorno, setembro temos combinações e assim eu chego a outubro com novos pequenotes e pequenotas que não sei de onde serão, apenas que serão mais laços para colorir meu coração!

Conhecer melhor a "Argentina" através daqui, é um prêmio que obriga dividir o olhar, a atenção, a escuta e sorrisos que sempre recebo, me fazem repensar nesses vizinhos, precisamos todos mudar o olhar e procurar dentro da gente o Olho de Thundera[4] para olharmos nosso vizinho.

Bari, Cinqueterre, Barcelona, Stuttgart e Koblens, lugares e pessoas que estarão sempre presentes na minha coleção de fitas, algumas vieram daí, pegaram cores novas aqui e retornaram para aí, mas continuam firmes e fortes no seu lugar, do riso, do sorriso e do putz.

Os laços daqui um dia também me farão sorrir, outros rir e outros ainda a falar putz!. Um deles vai me deixar sempre a sensação de que ouvir uma boa música é muito bom antes de escrever a tese. E assim espero o final de julho!

---

[2] Permissão oficial para residir na Itália.

[3] Arco-íris em italiano. As alunas de Rescalda, escola onde fiz estágio quando estudei um ano na Itália com Bolsa-sanduíche, me contaram que no fim do arcobaleno há uma Moneda Argenta, ou seja, uma moeda de prata. Ditado popular como do Pote de Ouro no fim do arco-íris.

[4] ThunderCats foi uma série de animação desenvolvida por Rankin/Bass e distribuída por Lorimar-Telepictures em 1983. A animação foi produzida por *Pacific Animatio Corporation*, um grupo de estúdios japoneses. Exibida no Brasil em 1986, o olho de Thundera ficava na espada do herói do desenho.

Meus agradecimentos profundos e sinceros aos **Laços do Brasil:**

Laço Duplo: Vilma de Lourdes Campos, irmã de sangue, coração, vida, sonhos e farras. Interlocutora na escrita da Tese.

Meus **Laços Familiares**, meus irmãos e irmãs: sem eles essa vida não teria sentido, graça e prazer. Sem eles eu não seria completa, eu não seria eu, porque juntos somos parte do todo de meus pais Antonio e Terezinha: Lázaro, Pedro, Vilma, Aluísio, Elisabete, Marcos, Marcelo, Eduardo, Eleida, Renato e Margarida, irmã de coração há 20 anos. Quando penso neles sorrio, rio e falo putz!

Laços que se formaram desses laços e me mostraram outras possibilidades de vida, outras formas de se fazer e sentir uma família, cunhados, cunhadas, sobrinhas e sobrinhos: Adelino, Reinaldo, Cleusa, Gorete, Maria, Paula, Claubete, Alexandre, Sheyla, Rebeca, Samanta, Roberto, Fábio, Gabriel, Lucas, Marisa, Wendell, Barbara, Gabriel, Tibor, Murilo e Júlia.

Laços de Coração: Beth Rossin, Joseane Bufalo, Paulo Bufalo, Jessica Vega, Rosana Ceccon, Beatriz Ruela, Lurdinha Gomes, Cláudio Borges, Mabel Servidone, Mônica Barbosa, José Antonio Oliveira e Jocinara Oliveira. Presentes nos momentos de maiores alegrias e nos mais difíceis.

Laços que me **enlaçaram** nos caminhos da vida e vieram para a Itália tornar minha vida mais feliz e a saudade menor: Mafê em forma de Cachecol Vermelho, Vanessa Simas, Paty Yumi, Dri Pierini, Liana Serodio, Rosaura Soligo, Vanessa Creci e Neusa Medrado. Laços que amei carregar.

Laços que fizeram a diferença na minha vida profissional e que me **envolveram** no Brasil e na Itália: Laura Chaluh e Adriana Varani, sempre presentes.

Laço de todas as cores, da alegria e da tristeza, mas sempre um laço feliz e que me escreveu um dia: Porque você não junta todas as suas pipocas e faz um doutorado com elas? Ana Aragão. Laço dá risada sempre.

Laços do Grupo de Terça e do GEPEC que partilharam comigo o carrinho e as pipocas, com amizade, carinho, respeito e afeto: Aninha, Wilson, Marcia Leardini, Heloísa, Marcemino, Zé Paulo, tantos e muitos outros.

Laço engraçado, porreta e generoso: Glória Cunha.

Laços além-mar:

João Soeiro um laço de Portugal começamos com músicas e quando vimos dividíamos Vygostsky, política e leitura e de sonhos. Entre uma escrita e outra, sempre tinha uma música à minha espera.

Rescaldina: Fúlvia, Elena, Chiara, Donatella e todas as professoras e funcionárias que me apresentaram uma Escola de muitas Terras e Possibilidades. E principalmente a **Yuna** que não apenas abriu as portas da sua sala, mas o coração com falas e gestos, possibilitando os caminhos percorridos por mim em sua sala, pela parceira e companheira que foi.

Carolina Colombo pela acolhida na Itália, conversas noturnas, risadas, almoços, jantares, passeios, jogos e traduções, momentos de partilha e parceria de vida que só entre irmãs é possível acontecer. Um laço inesquecível, pelo pouco tempo amarrado.

Laços inexplicáveis: Profissionais da EMEF “Francisco Ponzio Sobrinho” que mesmo sem saber me constituíram na profissional que sou. Rosicler Cristina e Andrea Carolina pela partilha de sonhos e interlocuções, Denise Silva e Cidinha Zanin pela amizade e boas risadas.

Laço Especial: Alba Luzia Barbosa Scinocca, Diretora da EMEF “Francisco Ponzio Sobrinho”. Que em 10 anos de caminhada me ensinou e aprendeu, trocamos o olhar para uma escola possível. Foi companheira e amiga.

Laço importante: Ana Lúcia Goulart de Faria pela amizade, carinho e convite para participação no Projeto que me levou para a Itália.

Laço do Carinho e da Acolhida: Guilherme do Val Toledo, sempre por perto nas horas de necessidade, de alegria, de dúvidas, congressos, sorrindo e falando sempre: - Eh Cris!

Laço Querido amarrado aos poucos: João Wanderley Geraldi pelo apoio, risadas e amizade. Pelas longas conversas ao vivo ou através do email, conversas que resultaram em aprendizagens e reflexões mudando a minha vida profissional.

Laço da Escuta: Valdir Aparecido Mantega que me mostrou na prática que a escuta é uma coisa possível de se aprender. Pela amizade e parceria na construção de um ambiente acolhedor para a criança.

Laços Imprescindíveis:

Lilia Teruggi pelo sorriso que me deu no nosso primeiro encontro numa manhã de frio inenarrável da Itália me aquecendo e acolhendo. Por mantê-lo durante todos os encontros. Por saber e me ensinar a ouvir, pelas ideias, ações, livros e principalmente pelo diálogo em línguas possíveis e viáveis. Por acreditar em mim e me aceitar mesmo sem me conhecer. Na Itália foi como escreveu a amiga Gloria Cunha, minha Ori, que em língua Iorubá significa Cabeça.

Corinta Geraldi por tudo o que representa para mim desde o nosso primeiro encontro, pelo apoio, crédito, risadas, vinhos, risotos, passeios, leituras. Sobretudo pela caminhada que fizemos juntos de 2001 a 2004 na Secretaria Municipal de Educação Campinas, somando com outros companheiros e companheiras aprendendo a acreditar que outra escola é possível, aprendendo a "inverter a seta", ou seja, levar qualidade, energia, alegria e principalmente verba para a escola, para que essa pudesse de maneira autônoma alimentar seu Projeto Pedagógico. Por toda essa caminhada é o **Laço Maior**, de diferentes tecidos, tamanhos e cores. Laço que se enlaça em outros laços, laço da escuta, laço da visão, laço da atenção, laço que enlaçou meu sonho de Escola e o dividiu com a Academia, laço que é o começo de todos os outros laços. Laço que vivenciou comigo momentos únicos entre Tere e Marietinha, laços maternos. Mais ainda, por ter aceitado a dura empreitada de me orientar e acima de tudo, pela amizade.

Só compreendo o fazer como paixão: qualquer atividade (seja trabalho ou lazer) deve ser feita com paixão. Com paixão entrego-me a todas as formas do fazer: o fazer das engrenagens íntimas (os intrigados mecanismos do corpo humano, sua higiene diária); o das atividades prazerosas (a comida, o homem, o cigarro e a aguardente); o fazer profissional (este escrever, por exemplo); o fazer mais nobre que é o de transformar o homem e a sociedade num homem menos sofrido e numa sociedade mais justa. Tudo isso feito com paixão.

Silviano Santiago, Em Liberdade, pg 72.

RESUMO:

O tema desta tese é o meu trabalho pedagógico como professora alfabetizadora a partir da perspectiva da relação entre a professora e aluno como pessoas que detêm saberes, conhecimentos, que se completam, se ampliam e ganham significados. Relação esta onde a professora reconhece o aluno como produtor de cultura e procura conhecer as culturas da infância. Pressupõe a criança falante, ouve suas necessidades, seus desejos e lhe proporciona o acesso aos seus direito de autoexpressão bem como a uma alfabetização que se processe com alegria, sentidos, como algo que não se faça para a escola e sim para pessoas que se formam, se informam e constroem lugares de ser, fazer e existir no aqui e agora, para que o que se chama futuro não se sobreponha ao que cada um pode oferecer e expressar, no seu tempo e seu pulsar. Aqui se narra a realização desta complexa tarefa de ouvir e falar que se construiu e se constrói através do lúdico com os jogos e brinquedos encontrados na sala e nas brincadeiras propostas. Dentre estas, a construção da fábula que desconstrói as hierarquias, vivendo no interior da sala de aula a fantasia da Prô Robô de Sedna, astro para o qual se transportam professora e alunos enquanto se alfabetizam. O registro de aulas, através de pequenas crônicas, denominadas no Grupo de pesquisa de que faço parte, o GEPEC, de “Pipocas” tomam lugar relevante neste trabalho porque são registros e comentários de acontecimentos aqui recuperados para a construção desta narrativa que envolve a vida encorpada em carne e osso, sangue e pulsão da alegria. De uma narrativa se extraem lições, e aqui se tornaram relevantes o processo de construção de uma cumplicidade com os alunos co-autores de uma com-fabulação que nos fazia ao mesmo tempo alunos/professoras em heróis; esta com-fabulação cria um ambiente alfabetizador distinto dos tradicionais por incluir brinquedos, jardim japonês, descanso em rede e, sobretudo, uma destruição das relações extremamente hierárquicas sempre presentes na escola; por fim, o fato de deixarmos de ser uma turma aleatoriamente constituída pela escola para nos tornarmos um grupo coeso dentro do navio em que viajamos na aquisição da escrita, permite um trabalho coletivo que se individualiza em cada criança como autora de seus textos.

Palavras–chave: Formação Continuada de Professores, Aquisição da Escrita, Professor Pesquisador, Narrativas Pedagógicas

ABSTRACT

The theme of this thesis is my pedagogical work as a literacy teacher, from the perspective of the relationship between teacher and student, as people who have knowing, knowledge, that complete and expand themselves and gain meaning. Relationship in which the teacher recognizes the student as a producer of culture and seeks to know the childhood cultures. Assumes the speaker child, hear its needs, its desires and gives it access to its self-expression rights, as well as a literacy that happens with joy, senses, like something that was not made for the school, but for people that build themselves, that inform themselves and build places to be, do and exist in the here and now, for what is called future does not overlay what each one can offer and express in its time and its pulsing. Here is narrated this complex task of listening and speaking what was built and is built through play with games and toys found in the room and in the games proposed. Among these, the construction of the fable that deconstructs the hierarchies, living inside the classroom fantasy the Prô Robot of Sedna, star for which teacher and students transport themselves while alphabetizing. Through small chronicles, called “Popcorn” by the research group that I made part of (GEPEC), the Class records take a relevant place in this work because they are records and comments from events here recovered for the construction of this narrative that involves life full-bodied in the flesh, blood and instinct of joy. Of a narrative from where lessons are extracted, and here became relevant the process of building a complicity with coauthors students with a *com-fabulação* that made us at the same time students / teachers in to heroes; this *com-fabulação* creates a distinct traditional literacy environment because it includes toys, a Japanese garden, hammock rest and, above all, the destruction of extremely hierarchical relationships always present at school; Finally, the fact that we let the position of a class randomly made by the school to become a cohesive group inside the ship in which we travel in writing acquisition, allows a collective work that individualizes itself in each child as the author of his texts.

Keywords: Continuing teacher training, Writing Acquisition, Research Professor, Pedagogic Narratives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ORGANIZAÇÃO DA VIAGEM..... p.17
A BORDO – COMO SE FOSSE UM SERIADO..... p. 36
A escola e a Infância..... p. 39
A Princesa e o Cavaleiro..... p. 44
Príncipe Planeta..... p. 45
Super Dínamo..... p. 46
A Vida entre o brincar e a escola..... p. 54
II Mostra de Cinema..... p. 58
A Hora e a vez da Leitura..... p. 59
O brincar no encanto da Escola e da Universidade..... p. 61
DIÁRIO DE BORDO I - O JARDIM JAPONÊS O ESPAÇO E O TEMPO NA ESCOLA..... p. 66
Pipoca Pedagógica To mais leve..... p. 67
Pipoca Pedagógica Prô a gente fica muiiito tempo aqui na escola p. 71
Brincar ..... p. 75
Pipoca Pedagógica Aqui tem tanto S com som de Z..... p. 77
Espaço/Tempo..... p. 78
A Turma dos Piratas 2007..... p. 83
A turma dos Heróis/Piratas 2008 ..... p. 85
Pipoca Pedagógica Eu só quero brincar de praia..... p. 93
Turma de Piratas/Países 2009/2010..... p. 95
Pipoca Pedagógica Pipocas Poéticas..... p. 100
Pipoca Pedagógica Quero levar o mundo para casa..... p. 102
Galeria dos Famosos 2011..... p. 103
Pipoca Pedagógica As mil utilidades do ferro..... p. 105
Pipoca Pedagógica Prô me ensina a fazer um clone..... p. 108
Pipoca Pedagógica Todas as estrelas de Sedna..... p. 110
Una Giornata Particolare 2012..... p. 112
Pipoca Pedagógica La Juve..... p. 115
Pipoca Pedagógica Brasil/Itália a ponte para o sempre I, II, III..... p. 117
Pipoca Pedagógica Alecrim..... p. 130
Turma do Bets 2013..... p. 131

Pipoca Pedagógica Meu maior desafio Pony Boy..... p. 134
Pipoca Pedagógica O dia do Bets chegou à escola..... p. 138
A Turma dos Autores 2014..... p. 140
Projeto Mascote da Copa do Mundo..... p. 142
Pipoca Pedagógica Agora sou uma Autora..... p. 144
Pipoca Pedagógica Robô você ta jogando autor fora..... p. 147
Na Prancha..... p. 152
DIÁRIO DE BORDO II- A FANTASIA REGENDO A AULA..... p. 158
A Cris cover..... .... p. 160
Sedna o Planeta Vermelho..... p. 164
A verdade Poética ou Psicodramática..... p. 165
Pipoca Pedagógica Por um Triz..... p. 167
Pipoca Pedagógica Pipocas do Coração..... p. 170
O que é ser uma Prô Robô na aula..... p. 171
A criação da Prô Robô e de Sedna..... p. 177
Pipoca Pedagógica Eu te adotei..... p. 179
Conversas com uma Robô..... p. 181
Pipoca Pedagógica Pipoca Sobre Ausências..... p. 182
Pipoca Pedagógica Eu não sou uma Robô..... p. 184
Pipoca Pedagógica Vou passar 20 anos com dor..... p. 188
Na Nave..... p. 190
Pipoca Pedagógica Faltava Abandonar a Velha Escola..... p. 204
DIÁRIO DE BORDO III – A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA..... p. 208
Pipoca Pedagógica A pequena Manu..... p. 216
Pipoca Pedagógica O esconderijo das letras..... p. 217
Pipoca Pedagógica A escrita..... p. 220
Pipoca Pedagógica Manu a menina que sabia ouvir..... p. 222
Pipoca Pedagógica Sua escola é muito chata..... p. 224
Pipoca Pedagógica Vão tirar uma letra do meu nome..... p. 227
DIÁRIO DE BORDO IV – AS MAZELAS DE SEMPRE: QUEM FICA INVISIVEL NÃO AS SOFRE..... p. 231
Pipoca Pedagógica Eu na visão da escola em 3 momentos diferentes..... p. 232
Pipoca Pedagógica A argila moldando as relações na escola..... p. 238
Pipoca Pedagógica eu língua falo eu? ..... p. 242

Pipoca Pedagógica Ela mudou o comprimento da saia? ..... p. 244

DIÁRIO DE BORDO V – O TRABALHO PEDAGÓGICO E AS VOZES DOS MEUS INTERLOCUTORES ..... p. 257

Pipoca Pedagógica Quebro o processo “di” novo? ..... p. 258

Pipoca Pedagógica Essa Mini Sociedade..... p. 259

O trabalho pedagógico: foco as vozes dos pais..... p. 273

O trabalho pedagógico: foco as vozes dos alunos..... p. 281

As Pipocas Pedagógicas e suas temáticas..... p. 286

TERRA A VISTA - DO NARRADO O APRENDIDO..... . p. 290

Pipoca Pedagógica Viva a Itália! ..... p. 296

Pipoca Pedagógica Você Troca..... p. 301

Despedida..... p. 305

REFERÊNCIAS..... p. 309

ANEXOS..... p. 314

Anexo I Baú de Tesouros..... p. 315

Anexo II Registros..... p. 321

Anexo III Escritos alunos..... p. 322

Anexo IV Presentes..... p. 324

Anexo V Produções ..... p. 325

Anexo VI Álbuns História de vida alunos..... p. 326

Anexo VII Caderno Vai e volta 2007/2015..... p. 327

Introdução

Organização da viagem.

A verdadeira arte de viajar.
A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa, como se estivessem abertos diante de nós todos os caminhos do mundo.
Não importa que os compromissos, as obrigações, estejam ali...
chegamos de muito longe, de alma aberta e o coração cantando!

Mário Quintana

Eu vivo sempre no mundo da lua

Porque sou aventureiro
Desde o meu primeiro passo
Pro infinito

Guilherme Arantes

Essa pesquisa é a narrativa da minha experiência como professora alfabetizadora do Ciclo I do Ensino Fundamental. Alfabetização que não se faz com cartilhas ou livros didáticos, descolada dos saberes da infância ou com conteúdo sem sentido para as crianças.

Falando sobre a experiência vivida com alfabetizandos, e portanto tangenciando o tema da alfabetização, serão os modos de construção deste processo de aprendizagem o tema que conduzirá a narrativa: as brincadeiras e fantasias de algum modo falavam sobre a escola atual, do desmonte da educação, da formação dos professores e dos alunos que a escola esconde e cala. Queria reinventar a escola como Serralheiro sugere:

> A escola nas sociedades pós-modernas tem de ser reinventada. Mais do que reformada, a escola precisa ser reconfigurada. E os espaços, a organização e os modos de aprendizagem têm de ser outros que não os que herdamos do século XIX e desenvolvemos no século seguinte. (GARCIA; SERRALHEIRO, 2005, p.10)

Não gosto da escola que continua presa ao passado, que marca a hora e o tempo, que prioriza os conteúdos previsto à vida ali vivida. Quero sim a

liberdade de rir, chorar, brincar e descobrir dentro da escola, sem paredes, sem horário e de muitas vozes e turmas. No meio do caminho à procura dessa escola possível, me peguei pesquisando a alfabetização e indagando as possibilidades existentes nela. Dialogando com uma Prô Robô, seus Piratas, Heróis, Países, Famosos e Autores que iam criando uma escola prazerosa e feliz.

Nessa prática, a alfabetização se processa a partir da/na escuta alteritária, a partir do momento em que eu me constituo, eu também me altero; enquanto eu ensino, eu aprendo. Durante todo o tempo em aula com as crianças, elas me mostram e me permitem buscar nas culturas infantis a voz da criança e seus saberes, escuta que permite aos mesmos uma alfabetização que forma para a vida e não apenas para o saber escolar e as avaliações.

Este texto é a narrativa desta viagem de escuta e trabalho. A fantasia vivida toma frequentemente a de ficção narrativa.

Narrarei as minhas aventuras em aula entre 2007 e 2015, buscando algumas vezes recortes nos anos anteriores. Terá o tom da “experiência que passa de pessoa a pessoa”, como escreveu Benjamin, (1994, p.198). E o que se narra, como escreveu Larrosa, (2004, p. 116), resulta da experiência do “que nos passa, do que nos acontece, do que nos toca”. Eu e meus alunos passamos por uma experiência, cada um de nós foi tocado na relação que estabelecemos para aprender e ensinar, cada um trouxe seus conhecimentos e saiu com outros; acredito que mais aprendi que ensinei, e sobretudo com eles aprendi e aprendo como ensinar.

No convívio com os alunos, fomos criando modos de relacionamento que passam tanto pela relação professor/aluno, quanto passam por outra relação ficcional, em que a professora e os alunos assumem personagens próprias e agem como tais. A este desdobramento de identidades múltiplas, entre aluno/herói, entre sala de aula/navio, entre mundo da vida real e escolar/mundo ficcional de estrelas, planetas e países, entre a professora/a pro robô, que estavam presentes no processo vivido, um outro desdobramento se acrescenta na narrativa. A professora que alfabetiza, que confabula com os alunos, que constrói cumplicidades dentro da turma, que é a Pro Robô sem deixar de ser a

professora, torna-se aqui narradora, e enquanto narradora, também pesquisadora que reflete sobre o que narra ao mesmo tempo em que narra. Por isso este trabalho não tem um capítulo de “fundamentação teórica”, porque a teoria aparece nas reflexões ao longo da própria narrativa; também não tem um capítulo de “análise da dados”, como se esta pudesse ser realizada independente da própria construção do dado. À reflexão que interrompe a narrativa, junta-se a análise da experiência vivida, de que ao final se pretende extrair lições, ao modo benjaminiano que mostra que o narrador não explicita um conselho, mas cada um que escuta uma narrativa extrai dela sua lição. É aquela que reflete sobre o que narra, enquanto professora que se faz pesquisadora ao narrar, que extrai lições, porque ela escuta o que narra. Assim, há um jogo polifônico dentro deste trabalho, em que as vozes da professora, da Pro Robô, dos alunos, dos heróis, da narradora e da pesquisadora se imbricam, se complementam mas jamais constroem um fechamento dos sentidos. Assim, as lições são contrapalavras, no sentido bakhtiniano do jogo de alteridades, à própria narrativa. O conjunto destas lições, obviamente, não poderá esgotar os sentidos possíveis de uma experiência narrada, como aliás nenhuma lição extraída de uma narrativa esgota seus sentidos e suas lições possíveis.

Como o leitor verá, minha narrativa trabalha com alguns elementos do conto, fantasias, personagens, ficção, pois a ponte construída entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, na minha prática de alfabetizadora, está prenhe de brinquedos, de fantasias, de histórias, embora a realidade venha recheada de conflitos. Conflitos reais existentes na escola, na relação professora/alunos, alunos/alunos, nas relações de poder que permeiam a relação ensino aprendizagem. Como a experiência vivida é muito marcada pela fábula que construímos ano a ano, aparentemente a voz da Pro Robô se torna mais presente porque esta é a novidade nas relações professor/aluno, mas não se pode esquecer que a Pro Robô é a professora e que o trânsito entre a professora e seu duplo se dá precisamente porque uma e outra estão jogando num processo em que a aquisição da língua escrita conduz as ações de ambas.

Essa narrativa é um conto polifônico, pois como ensinou Bakhtin, a minha voz não é uma voz adâmica, nem é a voz central: o meu trabalho docente é

constituído das vozes dos alunos que passaram nas minhas aulas, sejam eles heróis, piratas, autores, países[5], crianças. Eram eles que me indicavam todos os dias o caminho a ser seguido com eles. Outras vozes também me constituíram: as dos meus amigos do grupo de estudo, GEPEC[6], a dos profissionais e pais das escolas por onde passei, da minha famílias e amigos que fazem da educação e da escola pública uma área de militância.

A narrativa foi escrita a partir de registros de escritos e observações minhas, do cotidiano desses oito anos e de todas as vozes, alunos, pais, professores e grupos da UNICAMP de que participo. Alguns desses registros são as Pipocas Pedagógicas[7] escritas por mim e também registros dos alunos sobre suas hipóteses de escritas para aquisição da língua escrita e escritos dos pais sobre o meu trabalho.

Por englobar um longo período de tempo, e por isso mesmo contar com um vasto material para análise, fiz recortes sobre quais materiais e como usá-los na composição do meu caminho metodológico.

As Pipocas Pedagógicas[8], quase duzentas, escritas entre 2008 e 2015, são parte do corpus de análise de toda escrita da tese, abrindo cada capítulo.

As Pipocas são escritos de professores que participam do Grupo de Terça do Gepec, (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada). Estes escritos nos contam sobre o cotidiano escolar.

---

[5] Cada ano letivo a partir de 2007 cada turma deu-se um nome fantasia, para acompanhar a minha fantasia de professor. Esses nomes serão explicados na análise que farei de cada turma.

[6] Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada, FE/UNICAMP

[7] Escritos do professor, desenvolvido desde 2008 no Grupo de Terça do GEPEC FE/UNICAMP. Esse tema será tratado em um dos capítulos dessa tese. As pipocas podem ser encontradas nos livros Pipocas Pedagógicas: narrativas outras da escola. 1; Pipocas Pedagógicas: narrativas outras da escola.2 e Pipocas Pedagógicas: narrativas outras da escola 3 in CAMPOS, Cristina Maria; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Pedro & João Editores. Também são focalizadas na dissertação de Mestrado de Gloria Cunha: *Sonoridades do sul: ausências, emergências, traduções e encantaria na educação. 267 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. 2010.*

[8] Na página 254 existe uma tabela em anexo com os nomes e as datas das 185 pipocas pedagógicas escritas entre 2008 e 2014.

Algumas nos instigam a falar, reviver e revirar o acontecimento, procurando respostas para questões que bem poderiam ser nossas, outros nos levam ao mais pleno silêncio, a uma ação de refletir sobre esse acontecimento, procurando razões, causas e motivos. A verdade é que esses escritos muitas vezes nos tiram da zona de conforto que estamos acostumados. Para Adriana Koyama, Doutora em Educação pela Faculdade de Educação/UNICAMP e Pesquisadora do GEPEC.

> A pipoca nasce como um ruído nessa rotina. O ruído que vira pipoca esconde seus significados até que de repente, cai a ficha. Uma pergunta que não sabíamos que existia, e que nos movia, um sentimento que não sabíamos que estava lá, e, talvez, que incomodava, uma dor de não ter resposta para uma repentina novidade que o aluno trouxe, com suas mãos cheias, cheias de sentidos. De sensibilidades. De sentimentos. De significados. (KOYAMA, 2015, p.116)

Eu, “pipoqueira” entendo que as Pipocas Pedagógicas são um olhar de boa vontade do professor para o invisível que acontece na sala de aula. Boa vontade porque muitas vezes o professor, para enxergar o invisível, terá que sair da zona de conforto que está acostumado. Sejam os diálogos entre os alunos, entre professor e aluno, ou de acontecimentos que parecem banais, mas que dão o tom e a importância da aula, que transformam essa aula em acontecimento. Carolina Bovério escreveu: “Pois bem, leio as “pipocas pedagógicas” como mônadas, ou seja, como pequenos fragmentos ou miniaturas de sentido – muito próximas à concepção imaginada por Benjamin” (GALZERANI, 2013, p 83).

Esses fragmentos do cotidiano, apesar de pequenos, são cheios de sentidos, são a narrativa viva do tempo presente, do acontecido, antes da ‘poeira assentar’.

Numa leitura destes textos, já publicados ou mesmo dos poucos que estão presentes neste trabalho, pode-se perceber um olhar e uma escuta gentis para e com os alunos. Um ‘deixar de lado’ o planejado e trazer para sala o assunto que a criança aponta como “da hora”, do seu interesse e fazer desse “da hora” e na hora o seu planejamento de aula. É fazer do currículo algo vivo e necessário para a real inclusão das crianças.

Segundo Corinta Geraldi, “O currículo é entendido e trabalhado como o conjunto das aprendizagens vivenciadas pelos alunos, planejadas ou não pela escola, mas sob a responsabilidade desta, ao longo de sua trajetória escolar.” (GERALDI, C., 1994, p.117)

A construção desse currículo é feita cotidianamente, com a participação de todos os envolvidos no processo. Aceitando-se os acontecimentos e as contribuições das crianças, as mais interessadas e as mais atingidas pelo currículo, este deixa de ser a transmissão de algum conteúdo previsto pelo livro didático, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, pelas apostilas. O conceito de currículo como o conjunto de aprendizagens vivenciadas no ambiente escolar implica como parte dele tudo o que acontece e tudo o que as crianças fazem acontecer na escola, quando o professor tem a capacidade de escuta e a esperteza de incluir a criança como parte constitutiva do que se ensina e aprende na aula.

Num currículo vivo, pulsante, mutante, a letra do nome que muda, a Copa do Mundo que traz nomes de países, a quantidade de balas, os brinquedos, as compras no mercado, coisas que nem sempre estão presentes nos livros didáticos ou apostilas, viram currículo vivenciado com sentido e significados para as crianças.

Muitos professores usam o livro didático por ser mais fácil, por sentirem-se obrigados, pela cobrança dos pais. João Wanderley Geraldi afirma

> Em certo sentido, numa metáfora extremamente forte, a nova identidade do professor é a identidade do capaz, do exercício de uma capatazia, do controle do processo de aprendizagem da criança. Se há um deslocamento, digamos assim, na relação triádica professor, aluno e conhecimento, este deslocamento se dá no tipo de atuação do professor, pois a relação do aluno com o conhecimento não é mais mediada pela transmissão do professor, mas sim pelo material didático posto na mão do aprendiz, cabendo ao professor o controle do tempo, da postura e dos comportamentos dos alunos durante esta relação com o conhecimento através do livro ou outro material didáctico. Quem instrui é o material didático. Ao professor compete distribuir o tempo, distribuir as pessoas, e verificar se houve “fixação” do conteúdo, comparando respostas dos aprendizes com o “livro do professor”, onde exercícios e tarefas estão resolvidos e oferecem a chave de correção a qualquer desvio. (GERALDI, J.W., 2010, p.86)

Nas leituras das Pipocas que eles produziam indiretamente porque me davam os temas dos comentários, surgiam risos e a descoberta de cada aluno como parte da Pipoca, ou seja, como personagem de uma história escrita. Assim, ao escrevermos Pipocas sobre o cotidiano dos alunos, nós estávamos também fazendo história e dividindo-a com outros que por serem leitores também faziam história. Segundo Prado e Soligo

> Afinal, se ler possibilita acessar informação, conhecer o que era até então desconhecido, produzir sentidos a partir dos textos escritos pelo outro, desejar muito mais leitura e o que com ela se conquista, dialogar, relatar, descrever, informar, comentar, explicar, analisar, discutir, opinar e manifestar tudo o que se acha por bem, por escrito, possibilita o exercício da necessária expressão. E da generosidade. E do compromisso. Não só com o outro, mas também conosco. Com o outro porque essa é a forma de compartilhar. E conosco porque a escrita permite a cada um de nós se conhecer melhor e se dar a conhecer aos outros. (PRADO, SOLIGO, 2005, p.25)

Escrever Pipocas Pedagógicas nos permite um reconhecer-nos, ao nos darmos a conhecer pelos outros, além de mostrar como a criança participa da programação das atividades escolares, 'deslocando-nos' de nossos fazeres rotineiros, como nos diz Koyama:

> A escola é um lugar em que se cruzam experiências de longa duração, rotinas de muitas temporalidades, tensões de todas as sortes, de todas as forças sociais. Um lugar de memórias de produção cultural especialmente significativas. Um lugar em que, ouvindo as vozes dos alunos, com seu pipocar incessante, deslocamo-nos das nossas rotinas, dos nossos já sabidos, para respirar o ar fresco da experiência que se cria junto. (KOYAMA, 2015, p.116)

Como autora, eu queria liberdade na escrita, dividir a voz da criança que estava na aula comigo, ver além dos bancos escolares e contar sobre isso para o outro. Entendi que as Pipocas, estas pequenas crônicas de sala de aula, me dariam essa oportunidade de contar e recontá-la. Contar acontecimentos que me surpreendiam, me alegravam ou me assustavam, não queriam que fossem normais. Para João Wanderley Geraldi,

> Umas das máscaras identitárias sob a qual somos chamados a nos esconder para sermos contemporâneos, atualizados, estarmos nesse mundo de vertigem resulta do embotamento de uma de nossas qualidades: a capacidade de nos surpreendermos. De olhos atentos, a criança olha o novo com surpresa! Seria gesto infantil o homem atual assumir a mesma posição? (GERALDI, J.W., 2010, p. 149)

Eu sei, ela sabe e você sabe!!!!!!!!!!!!!!

07/05/2008

Super-homem tem 06 anos, não fala com ninguém, passa o dia desenhando e entregando seus desenhos para mim, quando peço alguma explicação sobre os desenhos, simplesmente olha, ri e volta ao seu lugar. Acredito que pensando "pobre mortal". É lindo e introvertido.

Xena tem 08, está aprendendo a ler e escrever, anda o tempo todo e se comunica com a classe toda. Linda e risonha.

Há quinze dias atrás Xena chegou chorando até a mesa e falou:

- Cris, o Super-homem me chamou de gostosa.

Eu não acreditando em nada e olhando o herói compenetrado em sua mesa desenhando, com um rostinho de "to di boa[9]", respondi que era impossível por que ele não falava com ninguém. Diante da insistência de Xena não tive outra saída, falei para ela ir lavar o rosto e beber água chamando o herói:

- Super-homem, please. - Ele olhou para porta, para o lugar dela, para a mesa e veio com passos muito lentos, nada parecidos com o famoso homem de aço.

- Você chamou a Xena de gostosa? Quase pedindo para que ele negasse.

Resposta demorada.

- Sim.

- Hummmmm, não pode, já falamos sobre isso e além do mais você nem sabe o que é isso. E para meu espanto falou mais em minutos do que durante esses meses todos.

[9] Gíria comum muito usado pelas crianças e adolescentes do movimento Hip-hop. Significa que está tudo bem.

- Claro que sei. Eu sei, ela e você sabe. E além do mais meu pai falou que toda mulher gosta de ser chamada de gostosa. O que você faria se um homem chamasse você de gostosa?

Totalmente sem resposta e surpresa, falei muito brava, que ele não podia falar comigo daquele jeito e depois:

- Já para o seu lugar, senta lá, não sai de lá para nada e não conversa com ninguém. Um retrocesso sério em um processo de "fala por favor", iniciado no começo do ano letivo.

Ele deu de ombros foi se sentar, mas com um olhar de entrega para Xena.

Olhei para Xena e lá estava a bela sem uniforme, como sempre, com um short curto e apertado, uma camiseta curtinha, deixando à mostra um pedacinho da barriga, pulando entre duas carteiras jogando ao vento palavras, olhares, sorrisos e pernas".

Dei um grito:

- Xena já para o seu lugar e não saia de lá até o final da aula e segunda-feira mocinha, UNIFORME!!!!

Essa foi minha primeira Pipoca. Compartilhada, recebeu muitos comentários, o que me levou a pensar na "formação de professores", e na importância do meu grupo de pesquisa GEPEC nessa minha formação.

Levou-me a refletir sobre as minhas aulas e ações, nos "comos" e porquês do fazer na escola, da responsabilidade de estar com crianças, de educar e sobre os valores que trazemos e passamos. Para Schön:

> A reflexão-na-ação tem uma função crítica, questionando a estrutura de pressupostos de conhecer-na-ação. Pensamos criticamente sobre o pensamento que nos levou a essa situação difícil ou essa oportunidade, e podemos neste processo, reestruturar as estratégias de ação, as compreensões de fenômenos ou as formas de conhecer os problemas. (SCHÖN, 2000, p.33)

Escrever estas pipocas, estas crônicas em cima da hora, é um modo de refletir enquanto se narra e se organiza o que se viveu. Fazê-las circular num grupo permite que a gente mesmo se enxergue com a exotopia da alteridade.

Ao dizer para o Super-homem que era proibido chamar uma colega de “gostosa”, eu estava lutando contra o machismo, que se revelou presente na constituição do aluno que repetia na classe a frase de seu herói, o pai. Mas ao exigir que Xena viesse de uniforme, o olhar que eu mesma lhe dirigi estava sobrecarregado de machismo. Compreender que somos contraditórios nos permite compreender as idas e voltas de nossos alunos, também eles se constituindo numa sociedade carregada de valores que se contradizem. Poder se ler, depois de escrever, numa leitura que faz uma penetração mais profunda na compreensão do vivido é o essencial de uma “Pipoca Pedagógica”. Paulo Freire nos ensina que

> Não é falando aos outros de cima para baixo sobretudo como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais que aprendemos a escutar, mas é escutando que apreendemos a falar com eles. (FREIRE, 2006, p.13)

Nós, os professores, não aprendemos a ouvir, apenas a falar. Por isso, creio que é difícil estourar Pipocas Pedagógicas, que são acontecimentos que surgem nos silêncios entre os alunos e nós, no diálogo entre surdos e mudos, ainda existente na escola.

Eis um dos muitos comentários que recebi sobre as Pipocas que compartilho:

> Cris, suas pipocas são maravilhosas e muito reflexivas diante do papel do professor, como fazer da sala de aula um aprendizado prazeroso, que as crianças construam o conhecimento e se transformem. (LUISA, 2008).[10]

Sempre defendi nos grupos da escola ou academia que a sala de aula tinha que ser um lugar de alegria e prazer, mas não havia ainda percebido que as Pipocas estavam demonstrando isso com muito mais força que minha fala.

---

[10] Mensagem recebida no dia 2 de junho de 2008 no E-mail de discussão do Grupo de Terça para comentários sobre as Pipocas Pedagógicas.

Mensagem

De:	"maria\.luiza\.begnami" <maria.luiza.begnami@itelefonica.com.br>
Assunto:	En:[GEPEC - Grupo de Terça] Pipocas antigas
Data:	Mon, 2 Jun 2008 08:32:37 -0300

Compreendi que os comentários criavam um excedente de visão da minha sala; meus amigos do GEPEC viam as coisas que eu não enxergava. Bakhtin nos ajuda a pensar sobre o que produzimos na relação com o outro:

> Quando me identifico com o outro, vivencio sua dor precisamente na categoria do outro, e a reação que ele suscita em mim não é o grito de dor, e sim, a palavra de reconforto e o ato de resistência. Relacionar o que se viveu ao outro é a condição necessária de uma identificação e de um conhecimento produtivo, tanto ético quanto estético. (BAKHTIN, 1992, p. 46).

Meus pequenos relatos incidem sobre coisas que nós achávamos legais e engraçadas, que escapavam muitas vezes ao olhar de outros professores, mas que eu valorizava como importante para uma escola feliz e com sentidos para crianças e professora.

Eu quero que o Super-homem se veja como protagonista de cada Pipoca Pedagógica em que foi citado, que lembre que sua história era contada na Universidade e que virou parte de uma tese. Para ECO:

> Em nosso socorro vêm também as narrativas figurativas [...] fixando aqueles que eram personagens de lenda numa realidade que não pode ser apagada, pois é parte do museu de nossa memória. Os heróis e a terras desapareceram (ou nunca existiram), mas sua imagem não pode ser colocada em dúvida. (ECO, 2013, p.441)

Ainda hoje converso com Heróis e Piratas de 2007/8. Eles ainda se lembram dos seus nomes, do motivo das escolhas e de cada brincadeira dessa época. Nada mais justo que sejam contemplados com uma leitura agradável sobre a sua história. Os professores que se aventurarem na leitura desta tese escrita em narrativa, ou de qualquer outra tese escrita como narrativa, poderão com certeza usá-las em sua formação, mas ao mesmo tempo poderão fazer uma leitura diferente da que estão acostumados a encontrar. Se as palavras movem, talvez os vividos e narrados podem co-mover outros professores para a construção de uma escola da alegria sem prejuízo da aprendizagem.

De um modo geral, os trabalhos acadêmicos que pesquisam a escola, suas práticas, seus fazeres, não se tornam objeto de leitura dos professores, até

porque estes, na faina diária que os consome, raramente dispõem de tempo para uma leitura estritamente acadêmica. Ma Emília C de Lima, Corinta Geraldi e João Wanderely Geraldi em texto publicado em 2015 discutem a escrita de narrativas nas pesquisas acadêmicas e nos lembram que:

> Os lugares de circulação de tais pesquisas restringem-se às dissertações, às teses e aos periódicos. Tem como destinatários examinadores e pareceristas envolvidos com bancas, congressos científicos e periódicos especializados. Em geral, os sujeitos investigados têm um acesso a essas produções como "leitores potenciais" de revistas e livros. Mas os resultados dessa pesquisa embasam os processos de formação e incidem sobre os principais interessados – os sujeitos que fazem a escola – como discursos autorizados dos formadores ou como fundamentos na elaboração de políticas públicas. (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015 p.19).

Meus sujeitos são mais que leitores potenciais, estão na escola do Ensino Fundamental I ou II, à espera desta tese, para mostrar aos amigos Sedna, a Prô Robô, a Sala de Justiça, o Navio Pirata, o Mapa Mundi e todos os lugares onde eles se reconheçam. Quero com essa narrativa transformá-los em leitores privilegiados de uma história que ajudaram a escrever.

As pipocas que emergem ao longo da narrativa de minha própria vida de professora, permeada pelos comentários e pelo diálogo com textos que estudei, remetem a diferentes tempos e espaços. É próprio do gênero da crônica ser datado, ser situado. Mas o singular que cada narrativa apresenta constitui um conjunto que desvela princípios orientadores de uma fazer pedagógico comprometido. Diz Koyama que,

> Nessas narrativas que lemos aqui imbricam-se "figuras diversas, espaços diversos e tempos diferentes, numa lógica temporal, nada linear, não etapista, não progressista, que vai do presente ao passado, e do passado ao presente" Nesse mar de histórias que se cintam e nos tocam, entrevemos lembranças que vibram entre a experiência singular e as memórias compartilhadas, experiências de todos nós professores, de todos nós alunos. (KOYAMA, 2015, p.117)

E não são poucas as experiências que as crianças e adolescentes têm para nos contar e compartilhar, e em respeito a esse contar e a essa partilha, escrevo minha pesquisa narrativa. Narrando em capítulos as histórias que vivi na escola entre 2007 e 2014, oito anos dividindo experiências com alunos de escola pública. Para LIMA, GERALDI e GERALDI,

> A narrativa de experiências do vivido [...] só passam a existir porque, havendo uma experiência significativa na vida do sujeito pesquisador, este a toma como objeto de compreensão. Essas pesquisas decorrem de uma situação não experimental, mas vivencial. [...] A especificidade dela reside no fato de que o sujeito da experiência a narra para, debruçando-se sobre o próprio vivido e narrado extrair lições que valham como conhecimento produzidos a *posteriori*, resultando do embate entre a experiência e os estudos teóricos realizados após a experiência narrada. (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015, p.26)

Quando narro os acontecimentos da minha aula, não conto apenas casos ali acontecidos, faço narrações de momentos de acontecimentos que modificaram o meu pensar/fazer em aula. Modificaram a minha relação com as crianças e suas histórias de vida. Narro acontecimentos que se entrecruzaram e resultaram em modificações na vida dos envolvidos. Segundo LIMA:

> A experiência da narrativa faz parte, portanto, da constituição do sujeito. É viagem de formação, e viagem implica sempre ir de algum lugar para outro. Refazer caminhos. Permite indagar de onde viemos e como ao final chegamos transformados. Como nem todo acontecimento gera experiências, já que nem sempre nos permite uma compreensão interior de como chegamos a ser quem somos, a narrativa contrapõe-se à mera “contação de casos” e é capaz de engendrar novos sentidos para além da reconstituição dos caminhos percorridos, até porque não voltamos ao lugar de onde saímos, uma vez que tais viagens de formações nos constituem e nos mudam. (LIMA, 2005, p. 47)

Durante o processo de análise das Pipocas Pedagógicas, emergiram duas categorias essenciais nesta tese: a com-fabulação, isto é, a construção conjunta com os alunos da ‘fábula” que lhes dá o nome, ao mesmo tempo em que eu sou a professora, sou também um Robô; este confabular permite deslocar

a organização espaço-temporal da sala de aula, des-hierarquizar as relações e deslocar os polos de poder, introduzindo a alegria e o riso na sala de aula. A segunda categoria essencial é a aquisição da língua escrita, sobre cujo processo me debruçarei considerando os movimentos significativos desta experiência.

O foco de análise mais presente foi a com-fabulação Isto porque selecionei dentre meus escritos aqueles que apontavam para as questões da fantasia, e do universo infantil. Todas as Pipocas selecionadas apontam para a relação de cumplicidade e vínculo entre professora e crianças, porque de uma maneira ou outra os registros nasceram de conversas e observações que só foram possíveis graças à cumplicidade entre nós.

Sob o enfoque da Aquisição da Língua Escrita, farei a análise das seguintes Pipocas Pedagógicas: (2008): “Vão tirar uma letra do meu nome” e “Você não assistiu o Jornal nacional?!”; (2010): “Querida mil vezes querida!”; (2013): “Ah Prô sei lá! Você que me ensinou assim!”; “Você troca”; (2014): “Robô você tá jogando autor fora”; “O esconderijo das letras”; “A Amoeba” e “O gosto da Revista”. No conjunto, estas pipocas e sua análise mostrarão o meu trabalho pedagógico com a produção escrita das crianças. Em relação a Com-fabulação, todas as 195 Pipocas Pedagógicas fazem referência a ela.

Textos de alunos entre 2007 e 2014 também serão analisados: produções, cartas, livros confeccionados por eles e cadernos de registros de aulas que eram enviados todos os dias aos pais, para acompanhamento das atividades. Os textos dos alunos não passaram por uma escolha determinada, foram os que me foram presenteados de alguma forma, deixados esquecidos na escola, pois a cada final de ano, os alunos reclamavam seus trabalhos escolares como únicos e verdadeiros tesouros.

Pretendo mostrar, nos diálogos entre as Pipocas Pedagógicas, os textos das crianças e os cadernos dos pais, o processo de alfabetização com respeito ao saber e às culturas infantis, o processo de construção da autonomia das crianças e a cumplicidade entre eles e eu, conseguida através da fantasia, o que levou o grupo à horizontalidade na hierarquia e a outros sentidos da aula para além do currículo escolar.

Essa pesquisa acompanha como se deu esse relacionamento e a criação de vínculos feitos através da brincadeira e da fantasia com cada uma dessas turmas. Em 2007, turma de “Piratas”; em 2008, “Turma dos Heróis e Piratas”; em 2009/2010, “Turma dos Piratas e Países”; em 2011, “Turma Galeria dos Famosos”; em 2012, uma breve passagem na Itália com a “Turma do Futebol”; em 2013 “Turma da Capucheta”; em 2014, a “Turma dos Autores”.

Ao analisar cada uma das turmas e o processo de vínculos estabelecidos, farei também a análise da aquisição da língua escrita, a partir da desconstrução das relações hierárquicas e do espaço/tempo (cronotopos) dentro da instituição escolar. Dentro do mesmo espaço e no mesmo tempo da aula, há a desconstrução que se dá através da criação de espaços onde as crianças atuam livremente, organizando-se em grupos para participar livremente de qualquer um deles.

Essa desconstrução do espaço-tempo da escola passa pelos espaços-tempos criados pelos alunos, o que possibilita ao grupo o direito à preguiça pois segundo Paul Lafargue, “no regime da preguiça, a fim de matar o tempo que nos mata minuto a minuto, sempre haverá espetáculos e representações teatrais” (LAFARGUE,1977, p.18). O tempo na escola é longo e também mata a cada minuto o direito à infância dessas crianças. Um desses espetáculos foi encenado pela Turma dos Autores do 1º ano em 2014. Transcrição de uma conversa do aluno Gui comigo e os amigos[11].

Num determinado dia Gui entrou na aula queixando-se de cansaço, coisa que já havia feito ao diretor e secretária sem sucesso. De repente levantou-se e falou:

- Vou para rede quero dormir! – Saiu da sala e após um tempo de 15 ou 20 minutos voltou revigorado, não havia dormido, mas contemplado um lindo céu azul e contou para os amigos o que viveu, com seu olhar que parecia rir.

- Gente eu “tava” deitado na rede e lá no céu tinha uma “nuvona” que parecia um monstro e eu fiquei defendendo a nossa sala, senão ele ia atacar a gente e..(parou olhando para mim) Robô dentro da nuvem tem água que traz a chuva.

[11] Apesar de usar a mesma formatação das Pipocas Pedagógicas, as conversas com os alunos serão marcadas pelo uso diferente da letra das Pipocas. As pipocas são registradas na letra Comic Sans MS. E as conversas em Verdana.

> Nesse breve tempo que falou comigo foi interpelado por uma amiga que, de olhos fechados e deitada na carteira, perguntou:
>
> - Gui e depois o que aconteceu?
>
> Gui terminou de contar sua briga com o monstro para defender a turma, após isso o revigorado Gui sentou-se na carteira com o rosto iluminado e perguntou:
>
> - É para fazer essa lição? – Confirmei com a cabeça e ele sorrindo continuou – é muito fácil!

Gui terminou aquela lição, fez outra e outras, sem nenhuma reclamação mais. O direito que teve à preguiça observando o espetáculo do céu aguçou sua fantasia e alimentou o seu conhecimento e o dos amigos com novos horizontes, o que nem sempre é permitido na instituição escolar. No final da tarde, todos no parque procuravam nuvens e dividiam tarefas de desenhar, classificar e escrever sobre os tamanhos e os tipos de monstros que cada nuvem tinha. Mostravam-me as que ofereciam perigo real, alguns acharam pássaros e outras delicadezas, permitidos pelo olhar que desenha sem preocupação com o realismo representativo.

No final do ano letivo de 2014, a Turma de Autores lançou um livro sobre brincadeiras: brincadas, desenhadas e contadas por eles. Como autores cada aluno escritor teve direito a uma biografia. Gui escreveu no final da sua "gosto muito de ficar deitado na rede olhando as nuvens do céu ou riscando o chão". E assim Gui passou muitos minutos das suas tardes na rede, contemplando o céu ou o chão e sempre trazia para gente alguma coisa aprendida ou descoberta nessa contemplação.

As Pipocas Pedagógicas, registros breves, porém cheios de informações sobre acontecimentos em aula que merecem ser partilhados, também estarão presentes onde será narrado o desenvolvimento das aulas e do meu trabalho docente, que nem sempre viraram pipocas. Alguns acontecimentos vividos me reservei o direito ao silêncio e ao momento de contemplação meu e deles. Como no filme *A Vida Secreta de Walter Mitty*. 2013[12].

[12] A mesma coisa acontece com o relato do filme, vem na mesma formatação das Pipocas Pedagógicas em tabela, o que diferencia as Pipocas e as conversas entre alunos é a letra.

> Nesse filme há um momento único. Mitty (Ben Stiller) está no Afeganistão com o fotógrafo Sean O'Connell (Sean Penn) à procura do Gato Fantasma, um leopardo que aparece raramente. A intenção de Sean O'Connell é fotografar o leopardo, porém quando o Gato Fantasma aparece, Sean não faz nada, apenas o observa e Mitty pergunta:
>
> - Quando vai tirar a foto? – O'Connell responde:
>
> - Às vezes não tiro. Se gosto de um momento, se gosto pessoalmente, não quero ser distraído pela câmera. Só quero estar nele.

O mesmo acontece com muitas pipocas que não estouraram, se realmente gosto do momento, só quero estar nele, não quero guardar na memória para contar depois, só quero vivê-lo, naquele momento.

A apresentação desta tese será dividida em duas partes:

1- As narrativas dos lugares da sala que desconstroem o espaço-tempo escolar: Jardim Japonês, Biblioteca, Tapete/Espelho, Rede, Barraca e Brinquedos. A partir da narrativa desses espaços será feita a análise da desconstrução do espaço-tempo escolar. Nas narrativas que remetem à fantasia que envolve a Prô Robô, a Robô Cópia e Sedna, serão analisadas a desconstrução das relações hierárquicas, salientando-se as lições tiradas dessas desconstruções e a partir delas como se dá, neste contexto, a aquisição da língua escrita pelas crianças.

Os autores que me acompanharão nesta exposição:

Geraldi, com os livros "**Ancoragens -Estudos Bakhtinianos**" e **"A Aula como Acontecimento"**. Ambos analisam a educação atual como lugar de falta de encantamentos. Quem não se encanta, não se escandaliza e não subverte a ordem. Procuro nas minhas aulas trabalhar e produzir sentidos outros com as crianças, uma vez que tenho compromisso com o Ser Humano que busca a felicidade e os encantamentos da vida diária. A escola e a aprendizagem não podem passar por cima da vida e dos sonhos.

Bakhtin, particularmente "**Filosofia do Ato Responsável",** onde o autor chama atenção para a responsabilidade nossa já que para cada lugar que ocupamos, temos um compromisso ético sem álibi. Como professora, sou responsável pela aprendizagem dos meus alunos e quando passo a "com-fabular" com eles, eles também são responsáveis pelas informações que passam para mim.

Roberto Gomes em seu livro "**Crítica da Razão Tupiniquim",** com um humor delicado e direto não foge ao debate a propósito da confusão entre seriedade e rigor, normalmente traduzidos como "rancor e ranço". O autor carnavaliza e encanta a todos com seu texto, e propõe a dinâmica que procuro trazer às minhas aulas: rigor e seriedade sem ranço e rancor que nos fazem tristes. O ensinamento spinosiano sustenta a posição do filósofo brasileiro: os tristes mais facilmente são subjugadas e submissos; os alegres não se deixam dominar.

Ao analisar a aquisição da língua escrita farei uso das posições defendidas por **João Wanderley Geraldi, Sueli Mello**, **Maria Bernadete Abaurre**. A partir dessas perspectivas analisarei, com base nas Pipocas Pedagógicas, a relação que as crianças fazem de distanciamento e aproximação para compreender o sistema da escrita.

2- A segunda parte, será focada a epistemologia que sustenta esta pesquisa, ou seja, a contribuição das Pipocas Pedagógicas como registro do acontecimento e possibilidade da produção do conhecimento da aula pelo professor pesquisador, em que se dá a ver o que é a aula. O acontecimento que é produzido na escola.

A fundamentação teórica da segunda parte da tese foi feita com base nos livros **Pipocas Pedagógicas: narrativas outras da escola I, II e III,** organizados **pelo Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo e por mim** e o texto da Prof. Dra. **Maria Carolina Bovério**, presente no primeiro livro das Pipocas Pedagógicas.

As considerações metodológicas foram lastreadas em **Lima, Geraldi & Geraldi** (2015), quando afirmam que a pesquisa narrativa não parte necessariamente da delimitação prévia de um problema, podendo também partir

de uma história (no meu caso de várias histórias) que problematizam os fenômenos a partir do contar.

Convido o leitor a embarcar nesse Navio Pirata que com sua vela erguida, inicia sua viagem, praticando saques e pilhagens nas rígidas leis da escola, transgredindo tudo o que nos tira a liberdade do fazer e pensar. Nossa prancha não joga ninguém ao mar, nós a usamos para nos refrescar nas brisas que às vezes chegam até nós. Em alguma das muitas paradas pegaremos carona na cauda de um cometa, rumo ao Planeta Sedna. Venha desvendar junto comigo e cada tripulante desse Navio as aventuras da Prô Robô e seus alunos no Planeta Escola.

Esse Navio carrega uma convidada especial a Professora da Rede Municipal de Ensino de Campinas Maria Fernanda Pereira Buciano, nesta tese chamada de Mafê, interlocutora de muitas turmas e também da Prô Robô.

A Bordo

Como se fosse um seriado.

Existem dois tipos de memória, a do corpo e a da mente. Lógico que a da mente é muito importante, mas a do corpo também é.
Mokona, Tsubasa [13]

Histórias coletivas e pessoais que não seriam
esquecidas com a escravidão
muito menos num porão de navio,
e que constituíam um único e
verdadeiro tesouro..[14]
Marilda Castanho

Trarei neste memorial as duas memórias: da mente entre conversas e diálogos com amigos, a TV e familiares, mas também a do corpo que viveu e vive a vida dentro e fora da escola e nunca foi um corpo dócil.

Eu, Cristina, tataraneta de Inácia, bisneta de Joana, neta de Messias Joana "Kassange dos Sange", nega forra. Cresci ouvindo de minha mãe Terezinha a história da minha origem. Através de relatos que ela ouvia de sua mãe Messias, que por sua vez ouvira de sua mãe Joana, que ouvira de sua mãe Inácia: a história do meu povo e da minha etnia. A escravidão não calou nessas mulheres a sua história, cultura e saberes, e elas, através da transmissão oral, deixaram registrada a história do seu povo para seus descendentes.

Somos da tribo Kassange, pertencente à Bacia dos Kassange, uma tribo africana próxima a Angola, por isto também chamados de Angolanos, que vieram para o Brasil junto com outros povos e desembarcaram na Bahia. Minha avó Messias nasceu em Minas Gerais, já na vigência da Lei do Ventre Livre. Não tinha a data precisa, só sabia que nasceu livre.

Por isso mesmo, quando era tratada como escrava, ela dizia alto, forte e batendo com a mão na cintura: - Eu, Messias Joana Kassange dos Sange, neta

---

[13] *Crônicas do Reservatório* é uma história em quadrinho produzido pelo grupo CLAMP. Era lançado semanalmente na revista *Weekly Shōnen Magazine*, desde 2003, até a sua conclusão em 2009.

[14] AGBALÁ, um lugar-continente, p. 06. Agbalá, palavra da língua ioruba (Àgbàlá), significa o que contém o que recebe. Um lugar-continente. Editora Formato. 2001.

de Inácia, filha de Joana nega forra, não farei... E depois repetia mais devagar e com calma, para ser ouvida e compreendida. Talvez tenha sido a resistência dos negros presentes assumida e encarnada que justifica a minha relação de (re) existir dentro da escola.

A resistência do meu povo à escravidão é uma marca profunda dentro de mim, mulher negra, professora e militante da infância e juventude, da escola pública e de movimentos por um mundo mais acolhedor, justo e humano para todos que vivem nele.

Sendo Kassange tenho aversão ao controle na vida e na escola, por isso sendo professora trabalho dividindo a aula com meus alunos, muito mais que com meus pares, que acabam caindo sempre nos controles da escola, presos a rotinas de uma escola sem ação, sem vida, valor ou respeito à infância. Geraldi nos fala sobre a rotina da escola:

> Rotina construída pela definição de metas medíocres, mensuradas pelos sistemas de avaliação de larga escala. Para que a avaliação se tornasse possível, foi necessário cercear a relativa autonomia do professor, reduzindo-a a quase nada. (GERALDI, 2014, p.7.)

Luto pela autonomia minha e dos alunos, porque acredito que só através da luta pelo direito as nossas vozes, pensar e fazer, aprendemos e ensinamos.

Nasci em Santo André, uma cidade operária do ABC paulista, filha de Terezinha e Antonio Campos, que tiveram doze filhos. Antonio, mestre de obras e Terezinha dona de casa que, por problemas de saúde, passou grande parte da minha infância acamada.

Não posso deixar de registrar minha infância, em uma cidade industrial, sétima filha de doze irmãos, uma família de negros/as, que para muitos moradores do bairro já tinha um futuro determinado: “bêbados/as, drogados/as e prostituídos/as”. Sete homens e cinco mulheres. Só que os que apostavam nesse futuro não sabiam o que se passava dentro daquela casa na hora em que se encontravam pais e filhos, as saudáveis leituras feitas pela mãe e as histórias contadas pelo pai, muitas vezes acompanhadas de música pelo tão bem tocado

violão; as conversas sobre música, cinema e literatura que marcaram para sempre cada um dos 12 filhos de Antonio e Terezinha, que elegeram a arte como primeira grande amiga da vida. Da infância dessa cidade fria e chuvosa que é Santo André trago o gosto pelo Rock & Roll como companheiro para toda vida. Numa cidade de trabalhadores com mínimo acesso à cultura, os adolescentes após uma semana massacrante de intenso trabalho nas fábricas da cidade também tinham o seu direito à preguiça, dançavam ao som de uma música cuja letra era incompreensível para eles, mas a batida da guitarra potente o bastante para embalar namoros, paqueras e a vida.

Na minha casa apesar de toda educação musical que recebemos de um pai seresteiro e amante das boas músicas, o rock também convidou meus irmãos mais velhos para sorrirem e dançarem aos finais de semana ao som das guitarras dos muitos grupos que se apresentavam nos bailes da igreja. Eu, criança, escutava o solo das guitarras, cada vez que se reuniam para escutar músicas na vitrola de casa e confesso: me apaixonei por esse solo.

A escola pela qual todos nós passamos era excludente e as batalhas para ser sobrevivente desse e nesse universo foram árduas. A opção que essa escola deu a nós e a muitos outros de história igual, foi a negação de nossas histórias de vida, cultura, saberes e até mesmo valores. Muitos dos nossos amigos não tiveram força para enfrentar a batalha, trilharam um caminho mais fácil, deixaram a escola. O julgamento do professor era feito já no primeiro encontro.

> A atitude do professor de primeiro e segundo graus em relação ao aluno das camadas subalternas parece ser ainda predominantemente pautada por preconceitos e por descrença em sua capacidade de aprender, o que certamente contribui para o baixo rendimento desse aluno. Entretanto, seria indispensável que o professor acreditasse na potencialidade desse aluno, procurasse criar condições que favorecessem seu bom desempenho, valorizasse sua cultura e buscasse promover seu diálogo com a cultura erudita. (MOREIRA, 1999, p.39).

Sobrevivemos a esses professores e a seus julgamentos. Hoje após longa caminhada, temos uma história vitoriosa, passamos de bisnetos de humanos

escravizados a Doutores, Mestres, Professores, Graduandos e mesmo os que não se encaixaram na Academia tiveram êxito em sua escolha profissional.

A Escola e a Infância

Como toda criança moradora da periferia, eu tinha a rua como o lugar de aprendizagens e brincadeiras, de encontros e também muitas brigas! Estudava de manhã no Grupo Escolar "Generoso Alves Siqueira", uma escola a duas quadras de minha casa, pra onde ia todas as manhãs na companhia de meus irmãos, primos e amigos. Corria o ano de 1971 quando iniciei minha vida escolar.

Na esquina da escola existia um balanço em uma árvore gigantesca, podia-se enxergar a árvore de longe, a fila para o balanço era bem maior do que aquela que enfrentávamos na escola, na hora do lanche. Entretanto existia um acordo: cada criança balançava apenas duas vezes e seguia o caminho da escola. Um prédio pequeno, gramado, com quadra e um pequeno jardim ao fundo, ao lado do "Prédio Velho", a antiga escola que, diferente da atual, exercia um fascínio enorme sobre os alunos, porque era um lugar proibido de se ir.

Na saída da escola os mesmos alunos que balançavam, ao toque da sirene da fábrica próxima, corriam desesperados para casa. À tarde, todos nos encontrávamos na Virada[15], onde ficávamos até que a noite ou que nossas mães nos tirassem dali.

Das aulas, tenho poucas recordações; a professora M.C da 2ª série obrigando a todos nós alunos a usarmos o caderno de caligrafia, em cópias infindáveis até as mãos doerem. Da 4ª série, M. I., pedindo um caderno de capa dura de 200 folhas, para todas as matérias e a alegria de todos nós desfilando com esse caderno embaixo dos braços, o meu, nunca esqueci, uma capa desenhada de folhas na cor verde militar. Os muitos teatros que ela fazia toda sexta feira; as fileiras de alunos no pátio cantando todos os hinos da época, sob a regência da diretora, marcando o ritmo com um cabo de vassoura, que serviria

[15] A única rua de terra do bairro, estreita e pequena. Com poucas casas e muita diversão, palco de brincadeiras, vivências e aprendizagens.

também para fazer cantar um ou outro aluno renitente. As vaias na quadra todas as vezes que havia jogo de futebol entre alunos, o sorriso de minha melhor amiga, Santina, e do quadro grande acima da lousa com foto do General Emílio Garrastazu Médici, presidente do Brasil.

O bairro Vila Vitória, naquela época, era um bairro urbanizado com quase todas as ruas asfaltadas, mercados, farmácias, açougues, escolas e ônibus circular.

No início da década de 70, as meninas não costumavam brincar na rua e muito menos com meninos; na Virada moravam muitas meninas, mas apenas minha prima e eu íamos para rua e brincávamos com todos os meninos, éramos as famosas “Maria moleques”.

Entre os meninos, dois eram meus irmãos, o outro nosso primo e três amigos que moravam próximos e tínhamos todos a mesma idade, entre 07 e 09 anos. Mas os amigos de que todos gostávamos eram três que vinham de longe de outras ruas e outros bairros e já tinham 13 anos.

Às vezes minha prima e eu tentávamos brincar com as outras meninas em suas casas, de boneca, casinha ou mesmo amarelinha, mas quando ouvíamos o barulho de uma “lata batendo na outra”, corríamos para rua para formar a nossa dupla.

As brincadeiras preferidas eram: Pique Bandeira, Marreta, Chuta Lata, Paradinha, Mão na Mula e Corda, brincadeiras coletivas em que a confiança mútua era necessária e talvez só existisse na rua. Nessas brincadeiras passávamos horas do dia, sem fome e frio e em muitas dessas brincadeiras até os adolescentes participavam enquanto esperavam a hora da subida para o colégio.

Mas o que tornava aquela rua especial, não eram as brincadeiras que ali aconteciam, nem os tombos que muitos levamos, ou os milhares de esconderijos que ela nos proporcionava. Aquela rua era especial porque tinha um nome, e não o nome oficial exposto na placa, mas um nome dado, muito tempo antes, por outra criança que ali também teve seu momento.

O nome oficial da rua era “São Judas Tadeu”, uma estreita rua de terra, que tinha poucas casas construídas e muitos terrenos baldios para alegria geral

da criançada. A nossa rua era chamada carinhosamente de “Virada”, porque ficava na esquina de outra e para chegar até ela, existia uma pequena “virada” obrigatória. E foi na “Virada” que durante onze anos aprendi a me relacionar com outras crianças, a construir projetos coletivos de brincadeiras, a dividir, a confiar.

Muitas dessas brincadeiras eram repetidas na escola, com outras crianças de outras ruas e muitas eram aprendidas, trocadas. A rua e a escola estavam muito próximas para as crianças que viviam nos dois espaços, uma era extensão da outra, completavam-se. Nós crianças não víamos grandes diferenças entre os dois lugares. Brincar de roda, corda, pega-pega ou mamãe da rua durante o recreio, na escola e de escola na rua era muito gostoso.

A televisão, nosso segundo passatempo preferido, teve grande participação nas nossas invenções, a maioria dos programas assistidos por nós virava brincadeira. A rua era pequena para tanto brincar, então levávamos para a escola nosso brinquedo e nome escolhido, na hora do recreio a brincadeira começava novamente, com outros amigos e invenções.

O som que todos gostávamos de ouvir era o de uma lata batendo na outra e um único grito:

- Quem quer brincar de chuta lata? –

Hoje em dia não se ouve mais o som de duas latas batendo e muito menos de uma criança gritando essa frase.

Gostava de todas as brincadeiras, as já existentes e as que inventávamos, também gostava de dividir meu tempo de brincar com a televisão, via todos os filmes de Sessão da Tarde e Desenhos que passavam aos montes e depois era só escolher o que iria virar brincadeira, filme ou desenho.

Mas há muitas semelhanças entre aquele tempo e o tempo da infância de hoje. Transformar a vida em brincadeira, gostar da rua, assistir televisão, se encantar ou apaixonar por alguns personagens e fazer da escola o palco de difusão de seus heróis e heroínas preferidos, contando sempre com a participação dos amigos. Fantasiar aventuras possíveis só para crianças. Uma Pipoca para identificar tais semelhanças, entre a minha infância e a dos meus alunos de 2007.

"Você não assistiu "o" Jornal Nacional?!"

27/05/2008

Após vários embates com meus pequenos heróis sobre televisão, me restou a rendição. Organizo-me todos os dias pra ver pelo menos um programa indicado por eles, afinal não posso perder um debate, adoram quando jogo a toalha.

Então passo as minhas tardes entre a Xena, Bem 10, Chaves, Todo Mundo Odeia o Chris, Liga da Justiça, As Visões da Raven, X Men, Uma família da Pesada e um monte de desenhos japoneses de que ainda nem guardei o nome.

Pra manter uma combinação feita com carinho e com afeto com uma turma que é vida, pulsação, prazer, desejo, gestos, poesia, risos, cobrança, atitude, piscar de olhos, sentar no chão, cheiro de terra, bolhinhas de sabão, dente mole, olho com remela e sempre, sempre as palavras:

- Eu topo, na boca com um lindo sorriso à mostra.

Hoje estava reestruturando com eles um texto na lousa, uma vez por semana faço coletivamente e cada dia que passa, acho melhor fazer individualmente, são altamente "pirantes" as falas sobre os textos.

Durante uma explicação sobre a separação de uma palavra o Costa pergunta meio na dúvida, parece que adivinhando a resposta:

- Profª você não viu o JN ontem né? Nem tive tempo de responder, o Carvalho (eterno Robin desse Batman) fala:

- Claro que não né, ela nunca assiste.

Respondi, pensando em dizer para Rui Canário[16] que o Futuro da Escola talvez seja esse, uma professora justificando para seus alunos de 07 anos porque ela não viu determinado programa na TV:

- Não, não assisti, aliás, já falei mil vezes para vocês que eu sou uma e vocês 23 e que não dá tempo de assistir tudo o que vocês querem ou acham que eu deva assistir.

[16] Professor Catedrático da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Licenciado em História pela mesma instituição e Doutor em Educação pela Universidade de Bordéus II. Autor do livro *A Escola tem futuro? Das promessas às incertezas*. Ed. Artmed 2006. Seria uma resposta à pergunta título do livro.

- Então porque você falou que ia assistir o Bem 10? Pergunta o Sr. Gimenes.

- Ah, dançou filhotinho, foi exatamente isso que vi essa semana, Bem 10, Chaves e Todo Mundo Odeia "o" Chris. Não sei por-que às vezes acho que o problema desse filme para a minha classe é o artigo, vivo pensando que eles trocariam fácil, fácil o artigo masculino "o" do nome do filme para o artigo feminino "a".

No meio da fala que se instalou achei melhor ir direto ao assunto:

- O que aconteceu ontem no JN, Costa?

- Ah, não sei se devia falar, já que você prometeu assistir, mas vou contar. Passou que as palavras que são separadas por "tracinho" agora vão ficar juntas sem o "tracinho".

- Nussa, nussa. Eu falei. – O que você achou disso?

- Ah sei lá, na hora achei legal pra você, aí você não precisa mais ficar trocando a cor do giz pra explicar quando o "tracinho" é verdadeiro ou falso. Denominação dada por ele pra entender quando é uma palavra com hífen e quando é apenas uma separação de sílaba.

A fala veio acompanhada de um maroto sorriso e com terminação de:

- Aí você pode escrever menos e não se preocupar com seu braço.

De todos os desenhos[17] que eu assistia, três me chamavam mais a atenção: "A Princesa e o Cavaleiro", "Príncipe Planeta" e "Superdínamo". Hoje, quarenta anos, depois tenho certeza que a Prô Robô e Sedna são frutos desses desenhos.

[17] Na apresentação dos desenhos que também seguem a formatação das Pipocas Pedagógicas será usada letra diferente das Pipocas e dos diálogos apresentados em aula com a mesma formatação. A letra usada na apresentação dos desenhos é Andaluz.

Capa do primeiro volume de *A Princesa e o Cavaleiro* publicado pela Editora JBC

A princesa e o cavaleiro é um mangá[18] e anime de Osamu Tezuka que narra as desventuras da princesa Safiri do Reino da Terra de Prata.

No Céu, antes de descerem para a Terra as crianças recebem um coração. Para os meninos, azul. Para as meninas, rosa. Certa vez o anjinho Ching, em mais uma de suas travessuras, faz uma menina engolir o coração azul e graças a isso ela fica com dois corações. Deus manda o anjo descer a Terra para pegar de volta o coração de menino e não permite que ele volte ao céu até que dê um fim à confusão que começou.

No Reino da Terra de Prata, as leis determinam que os governantes sejam homens. Por isso, quando nasce a princesa Safiri, ela é anunciada por engano como um menino ao invés de uma menina e seus pais são obrigados a manter a farsa, já que na linha de sucessão existem o malvado Duque Duralumínio e seu filho, o príncipe Plástico. Com a ajuda de Nylon, o duque

[18] Mangá é o nome dado às histórias em quadrinhos de origem japonesa. A palavra surgiu da junção de outros dois vocábulos: **man**, que significa involuntário, e **gá**, imagem. Os mangás se diferenciam dos quadrinhos ocidentais não só pela sua origem, mas principalmente por se utilizar de uma representação gráfica completamente própria.

tenta descobrir a verdade sobre Safiri desde o nascimento dela para poder retirá-la do trono e colocar o seu próprio filho nele.

Quando completa quinze anos, em um baile de carnaval, Safiri conhece o príncipe Franz e se apaixona por ele. Daí em diante, muitos obstáculos surgem entre os dois como Satã, Madame Inferno, uma bruxa que deseja o coração de menina para sua filha, a bruxinha Heckett, além de problemas no reino e das tentativas do Duque Duralumínio de provar que Safiri é de fato uma garota.

Exibida no Brasil na década de 1970.[19]

"Príncipe Planeta"

Príncipe Planeta, um mangá criado por Masaichiro Yoshikura e Hideoki Inoue. O anime que apareceu pela primeira vez numa edição da Shonen Magazine

O Príncipe Planeta era um herói natural do planeta Radion, de onde foi mandado em uma missão para estudar as pessoas da Terra e ajudá-las na luta contra o mal. A organização por trás do herói e sua viagem chamava-se Corporação da Paz Universal, um grupo de alienígenas preocupados em preservar a paz universal. Príncipe Planeta era um membro do corpo de paz mundial, que foi escolhido entre milhares de voluntários para ir a Terra e proporcionar a lei e a ordem, amor e paz ao planeta. Aí, então, os terráqueos poderiam fazer parte da União dos Planetas. O juramento do Príncipe era "lutar contra o mal e a crueldade em qualquer lugar e a qualquer momento na Terra". Príncipe Planeta tinha QI 300. Chegando a Terra o Príncipe Planeta cai no sítio da jovem Diana Worthy, onde fica morando por lá e recebe o nome de Bobby.

[19] pt.wikipedia.org/wiki/A_Princesa_e_o_Cavaleiro.

Seu poder vem de seu medalhão que é capaz de quase tudo, como modificar as coisas, só que o objeto deve ser constantemente recarregado por um transmissor de poder em Radion. O medalhão também servia para que Bobby se transformasse no Príncipe Planeta, segurando o objeto ele gritava "Kazow".

No último episódio, Príncipe Planeta estava na Terra já há um ano e foi chamado de volta a Radion para fazer um relatório ao Conselho dos Mundos em um foguete especial enviado para buscá-lo na Terra. Em sua jornada de volta para casa, lembra-se de suas aventuras na Terra e pensa em seus amigos e inimigos que ele encontrou durante toda a série. Ele tinha agora que convencer o Conselho da União dos Mundos da Galáxia a aceitar os terráqueos como membros.

O desenho fez um grande sucesso aqui no Brasil quando chegou em 1972.[20]

Super Dínamo

Esta é a história de um garoto normal chamado Mitsuo que de repente recebe a missão de ser um Super Herói e ajudar as pessoas lutando contra o mal. Ao encontrar com o Super-homem (não o famoso)[21] ele recebe seu uniforme especial que lhe confere superpoderes.

O uniforme era composto de um capacete e uma capa que lhe permitem voar, nadar embaixo d'água sem roupas especiais e se comunicar com os outros integrantes do grupo de Super- dínamos.

O problema é que Mitsuo é apenas um garoto que já tem seus próprios problemas, comuns a garotos de sua idade (+/- 10 anos), escola, namorada, família.

[20] Disponível em :https://pt.wikipedia.org/wiki/Principe_Planeta. Acesso em janeiro. 2016.
[21] Grifo meu.

> Para proteger sua identidade secreta Mitsuo também recebeu um robô chamado de Cópia, que quando acionado assume a forma de quem o ligou. Bastante irreverente o robô ajuda Mitsuo a solucionar seus problemas pessoais, mas às vezes acaba criando mais confusões para o pobre garoto.
>
> Acompanhando Mitsuo na luta contra o mal existem outros Super-dínamo que eram denominados por números. Foi exibido no Brasil entre 1974 e 1978.[22]

Sedna é fruto desses desenhos, pois para meus alunos eu sou um Robô de Sedna, que vim à Terra, tal qual o Príncipe Planeta, conhecê-la, apaixonei-me por ela e quis morar aqui. Mas como tenho que ir à Sedna para fazer revisão ganhei do meu Chefe um Robô-cópia como Mitsuo, para ir e voltar sem chamar atenção. Quando era criança a história do robô cópia me fascinava, meus amigos e eu sempre desejamos ter um robô-cópia. Meu nome assim como do Super Dínamo tem um conjunto de letras e números: meu nome é Robô XPTo13 e tenho um cochip para me comunicar com Sedna.

Sedna é assim um planeta verdadeiro, ou melhor, um planetoide. Um lugar distante do sol por isso muito frio, habitado na minha imaginação apenas por robôs. Que são chamados por números e letras (XPTo...), um lugar de ideias e aventuras, vividas aqui na Terra, quando viemos atrás do sol e calor. Um planeta que valoriza a felicidade e a infância que tenta mostrar para a criança que ela é capaz de fazer e ser diferente na escola e na vida.

Em 1976 meu pai vendeu o sobrado em que morávamos e mudamos para Campinas onde ele já trabalhava. A última semana foi de expectativa e de despedidas, da "Virada", dos amigos, mas também de um novo começo. Das muitas escolas por onde passei em Campinas, lembro-me de uma, como se ainda estudasse nela.

Escola Estadual Prof. Benedito Sampaio, bairro Botafogo, por muitos carinhosamente chamado de "Ditão" ou "Cujo Dito", uma escola que lembrou o prédio da minha infância. Estudava no horário das 16h00min às 20h00min,

Um prédio pequeno de dois andares, extremamente limpo, um gramado que chamava a atenção e um banheiro limpo onde, nos três anos em que lá

[22] Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Super_Dínamo>. Acesso em jan.2016.

estudei, passava parte do pouco tempo que tinha livre, conversando, estudando ou simplesmente “estando”, como dizia uma amiga.

No meu horário tinha apenas uma sala de cada série. As classes não eram cheias, a amizade foi coisa fácil de ser feita, grande parte dos alunos tinha alto nível social, filhos de gerentes de supermercado, donos de imobiliária, gerentes de banco, dentistas, microempresários, mas na escola isso nunca era lembrado, nem falado. O uso do avental era obrigatório, o tratamento igual para todos. Ser filho de professor, do dono do mercadinho da esquina, ou filho do gerente do maior hipermercado da cidade ou mesmo o pagamento da taxa da APM não garantia privilégios a ninguém.

Uma atitude correta. Entendo que o tratamento diferenciado que algumas escolas dão a alguns alunos tende a aumentar a disputa entre os alunos, uma vez que reveste de poder o aluno que recebe um tratamento diferenciado. Todos nós tínhamos a tia Yolanda para nos vigiar. Era muito divertido inventar meios de burlar a vigilância.

Lembro ainda do discurso da diretora Maria Carolina no primeiro dia de aula. *Vocês passarão grande parte do tempo de suas vidas aqui na escola, por isso este lugar tem que ser um lugar bom de conviver e a diretoria o lugar de diálogos e esclarecimentos e vocês estejam à vontade pra me procurar sempre que acharem necessário.* Achei interessante porque nas outras escolas em que havia estudado só conheci a diretora através das várias vezes em que fui parar na diretoria e, de repente, ela estava lá apresentando-se e nos convidando para ir visitá-la. Estava presente no pátio, nos banheiros, nas salas de aula quando ia cumprimentar os professores e todos nós alunos, nas aberturas de campeonatos que fazíamos. Uma diretora presente, o que nos deixava à vontade para, se preciso fosse, procurá-la. Fazíamos isso constantemente.

Na sétima série aconteceram duas coisas que podem ter influenciado minha escolha de profissão e maneira de agir na escola. A escola recebeu uma nova professora de História, professora C.C. e uma antiga professora de 1ª a 4ª série retornou da licença gestante, professora R. A primeira desvendou o mundo por trás da História oficial, nas suas aulas os bárbaros foram na realidade os primeiros excluídos de que tivemos notícias, a guerra atraente e o frio russo

aquecedor. Naquele ano, deixei minha paixão pelo vôlei apenas para lazer e decidi que seria professora de História. Um sonho que persegui até torná-lo realidade em 1991.

A segunda professora organizou e nos convidou para um projeto, que teria como recompensa a escola ideal com que sonhávamos. Um recreio dirigido para alunos de 1ª a 4ª série, um trabalho organizado por ela e desenvolvido por nós, juntamente com um Centro Cívico. A proposta inicialmente nos assustou. Após várias explicações, o susto virou uma briga pela participação. Todos os alunos queriam estar no recreio e ser do Centro Cívico; decidiu-se que todos participariam do recreio, mas para o Centro Cívico haveria sorteio.

O recreio do primário tinha meia hora de duração e nós do ginásio organizávamos as atividades; a escola comprou mini cestas de basquete, jogos, livros de histórias, bolas de todos os tamanhos e cores, cordas, pintou amarelinha no chão, dividíamos as crianças por interesse. Durante o recreio existiam de seis a dez adolescentes para um grupo de 15 crianças: resultado final, fim dos acidentes e das correrias no recreio, um maior entrosamento entre crianças e adolescentes e uma proximidade maior entre alunos e escola, já que muitos passavam ali a maior parte do dia.

Nós, adolescentes, recebemos como recompensa, como prêmio pela organização e trabalho, uma escola aberta a partir das 06h45min da manhã e que só fechava as 20h00min. Quem conseguisse e quisesse ficar nela esse tempo todo poderia, na biblioteca ou sala de jogos, mesa de pingue pongue. No intervalo, direito a muito rock, podíamos escutar música com a mesma duração de tempo do primário, 30 minutos. Foi a primeira proposta de uma Escola em Período Integral e funcionou muito bem.

Foi lá que resgatei meu vínculo com a escola, criei uma identidade estudantil, ela se tornou, para cada adolescente, um espaço de humanização, um lugar de encontros, confissões, despertar do amor, descobertas, mutirões de trabalho, trabalhos coletivos, planos para o futuro, tristezas, afinal a vida estava presente dentro dela.

Um pedaço da rua que tanto aprendi a amar dentro de um muro escolar, onde tudo acontecia exatamente como na rua, com uma única diferença, os

adultos também participavam de cada acontecimento e descoberta, porque mesmo dentro da escola foram muitas as surpresas, descobertas e broncas que tivemos, ali não fazíamos nada escondidos.

No final de semana e nas férias sentíamos falta da escola. Uma escola que se construiu com a boa vontade da direção e professores, que hoje imagino, deve ter dado muito trabalho para todos, mas uma escola possível que viabilizou a construção de conhecimento com outras vozes e de diferentes lugares.

Hoje, 35 anos após a saída dessa escola, sei que ela teve um significado especial na vida de cada um daqueles estudantes. Através de encontros virtuais, ex-alunos se procuram, procuram a diretora, professores qualquer coisa que possa trazer de volta a época do “Dito Cujo”. Para alguns dos 35 alunos que passaram pelas mãos da professora C. C. a certeza de que a disciplina ficou na vida dos 23 que estudaram História nas várias universidades do país.

Uma escola que, pela primeira vez, olhei de maneira diferente para estrutura, hierarquia e currículo escolar, entendendo que o conhecimento que a escola oferecia a rua não me daria. Foi nessa época também que percebi, através das aulas de História, estudando os Povos Bárbaros, que talvez o conhecimento da escola pudesse me fazer compreender porque algumas escolas eram diferentes. Porque as pessoas eram tratadas de maneira diferente.

Terminada a 8ª série, fui estudar na Escola Estadual Carlos Gomes, prédio do antigo Instituto de Educação de Campinas, onde fiz Magistério, mais para apoiar os amigos do que por vontade própria. A escola só manteria o curso noturno se a lista de matriculados atingisse 60 alunos.

Eu queria fazer o Ensino Médio para prestar urgentemente o vestibular para o Curso de História, que o “Ditão” havia me mostrado, a possibilidade de me tornar professora dessa disciplina e apesar dos tantos desencontros que tive como aluna, era um caminho que eu tinha pressa em trilhar.

Foram quatro anos de amizades, mas sem nenhuma identidade com a escola ou professores. Uma escola que tem por tradição a Formação de Professores para séries iniciais, com professores “mal formados” que desrespeitavam os alunos do curso noturno com frases:

“- Uma escola construída para as filhas dos Barões de Café, com um curso noturno atendendo a periferia é o fim!

“- Vocês vêm pra escola, cansadas depois de um dia de trabalho e uma marmita de ovo”!

Ali também se fez necessária a resistência de muitas alunas, que sonhavam ser professoras. Acreditávamos que a boa vontade e a dedicação aos estudos nos dariam a formação ideal.

Lutávamos diariamente contra professores sem vontade de ensinar, limitados, que falavam errado, que estavam insatisfeitos com a profissão e salário, e era fácil perceber até para nós alunas a sua frágil formação. Após quatro anos de batalha e estágio fizemos a formatura e o tempo mostrou a esses professores que eles estavam enganados em relação a muitas de nós.

Esses quatro anos me afastaram novamente da vontade de viver e fazer na escola, e deixaram meus sonhos de me tornar professora mais longe de ser alcançado. Apesar de achar o curso válido, conhecer o outro lado da escola como estagiária, me encantar com as descobertas das crianças nas diferentes séries, ainda tinha um problema.

Era professora, mas não acreditava nos profissionais que havia encontrado nessa formação e precisava refletir sobre o caminho a seguir. Nesses quase 15 anos de escola havia encontrado com dois tipos de profissionais de educação e uma reflexão sobre eles era urgente para mim, como se (in)formam esses professores.

Fui trabalhar como operadora de caixa em uma loja de magazines, e de 1986 a 1990 esqueci-me da escola e seus preconceitos. Fiz novas amizades, pessoas diferentes, com interesses diferentes. Como trabalhava seis horas por dia resolvi estudar novamente e em 1987 prestei vestibular para Ciências Econômicas, queria seguir um novo caminho, a empresa pagava 50% do curso e havia grandes chances de crescimento profissional nela.

Não me encontrei no curso. Fiquei sem estudar até 1988, quando resolvi prestar vestibular para História, meu antigo sonho, simplesmente para o meu conhecimento, sem nenhuma pretensão de ser professora, uma vez que a

experiência de aluna me fazia perder a vontade de ser professora. Como na música Ideologia de Cazuza[23]

Meu partido
É um coração partido
E as ilusões estão todas perdidas
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Ah, eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
Freqüenta agora as festas do "Grand Monde"
Meus heróis morreram de overdose
Meus inimigos estão no poder
Ideologia
Eu quero uma pra viver
Ideologia
Eu quero uma pra viver
O meu prazer
Agora é risco de vida
Meu sex and drugs não tem nenhum rock 'n' roll
Eu vou pagar a conta do analista
Pra nunca mais ter que saber quem eu sou
Pois aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
Agora assiste a tudo em cima do muro
Meus heróis morreram de overdos
Meus inimigos estão no poder
Ideologia
Eu quero uma pra viver
Ideologia
Pra viver
Pois aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
Agora assiste a tudo em cima do muro
(em cima do muro)
Meus heróis morreram de overdose
Meus inimigos estão no poder
Ideologia
Eu quero uma pra viver
Ideologia
Pra quero uma pra viver
Ideologia
Pra viver

No curso de História, mais que estudar ou aprender, fui atrás de uma nova ideologia e fiz um encontro de mim comigo mesma, minhas “neuras”, receios,

[23] Ideologia – Álbum Ideologia – 1988 - Polygram

vergonhas, toda a cobrança que tive e fiz nas escolas foram resgatadas. Ali eu era mais uma na luta pela vida por inteiro, não pela metade. Na época era como dizia a música do grupo de rock Titãs "... a gente quer inteiro e não pela metade.[24].." Fiz amizades com pessoas que, como eu, estavam atrás de um significado e sentidos para escola, queriam estar nela, apesar de tudo.

Acreditávamos que o curso de História nos traria explicações para os muitos porquês de cada um. Cada um de nós procurava, dentro da universidade, a resposta para a questão: O que é identidade do grupo? Na rua, escola, onde existisse um grupo. Como ela se formaria? Quem ficaria de fora? O que uniu no ano de 1988 aqueles 76 alunos?

Não apenas o interesse pela História, porque dentro do grupo maior, a turma dividiu-se em pequenos grupos de convivência e esses pequenos grupos uniram-se a alunos e alunas de outros anos e cursos.

Durante os quatro anos em que convivemos, três coisas fundamentais uniram ou separaram os pequenos grupos, uns até hoje se encontram para trocar "zigurinhas",[25] outros fazem questão de atravessar a rua: Eleição do PT em 1989, Fora Collor em 1990 e o Convite para formatura em 1991.

A divisão esquerda/direita da turma era visível e quais bandeiras cada turma levantava. Enquanto um grupo se preocupava com questões sobre Direitos Humanos, Etnia, Exclusão Social, MST e os encaminhamentos dados pelos governos à educação, pois uns já estavam na escola, outros debatiam futilidades como "Qual a cor do convite de formatura?"

Meu grupo se identificou primeiro pela música, um Heavy Metal do grupo Jhetro Tull e depois pela escolha na área da militância: criança e adolescente, todos tínhamos como projeto de trabalho uma sociedade mais inclusiva para eles.

[24] Comida – Titãs – Álbum – Jesus não tem Dentes no País dos Banguelas 1987- Arnaldo Antunes.

[25] Giria muito comum usada na época, quando queríamos nos encontrar para conversar sobre assuntos de interesse comum.

A Vida entre o brincar e a Escola

Em abril de 1990, apareceu a oportunidade de traçar novos vínculos com a escola, fui convidada pela diretora da EE “Nossa Senhora de Lourdes”, localizada no bairro que leva o mesmo nome, para ministrar aulas em uma segunda série no bairro Saltinho, uma sala isolada que havia sido montada naquele mês e não havia professoras interessadas, devido à distância.

Saltinho era um bairro rural, em que a maioria dos moradores vivia da plantação de figo ou trabalhava na “Máquina de Arroz”, uma fábrica onde o arroz era beneficiado e distribuído para os grandes mercados da cidade. Grande parte deles morava em sítios e alguns na favela Buraco do Sapo, sem nenhuma condição de saneamento básico. Moravam em barracos, geralmente de dois cômodos.

Era uma série com alunos fora da idade, que trabalhavam na roça à tarde ajudando os pais e só podiam frequentar a escola de manhã e no bairro, pois não tinham dinheiro para pagar passagem e se deslocar para o Jardim Nossa Senhora de Lourdes.

Uma sala com vinte e seis alunos, entre 10 e 13 anos de idade, que iam para escola à procura do que não tinham em casa, brincadeiras, carinho, descanso e principalmente diálogo. Uma escuta para seus sonhos e tristezas. As aulas foram na realidade uma troca de conhecimento, passei para a classe um pouco da cultura escolar e aprendi com eles muito sobre a cultura rural, do cotidiano da vida na favela, da falta de ônibus, centros de saúde e todos os benefícios a que se tem direito.

Sobre anoitecer e amanhecer no campo, sem nenhuma luz artificial, as saudáveis verduras sem agrotóxico, leite recém-tirado da vaca, brinquedos construídos com madeiras e outras coisas do campo. E descobri feliz que tinha acertado a minha militância a favor da criança e adolescente.

Dois dias por semana assumi com o grupo o dia da brincadeira, ensinei as crianças a jogarem fubeca, bets, a soltarem pipas, pularem corda, amarelinha, rir, gritar, pular e sonhar.

Em 1993, me efetivei na Prefeitura Municipal de Campinas, assumindo outra segunda série na EMEF Professor “Benevenuto de Figueiredo Torres”, localizada no Jardim São José, outra periferia da cidade.

Jardim São José, um bairro localizado às margens da Rodovia Santos Dumont, região Sul de Campinas. A maioria dos seus moradores migrantes do Paraná e Minas Gerais que vieram atrás de trabalho, uma vez que a mão de obra foi trocada pela mecanização na lavoura e a concentração em grandes propriedades expulsando os pequenos produtores da região.

O bairro possuía na época um Centro de Saúde, uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, duas Escolas de Educação Infantil, pequenas indústrias, transportadoras e uma indústria química, que se instalou lá em 1951, antes do bairro. Muitos moradores do bairro vieram atrás de emprego nessa indústria.

Nessa escola, trabalhando com crianças, mais uma vez pude constatar que nunca tive com elas uma relação professora/alunos. Até hoje temos uma relação de amigos, afetiva, onde a fantasia necessária para elaboração de sua personalidade e caráter existe no cotidiano da sala. Como escreveu Paulo Freire.

> E o que dizer, mas sobretudo esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes a coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa de fato que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. (FREIRE, 2004, p.141).

Trabalhava com a consciência de que são crianças, e por isso mesmo sujeitos de direitos, tratados como crianças, como seres pensantes, possuidores e criadores de cultura e que depois crianças-alunos tem direito ao afeto e carinho na aprendizagem.

Uma coisa que fiz e me aproximou muito de todos os alunos da escola foi o Projeto Biblioteca. Eu ficava 12 h/a semanais em horário contrário as aulas na biblioteca da escola. Ficava tarde e noite. Conheci e me aproximei de todas as turmas da escola, que tinha quatro períodos.

A biblioteca foi aberta para ex-alunos e moradores do bairro. Muitas mães iam buscar livros ou estudantes de outras escolas pegavam livros que não achavam na sua escola.

Ampliei o horário de atendimento, mantive o fixo de cada classe, mas deixei aberto o melhor horário para cada um retirar o livro para leitura, ou mesmo fazer a leitura na biblioteca, o que era proibido também antes da minha entrada. Até então, o tempo de permanência para cada dupla era de cinco minutos. Impossível encantar-se com um livro em cinco minutos.

Tudo que fazia era o contrário do que pensavam os professores da escola a respeito de organização e disciplina, que com certeza desconheciam Paulo Freire que escreveu que disciplina se conquista com liberdade:

> O professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar", ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento do seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 2004, p.60).

Em 1998 consegui organizar a **I Mostra de Cinema** da escola, embora trabalhasse na biblioteca há quatro anos e a vontade fosse antiga. Alguns problemas sempre inviabilizavam a ideia, lugar pra exibir filmes, tempo de duração da mostra e horário. A ideia de chamar de Mostra de Cinema foi para fazer a ligação entre as mostras que aconteciam em São Paulo e Rio de Janeiro e discutir a importância e a magia da "telona" na vida sociocultural das pessoas. Na realidade era uma mostra de vídeo.

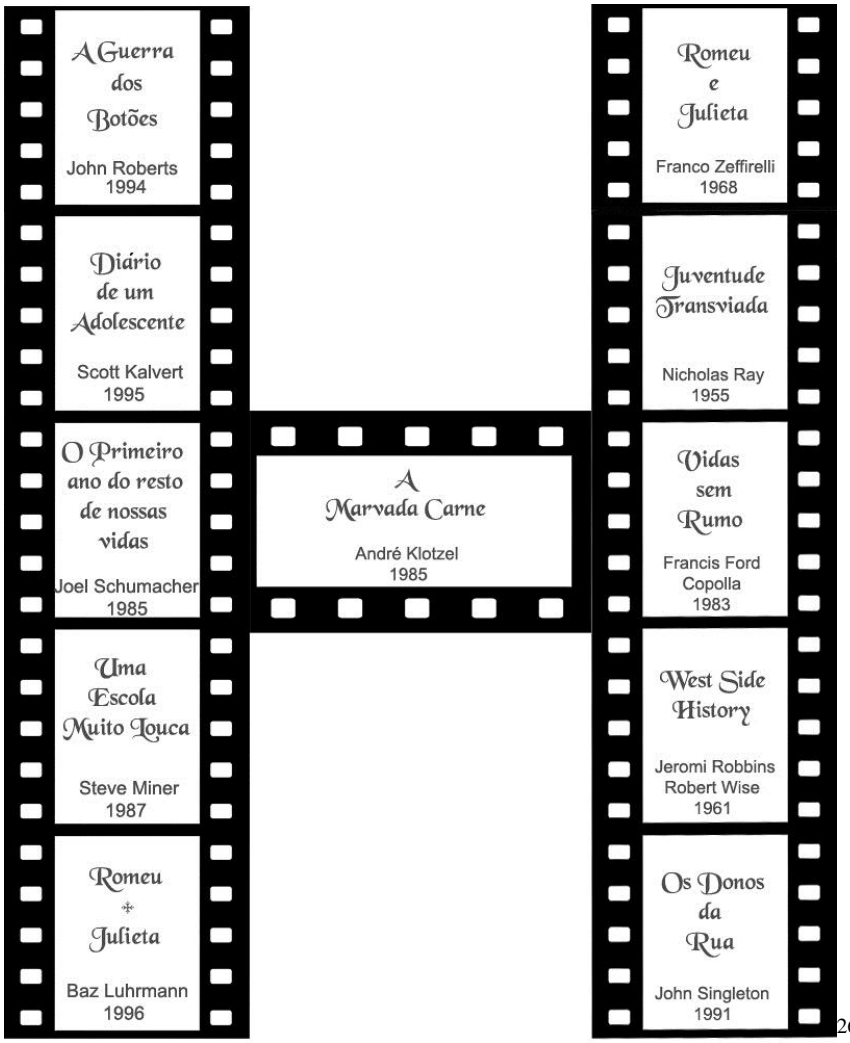
Foi uma mostra tímida, com poucos filmes e sem um lugar específico, o vídeo era levado até a sala e os alunos assistiam. Em 1999 já melhor estruturada aconteceu a **II Mostra de Cinema**, o espaço utilizado foi o da biblioteca, durante uma semana não haveria empréstimo de livros, pois a mostra funcionaria em cinco horários diferentes.

Os filmes foram escolhidos para crianças, jovens e adultos, filmes que não tinham obtido grande sucesso no circuito comercial e que ajudariam a responder algumas questões postas pelos adolescentes.

Foram feitos 30 convites por sessão, com cores diferentes, uma para cada horário, só entrava na sala quem tivesse convite.

Os trinta convites disponíveis eram retirados com antecedência pelo interessado. A divulgação dos filmes e desenhos foi feita durante uma semana, com cartazes ampliados e a sinopse dos filmes. Após cada sessão era feita a avaliação pelo público.

II Mostra de Cinema:



[26]

Nos anos de coordenação aprendi com os alunos a ler e gostar da literatura infanto-juvenil, gosto que conservo até hoje; os autores mais lidos e debatidos pelos alunos foram:

[26] Cartaz II Mostra de Cinema. Fonte: Biblioteca da EMEF “Benevenuto de Figueriedo Torres”.

A Hora e a vez da Leitura

- **Álvaro Cardoso Gomes**

- A Hora da Luta – Editora FTD. Coleção Beto e Lúcia Helena.
- Para tão Longo Amor – Editora Moderna. Coleção Veredas.
- A Hora do Amor – Editora FTD. Coleção Beto e Lúcia Helena.
- Amor de Verão – Editora Moderna. Coleção Veredas.

- **Pedro Bandeira**

- A Marca de uma Lágrima – Editora Moderna. Coleção Veredas.
- Agora estou Sozinha – Editora Moderna. Coleção Veredas.
- O Fantástico Mistério de Feiurinha – Editora FTD. Coleção Terceiras Histórias
- Coleção “Os Karas” – Editora Moderna. Coleção Veredas.

- **Marcos Rey**

- O Mistério do Cinco Estrelas – Editora Ática. Série Vaga Lume.
- Sozinha no Mundo – Editora Ática. Série Vaga Lume

- **Ivan Jaf**

- Beijo na Boca – Editora Moderna. Coleção Veredas.
- A Primeira Vez – Editora Moderna. Coleção Veredas.
- Jovens Brasileiros – Editora Moderna. Coleção Veredas.

- **Lygia Bojunga**

- A Casa da Madrinha – Casa Lygia Bojunga.
- A Bolsa Amarela – Casa Lygia Bojunga.
- Os Colegas – Casa Lygia Bojunga.

- **Elias José**

- Cantigas do Adolescer – Editora Atual.
- Uma Escola assim eu Quero pra mim – Editora Atual.

- **Bartolomeu Campos Queiroz**

- Indez – Editora Global.
- Diário de Classe – Editora Global.
- Por parte de Pai – Editora Global.

- **Wagner Costa**

- Eu Pescador de Mim - Editora Moderna. Coleção Veredas
- Ai, Né e depois - Editora Moderna. Coleção Veredas

- **Márcia Kupstas**

- Clube do Beijo – Editora Rocco
- Crescer é Perigoso - Editora Moderna. Coleção Veredas
- É Preciso Lutar – Editora FTD. Coleção No Meio do Caminho
- História da Turma - Editora Moderna. Coleção Veredas

- **Telma Guimarães**

- Caderno de Perguntas de Rebeca – Editora Atual
- Diário nem Sempre Secreto de Pedro – Editora Atual
- Pedro Médio e Rita Doce – Editora Atual
- Infância Roubada – FTD. Coleção No Meio do Caminho.

- **Júlio Emilio Braz**

- Felicidade não tem Cor - Editora Moderna. Coleção Veredas

Após essa experiência resolvi procurar a universidade para dialogar com esses autores e diretores dos filmes já citados anteriormente e os saberes acadêmicos. Minha experiência na biblioteca havia sido positiva e sentia necessidade de me aprofundar nesse assunto e acreditava que lá teria o suporte. Na época, uma amiga da biblioteca indicou o Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem (GPPC) e ou o Grupo de Estudos Movimentos Sociais, Educação e Cidadania (GEMDEC).

Cheguei a participar de algumas reuniões dos dois grupos acompanhada da minha amiga que também tinha interesse em refletir sobre a sua prática na biblioteca, mas não nos encontramos no grupo e desistimos da universidade.

O brincar no encanto da Escola e da Universidade.

Com a vitória do Governo Democrático e Popular (PT), fui convidada em 2002 pela professora Drª Corinta Maria Grisolia Geraldi, Secretária da Educação, para desenvolver um projeto com adolescentes num programa que recebeu o nome de "A Escola é Nossa" que seria desenvolvido pelo Governo, nas Escolas Municipais.

O convite surgiu após a professora conhecer meu trabalho com os adolescentes na Escola Estadual em que trabalhei em 1993 e também a minha militância política que sempre foi Criança e Adolescente e a Educação, além de ter sempre trabalhado em escolas públicas.

Esse projeto me daria a possibilidade de resgatar nas escolas o debate sobre o respeito à voz do outro, as culturas do entorno da escola, ou mais especificamente, a cultura de rua. E também me levaria a refletir sobre a importância do conhecimento acadêmico para fortalecimento do debate nas escolas. Muitas vezes professores me perguntavam:

- Essa sua prática tem fundamentação teórica? Entendi que só na universidade acharia essa fundamentação, porque, na realidade, havia outra pergunta implícita. Você é pós-graduada?

O mote desse projeto era abertura das escolas aos sábados com oficinas variadas; uma política de governo a comunidade ocupar a escola, uma vez que a escola pertencia a ela. As oficinas eram: dança de rua, rap, grafite, dança de salão, handebol, teatro, skate, violão, cavaquinho. Das 43 escolas da rede municipal, 27 participaram de quase todas as oficinas com apoio total de equipe gestora e professores; outras abriam, mas não deram nenhum tipo de apoio e outras ainda simplesmente não apoiavam algumas oficinas como rap e skate,

não conheciam a cultura da rua e a sua importância no diálogo de inclusão do aluno na escola.

Retornei para a academia e mantive contato com o GEPEC; no primeiro semestre de 2002 frequentei a disciplina da Professora Drª Maria Cristina Menezes como ouvinte e em julho desse ano elaborei o projeto a ser apresentado à Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP para tentar uma vaga no GEPEC, em setembro daquele ano. O projeto foi sobre o movimento Hip Hop na escola, defendido em 2008 com o nome “Rua e Escola: o Hip Hop como movimento porta-voz dos sem vez.”.

Após projeto, prova e entrevista e a seleção para o mestrado, no ano de 2003 comecei a cursar as disciplinas, dividindo o tempo entre prefeitura e a UNICAMP As disciplinas que cursei no primeiro semestre de 2003 foram:

- Atividades de Pesquisa Programada I e II, com a Professora Drª Maria Cristina Menezes. Debate e reelaboração do projeto de pesquisa dos alunos ingressantes no Mestrado

- Cultura, Educação e Leitura, com a Professora Drª Norma Sandra de Almeida Ferreira e a Professora Drª Lilian Lopes Martin da Silva. A disciplina se propôs a analisar a questão da leitura e cultura ocidental em tempos de novas tecnologias, estudando também a história da leitura no Brasil.

- Seminário II, com a Professora Drª Maria Cristina Menezes. Seminário que abordava temas específicos, nesse caso a Cultura Escolar, dialogando com os autores Antonio Vinao, Dominique Julia, Michel de Certeau.

- No segundo semestre cursei as disciplinas:A Produção das Relações de Ensino - Sujeitos, Tempo, Espaço, com a Professora Drª Roseli Aparecida Cação Fontana e a Professora Drª Ana Lúcia Guedes Pinto.

  Tendo como interlocutores Vygotsky, Bakthin e o paradigma indiciário de Ginzburg, a disciplina procurou analisar as formas de organização da dinâmica na sala de aula.

- Memória, Modernidade Capitalista e Educação com a Professora Drª Maria Carolina Bovério Galzerani. A partir da leitura de Benjamin, a disciplina debateu a questão da memória, educação e a modernidade capitalista, no mundo contemporâneo.

A escolha do GEPEC deveu-se à necessidade de compreensão sobre a Cultura Escolar e também a escolha da orientadora ser referência na área. Mas na realidade não foi isso que aconteceu. Houve um distanciamento entre a Cultura de Rua, representada por mim, e a Cultura Escolar representada por ela. Afastamento que me levou a pensar muitas vezes nas escolas e alunos, nesse distanciamento que ocorre todos os dias nas escolas de Ensino Fundamental do país.

No primeiro semestre de 2004, após a conclusão das disciplinas APPs[27] não havia ainda encontrando minha orientadora, para elaboração da dissertação, embora soubesse o grupo de orientandos se encontrava com ela, eu não sabia o que fazer com o produzido. Sem vontade de continuar, com a certeza de que a universidade não era diferente das escolas em que eu havia passado como aluna e como professora, também lá tinha um seleto grupo e com eles senti o que meus alunos sentiam e talvez tenha sentido mais forte do que na adolescência. O que eu, a diferente do grupo, fazia lá? Que direitos eu pensava ter pra discutir “Hip Hop” (esse movimento de meninos negros e sem cultura) com aquele grupo? Qual a importância desse tema para a universidade?

Quando ouvia essas falas me recordava de Elaine Nunes Andrade e outros que haviam sofrido também a discriminação nas escolas e academia por pesquisar temas considerados marginais.

> Embalados na onda desse fato social contemporâneo, cada autor dessa coletânea procurou compreender a dinâmica dessa fenomenologia negra urbana. Em iniciativas isoladas, cada qual em seu campo de trabalho ou de pesquisa, desenvolveu atividades e leituras científicas significativas sobre esse movimento. Todos encontraram resistências tanto no âmbito acadêmico quanto no cotidiano escolar, em que determinados assuntos costumam ser vistos como “marginais” e sem importância social e educativa. (ANDRADE, 1999, p. 10).

[27] Atividade de Pesquisa Programada.

Percebi que aquele lugar não era o local de discussão de uma escola inclusiva, considerado marginal meu tema, joguei fora o produzido; não era na Faculdade de Educação ou naquele grupo ou momento que eu discutiria a produção dos saberes do entorno da escola, criação da identidade juvenil com a escola, aprendizagem e humanização nas relações de poder, porque até aquele momento eu não havia encontrado nada daquilo ali.

Naquele momento mais uma vez me identifiquei com os alunos das escolas em que dei aulas, o diálogo de surdos que se estabelecia entre eles e a escola era o mesmo que estava sendo estabelecido entre a universidade e eu.

A negação do meu "saber" em relação ao saber acadêmico deixava claro o valor que a academia dava a cada cultura de rua, às culturas infantis e a outras culturas que não fossem representadas pelas elites.

No início do segundo semestre de 2004, já decidida a abandonar o Mestrado fui convidada por duas amigas para assistir aulas como aluna ouvinte, de Antropologia Cultural com a Professora Drª Neusa Gusmão e Atividades de Pesquisas Programadas com a Professora Drª Ana Lúcia Goulart de Faria, ambas no GEPEDISC (Grupo de Estudos e Pesquisa em Diferenciação Sociocultural). Após muita resistência da minha parte e insistência da parte delas aceitei o convite. E diferente do que havia acontecido com meu antigo grupo de pesquisa, nesses grupos encontrei escuta, pela primeira vez apresentei o meu trabalho.

A ideia inicial, o pouco que havia sobrado. Questões sobre rituais de passagem da infância para a adolescência e a proximidade entre rua e escola como espaços para os adolescentes, já que as duas são espaços públicos e se complementam. A rua é um espaço de ações coletivas e escola é um lugar de individualizações no coletivo.

Os participantes dos dois grupos se interessaram pela minha produção, deram algumas dicas de leitura e troca de ideias, me indicaram a participação no III Seminário de Teses e Dissertações em Andamento realizado na Faculdade, combinamos trocar os escritos de cada um para leitura e apreciação.

Nesse grupo resgatei a vontade de discutir identidade e humanização das relações de poder na escola e até mesmo currículo. A escola de tantas idas e

vindas, com laços que se desfazem e se enlaçam com facilidade. Como professora ou como aluna, a busca de sentidos e significados na escola ainda existia. Uma das professoras do grupo me aconselhou a voltar para o GEPEC, a procurar outro orientador no mesmo grupo, o professor Guilherme Toledo ou a professora Corinta Geraldi e junto a eles retomar minha pesquisa.

Em 2004 terminei o ano decidida, após muitas conversas, a mudar de orientação, entrar com pedido de licença para organizar minha cabeça, ideias, dúvida.

Iniciei 2005, com uma nova orientadora, Professora Drª Corinta Maria Grisolia Geraldi, retorno ao mesmo GEPEC e ao Seminário de Pesquisas, fundamental ao andamento das pesquisas do grupo que me acolheu e apoiou nos momentos de estudar a complexidade da escola: O que se constrói nela? A partir desse novo vínculo retorno ao meu projeto de pesquisa.

Nesse mesmo ano, licenciada oficialmente, participo do GEPEC através do Seminário de Pesquisa, encontros quinzenais às terças feiras à tarde. Como era o ano em que oficialmente eu estava licenciada da universidade, não consegui a dispensa da escola para participação, mas nos poucos encontros de que participei pude fazer uma reflexão sobre a minha pesquisa. Através do olhar do outro, das apresentações de cada escrito, das dúvidas partilhadas, fui reconstruindo a minha pesquisa, iluminando meu percurso e possibilitando a ressignificacão dos novos caminhos a trilhar.

Após a conclusão do Mestrado, resolvi me dedicar apenas às crianças, deixei as aulas do estado e fiquei ministrando aulas na Prefeitura Municipal de Campinas. Trabalhando com crianças do Ciclo I, das séries iniciais.

Dois grupos distintos que exigiam muito, tanto os adolescentes quanto as crianças precisam de dedicação exclusiva. No estado eu não era efetiva, mas na prefeitura sim.

Com elas aprendi a olhá-las, suas produções, brincadeiras e fantasias. Respeitando a infância e o tempo de cada uma no desenvolvimento.

Diário de Bordo I

O Jardim Japonês o Espaço e Tempo na Escola

Lá vai uma vela aberta
Se afastando pelo mar
Branca visão que desperta
Anseios de navegar
Meus olhos seguem a vela
Pela vastidão do mar
Ainda se torna mais bela
Na expressão do teu olhar

Vela Aberta. Walter Franco (1980).

Você verá
Que a emoção começa agora.
Agora é brincar de viver.

Brincar de Viver. Guilherme Arantes (1985)

Afastando-se, e navegando na expressão do olhar de cada criança que viaja comigo, a descoberta, o entendimento e a leveza da viagem, momentos únicos de aprendizagem. Companheirismo presente talvez apenas em um navio pirata de verdade, na rua ou nos filmes da TV que são marcas registradas dos Piratas. Nesse primeiro Diário de Bordo apresento a tripulação que nos acompanhará na viagem.

Os nomes de turmas e de cada criança foram criados por eles. Em 2007 a televisão era o que contava para essa turma, eles não eram alunos, eram heróis, cada um escolheu ser o seu herói preferido e a sala de aula se transformou na Sala de Justiça, quartel general dos heróis. Após a leitura do livro “O Pirata de Palavras”, assistirmos a trilogia dos Piratas do Caribe, os heróis resolveram deixar a Sala de Justiça, tornaram-se piratas e foram navegar no mar. Claro que tudo começou com a professora que também, queria ser diferente, eu era uma Prô Robô de Sedna, ea assim que eu me apresentava para eles.

Tô mais leve

11/07/2008

Mafê, essa pipoca foi escrita pensando em você. Em um encontro, não lembro qual, falamos sobre o formal e não formal, o brincar e não brincar, como fazer e ligar tudo isso à aprendizagem.

Pois é, veja só o que aconteceu hoje. Estou em uma nova proposta de trabalho com as crianças, abandonamos os Heróis[28] e a segurança da Sala de Justiça[29] para irmos navegar em mares nunca navegados.

A bordo do Navio Pirata[30], procuramos tesouros, nossos tesouros são lugares, fotos da Revista Terra, que sejam interessantes, antes de recortar e guardar no Baú para uma posterior Produção de Texto é necessário que cada pirata leia um pouco sobre o lugar, para registrar em seu Diário de Bordo[31] e também procurar palavras para o nosso Concurso Soletrando.

Mas está sendo difícil esse começo, eles querem recortar qualquer figura, se perdem nas propagandas, querem palavras que eles mesmos não conseguem soletrar, então a "Prô do Mar"[32], hoje me chamaram assim, tem que mediar o tempo todo.

Por conta disso, esquecemos nossos jogos e passatempos presenças constantes na nossa sala. Segunda-feira Pirata Forte[33] me perguntou:

- Prô, hoje a gente pode ficar um pouquinho no Jardim Japonês?[34]

- Claro, depois eu busco ele na sala da Lu.[35]

Esqueci por completo, na terça o pedido é novamente feito, dessa vez pela Pirata Feliz e novamente esquecido, só que nesse dia esqueci mil coisas,

[28] Referência aos Heróis dos programas da TV, que as crianças assistiam todos os dias.
[29] A base de operações destes cinco super-heróis e seus "trainees" é chamada de Sala de Justiça (*Hall of Justice*), onde recebem alertas e informações do Coronel Wilcox.
[30] Nova base de operação a partir do momento que deixaram de ser Heróis e viraram Piratas.
[31] Instrumento utilizado na navegação para registro dos acontecimentos mais importantes.
[32] Se todos mudaram de nome, não estamos mais na Sala de Justiça, a Prô Robô, temporariamente vira Prô do Mar.
[33] Nome escolhido por um dos alunos.
[34] Um pequeno jardim, feito com areia de aquário colorida e uma forma de pizza.
[35] Orientadora Pedagógica da escola. A sala dela era o único local onde se podia guardar os jardins.

a data na hora de passar na lousa, nomes de uns piratas, horário do lanche. O Pirata Bi no final da aula falou:

Prô, ta vendo só como você não é robô e nem de Sedna, esquece tudo, esqueceu de novo o Jardim Japonês. Só pude dar risada com eles nada mais.

Hoje já na fila todos os piratas amotinados, me lembraram do Jardim Japonês. Passei na sala e lá vai ele para o Navio Pirata, porque hoje é dia de pirataria.

Fizemos as atividades da primeira parte do dia, iniciamos a reestruturação do texto de ontem, quem não precisava reestruturar foi para o Jardim Japonês, esperar o início do Soletrando.

Um pouco antes das 11h00min, hora marcada para o começo da atividade a Pirata Letti levantou e falou:

Prô do Mar, to mais leve olha pra mim! - Com um sorriso delicioso e uma aparência de leveza total. – "Vou no" banheiro e na volta soletro até aquela palavra difícil que você fala todo dia, porque to mais leve.

- Porque você ta mais leve Pirata Letti?

- Porque mexi no Jardim Japonês, afundei a tartaruga no fundo da areia, ri com o Pirata Théo porque ele deixou cair areia no chão, to mais leve e feliz porque brinquei horas. Nossa Prô como é bom, você precisa brincar um dia.

O Jardim Japonês presente em minhas aulas é o que metaforiza a desconstrução do espaço tempo da aula institucionalizada, por isso um registro longo e importante desse instrumento que marca a vida escolar de muitas crianças. Nesse momento há encontro, o diálogo e novas oportunidades de aprender a partir do diálogo e da partilha com o outro. Podemos também analisar as contribuições que a brincadeira pode oferecer a aprendizagem e ao desenvolvimento infantil.

Enquanto brinca, a criança organiza e supera ações da vida real, tais como restrições, medos, traumas e problemas que irão surgir durante o seu desenvolvimento, com muitos dos quais ela não conseguirá lidar sozinha.

Segundo Vygotsky:

> No brinquedo a criança opera com significados desligados dos objetos e ações aos quais estão habitualmente vinculados; entretanto uma contradição muito interessante surge, uma vez, que, na brincadeira, ela inclui também ações reais e objetos reais. Isso caracteriza a natureza de transição da atividade do brinquedo: é um estágio entre situações puramente situacionais da primeira infância e o pensamento adulto, que pode ser totalmente desvinculado de situações reais. (VYGOTSKY, 2000, p.129)

Willi Bolle, em sua introdução ao livro A criança, o brinquedo, a educação, de Walter Benjamin, salienta a importância dada por este ao brincar:

> De maneira geral, os brinquedos documentam como o adulto se coloca com relação ao mundo da criança. Há brinquedos muito antigos, como bola, roda, roda de penas, papagaios, que provavelmente derivam de objetos de culto e que, dessacralizados, dão margem para a criança desenvolver a sua fantasia. E há outros brinquedos, simplesmente impostos pelos adultos enquanto expressão de uma nostalgia sentimental e de falta de diálogo. Em todos os casos a resposta da criança se dá através do brincar, através do uso do brinquedo, que pode enveredar para uma correção ou mudança de função. E a crianças também escolhe os seus brinquedos por conta própria, não raramente entre os objetos que os adultos jogaram fora. As crianças "fazem a história a partir do lixo da história". É o que as aproxima dos "inúteis", dos "inadaptados" e dos marginalizados. (BOLLE, 1984, p. 14)

Não tenho a pretensão nessa tese de me aprofundar no tema Infância; para abordagem desse tema consultar Bondioli (2004); Faria e Mello (2005); Faria e Mello (2007); Quinteiro e Carvalho (2007); Faria e Finco (2011); essas são algumas autoras que tratam da emergência de uma Sociologia da Infância.

Ao pensar a infância na escola, na criança, como sujeito de direitos e produtora de cultura, penso também na importância que o brincar tem dentro dessa cultura e como a escola atua na garantia desses direitos e na produção das culturas infantis, como o professor concilia o brincar, uma necessidade básica dessa idade, com a alfabetização.

Alguns professores presos ao SARESP[36] e não entendendo que o atual 1º ano é diferente da antiga 1ª série, organizam esse espaço-tempo como se o

[36] O Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) é aplicado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo com a finalidade de produzir um

direito à infância e ao brincar não existisse, tornando a escola um lugar onde as crianças estão confinadas, em um espaço sem atrativos por longas horas. Chamada por PINTO (2007, p. 91) de “confinamento da infância, no sentido do seu encurtamento; privação, limite, enclausuramento e encerramento”.

O capitalismo não separa infância e vida adulta, estão todos dentro da mesma lógica de trabalho, produção e consumo, na escola as crianças tem que produzir “aprendizagens” dentro de um tempo determinado, marcado por hora e por tempos. Anete Abramowicz escreveu sobre o cotidiano escolar:

> O cotidiano escolar é regido por tempos estritos para os acontecimentos. O tempo socialmente necessário (que é uma medida arbitrária definida pela professora) para determinada lição, o tempo para falar, para o recreio, para ir ao banheiro, para a merenda. O Cotidiano escolar é pontuado por um sinal. Pontua o tempo que é sempre acompanhado por uma certa ansiedade e angústia demonstradas pelas crianças por algum movimento: gritos e palmas. As crianças não dominam o tempo, obedecem-lhe, até que seus corpos acabam por funcionar de acordo com este tempo determinado por outros: a vontade de comer, de ir ao banheiro. (ABRAMOWICZ, 2001, p.42).

O mesmo tempo marcava a vida das crianças que trabalhavam em 1813. “O trabalho começava às cinco da manhã e terminava às cinco da tarde, verão ou inverno [...] E uma quantidade ainda mais considerável de crianças não menos sujas, não menos macilentas, cobertas de trapo, sujas dos óleos das máquinas que cai sobre elas enquanto trabalham” Lafargue, (1977, p.33).

Entre o tempo que nos rouba a vida e o acontecimento da aula, João Wanderley Geraldi nos apresenta outros acontecimentos no cotidiano escolar.

> O acontecimento como lugar donde vertem as perguntas. Imagine uma aula em que se interrogue sobre o acontecido. Cada criança volta para a escola cheia de histórias, de coisas a narrar, de peripécias a comentar. Como foram as coisas cá, como foram as coisas lá: curiosidades e vida. (GERALDI, 2010, p.97).

---

diagnóstico da situação da escolaridade básica paulista, visando orientar os gestores do ensino no monitoramento das políticas voltadas para a melhoria da qualidade educacional. (Http://www.educacao.sp.gov.br/saresp).

Com acontecimentos como esse acima, o tempo marcado para tudo, não tem sentido, pois o único tempo para ser pensado é o tempo da vida.

"Prô a gente fica muiiito tempo aqui na escola"! (Galeria dos Famosos)

10/11/11

Em 2011 passamos a ficar na escola por um longo período de 06 horas aulas, ou seja, 05 horas relógio um tempo longo demais, para os pequenos que ainda tem 06 e 07 anos e tem o tempo diferente da escola.

Nos primeiros dias as queixas eram constantes, nem bem entravamos um perguntava:

- Já é hora de ir embora? A sua infelicidade era nítida quando eu respondia:

- Não, agora são só 8:30 acabamos de entrar, ainda tem muito tempo para gente ficar aqui.

Mas o tempo passou e começamos a driblar esse infeliz que nos castigava e nos dava noção de ser mais forte.

De repente ouvia alguém falando:

- Nossa, mas já é hora de ir embora, nem deu tempo de fazer nada.

E assim a gente ia, estudando, rindo, brincando, tentando driblar o tempo que às vezes era longo e muitas vezes curto demais, algumas vezes perdíamos totalmente a noção dele.

Em agosto já sabíamos como lidar com o tempo, ele já não era nem curto, nem longo, era ideal para o nosso tempo na escola, não fazíamos muito, também não fazíamos pouco, fazíamos o que o nosso tempo pedido e combinado permitia.

Isso trouxe para os pequenos uma sensação de alívio, conforto e segurança, parecia que o tempo estava em nossas mãos e trabalhava a nosso favor e eu estava feliz com o crescimento e energia da turma.

Em setembro ele volta mais vilão que nunca, a equipe gestora resolve colocar um relógio em cada sala de aula para que os alunos pudessem controlar seu tempo de intervalo, de ir embora e de fazer a lição.

Notei que a segurança e a satisfação desapareceram da sala, as reclamações voltaram, as lições e brincadeiras perderam o tempo certo entre elas, em conversas com a turma não descobri o que aconteceu, diziam apenas que estavam cansados, também não haviam percebido que o vilão tempo tinha se apoderado de seus desejos e planos.

Até que já no finalzinho do mês estávamos a professora de Educação Especial e eu na sala conversando sobre a mudança radical e repentina da turma quando ouvimos o grito nervoso de Skywalker:

- Que droga o relógio tá andando rápido demais e não vou ter tempo de brincar de novo!

- Prô a gente fica muiiito tempo aqui na escola! Olha só, o ponteiro pequeno já passou por todos esses números e ainda falta o 11 e o 12 e quase chegar no 1 de novo. Falas da Dona do mundo.

- Por que o ponteiro anda tão devagar? Eu só fico olhando ele e ele demora pra passar. Gus Van Sans.

Só então me dei conta de que eles haviam aprendido realmente há controlar seu tempo como havia pedido a Orientadora Pedagógica e eu havia ensinado isso, mas nunca pensei que fossem levar ao pé da letra tal ensinamento.

Combinei com eles que a partir daquele dia o Sr. Tempo ia ficar dentro do armário e que nós voltaríamos a usar o nosso tempo do nosso jeito, cada um dentro do seu tempo.

E a paz voltou a reinar.

Como é feita a seriação do tempo e do espaço para a criança, quer fazer crer que ela sai da Educação Infantil criança e chega adulta na escola do Ensino Fundamental. Não acontece nenhum milagre, nesses dois meses de férias entre uma escola e outra. A criança continua criança e talvez precise de mais atenção que antes, uma vez que os compromissos dela serão outros; a partir desse momento ela estará sendo preparada para o mercado de trabalho sem saber, a escola já pensa em seu futuro, para a escola ela é “um vir a ser”, esquecendo o seu presente. E também não quer saber a sua opinião. O futuro precisa de uma base sólida e essa base só é construída quando respeitamos o presente de cada aluno.

Antes de aprender a ler e a escrever, a criança precisa se encontrar na escola, entender como funciona aquele espaço, porque o que era permitido antes, agora não é mais. Se adaptar à nova vida antes de “ser” obrigada a seguir as regras de: levantar, sentar, brincar, ir ao banheiro; nós professores precisamos pensar que os tempos são diferentes na Educação Infantil e no

Ensino Fundamental. No Ensino Fundamental o professor trabalha com a noção de tempo capitalista, "Na sociedade capitalista madura, todo o tempo deve ser consumido, negociado, utilizado; é uma ofensa que a força de trabalho meramente "passe o tempo". (THOMPSON, 2005).

A minha proposta é a desconstrução e ao mesmo tempo a ampliação do espaço e do tempo na escola, no mesmo espaço e no horário da aula, um local privilegiado e pensado para a infância. Essa tem sido a minha busca constante para que a criança encontre na escola um ambiente propício que leve a desenvolver com segurança as 100 linguagens[37] da criança e que essa linguagem venha ser facilitadora no processo de aquisição da língua escrita.

Essa ampliação é construída com brinquedos e jogos trazidos pelas próprias crianças da sua casa, alguns trazidos por mim ou ainda comprados pela escola; as últimas aquisições para essa ampliação foram uma rede que foi colocada estrategicamente no parque da escola para que todos possam fazer leitura do céu e uma barraca, para se esconderem, dormirem e lerem seus livros em silêncio e concentração, máquinas de escrever e retroprojetor. A sala ganhou espaços dentro do mesmo espaço. Espaços onde elas aprendem umas com as outras brincando. Walter Benjamin escreveu sobre uma exposição de brinquedos em Berlim:

> Ela não reúne apenas brinquedos no sentido estrito do termo, mas também muita coisa que estaria no limiar desse campo. Pois em que outros lugares poderiam juntar-se jogos de salão tão bonitos, também blocos de construção, pirâmides natalinas, câmaras ópticas, para não mencionar ainda livros, material ilustrado e lâminas para aula visual? (BENJAMIN, 2002, p.81)

Um espaço de transição entre a Ed. Infantil e o Ensino Fundamental tem que reunir em seu espaço, junto com o alfabeto, todo material possível para desenvolver ainda mais a curiosidade das crianças, estimular as questões e o espanto.

[37] Em As Cem Linguagens da Criança, livro que narra as experiências da educação na primeira infância em Reggio Emilia.

Tudo o que é feito no espaço escolar é aula que acontece em tempos distintos, existe um tempo onde ficamos todos juntos fazendo a mesma atividade, uma produção de texto, uma conversa sobre alguma descoberta, a leitura de um livro.

Nesse tempo de encontro, nos entregamos totalmente ao grupo e as propostas ali feitas; após a conclusão dessa primeira etapa, que dura mais ou menos duas horas, algumas crianças se dirigem a um dos muitos espaços da aula, em grupos, e é a partir daí e em grupo que as crianças trocam os saberes que elas trazem de casa e os aprendidos na escola que retornam para mim em forma de questões.

Em agosto de 2014, depois do início da aula, um grupo de crianças foi para a rede com lousas, papéis e canetinhas; às vezes eu escutava algumas palavras “entenderam”, “presta atenção”, passado um tempo da aula, Nic entrou eufórica e me falou[38]:

> - Robô a professora lá de fora é melhor que você, veja o que ela me ensinou. Esse número aqui é 120 né?
>
> - É sim! – Respondi sem entender a questão.
>
> - E se eu fizer isso aqui D/U, eu posso colocar o 1 na frente do 2 e o C na frente do D, assim C/D/U e fazer a conta 120 + 120 = 240?
>
> - Pode sim, está certinho! – Toda feliz ela respondeu:
>
> - Tá vendo ela ensinou a gente fazer conta de centena e você ainda não!

[38] Registro de uma conversa entre a aluno Nic e eu.

Brincar

A brincadeira começou em 1994, quando eu lecionava para uma turma de 2ª série, em uma escola da periferia de Campinas. Na sala havia aqueles armários construídos no chão, em cima eu colocava os livros da biblioteca de sala, alguns alunos subiam no armário e lá ficavam sentados ou deitados entre uma leitura e outra. Algumas vezes a diretora entrava na sala de repente, era uma bronca geral, porque apesar de estarem compenetrados em suas leituras estavam fora do lugar, ou em um lugar perigoso.

Um dia, um desses alunos me perguntou se poderia brincar com seu carrinho no canto da sala sem fazer barulho, eu autorizei e a partir desse dia o brincar passou a ser parte da aula.

Uma vez que compreendi a importância do lúdico na infância, valorizei o brincar na escola como lugar e espaço da infância e da sua cultura. Brincar não apenas no recreio, num determinado tempo, brincar também na aula, viver experiências diferentes com amigos a partir do brincar. De brincadeiras conhecidas, ou não, com brinquedos conhecidos ou não, a brincadeira e o brinquedo como meio de autoconhecimento e conhecimento do outro. Para Quinteiro a brincadeira produz possibilidades outras:

> Em outras palavras, a criança que brinca aprende sobre si mesma, sobre o meio social no qual está inserida e também sobre as outas crianças com quem tem contato. Desse modo poderá compreender a sua realidade e, por meio desse conhecimento, poderá transformá-la. (QUINTEIRO, 2007, p 191).

Sempre que dialogo com meus alunos sobre a Terra e Sedna, observo como revelam conhecimentos e histórias que a escola desconhece e também aprendem de maneira agradável.

Passados 21 anos desse tempo, fui me aprofundando na compreensão da importância do brincar para as crianças que entram na escola a cada ano mais novas. Não existe uma ação diferenciada entre o pensar e o fazer enquanto

brincam. Apenas na escola existe separação entre o pensar e o fazer, na escola essas crianças precisam apenas obedecer. Abramowicz e o tempo na escola:

> Obedecer o espaço, o tempo da norma e a própria ordem. Esperar o tempo de começar. Espera que traz como aprendizagem o disciplinamento das próprias forças e vontade. Para iniciar o trabalho, é preciso mais que a obediência, é necessário o desejo da obediência. Dessa forma constrói-se uma certa subjetividade de aprendiz necessária a essa escola. Fazer das leis, normas, é uma das condições de êxito da escola. (ABRAMOWICZ, 2001, p. 31).

A partir de 2007 os espaços da minha sala foram sendo ampliados a cada ano. Não são apenas espaços para brincar, são espaços para convivência, onde as crianças trocam ideias, leem livros e dialogam. Alguns duram apenas um dia, no dia seguinte outro projeto ganha vida naquele espaço. Essa forma de valorizar os espaços da aula, tornando a sala um verdadeiro ambiente educador vai ao encontro das ideias de Malaguzzi[39] presente no livro de Edwards, Gandini e Forman:

> A fim de agir como um educador para a criança, o ambiente precisa ser flexível; deve passar por modificações frequentes pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível às suas necessidades de serem protagonistas na construção de seu conhecimento. Tudo o que cerca a pessoa na escola e o que usam – os objetos, os materiais e as estruturas – não são vistos como elementos cognitivos passivos, mas pelo contrário, como elementos que condicionam e são condicionados pelas ações dos indivíduos que agem nela. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p.157)

Atualmente a minha sala é um ambiente educativo, possui os encantos da Educação Infantil e as necessidades do Ensino Fundamental. O que acontece em um ambiente onde a criança tem acesso a tantas informações e liberdade para produzir o encontro.

---

[39] Intelectual, professor de italiano. Interessou-se peça construção de uma nova escola logo após a Segunda Guerra Mundial.

Aqui tem tanto S com som de Z!

21/08/14

Ontem depois de uma atividade pesada de matemática, do tempo no parque, do tapete com gibis e livros terminei a tarde com uma atividade fácil, pedi que formassem frases a partir de algumas palavras.
Bre um menino esperto, começou a primeira, coçou a cabeça, depois o nariz e por fim me perguntou:

- Robô como escreve "gois"? - Olhei e balancei a cabeça, para que ele entendesse que eu não havia entendido, perguntando em seguida:
- O que você quer escrever? - Rapidamente respondeu "goistosa"!- Dei um sorriso e falei para ele que não era "goistosa" e sim gostosa, igual gosto que ele já sabia escrever e perguntei:
- O que você escreveu? - Ele respondeu rindo:
- A cama é gostosa! - Falei para ele que gostosa era a comida, que a cama era outra coisa e ele falou:
- Não! A comida é saborosa!!!
Perguntei se ele gostava de dormir, balançou a cabeça afirmativamente rindo muito. E tantas foram as frases boas sobre a cama que hoje resolvi dar continuidade no assunto, acho que é o frio.
Pedi que fizessem um texto "A minha cama". Ele sentou- se com uma expressão alegre e após um tempo levantou e falou me mostrando a folha:
- Nossa aqui tem tanto S com som de Z que nem sei!!! – No dia anterior ele havia me deixado um pouquinho maluca com essa história de S com som de Z, na realidade tentava também entender a gramática.

Essa turma a partir do 2º semestre assumiu a ideia de "escolinha", brincavam muito de escolinha e em todas as aulas de Português, eu ouvia de

longe questões sobre a problematização dos sons e grafias. Uma dúvida que vinha desde o início do ano, quando descobriram a grafia e o fonema da palavra casa, o H sem som, do nome Hugo, a dificuldade na pronúncia do nome do amigo Guerino (GU E ou GUE) e muitas outras descobertas.

Brincavam com a realidade da vida que viviam, relacionamento dos pais, as vezes ou ouvia pequenas discussões e quando chegava para entender o que se passava diziam que estavam brincando, toda família tinha um cachorro ou gato de estimação que era vivido por qualquer aluno que quisesse.

O mercado, o ônibus, a escola, a vida virava brincadeira e através dessas eles iam elaborando e organizando dúvidas dentro deles que muitas vezes viravam longas conversas comigo.

Espaço/Tempo

Como professora nunca almejei que minha sala fosse a melhor, ou a mais quieta e menos ainda que fosse elogiada por seu desempenho em provas e avaliações do governo. Visava apenas que fossem felizes. Penso que temos que buscar a felicidade em qualquer lugar, em casa, na escola ou na rua.

Em 2007, após afastamento de quatro anos, trabalhando na Secretaria Municipal de Educação de Campinas, retorno para uma nova escola. Nessa nova escola nada era permitido às crianças, o ECA não passava de apenas um “eca, direitos de quem?” Mais que depressa pensei no meu propósito, a felicidade.

Por conta dessa busca pela felicidade, nós íamos “construindo” espaços, onde acreditávamos ser possível ficar feliz por um motivo ou outro, na escola onde nada era permitido. Havia uma pequena biblioteca de sala, que ficava no fundo; todos os dias eles e eu juntávamos cinco carteiras da fileira do fundo e em cima delas os livros e gibis que a gente tinha e sempre após a organização alguém já havia arrumado um livro para ler. Muitas vezes o mesmo livro era lido mais que uma vez, cito como exemplo o livro “Ivan, Divan e Zariman”[40] de Marta

[40] Editora: Melhoramentos. 1980.

Koci. Um dia todos eram Ivan, no outro Divan e havia brigas para ser Zariman e dessa história apareciam outras. Um resumo dessa linda história que com certeza eu sempre adorei, e não tive como não passar para os meus alunos esta paixão. Um resumo do livro que já despertava paixões:

> Ivan, Divan e Zariman[41]
>
> Ivan é um garoto que adora passar horas e horas no sótão com seus amigos, Divan (Sofá Velho) e Zariman (Ratinho) lá ele fica olhando as casas, telhados e chaminés da vizinhança imaginando que ali é o seu castelo. Depois de perder seus amigos, seus pais jogam fora tudo o que havia no sótão, ele passa por aventuras e sustos, mas só consegue encontrar um dos seus amigos o ratinho Zariman. Os dois voltam para casa sentindo saudade e recordando as aventuras com Divan.

Hoje penso que essa história era muito lida e todos queriam ser uma das personagens por dois motivos: na imaginação e nas brincadeiras de Ivan quando estava com Divan e Zariman, as crianças certamente se reconheceram nas mesmas viagens; se encantaram com Zariman que era um animal de estimação, todas as crianças nessa idade adoram ter animais de estimação como amigos. Zariman era amado e cuidado demais por Ivan, numa época onde as crianças passam muito tempo longe dos pais.

Transcrevo de memória trechos de uma das muitas histórias saídas da leitura desse livro. Nunca trabalhei com reescritas de contos ou livros, porém esse livro desenvolveu nas crianças a vontade de relatar suas aventuras com seus animais de estimação. Lembro bem do aluno cujo pai tinha uma oficina e ele dividia suas tardes entre a casa e a oficina, lugares para brincar e imaginar ele tinha aos montes, sempre tinha uma aventura para contar para turma.

[41] Resumo presente na capa do livro.

Meu cachorro

Quando eu era pequeno ganhei da minha mãe um cachorro da raça..., um dia quando ele cresceu levei ele na oficina do meu pai, para brincar dentro de um carro velho.

Um dia aconteceu... e ele mordeu um dos moços que trabalhava com meu pai e meu pai fez igual os pais do Ivan, deu meu cachorro embora.

Mais que uma história, Ivan, Divan e Zariman são relatos da memória de uma criança, memória de um passado não seu, todos os móveis do sótão da casa eram antigos e era disso que Ivan gostava. As histórias produzidas pelos alunos, orais ou escritas também falavam de uma infância que eles imaginavam distante, todas elas começavam com "quando eu era criança...". E eles tinham apenas nove anos!

Os gibis, mais que felicidade, traziam para a sala a sensação de aventura, era proibida pela direção da escola a presença deles na Biblioteca Geral; nessa e muitas escolas os gibis tem fama de deixar as crianças preguiçosas para leitura. Um grupo de professores acreditava que se os alunos encontrassem gibis na biblioteca, não retirariam os livros, apenas os gibis e isso não despertaria o gosto deles pela leitura ou eles não se tornariam leitores. Depois de muitos debates sobre isso, os gibis foram proibidos na biblioteca.

Foram doados para minha sala onde tudo era permitido, ou melhor, as crianças diziam "Sedna é o limite". Embora não estivessem coladas na parede, as regras existiam na consciência coletiva. Na minha infância li pilhas de gibis e simplesmente fui passando de fase, tenho certeza que a leitura deles ampliou meu gosto por diversos tipos de literatura e influenciou meu universo de fantasia, nunca tive problemas com produções de texto na escola.

Havia um espaço para os jogos (Cai não Cai, Dama, Dominó, Jogo da Memória, Quebra-Cabeça e Blocos Lógicos).[42] Na realidade eles ficavam empilhados no canto, mas adquiriam vida própria toda vez que alguma criança fosse brincar. Algumas vezes estavam embaixo da mesa, perto da lousa, na

[42] Esses jogos fazem parte da organização do espaço tempo escolar, apesar de serem utilizados para brincar.

porta, no corredor do meio, no fundo da sala. Cada grupo de criança ficava onde gostasse mais. Essa organização mudava a organização do espaço da sala, uma vez que aquele espaço com carteiras, uma atrás da outra, não existia, era mudado constantemente.

Outro espaço importante e procurado era onde se achavam palavras cruzadas, quebra cabeça de papel elaborado com imagens recortadas de revistas para essa finalidade e as histórias em quadrinhos sem texto. Eu recortava do jornal HQs e tirava de cada uma a fala das personagens e deixava que cada criança completasse as histórias do jeito deles também.

Outro fato importante: não existia uma ordem ou sequência para brincar, brincavam onde quisessem, trocavam de repente de lugar, brincavam ao mesmo tempo com dois brinquedos, o mais interessante disso não era apenas o brincar, era como organizavam o tempo, as regras dos jogos tiradas por eles na hora do brincar e o momento de ir brincar. Um dia perguntei para a Pirata Idislaidi:

- Você ficou só um pouco nos blocos lógicos por que está difícil? – Ela respondeu:

- Não, Prô o tempo que me encheu já, não foi pouco não. – Como a resposta foi tão segura e direta, não toquei mais no assunto e comecei a entender que o tempo enchia cada criança no tempo certo.

As regras que vinham escritas eram lidas e algumas vezes mudadas de acordo com o interesse ou a brincadeira, muitas vezes um jogo era utilizado para outra brincadeira. As que eram criadas para os jogos, na realidade faziam uma junção de todas as regras por eles conhecidas e debatidas exaustivamente e depois votadas.

Não existia uma divisão entre o brincar e o aprender, “assim o brincar é enfatizado como a (talvez a única que resta) ação humana que não separa o pensar do fazer, sem separar a cabeça do corpo”. (Faria, 2007). Da mesma maneira que na organização da biblio[43] da sala, saía o livro para leitura e partir desse livro, registros de textos orais ou escritos. Das brincadeiras saiam dúvidas e histórias que de alguma maneira se entrelaçavam e todos participavam; essas

[43] As crianças chamavam assim a biblioteca.

dúvidas e histórias eram transformadas em conteúdo e registrados no caderno de cada criança, com maior ou menor sistematização, dependendo do debate que a brincadeira proporcionava.

Uns lançavam as dúvidas e questionamentos diretamente do lugar onde estavam já com o caderno e o lápis nas mãos, outros participavam e depois de terminado o debate, registravam e levavam suas dúvidas para conversar comigo ou em pequenos grupos e outros necessitavam de uma parada no brincar, sentavam-se no seu lugar e precisavam acompanhar a sistematização na lousa num pequeno passo a passo. Muitas vezes se organizavam em grupos também, onde era possível para alguns sanarem suas dúvidas.

Essa maneira de trabalhar com as crianças me rendia muita bronca, em uma escola onde tudo era proibido. A diretora vivia me cobrando as regras de convivência que deveriam estar fixadas na parede, mesmo entendendo que nas salas onde elas existiam os problemas de comportamento eram enormes. Outra cobrança era sobre o mapa da sala, ou seja, onde cada criança deveria se sentar, talvez querendo me transformar em um dos professores de Ivan Illich:

> O professor-guardião atua como mestre de cerimônias que dirige seus alunos através de um ritual labirinticamente traçado. É árbitro das observâncias das normas e ministra as intrincadas rubricas de iniciação à vida. No melhor dos casos, coloca as normas para a aquisição de algumas habilidades, à semelhança daquela que os professores sempre possuem. Sem pretensões de conduzir a uma aprendizagem profunda, treina seus alunos em algumas rotinas básicas. (ILLICH, 1979, p.65).

Segundo a diretora, a professora tinha o dever e o poder de estipular onde cada um deveria sentar-se. Nunca fiz nenhum dos dois, as regras eram tiradas diariamente dos jogos e brincadeiras estipuladas por eles, sentavam-se onde bem entendessem, no chão, com a carteira virada de lado, para trás, com o amigo, em grupo, sozinho. Até hoje não consigo fazer isso. Me parece controle e todo controle é alguma coisa com que não sei lidar. Claro que sempre orientei todos eles a procurarem um lugar melhor para darem conta da programação e cuidar do corpo, não se sentando no chão, deixando a carteira de uma maneira

que fosse possível acompanhar a lousa e o debate da turma. Mas nunca consegui ser um professor guardião.

Sempre procurei organizar a sala de aula descontruindo a lógica de cabeça olhando para cabeça. Fazia e faço propostas de trabalharmos em círculos, L, U ou em pequenos grupos.

E depois que acostumavam- se ao ambiente cada aluno sentava-se onde entendia, entendendo que o espaço maior era a sala e que esse espaço podia ser ocupado por eles da maneira que quisessem.

A Turma de Autores de 2014 foi a única a querer desde o primeiro momento de aula, a montagem tradicional da sala com a fala de um aluno:

- Professora a gente vai sentar igual aquela turma da outra sala quando? Eu já sai da Educação Infantil, não quero sentar em grupos.

Atendi ao pedido do grupo que fez coro a fala do pequeno, passado quinze dias, estavam todos organizando a sua maneira, ou melhor, lugar para sentar, em grupos, sozinho, duplas, mas longe de sentar um trás do outro.

A Turma dos Piratas – 2007 – 2º ano Ensino Fundamental

A turma dos Piratas ganhou esse nome por conta de um livro chamado “Pirata de Palavras” de Jussara Freire. Conta a história de Heitor, um menino que gostava de procurar palavras e guardá-las. Quando esse livro apareceu em nossas mãos, a paixão pela pirataria foi imensa. Gostaram da história e resolveram ser piratas.

Assistimos toda a trilogia “Os Piratas do Caribe”, desse filme saiu metade dos nomes que eles escolheram para usarem como piratas. Essa turma se encantou com “as viagens” que fazíamos na Revista Terra, procurando lugares para ancorar nosso navio e procurar palavras e histórias para o nosso Baú de Tesouros.

Deixaram para todos os alunos da escola, a identificação com alguma coisa que desse significado para eles, não tiveram o Jardim Japonês, mas tiveram a biblioteca de sala, jogos e brinquedos. A importância de “ser pirata” em uma época que esse assunto era duplamente comentado por conta do filme e também por conta da pirataria que se organizava no país em torno de DVDs e CDs.

Estudamos e pesquisamos muito sobre isso e perceberam que vender CDs ou DVDs pirata era uma maneira de se ganhar dinheiro; não avancei com eles algumas questões sobre mercado informal e formal de trabalho, fui até onde foi possível, algumas crianças entenderem o trabalho dos pais e viram que naquele caso ser pirata era uma coisa boa.

Essa turma gostava de histórias, de contar e ouvir, gostava de músicas, muitas vezes levei o rádio para a aula e conversamos sobre as músicas. Apresentei a todos o rock & roll, escutei muitas músicas sertanejas, gospel, infantis, tudo isso deixou de existir após o filme e o livro.

Transformar a Revista Terra em possíveis ilhas para explorar, conhecer lugares e encontrar possíveis tesouros - essa foi a maior paixão deles. Até mapas de piratas a gente chegou a desenhar.

As crianças escolhiam uma revista, escolhiam em grupos, duplas ou individualmente um lugar para procurar tesouros. Tinham que ler e registrar algumas coisas interessantes, recortar algumas fotos legais e algumas palavras para o soletrando. Era a nossa caça ao tesouro, alguns faziam mapas ao invés de escreverem informações e escondiam as revistas.

O que aprendemos nós nessa viagem Piratas e Prô Robô. No final do ano após uma avaliação rápida percebemos que o tempo passou rápido demais, no início do ano pensamos que 200 dias letivos nunca terminariam e de repente tristes percebemos que deles nos restavam apenas 10 ou 12 e havia tanta coisa ainda a ser feita e pesquisada.

Eu sendo professora percebi o amadurecimento da turma que não só aprendeu brincando, aprenderam a selecionar, classificar e o mais importante a compreender um texto e não separadamente. Aprendemos todos eles e eu a interdisciplinaridade. Enquanto buscavam na Revista Terra seus tesouros,

faziam uma leitura minuciosa do que poderia ser tesouro ou não, trabalhavam com a geografia, a história e matemática ao mesmo tempo.

Uns trabalhavam com os textos, outros com imagens de animais, pedras preciosas, rios, tudo através das paisagens da revista, tudo era anotado da maneira escolhida por eles, no final da semana era apresentado para o grupo e nesse momento eu percebia que não era preciso um livro didático padronizado para que o aluno entenda cada disciplina, as questões postas e levantadas por cada Pirata me mostravam como cada um aprendeu.

Trabalhar com a revista em busca de tesouros era o que a turma mais gostava e trazia diferentes tipos de produção e construção coletiva de conhecimento. Não tínhamos um dia certo para trabalhar com a revista, sempre havia um dia em que a maioria sugeria já na fila, que queria ir a busca de tesouros.

Turma dos Heróis e Piratas – 2008 – 2º ano Ensino Fundamental

Essa deu-se esses nomes por conta da paixão que tinham por Heróis e TV. Fiz muitas pipocas sobre essa paixão. Depois viraram Piratas porque era um sonho de todo aluno, ir para minha sala brincar de ser Pirata, tamanha propaganda feita pelos primeiros Piratas.

Após dois anos organizando espaços possíveis de ampliação de tempo espaço, a turma de Heróis e Piratas foi a que recebeu o maior presente: o Jardim Japonês chegou em 2008, nesse turbilhão de espaços da aula. Tenho duas irmãs e uma cunhada professoras, quando nos juntamos em casa é impossível não falar sobre a escola, as crianças ou alguma atividade que achamos interessante e sempre uma acabava dando uma ideia para a outra e em uma dessas conversas, a minha irmã Vilma de Lourdes Campos me contou sobre o Jardim Japonês que ela havia feito com os pequenos dela e de como eles haviam gostado. Explicou-me algumas coisas sobre ele, na realidade era uma adaptação dos Jardins Zens japoneses disponíveis em lojas que vendem

produtos para relaxamento. Antes de fazer com eles fui estudar um pouco sobre o jardim do Japão.

O jardim Zen[44] tem essa denominação principalmente pelo fato de buscar, em sua concepção, a transcendência do próprio design. Principalmente após o século XIII, surgiram vários Monges budistas (chamados de Ishi Tate So) engajados também na construção de jardins contemplativos em mosteiros e templos, com Muso Hokusai, o criador do famoso jardim de Tenryuji, em Kyoto, podendo ser considerado um dos principais expoentes.

Um convite à contemplação, o jardim japonês[45] (também chamado de jardim zen) transmite paz e espiritualidade. Embora o nome nos induza a imaginar que foi criado no Japão, na verdade ele foi inventado por monges chineses, em algum momento entre os séculos 7 e 10. O objetivo era representar a dinâmica da natureza, para contemplação. Foi de lá que os zen-budistas japoneses importaram a ideia e começaram a construir os seus em seus templos. Uma das suas grandes vantagens é que não precisa de muito espaço para criar um – pode ser no exterior da sua casa ou até no interior – o mais importante não é o seu tamanho, mas sim os elementos que o compõem. A areia e os pedriscos representam o mar. As pedras são rochas e ilhas. Portanto, os círculos ao redor das pedras seriam como ondas, que batem na rocha e voltam. Paisagens com poucos elementos e cores confortam a mente. Diante de tão pouca informação, o pensamento para de saltar de um assunto para o outro, como ocorre no dia-a-dia.

Na semana seguinte fui atrás do material que era necessário: areia de aquário e uma forma de pizza. Comprei duas cores de areia, amarela e vermelha e levei de casa as duas formas de pizza que tinha.

Alguns elementos são comuns no jardim japonês, entre eles podemos citar[46]:
O Sakura ou cerejeira ornamental, que é conhecido como a flor da Felicidade e assume um lugar importante na cultura japonesa.
As lanternas de pedra, que induzem à concentração, ajudando a clarear a mente, adicionando o místico, a tradição e a espiritualidade. Os pontos de luz devem ser estrategicamente distribuídos para não ofuscarem a visão.
O lago e as carpas: água é vida, daí a importância do lago. Nele, vivem as carpas, símbolo de fertilidade e prosperidade.
Taiko Bashi ou ponte: Uma ponte ou um caminho dentro de um jardim, representa uma

[44]www.casachinaonline.com.br
[45]http://www.amearquitetura.com/
[46] http://quintaldicasa.blogspot.com.br/

evolução para um nível superior em termos de amadurecimento, engrandecimento e autoconhecimento.
As pedras das cascatas: o centro do jardim. A pedra colocada na posição vertical representa a figura do pai, e a da horizontal, a mãe, dela, brota a água. As outras pedras, simbolizando os descendentes, são distribuídas em torno do lago e entremeadas pela vegetação. O bambu e os adornos: os galhos do bambu são amarrados, direcionando o crescimento para que a planta se curve para o lago, como em reverência. O sino de vento e os macacos de cerâmica, fixados na planta, trazem o som da natureza e a felicidade.

Não podia simplesmente apresentar para as crianças, tinha que haver encantamento, cada trabalho com aquela turma era feito com encantamento e conquista, uma tarefa difícil.

Então primeiro conversei com eles sobre as praças existentes no bairro, para que serviam e sobre as belezas delas, se eles e as famílias utilizavam a praça. Depois contei sobre o Japão e suas praças. Mostrei no mapa e no globo o Japão, falei sobre alguns desenhos japoneses de que eles gostavam.

O assunto demorou muito, cada um tinha uma história engraçada para contar sobre as praças, cada dia um trazia uma informação diferente, eram muitos os desenhos, famosos animês[47] de que eles gostavam (Jaspion, Naruto Shippuuden, Pokémon, Saki). Eram muitos brinquedos feitos a partir de cada desenho e depois concluímos que o Japão era longe demais para a gente ir até as praças deles que eram bonitas e que não tinham o nome de praças, mas sim de Jardim Japonês.

No quadro abaixo registro trechos de conversas com eles sobre as praças, registros de memória. Na realidade essas três praças eram famosas por conta do que foi dito pelas crianças. Era uma fala da comunidade e da escola.

[47] Anime. É qualquer animação ou desenho produzido com características especificas do próprio, como olhos grandes e traço simplificado. Anime é uma animação originalmente do Japão, mas não restrita somente na região. A palavra *anime* tem significados diferentes para os japoneses e para os ocidentais. Para os japoneses, anime é tudo o que seja animação, seja ele estrangeiro ou nacional. Para os ocidentais, a palavra se refere aos desenhos animados vindos do Japão.
.

- Prô você sabe a Praça do Formigueiro?

– Não sei, onde é?

- Depois da ponte, lá não tem formiga, só tem cupim!

- Prô na Praça do Santa Odila, não tem graça brincar, não tem balança, nem escorregador, nem nada, só as "policia"!

- Prô sabe essa praça em frente à escola? – Não sei. Em frente à escola tem praça? – Ahhhh ta bom, em frente à farmácia então, vem um sábado aqui, eu e minha mãe a gente fica em frente ao bar do Dema dançando, todo fim de semana tem baile.

- Na praça da minha rua falta banco e água!

- Na praça perto da minha casa, não tem nenhum brinquedo!

- Na praça lá onde eu moro, fica um monte de bandido fumando crack e droga, meu pai não deixa eu ir lá!

Contei para eles qual era a importância do Jardim Japonês para os japoneses, um jardim que tinha a função de acalmar e relaxar. Segundo Shunmyo Masuno[48] .

1. Vazios: Um jardim japonês é desenhado com serena atenção ao equilíbrio e à proporção. Uma enorme importância é dada não somente para a forma dos elementos colocados nele, mas também para seus efeitos no espaço ao redor e no ambiente como um todo. Com frequência, um jardim japonês tem espaços vazios, partes destituídas de qualquer coisa. Tais vazios são extremamente importantes; o designer os usa para comunicar o que quer dizer. Eles são uma manifestação do espírito do designer.

2. Auto expressão: Os jardins japoneses exigem mais que mero design atraente. Preenchidos com espiritualidade, são considerados expressões palpáveis do interior do designer do jardim. Há dois aspectos para essa auto expressão: a expressão da individualidade e da história pessoal de alguém e a expressão do sentimento de "seja bem-vindo" para os convidados de um jardim.

3. União: Todos os componentes de um jardim japonês - sejam pedras, árvores ou

[48] http://www.amazon.com/Zen-Gardens-Complete-Shunmyo-Designer

arbustos – são escolhidos para complementar um ao outro e a cada um é assinalada uma posição que irá destacar suas melhores características, próprias e dos outros componentes. Não há hierarquia. O mesmo ocorre com a relação entre as construções e o jardim, e também entre as pessoas e o jardim. As construções são consideradas partes do jardim e da mesma maneira, também os seres humanos são vistos como parte integrante da natureza e do jardim. O jardim surge de uma relação simbiótica, na qual tudo serve para exteriorizar o melhor de cada um.

4. Impermanência: Ao longo de sua história, os japoneses encontraram beleza no mutável, no transitório. Tudo muda e passa: o tempo, as estações, a luz e a sombra. Até os reflexos sobre a superfície de um lago estão constantemente se alterando. O mesmo se aplica aos humanos, que também desaparecem no devido tempo. O jardim japonês é um lugar para os observadores serem cercados pela natureza e contemplar a impermanência das coisas e o significadodavida.

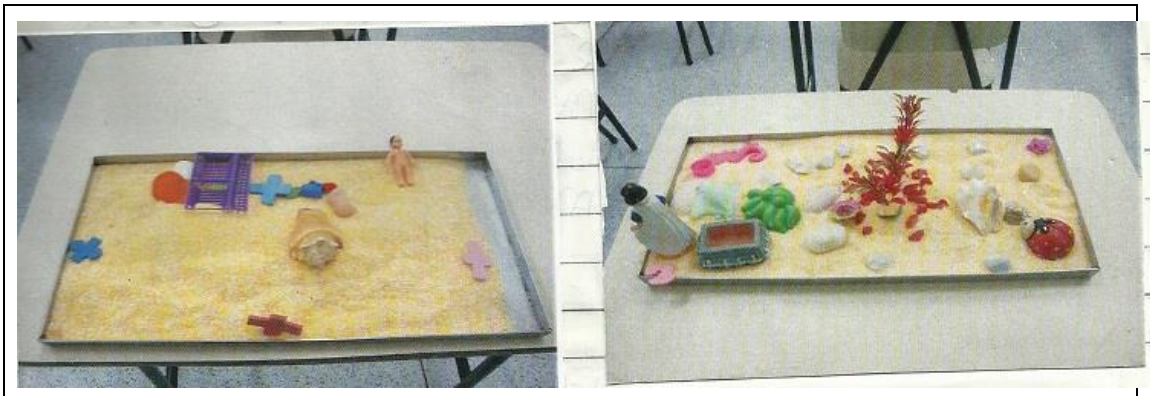
5. Respeito: O zen toma o ponto de vista que não somente as pessoas, mas também plantas, montanhas, rios e rochas são a natureza de Buda (uma pureza inata e indestrutível). Por isso, ao desenhar um jardim é importante prestar atenção meticulosa a cada componente, manipulando-o de modo que respeite a preciosidade de sua vida. Não se deve iniciar a tarefa com a atitude de "fazer" um jardim. Ao invés disso, se deve ser grato pela oportunidade de permitir que cada elemento se expresse.

Quando todos já estavam encantados, falei das miniaturas do Jardim Japonês que eram vendidas, mostrei algumas fotos na internet e perguntei se eles queriam montar um. Falei que eu traria a areia e que a nossa seria colorida e também base e eles trariam os brinquedos para o jardim.

49

[49] Imagem retirada da internet.

Todos aceitaram prontamente a proposta e no dia seguinte todos chegamos com o combinado, em segundos montamos dois grandes jardins, o sorriso nos lábios e o brilho no olho de cada criança, eu traduzi como felicidade, de conquista, de prazer, de calma antecipada. Ninguém havia ainda colocado as mãos na areia, todos só haviam colocado nela e bem devagar um brinquedo da sua coleção, depois descobri que muitos levaram o seu brinquedo preferido, de uma infância distante.



50

Essa montagem do jardim ocorreu no final do 1º Bimestre, em dezembro havia na sala sete jardins de diferentes em cores e tamanhos, um muito pequeno, para ser usado quando alguma criança realmente precisava ficar

[50] Imagens de Jardins Japoneses criados em aula. Fonte: Acervo pessoal da professora.

sozinha por algum tempo. Sinal de preocupação do grupo que me perguntava sempre:

- Prô você já descobriu o problema?

O que começou como uma brincadeira desenfreada de muitas mãos, espalhando areia para todos os lados e pelo chão, foi aos poucos ganhando vida e proposta. Uns queriam montar cidades, outros casas e prédios com praias, outros suas casas e suas ruas e alguns simplesmente queriam mexer e remexer na areia olhando ela escorrer pelas mãos, vendo se ela escorria mais rápido pela direita ou pela esquerda, conceito mais que aprendido por eles depois dessa aquisição, até competição faziam! Enchiam as mãos de areia uns a esquerda e outros a direita e observavam qual grupo ficava com as mãos vazias primeiro.

O jardim japonês chegou como grande novidade num grupo que estava acostumado a brinquedos e brincadeiras onde as regras eram muito claras, nas brincadeiras dirigidas, nas aulas de Educação Física todas as brincadeiras e jogos eram recheados de regras que não cabiam debates, apenas cumprimento.

Em outras salas os jogos permitidos eram Sudoku ou palavra cruzada; esses também tinham suas regras escritas, ou já previamente dadas, nas possíveis dúvidas bastava que lessem as regras ou ainda que rediscutissem.

Uma forma com areia colorida, cheia de coisas, foi o acontecimento dessa turma de heróis, alunos que eram crianças, na escola do Não. Crianças sedentas por vida, brincadeiras sem amarras, já haviam conquistado muita coisa, escolhiam o lugar para sentar, elaboravam as regras através dos jogos, mas a areia sempre foi fascinante para as crianças. Recordo da minha infância, brincando nas areias das muitas casas em construção no meu bairro.

Sete conjuntos de areia altamente coloridas, cheio de pedras também coloridas e de pequenas miniaturas de coisas que eram caras para eles, alguns brinquedos eram da época do nascimento dos dentes, mordedores, ou brinquedos de quando tinham 1 ano de idade. Como lidar com esse novo brinquedo, que não tem escrito em lugar nenhum como funciona e o número de participantes?

Acredito que após o primeiro contato e a euforia causada pela novidade que levou as crianças a jogarem areia no chão, espalharem pela sala, às vezes

uns nos outros, misturarem as diferentes cores, a ideia proposta por Shunmyo Masuno foi incorporada pelas crianças, não que eu falasse sempre com eles sobre isso, a criação dos jardins no Japão foi algo sobre que exaustivamente conversamos, pesquisamos muito na internet, falamos muito sobre ele e sua importância na vida dos japoneses.

Após areias e areias jogadas no chão e de lá para o lixo, brigas e choros por conta de areia nos olhos, vontades diferentes, eles foram acalmando-se e reorganizando a maneira de utilizar e brincar com o jardim, criaram regras de uso, inventaram brincadeiras, exercitaram a liberdade.

As areias ganhavam contornos de ruas, divisão de quartos, de fazendas, praias, organizaram o número de crianças por jardim, no máximo quatro já fazendo multiplicação, se eram sete jardins e vinte e sete alunos, o número era ideal. Viajavam para lua, para outros países pesquisados no mapa, as areias que eram separadas por cores foram misturadas, inventavam brincadeiras e suas regras, porque na realidade o jardim japonês virou um brinquedo e as regras para esse brinquedo tinham que ser feitas na hora pelo inventor da brincadeira.

Muitas vezes fui chamada para separar brigas, ajudar a elaborar regras, explicar ou retomar regras já tiradas; nessas ocasiões, eu dizia que eles tinham que se entender de alguma maneira, pois não era uma brincadeira que vinha com regras que a gente poderia ler e cumprir; as regras eram feitas na hora e eu não tinha tempo para ouvir todos, a toda hora.

Segundo Vygotsky:

> Pode-se ir além, e propor que não existe brinquedo sem regras. A situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento, embora possa não ser um jogo com regras formais estabelecidas a priori... sempre que há uma situação imaginária no brinquedo, há regras – não as regras previamente formuladas e que mudam durante o jogo, mas aquelas que têm sua origem na própria situação imaginária. (VYGOTSKY, 1993, p. 103)

O Jardim Japonês era um brinquedo onde a situação imaginária estava presente constantemente, afinal o que conta nesse brinquedo é a imaginação

que impera. Era necessário lembrar sempre que cada brincadeira nova pedia uma nova regra e que eles sempre podiam criar novas, desde que fosse aceita pelo grupo todo, ou pelo menos pela maioria das crianças que participasse da brincadeira.

Eu só quero brincar de praia!

10/09/2008

Uma das muitas brigas que fui chamada para resolver foi entre dois superamigos que dividiam o jardim cada um com sua brincadeira.

Gui era mais velho e estava organizando uma avenida que seria cortada por um viaduto, ele já tinha os carrinhos e os palitos de sorvete para a construção da ponte. Tudo separado e limpo, a cada passo dado ele relatava para sua secretária Mari registrar, o sonho dele era ser engenheiro e ela só queria ficar ao lado dele.

J.V mais infantil, não tinha grandes sonhos na vida, só a diversão, imaginou-se dono de uma moto na praia e passou pelo jardim jogando areia para todos os lados, inclusive no espaço limpo para a construção da ponte.

Começaram a brigar, um jogou o brinquedo do outro no chão, o interessante é que não mexeram na areia, apenas nos brinquedos, Mari me chamou e depois de irem beber água e lavar o rosto conversei com a dupla. Não sei bem se é uma estratégia boa ou não, mas sempre em caso de brigas entre os pequenos mando lavar o rosto e beber água, ganhando tempo pensando em possíveis saídas.

No retorno estavam rindo de um aluno da outra sala que levou um "cata" da diretora e já nem bem sabiam por que brigavam. Mari fez um rápido relato e eu retomei o único combinado com eles:

- O jardim não tem regras, não é um brinquedo vendido nas lojas, a gente tem que criar regras e respeitar. Não posso ficar resolvendo todos os problemas a única solução minha vai ser guardar tudo!

Os três olharam-se sem graça e Gui falou:

- Não Prô, é que só tinha um jardim vazio e a gente dividiu ele no meio, mas o J.V jogou areia na minha parte limpa, ele invadiu o meu espaço e na física, não pode invadir o espaço na queimada. – J.V respondeu bem calmo:

- Eu só quero brincar de praia porque fui "na" praia com meu pai e passou uma motona jogando areia em tudo. É uma motona igual a minha! – Diante do impasse que se deu sobre as areias de praia serem "duras" ou "moles", resolvi levar para o grupo e ver se a maioria das areias era dura ou mole, porque eu era um Robô que nunca foi a praia.

No meio da conversa e da votação ouvimos a frase do Gab:

- Eu nunca fui "na" praia, nem sei como é a areia!

Todos começaram a explicar para ele como era a areia de praia, Gui e J.V acabaram misturando tudo para que ele pudesse entender que as pessoas podiam se enterrar na areia da praia, pegaram o "morto"[51] e assim fizeram.

Os conflitos, brigas por cadeiras, mais espaço no jardim, brinquedos que todos queriam, não tinham duração longa, tudo virava outra brincadeira muito rapidamente, talvez pela dinâmica proposta em aula em relação aos limites dados e também porque quando vinham com grandes questões e brigas eu apresentava tantas dúvidas por ser robô que eles mesmos acabavam entendendo que não precisavam brigar tanto, porque explicar depois para uma Robô era mais difícil que brigar.

Foram chegando mais e mais miniaturas de coisas, os outros brinquedos foram perdendo espaço e o Jardim Japonês virou unanimidade entre as crianças; a partir dele pude notar que organizavam conversas sobre a família, escola e outros lugares que frequentavam. Eram muitos jardins e sentavam-se para brincar e conversar e esse momento era o único momento de silêncio da sala, eu aproveitava e andava entre eles ouvindo suas conversas, pai e mãe eram as palavras mais ouvidas.

As conversas comigo que eram feitas no chão, continuaram no chão, mas o Jardim Japonês estava presente, não importava se a conversa fosse sobre dúvidas sobre o uso dele, sobre matemática, as muitas proibições da direção, problemas familiares, ou brigas com amigos. O que importava era falar enquanto a areia escorria pelas mãos, essa ação passou a fazer todo sentido para aquela

[51] Um boneco pequeno e de plástico que apareceu no jardim, ninguém sabia de quem era. Tinha uma mancha vermelha de tinta na cabeça e os pés amassados, recebeu rapidamente o nome de Morto.

turma. Às vezes a conversa demorava porque algumas crianças se calavam enquanto olhavam a areia escorrer devagar pela mão, talvez organizando o pensamento.

No final do ano as crianças doaram tudo o que haviam levado para o Jardim para a outra turma, até seus mais queridos brinquedos.

As conversas realizadas mexendo nas areais dos jardins nos mostravam sempre a importância do diálogo e da escuta, da necessidade de pensar em cada palavra antes de falar. Só foram possíveis devido a calma que todos estavam entregues.

Quando todos estavam acostumados com a presença do jardim na sala, não houve mais grandes brigas ou discussões acaloradas em grandes momentos de tensão. Aprendemos a ouvir uns aos outros, mesmo discordando, aceitar o acontecimento do fato.

Turma de Piratas e Países 2009/10 – 2º e 3º anos Ensino Fundamental

Essa turma começou o 2º ano comigo e no final do ano, fiz a escolha de continuidade de turma para o 3º ano. Piratas pelo mesmo motivo de todos: a propaganda dos primeiros piratas. Essa turma abusou mais do nome que qualquer outra. Transgrediam muito todas as regras e entenderam que essa era uma marca dos Piratas. Em 2010 por conta da Copa do Mundo, coloquei um mapa na sala que além de reforçar a Pirataria, conhecendo os oceanos e mares, deu para cada aluno a chance de “conhecer” e se encantar com um país e reclamar seu nome. Em 2010 era uma constante mudança de País para Pirata e vice-versa.

No ano de 2009 não foi diferente, a turma já conhecia o Jardim Japonês e sua utilização terapêutica, porque enquanto olhavam areia colorida escorrer pelas mãos, sorriam e depois riam muito e com certeza se acalmavam. Após usar o jardim japonês durante um ano e observar como ele transformava grandes furacões em tranquilas areias, acreditei realmente que ele podia ser utilizado como terapia. As crianças ao mexerem na areia colorida iam enchendo-se de

paz e calma, abaixavam o volume da voz, sorriam ou riam constantemente e abriam-se ao diálogo necessário que as vezes eu tinha que fazer com eles.

O Jardim Japonês começou o ano como o único dono de todos os espaços, em cada espaço vago, tinha um dos jardins. A biblioteca e os outros jogos perderam seu espaço, eram inicialmente montados, mas eram imediatamente desmontados quando não havia espaço para todos os jardins serem usados. Eu sempre ouvia:

- Prô pode juntar todos os livros da biblio e colocar aqui na mesa? – A gente quer sentar lá atrás!

Diferente do que imaginei, as produções de texto não perderam a qualidade, uma vez que a biblioteca de sala era pouco utilizada, os textos ganharam novos aspectos, conseguiram fazer poesias sobre o jardim. Uns liam para os outros, que ouviam a leitura mexendo no jardim, e a contação de histórias voltou com histórias envolvendo o jardim. Jogavam dama, dominó e jogo da memória. Todos os dias em algum momento eu olhava e via uma criança encantada com a areia colorida escorrendo entre os dedos.

Fato que chamou a atenção da professora Educação Especial foi que as crianças passaram a contar sobre o jardim japonês e suas aventuras para os outros amigos da escola, da igreja, para os pais em casa, e mais ainda como a partir dele, eles criaram regras de convivência e de mediação de conflitos. Quando fiz a proposta para eles era apenas de mais um brinquedo que acabou desempenhando outro papel.

A professora me contou que um dia me substituindo propôs uma atividade e dois meninos se desentenderam na montagem das duplas, indicados por ela. Eu sempre deixei a escolha livre, quando ela disse que iria chamar a direção, a opção de toda professora quando me substituía, a turma falou:

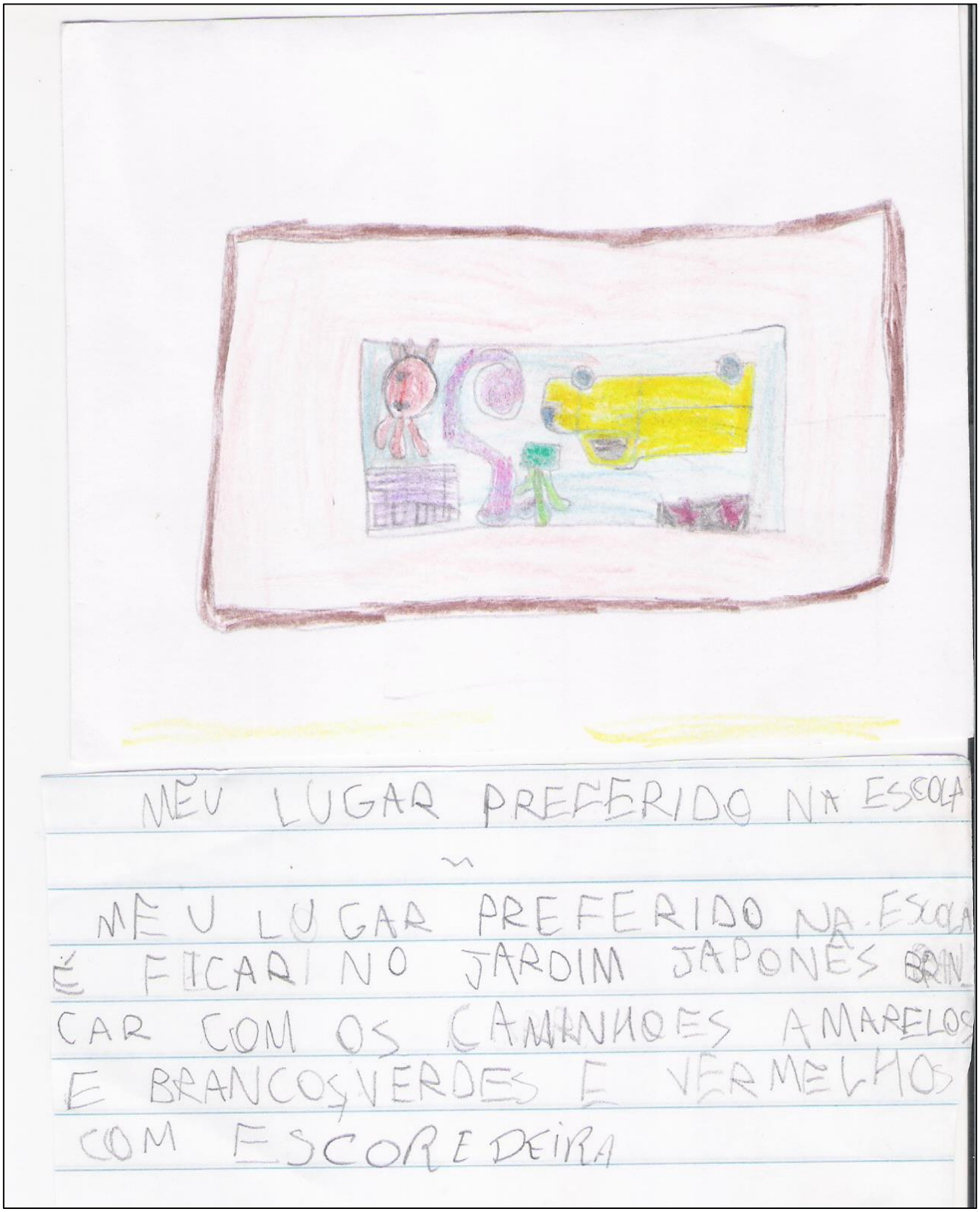
- Não professora, “deixa eles” no Jardim Japonês conversando um pouco até se acalmarem mexendo na areia, depois ficam juntos é muito fácil, você vai ver.

No final do ano em 2010 os sete jardins foram desmontados e viraram 27 pequenos jardins que as crianças levaram para casa, com brinquedos diferentes dos doados, cada uma doou ao amigo o seu presente.

A turma de 2010 por ter ficado dois anos com o jardim foi a turma que desenvolveu um vínculo maior, três registros deles sobre o jardim. Para o encerramento do ano letivo de 2010, e após dois anos juntos, resolvemos fazer um trabalho, tipo TCC, escrita sobre a vida de cada um. Um álbum antigo de fotografias, no lugar das fotografias, desenhos e textos, parecendo um livro.

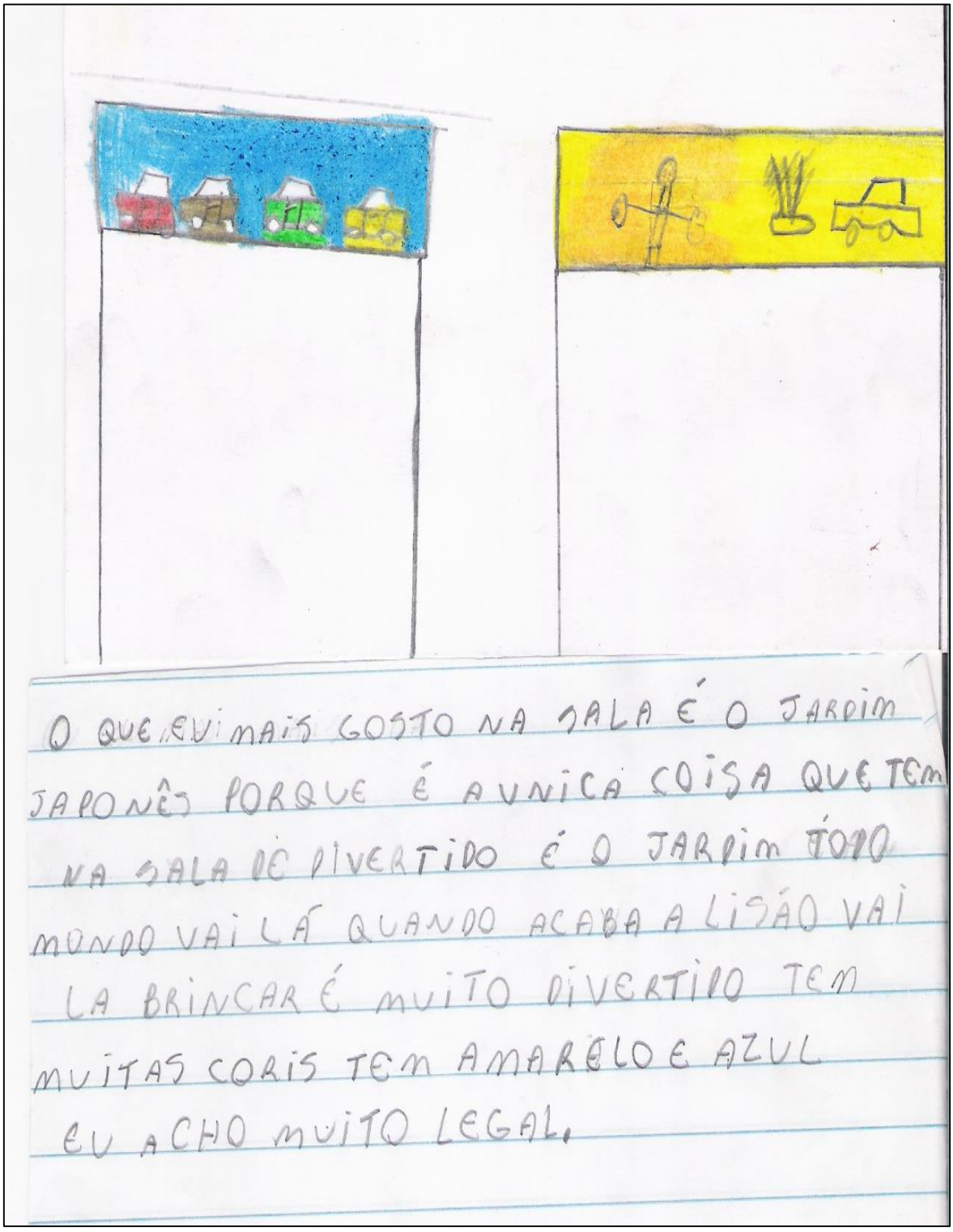
Nos dois anos que passamos juntos, as conversas sobre vida em família e lugares que marcaram a vida deles ou que sonhavam conhecer sempre foram potentes. Quando chegamos ao fim daquela viagem a ideia de todos foi deixar um registro marcante delas, por isso pensei no TCC.

Cada aluno apontou um tema para ser escrito: minha família, meus amigos, meu quarto, minha rua, minha escola e entre tantos escritos. Depois de elencados os temas novamente fizemos uma conversa sobre a escrita deles, e resolvemos deixar a escrita livre, cada um contaria da maneira que achasse melhor, sobre a escola dois alunos escreveram sobre o jardim japonês.



52

[52] Arquivo pessoal professora.



53

[53] Arquivo pessoal professora.

O terceiro texto é em forma de poesia e aparece na Pipoca:

Pipocas Poéticas

12/09/2009

Mafê, ou Mafé, rssssss me lembrei do seu amigo peruano. Essa é continuação da pipoca de ontem.

Hoje é dia de "coisas boas", sexta-feira, conversa na mesa mais prolongada, 05 minutos de silêncio pra escutar os sons da escola, leitura de histórias de medo, contar histórias de medo, rir muito, fantasiar, fechar os olhos e imaginar lugares, coisas, pessoas, ler gibis.

Depois de um bom tempo relaxados, vamos às poesias, porque afinal ninguém é de ferro e poesia sempre é bom.

Estamos estudando poesias e classificados poéticos[54], aproveitando a leveza da turma, resolvi tentar a primeira produção poética de cada um.

A Piratinha Letti já gritou em alto e bom som, com sua espada em punho (lápis) que ela iria escrever uma poesia sobre o Jardim Japonês, porque tinha sonhado com ele e por ser a 1ª tentativa me surpreendeu.

No Jardim Japonês
Tem areia amarela.
Quando mexe nela
A gente fica calmo e leve.
Igual a areia que
É "meia" aquarela.

O classificado poético[55] dela saiu assim:

Troca-se uma velha bicicleta
Por uma irmã
Que me faça feliz e saiba sorrir.

Pirata Letti ou Capelleti

[54] Trabalho com poesias baseado no livro do mesmo nome de Roseana Murray.

> Penso que isso responde metade das nossas dúvidas, angústias, medos. O Jardim Japonês tem um significado importante na vida das crianças, depois que ele chegou, os jogos e até os livros perderam espaço.
>
> E ontem depois de tanto tempo sem mexer nele, ela se empolgou, encantou, aprendeu e ensinou o que é importante, não adianta batermos na tecla, quando ela não ecoa som.
>
> Qual som a escola ecoa?

No segundo Texto sobre o jardim um dos alunos escreveu “o jardim é a única...”, ele era um aluno que participava de tudo, gostava de contar e conversar muito, sobre todos os temas, falava sobre muitos temas. Adorou ser Pirata, era fã do Hulk, caso a turma um dia fosse de heróis já sabia quem seria. Tinha uma ligação diferente com o jardim, de entrega total, quando tocava na areia, parecia que havia se transportado para outro mundo.

Não escutava os amigos, não ouvia sinal, era um momento de entrega total dele, largava os livros que estava lendo, calava-se por completo, apenas deixava que observássemos sua alegria em contato com a areia, por isso sempre dizia que era o lugar mais divertido da sala.

Outra paixão dessa turma e que também originou outro nome para eles foi o Mapa Mundi, colocado estrategicamente no fundo da sala, um lugar em que eles ficavam muito tempo.

Era época de Copa do Mundo e o grupo de professores da escola combinou que trabalharíamos esse tema; eu, não sabendo muito o que fazer, nem por onde começar, resolvi começar pelo mapa e rapidamente me apontaram o Sul[56] na bússola do Navio Pirata.

A presença do Mapa na sala e com a liberdade de consulta, que dividia o chão, o pátio e parede muitas vezes durante a aula - isso também faz parte da ampliação do espaço -, afinal eram piratas que tinham o mundo. O mapa mundi

[56] Sempre uso o Sul, uma vez que estamos na América do Sul e vamos nos orientar pelo Cruzeiro do Sul.

extrapolou o espaço tempo da aula, durante todo o ano, mesmo após o final da Copa do Mundo.

Quero levar o Mundo para casa!

Crishop 06/03/10

Todo início de ano, é a mesma coisa sobram livros didáticos nas prateleiras e chegam novos.

- O que fazer com velhos e novos? A pergunta que nunca cala.

Este ano resolvemos em uma reunião doar os velhos para os alunos recortarem, pintarem, picotarem enfim, arranjar espaço para os novos.

Ontem a OP; levou para minha turma 60 livros de 1ºao 5º ano e disse que podiam levar para casa, mas era para esperarem o meu ok, antes de "avançar" nos livros.

Como alguns já haviam terminado a atividade deixei que se organizassem e fossem até a pilha se deliciar.

Nem bem a retirada começou e escutamos um choro alto e sentido, olhei para o "choro" e perguntei:

- O que foi Portugal? Porque você ta chorando?

- É que "acabou" os livros que tem o mapa do mundo... e eu queria mostrar para o meu pai onde mora o Cris Ronaldo, pq ele tb torce para ele....

- E onde tem livro que tem o Mapa Mundi? Perguntei sem entender nada.

Aparecem 03 alunos com livros de Ciências, História e Geo, com os mapas Mundi e do Brasil.

Entendendo a situação, vou até a pilha e só encontro livros de Matemática e Português:

- Olha que legal esse aqui, tem bastante continha e esse aqui tem cruzadinhas! Toda cheia de esperança, mas sem sorte nenhuma, porque todos queriam mesmo era levar o mundo para casa.

Uns queriam mostrar para o pai, mãe, amigos, outros queiram grudar na parede do quarto e cada um me contou uma bela história sobre os motivos do Mundo nas Mãos.

A única saída encontrada foi bater de porta em porta tentando negociar com outros alunos o Mundo.

Os pais sabiam do que se passava na escola, através do caderno vai e vem, através das muitas conversas que fazíamos no portão da escola, nos encontros das ruas, nos pontos. Sempre me diziam: “Cris eles chegam em casa já contando tudo o que fizeram na escola, abrem caderno, contam tudo de Sedna, da Robô, das lições e isso dura viu!”

Sempre achei interessante notar que escola e casa tinham uma relação tão próxima, relação desejada pela escola, que nunca soube construir, os pais iam até a escola apenas nas poucas festas realizadas ou então nas reuniões de pais, sendo que os pais cujos filhos tinham um bom desempenho, iam apenas buscar o boletim, os outros iam para ouvir reclamações mil do filhos. Por isso nunca iam, ou já chegavam armados.

Meus alunos falavam com os pais tudo o que se passava na escola e na escola tudo o que se passava em casa, e assim íamos construindo uma proximidade e descobrindo afinidades. Perceberam que futebol, televisão e algumas músicas agradavam os pais e a Pro Robô, a cumplicidade entre eu a família existia também em muitos momentos.

Galeria dos Famosos – 2011 – 2º ano Ensino Fundamental

Essa turma ficou com esse nome porque no início do ano sempre relacionei cada nome dos alunos a nomes de pessoas famosas, jogadores, atores, atrizes, bailarinas e tivemos pouco tempo juntos para criação de outros nomes.

Em 2011 o Jardim Japonês chegou para uma nova turma de 2º ano, ansiosa para tocar na areia e deixar também ela escorrer entre os dedos. Também queriam construir pontes, lagos, ruas e principalmente deixar a areia cair no chão, muitas e muitas vezes, e foi exatamente isso que aconteceu no primeiro contato dessa turma com a areia. Claro que passamos pelo passo a passo da sedução, histórias, fotos, pesquisas, compra e doação do material necessário para a existência dele.

A criança em idade escolar não vai para escola porque gosta, ou porque saiba que é melhor para ela, vai porque é obrigada pelos pais, que são obrigados pela lei. Por isso acredito na necessidade de Sedução, a criança deve ser seduzida, para que o aluno veja a escola como o melhor local para estar na vida dele, e que qualquer falta seja motivo de tristeza. Que ir para a escola seja o seu desejo maior.

A sedução é necessária para a vida, para escolha de comida, amigos, amores, programas de televisão. Tudo passa por um processo de venda da imagem. Chegar na escola e ver um forma de pizza com areia colorida e uns brinquedos, já é uma atração maior do que uma sala com carteiras enfileiradas.

O ano de 2011 foi um ano complicado profissionalmente para mim e para essa turma de alunos. Foi o ano em que ingressei no Doutorado, no início do ano fui convidada pela equipe gestora da escola para ocupar o cargo de vice-diretora da noite e continuar um trabalho de inclusão que eu vinha fazendo com os adolescentes do período noturno, agora com nova cara e também foi o ano em que fui contemplada com uma Bolsa Sanduiche da Capes para o ano de 2012.

Ao aceitar o convite para assumir a vice direção, eu fiquei apenas o mês de fevereiro com a turma, em março chegou a nova professora e eu abandonei a turma por dois meses.

Iniciei o ano cursando as disciplinas: Sociologia da Infância e Seminário Avançado I. Foi na disciplina Sociologia da Infância que recebi o convite para ir estudar na Itália, convite feito pela Professora Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria e comecei e me organizar para isso.

Apesar de gostar dos alunos do noturno, o trabalho com papéis me aborrecia, não consegui continuar o trabalho iniciado em 2010, sentia saudades do burburinho da sala de aula e também por conta da necessidade de organizar a viagem, resolvi voltar para a sala.

As mil utilidades do ferro

26/04/2011

Voltei hoje para a minha sala de aula, após um "estágio" sem graça como vice-diretora. Pipocas? Tinha aos montes, mas faltava sempre um olhar meu, de boa vontade para enxergá-las.

Confesso que estava com medo e um pouco ansiosa, mais de um mês longe deles, a "subs" de olhar calmo roubou-lhes o coração. Pensava eu, hoje há caminho da escola.

Primeira aula Ed. Física, observo de longe que cresceram, ficaram mais espertos e a insegurança aumenta. Vão para a sala e entro em seguida, logo recebo um abraço apertado de Nicole Kidmann que confessa sorrindo que estava com saudades da minha loucura, porque só eu sendo louca pra falar que sou de outro planeta.

Victor Hugo pergunta:

- Prô você conhece a Robona[57] da novela? Ela também é robô, mas ela fala bem devagar. - Por isso você não pode ser robô. - Rindo muito.

Respondi feliz, as mil perguntas que surgiram e percebi que para eles, eu só havia faltado demais, parece que sabiam que eu retornaria um dia.

Então fomos juntos reorganizando a nossa sala, do nosso jeito, Jardim Japonês, Blocos Lógicos[58]s, Bingo, Biblio, Lego gigante, Quebras cabeça e outras coisas importantes que ficaram silenciadas nesse tempo.

Na retomada da lição um pedido de Victor Hugo:

- Prô, vamos fazer texto? - Sorrindo e lembrando que afinal ele é o autor dos "Miseráveis"[59].

E a empolgação chega com o título já dado por Kung Fu Panda:

- Vamos fazer "Se eu Fosse Ferro". Adoro essa coisa de Se eu fosse..., então eles já tão "sussas"[60] nessa parte.

Estranhei a ideia, recusei de início, tentei argumentar que queria primeiro fazer outra coisa, sem saber exatamente o que. Mas imaginava que com aquele texto[61] a única ferrada seria eu, porque estão todo esse tempo trabalhando famílias silábicas e ainda com duas alunas novas que começaram

[57]Personagem da novela Morde e Assopra de Walcyr Carrasco. Exibida em 2011 na Rede Globo de Televisão. Assistida por todos os alunos da turma e a personagem preferida, vivida pela atriz Flavia Alessandra.
[58] Uma caixa de blocos lógicos incompleta, que ia ser jogada fora e eu levei para a turma.
[59] Victor Hugo tinha o mesmo nome do autor do livro "Os Miseráveis" e nunca esqueceu isso.
[60] Gíria muito comum falada por eles e por todos os alunos da escola, significa sossegados.
[61] Produção Escrita do Texto.

ontem. Além de pensar também que o tema era muito sem graça e esquecendo que o parafuso é meu alimento preferido.

Sem sucesso, resolvi ceder e já encontrei La Belle de Jour com as "folhinhas" [62]na mão, passando de carteira em carteira falando: "deixa o buraco virado pra janela".[63]

E o texto teve início e conforme iam entregando, tive certeza que fiz a escolha certa, ao voltar para sala, apesar de todas as complicações/implicações/tal e tudo, causadas e fiquei feliz.

Descobri as mil utilidades do ferro e entendi que existem muitos ferros.

Kung Fu Panda num texto curto e lindo me conta que queria ser um ferro de passar roupas, entre a leitura e correções peço pra ele justificar o motivo e ele me fala:

- Nossa Prô vc nunca viu um ferro passando roupa! Ela fica certinha, brilhando e quentinha, eu acho lindo. Sempre vejo minha mãe passando e fico pensando nisso. Pensando bem acho que queria ser a roupa!

Pensei, será que a mãe dele vê assim a roupa que ta passando tb?

Victor Hugo faz um texto engraçado, bem diferente do seu famoso romance e conta que se fosse um ferro, ia ficar bem longe da Prô porque ela é de Sedna e come ferro todo dia.

O Grande Capitão Rodrigo escreve que queria ser um ferro de soldar, pois assim ficaria o dia inteiro nas mãos do pai.

Percebi contente que de novo me enganei em relação aos meus pequenos terráqueos e que todos observam o cotidiano, cada um com um olhar mágico e único para o ferro.

A volta foi marcada pela alegria deles, percebida por mim nas brincadeiras que fizeram, na normalidade que me trataram quando pediram o texto, foi um pedido direto, parecendo que no dia anterior estávamos juntos. Ligar os ferros do texto com a família, um jeito sempre de procurar mostrar para a Robô de Sedna o que é a vida em família na Terra.

[62] Eles gostavam de falar folhinhas, porque na realidade eram folhas de linguagem e pequenas em relação as folhas de fichário.

[63] Herança minha que pedia isso todo o tempo ao entregar as folhas para a escrita de texto.

No final de maio entrei em licença por conta de uma cirurgia, retornando só em outubro. O contato com essa turma e com o Jardim Japonês foi curto. Quando retornei no final de outubro, vi que o Jardim permaneceu na sala, enquanto os outros brinquedos (lego, blocos lógicos, dominó) e gibis haviam sido guardados em uma caixa na direção. Considerei uma vitória dos pequenos a permanência do jardim e o esquema montado para eles brincarem. Podiam retornar para sala de aula, após o recreio e brincarem com o Jardim.

No pouco tempo que ficamos juntos, essa turma me ensinou a saborear e a teatralizar a conversa e as brincadeiras que podiam vir delas, tudo virava cena e as cenas acompanhavam nossa rotina, não eram apenas de um dia, eram acrescentadas a outras nascidas em outros dias, em uma aula acontecia uma coisa engraçada, dias depois aquela piada era retomada, a aula era um grande teatro. Talvez fosse porque eu era uma Robô e eles famosos do mundo inteiro de todas as áreas.

Hoje penso que o teatro era usado para dar uma pausa na aula, sem que fosse preciso mudar bruscamente o que estávamos fazendo. A cena acontecia, todos participavam juntos, ríamos, brincávamos e em seguida estávamos de volta a lição ou a atividade anterior. Não era como sair de um lugar e ir ao outro em pequenos grupos ou separados, era estarmos todos juntos naquele momento.

Como sempre partia deles penso que era uma maneira de dizer “preciso de uns segundos de descanso”, ou “essa lição ta me cansando”, porque da mesma maneira que brincávamos, as vezes estudávamos sem perceber que o tempo nos consumia, sem água, ou banheiro. Era grande o envolvimento com o trabalho a ser feito. Uma atitude positiva que encontraram para descansar e estudar ao mesmo tempo sem ter que explicar muito simplesmente agiam

Victor Hugo, um menino muito esperto, bom ator e seguidor dos bons de filmes de terror, em uma brincadeira inventou que morreu, depois de muito trabalho para reanimá-lo sem sucesso, coloquei-o deitado em um tapete fora da sala, dizendo aos amigos que em Sedna os robôs não morrem e prossegui com a aula embaixo de muita risada. Voltou 5 minutos depois totalmente vivo e rindo muito. Fiz um escândalo de medo, depois fiquei alegre, abracei o pequeno e

contei para meu chefe que ele era mágico. A partir desse dia todos morriam e eu jogava os corpos fora da sala, para voltarem ressuscitados cinco minutos depois, uns dançavam, outros contavam, tinha dia que era tudo junto misturado.

Prô me ensina a fazer um clone!

11/11/11

Hoje era dia de Matemática na primeira aula, dependendo de como a coisa andasse, a gente ia fazer rimas e a Linha do Tempo, eles reclamam demais, porque tem que fazer devagar e imaginem eles e eu com "tempo" para ir devagar.

Depois de toda conversa, brincadeiras e mortes jogadas fora, começamos a aula e chegou bilhete avisando as mães sobre a reposição. Depois de ler e explicar tudo o que estava escrito, todos voltaram para seus lugares e em pouco tempo começou:

- Prô, mas sábado eu tenho catecismo, eu não posso "vim". Dom Diego.

- É o único dia que eu acordo tarde e eu não quero "vim"! Juliet Binochet.

- Eu jogo futebol e no São Paulo, posso faltar? Petrocelli o Homem da Lei.

- Eu tenho! Eu tenho! Eu tenho!

- Posso! Posso! Posso! – Durante quinze minutos foram esses os comentários. Eu simplesmente balançava a cabeça negativamente para cada pedido.

De repente a Poderosa Isis que estava com o papel na mão e o lápis na boca durante todo o tempo, veio até a mesa, pedindo passagem no meio dos rebeldes e falou bem baixo:

- Prô eu não posso, sábado eu tenho balé e balé é uma coisa que a gente dança assim. E sai dando uns pulinhos pela classe diante do espanto de todos.

- O que ela ta fazendo? - Meu escritor.

- Explicando pra Prô o que é balé, antes dela perguntar.

- Todo mundo sentadooooo e rápido, sem catecismo, balé, futebol, dia 13 todo mundo aqui. A chata da Prô.

- Prô, então me ensina a fazer um clone? Poderosa Isis

- Para quê?

- Ué, para ele "vim" na escola no meu lugar, porque eu vou para o balé. Quem vem você ou seu clone?

- Bom isso é outra coisa, quem vem dar aulas é a Rose, meu clone tem que ser revisado no sábado e eu que faço a revisão, não dá pra ele vir.

- Mas você vai ensinar ou não? Falado pela maioria.

Diante da insistência, topei ensinar fazer clones. O engraçado é que em maio, estava marcado no meu planejamento um pouco de Figuras Geométricas que eles não curtiram, reclamaram de mil coisas, mudei o planejamento esperando a melhor hora e hoje ela chegou.

Falei que tinha que ter régua para medir o tamanho do corpo, do braço, dos dedos, nariz e anotar tudo em uma folha e medir certinho e assim passamos à manhã toda medindo, anotando, rindo e vendo que nem todos os dedos são iguais e que as orelhas têm um tamanho engraçado.

Só tenho medo quando formos para a ação!

A reposição de 15 dias de aula, portanto quinze sábados, foi necessária por conta da Gripe H1n que estava em alta em 2011 e a prefeitura prorrogou as férias escolares em 15 dias e obrigando a todos repor as aulas em agosto.

O pedido do clone na época passou despercebido, mas hoje entendo que era uma maneira de estar nos dois alugares que gostava ao mesmo tempo. Adorava o balé e fazia as aulas aos sábados e adorava a escola também, que ia de segunda a sexta, sem nunca faltar ou reclamar e não queria ter que escolher entre os dois lugares, uma decisão difícil de ser tomada por uma criança. Um clone deixaria ela igual a Prô Robô, ela iria ao balé e na escola ao mesmo tempo, pensando na aventura que teria sido.

Naquele sábado eu não iria porque já estava convocada para ficar na escola a noite, na reposição da EJA. Neste sábado não apareceu nenhuma criança, na segunda feira recebi um grupo de pais alegando que como eu não iria, sentiram o mesmo direito. Na semana seguinte retomamos as reposição liberando um grupo por sábado para fazer a sua atividade. Através de sorteio, em uma turma de vinte e quatro eu sorteava oito por semana e aproveitava a reposição para reforçar as dúvidas que sempre surgiam.

Ficamos pouco tempo juntos e tivemos uma história de companheirismo e cumplicidade, não chegaram a ser piratas, embora todos os dias apontassem para isso, recordando os amigos dos outros anos, começaram sendo personagens diferentes e terminaram o ano sendo os mesmos personagens, criamos histórias em cima deles.

Todas as Estrelas de Sedna

10/11/11

No começo do ano com a entrega dos novos uniformes, alguns alunos ganharam tênis e outros não. Eu acho esse tênis muito lindo. Eu também queria um.

Da turma que não ganhou, o Petrocelli, ficou inconformado, todo dia reclamava, a mãe mandava mil bilhetes, só que não chegou o nº dele (31). Então era todo dia choro. Queria ser igual ao seu grupo de amigos e ninguém aguentava mais:

- Prô dá um jeito no Petrocelli, ele fica chorando e eu não consigo pensar. Seu melhor amigo Skywalker. – Que jeito! Pensava eu.

Ele usava tênis All Star e um dia chegou com um novinho em folha, apesar de todos os elogios, até da antiga Dir.Ò, ele não queria saber, queria o tênis de uniforme.

Na sala de aula tive uma ideia rápida, assim que ele começou a chorar novamente:

- Petrocelli, tira esse tênis e coloca aqui perto da minha mesa agora! Em tom alto de espanto, reprovação, indignação e todos "ãos" possíveis.

- Parou de chorar, olhou para minha mesa, alegre e perguntou?

- Chegou o meu número?

- Não, respondi balançando a cabeça. – Mas esse tênis é do meu planeta, é do robô XPTz 15 e ele não pode ficar descalço, devolve ele agora.

Todos deram risada, inclusive ele que perguntou mais alegrinho. Apesar das lágrimas.

- Como assim? Minha mãe comprou ele ontem na loja, é novinho, olha aqui. - Mostrando a sola nova.

- Não quero saber, acho que quando o XPTz 15 pendurou ele no céu para brilhar ele caiu aqui e alguém pegou, aliás todos os nossos tênis estão

aqui no planeta de vocês. Uns ainda são novos, então os donos das lojas pegam pra vender na loja, outros mais velhos caem na casa de vocês porque todo mundo tem All Star aqui na Terra.

Claro que tive que inventar uma história do tênis a partir do nome e dizer que os tênis eram também todas as nossas estrelas de Sedna e que eles faziam falta lá, porque nossa planeta era longe do sol, que eles iluminavam tudo para gente e aqueciam o fogo para fazer novos robôs.

Todos eles balançavam a cabeça negando e girando o dedo em volta da cabeça, dando risada.

Ele parou de chorar na hora e deixou o tênis na frente todo empolgado, na saída, emprestei para ele ir embora, pedindo que no dia seguinte viesse com outro tênis para a escola. Não sem antes escrever no caderno de recado o motivo dele ficar descalço.

Na realidade arrumei um problema maior. No dia seguinte, um grande número de alunos estava com All Star e deixando sem eu pedir na entrada da sala. Quando entrei, perguntaram de quem era cada um deles, ainda disseram que se nós robôs éramos tão espertos, devíamos arrumar um jeito melhor de pendurar nossas estrelas.

A Dir.Ó[64] fez um escândalo na minha cabeça e na cabeça deles, que nem eu e nem eles resolvemos dar atenção, continuamos a nossa história.

Hoje todos eles vão de All Star, só de vez em quando com o tênis de uniforme. Escrever na lousa é uma gincana de empurrar os tênis para o lado, não tropeçar e vigiar os iguais de nº e cor, na hora da saída. Atividade dividida com os mais espertos:

- AhGata vc calçou o tênis do Bowie!- Diz, A Dona do Mundo.

A equipe gestora deixou de brigar com eles e comigo por causa disso, os pais dão muita risada quando o assunto é esse. As funcionárias acham divertido e as substitutas proíbem tal atitude quando não estou.

Ontem ficamos classificando as cores, números e os tipos de cada um deles, e descobrimos que o céu de Sedna tem estrelas lindas e diferentes e que a escola da Terra tem crianças lindas e únicas com o mesmo brilho intenso das estrelas.

[64] Apelido da diretora dado por um dos participantes do Grupo de Terça.

Uma turma que soube lidar com as minhas idas e vindas, que fez desse processo um aprendizado de organização para “lutar” e defender o que era de interesse deles.

Após cinco anos longe daquela turma, muitas vezes me pego pensando o que foi que aconteceu o que nos deixou tão próximos apesar do pouco tempo de convivência? O que fazia de cada nova chegada, sempre um momento outro, não havia grandes festas, não havia questionamentos, as propostas de trabalho dele iam sempre ao encontro de coisas que sempre fizemos, e eu sabia que eram deixadas de lado a cada afastamento meu.

Talvez ações invisíveis, sorrisos, brincadeiras, colos, escutas ou os enfretamentos que eu tinha com a equipe gestora para defende-los, nunca viam, mas sabiam que existia porque sempre falavam que faziam coisas que só eles podiam fazer, correr no recreio, ir brincar no fundo da escola, ir no banheiro quando desse vontade. A cumplicidade criada no pouco tempo juntos falava por nós, não precisávamos de palavras, sabíamos que nossa ligação era intensa.

Pedi remoção dessa escola no final do ano, a Diretora apesar das brigas homéricas que travávamos sempre me dizia que quando ela se aposentasse eu não suportaria a escola e a mesmice em que ela se transformaria e essa foi uma grande verdade. A escola ganhou liberdade, mas perdeu o charme, a graça e o talento, até os alunos sentiram a falta dela.

Una Giornata Particolare – 2012. 1º/2º anos Escola Elementar

Em 2012 fui para a Itália com Bolsa Sanduíche Capes. Chegando lá, após conhecer a minha Co-orientadora, fui estagiar em uma escola indicada por ela. Era numa cidade há quinze minutos de Milão, Rescaldina. Lá eu acompanhei o final do 1º ano e início do 2º, no Instituto de Educação A. Manzoni. O nome da Turma veio de um filme italiano que assisti em 1989. Em Rescaldina descobri que todos os meus dias ao lado daquela turma eram especiais.

Mesmo tendo como opção estagiar nessa turma de 1º e 2º ano, a diretora da escola me pediu para inicialmente rodiziar nas cinco turmas, fui do 1º a 5º ano. Em cada turma encontrei motivos para me apaixonar e querer ficar e ficar cada dia mais com elas. Para cada turma dei um nome a primeira coisa que me chamou atenção nas características delas,

1º ano: Terra do Nunca. Uma lugar que não existe na escola.

2º ano: Pequenos Diretores de Cinema. A turma parecia um filme de Fellini.

3º ano: Maravilhas do Mundo Super Moderno. Esbanjavam nos diferentes tipos de roupas, boinas, cachecóis e tênis, pareciam não viver na escola.

4º ano: Un Attimo. De tanto pedirem para eu esperar um pouco.

5º ano: Curiosos. O Brasil era a única coisa que interessava a eles, perguntas mil. Foi a turma que logo me acolheu e quase mudei de turma.

Após passar uns dias em cada turma voltei para o 1º ano, uma sala de aula com 23 alunos, com idade entre 6 e 7 anos, com italianos, somalianos e albaneses, católicos e mulçumanos. Nada disso contava para a professora e os amigos todos eram um grupo.

Eu ia todos os dias para a escola, ficando lá o tempo que as crianças ficavam das 8:30 às 16:30, lanchava, almoçava e passava as tardes brincando com eles, nos parques, ou jogando bola.

Após decidir ficar no 1º ano, passei as ir duas tardes por semana as terças e as quintas feiras, dia que as aulas de Italiano eram de manhã, almoçava com eles às 13 horas e depois ficava nas atividades externas até às 14:30. Os alunos do 1º ano queriam o que todos queriam aprender a falar Português, por isso a decisão de acompanhá-los apenas nas aulas de Italiano, eu aceitei o desafio e me surpreendi no final do ano letivo.

O almoço eu fazia com as duas professoras de Matemática a do 1º ano e a do 2º ano, uma coisa que me chamou a atenção rapidamente, foi a maneira que a professora Sofia Loren[65], do 2º ano se relacionava com cada criança, ela

[65] Nome fictício. Dado por conta da turma parecer ser um filme de Fellini.

era o diretor no set de filmagens e lidava com seu pequenos atores de uma maneira indescritivelmente bela, verdadeira é única.

Um dia almoçando na Universidade com minha orientadora contei para ela umas das tantas cenas observadas por mim entre as crianças e ela, após um silêncio que me incomodou ela falou:

- Mas como? Ela é professora de Matemática, pode ela ser tão humana, amiga e gentil assim! Lembrando da outra de Português aos gritos, respondi sorrindo que sim, que essa coisa de exatas e humanas não existe e após muita conversa ela concordou comigo, Sofia Loren era fantástica na relação com os alunos, coisa que ela já havia observado.

Nessa escola eu não podia ser uma Robô de Sedna, já imaginava que enfrentaria problemas mil com a língua, achava que não dominava o italiano para interagir com os pequenos. Ledo engano, na escola de “Rescalda” - nome carinhoso dado a ela, por moradores da região, descobri uma coisa muito importante sobre as crianças, elas são “Pré Babel”[66], falam e dominam qualquer língua, coisa que nós adultos, mesmo sendo de outro planeta, não sabemos.

Não havia um Jardim Japonês, embora eu tenha percebido que na sala havia também vários espaços com jogos e brinquedos e que as crianças iam sempre neles e também os carregavam para debaixo da mesa da professora.

Lembrando que o Jardim era uma maneira de desconstruir o espaço tempo institucionalizado da aula, criar vínculos, brincar e acalmar, procurei outras maneiras disso tudo acontecer na Itália, uma vez que percebi que a língua não era impedimento. Encontrei a maneira de iniciar a criação de vínculos, na paixão nacional do Brasil e dos pequenotes italianos, o futebol. Trocamos figurinhas de jogadores italianos e falamos sobre os times daqui e de lá.

Para fantasiar os nomes italianos também, coloquei em cada menino, nome de vilas ou cidades italianas e em cada menina, nome das cores, que elas usavam e abusavam já que não usavam uniformes. Os meninos contavam muitas histórias sobre os lugares, e falavam que eu devia visitar; as meninas a cada dia me presenteavam com as lindas cores da Itália e suas flores A sala de

[66] Referência a bíblia e a história da Torre de Babel.

aula toda recebeu o nome de Terra do Nunca. Nessa escola encontrei a escola com que sempre sonhei.

"La Juve"

15/05/2012

No meu primeiro dia em Rescaldina um aluno me perguntou se eu gostava de "la Juve", perguntei o que era "la Juve" e ele me mostrou a foto de um jogador da Juventus de Torino. Respondi que sim, apenas para dar uma resposta. Mas no fundo, no fundo eu gostava mesmo do Real Madrid.

Com o passar do tempo la Juve se tornou forte entre a gente, todos pequenotes[67] e todas pequenotas falavam desse time, com um enorme sorriso no rosto.

Quando me senti mais à vontade com eles, perguntei dos times daqui de Milão: Inter de Milão e Milan, a resposta obtida foi simplesmente:

- Ah, eu gosto também. Senti nas respostas a mesma sensação da minha quando questionada sobre la Juve, foi apenas uma resposta e isso me deixou bem mal.

Hoje quando cheguei à Terra do Nunca[68] fui surpreendida por um bando de crianças felizes, alegria claramente visível e antes do bom dia, cada um me falou:

- Cristina você viu que la Juve foi Campeã da Copa italiana?

Lembrei que domingo passado a Juventus de Torino ganhou o campeonato italiano, acompanhei tudo na televisão e me lembrei de cada rostinho enquanto acompanhava as notícias do campeonato. Mas não estive com eles naqueles dias, retornei hoje, após ficar fora uma semana.

Sempre gostei de futebol, mas nunca foi assunto dos meus pequenos. O assunto futebol era falado à noite para humanização das relações entre alunos e direção da escola, Corintianos e São Paulinos, ficando mais próximos a cada partida. Na turma de heróis/piratas nunca surtiu efeito, porém na Terra do Nunca, o futebol da Juve é assunto e dos bons.

Mas nem só de La Juve vive-se na Terra do Nunca, Cinisello mostrando toda sua sensibilidade me dá bom dia e imediatamente abre a camisa e fala:

---

[67] Uma maneira carinhosa de tratar as crianças.

[68] Nome dado por mim à sala de aula da Escola de Rescalda, porque no primeiro contato que tive com a turma, as crianças me pareciam viver em total liberdade. Confirmada depois que comecei ir toda semana à sala.

- Cristina, hoje eu vim com a camisa do Brasil, cinco vezes Campeão do Mundo, para você também ficar feliz.

Não fiquei feliz, quase morri de felicidade, não pela camisa, mas pela atitude de um menino de seis anos, dei um longo abraço[69] nele, mesmo sabendo que para eles tal atitude é estranha.

Na sala voltaram a me mostrar as fotos dos Campeões, já vi todo o álbum de figurinha da Squadra Juve, ouvi todos os nomes dos seus jogadores e hoje mais umas dez vezes. Mas hoje com outro olhar e sabor, estava alegre mesmo.

De repente fui surpreendida por uma pergunta da Gata:

- Cris se la Juve jogar o Campeonato Mundial com um time del Brasile você vai torcer para quem?

Demorei em responder, pensei muito na resposta, dessa vez não deveria ser apenas uma resposta:

- Para la Juve, sempre torcerei para la Juve, apesar de ser brasileira. E foi uma resposta sincera.

Ela ficou feliz e me abraçou - já está meio brasileira essa menina -, e no breve instante do abraço pensei em Michel Ende e no seu maravilhoso livro "A História sem Fim" e respondi também para ele em pensamento:

- Sr. Ende as paixões só são inexplicáveis quando elas não têm nome, essa paixão tem nome, ela se chama "La Juve".

Foi o futebol que usei para ensinar a nossa língua para eles, era sobre o futebol que a gente conversava todos os dias, era sempre o primeiro assunto da pauta.

O futebol e a esquadra Juventus de Turin nos acompanhou o ano todo, todos os dias tinha figurinha para trocar, vitórias para contar ou motivos para festejar, principalmente em agosto quando eles foram campeões italianos. Aprendi italiano e ensinei português e festejamos nas duas línguas o campeonato do nosso time. Foi uma desconstrução também do espaço tempo na escola.

[69] Embora sempre me tratassem bem, nunca foram de demonstrar como no Brasil, abraços, beijos, nada disso tinha, sempre um sorriso sincero e longo, nada mais.

Nessa escola passei por vários momentos de encantamento, de aprendizado e vivenciei a construção de outra escola. Uma experiência de troca e escuta entre a professora, os alunos e eu, uns encantando os outros. A construção de um dicionário Brasil/Itália, cumplicidade e alegria foi o que vivemos todos durante dois meses.

Brasil/Itália a Ponte para o Sempre!

24/04/12

Numa manhã de muito frio e chuva Sininho tenta recuperar com as crianças, ilustres habitantes da Terra do Nunca, o que havíamos combinado há semanas atrás:

- Alguma atividade com a Cris! Lambrate, fala muito empolgado e me olha pedindo confirmação com os olhos, que recebeu prontamente com uma piscadinha bem rápida.

- Aulas de Português! Monza, o mais brilhante aluno que tenho nesta disciplina. Ele é o circuito de Monza todinho.

- Alguma coisa do Brasil! Atividades com a Cris! ....

E de fala em fala chegamos a um acordo, era um pouco de tudo, era novamente o Caldeirão Brasil/Itália. Mas Sininho queria saber a atividade certa, afinal havíamos combinado tão bem, como podem ter esquecido.

Sininho saiu da sala uns minutos para buscar a ferramenta necessária para a construção da ponte e nesse meio tempo os pequenotes me perguntaram e respondi que faríamos um dicionário.

Os olhos de Monza brilharam, a Gata olhou para mim toda feliz e sorriu, Sesto San balançou a cabeça positivamente e todos já me lançaram mil perguntas: - Come si parla... em Brasile?

Sininho voltou e todos falaram muito alegres que haviam lembrado que faríamos um dicionário. Rindo, respondeu que me ouviu dizer a eles e explicou como seria a atividade, pedindo ajuda para os pequenos pensar em maneiras de execução. Pink levantou a mão e disse que tinha uma ideia, foi até a lousa e desenhou o "papel", escreveu no alto dele a palavra "Ananas", perguntou como se chamava no Brasil, respondi que "Abacaxi", em seguida eu escrevi na parte debaixo dele, acordamos que nosso dicionário seguiria aquela formatação. Nomes nas pontas, desenho no meio.

Após a primeira palavra os pequenos ficaram malucos à procura de outras e outras, após muito "fala fala" decidimos pela palavra "bottiglia", quando respondi que era "garrafa", Sininho descobriu que nem todas as

palavras de Brasil/Itália começam com a mesma letra e com esse pequeno problema detectado voltamos as crianças:

- Bem essas palavras começam com letras diferentes, aqui na Itália começa com B e no Brasil com G, o que faremos?

Depois de muito espanto, eles decidiram: - Vamos só colocar palavras que começam iguais, é um dicionário. Decisões tomadas voltamos às palavras e de acordo com a dificuldade para desenhar, algumas letras foram duas palavras.

As palavras saíam aos montes de suas bocas, algumas eu entendia, outras não e Sininho e eles me mostravam desenhos, as crianças faziam gestos com as mãos, tentavam explicar de mil jeitos e sempre dávamos muita risada.

Após a letra F, Monza, o que mais participava e falava, levanta-se no auge da sua empolgação e grita:

- Com la G raggazzi, mostrando alegria pelo que estava fazendo, logo em seguida fala: - Girafa, Cris?

Respondi que girafa era girafa aqui também, assim como elefante no caso da letra E. Alguns deles gritaram "La Gabbia" e todos aceitaram, mas eu não sabia o que significava a palavra e começou a aventura da procura, procura ilustrações, como não acharam começaram as explicações da dupla TT:

- Cris é de ferro e fica dentro do animal!

- Ferro dentro do animal?! Como assim?

- Cris é uma coisa que a gente tem em casa!

- No Brasile deve ter também!

- É...É...É... e nada de nos entendermos

Lecco, percebendo que nada adiantava pegou uma figura de um passarinho e falou lindamente me mostrando o desenho:

- É a casa dele! Nessa hora descobri ser gaiola.

Após a letra G, já era hora do recreio e em seguida hora da leitura, guardamos nosso dicionário para terminar na quinta feira.

Nosso dicionário ficou assim:

Itália	Brasil
Ananas	Abacaxi

Bicicletta	Bicicleta
Bambola	Boneca
Cane	Cachorro
Ciliegia	Cereja
Dito	Dedo
Erba	Erva
Fiore	Flor
Fuoco	Fogo
Gabbia	Gaiola

Palavras iguais

Afinidades Brasil/Itália
Banana
Casa
Dado
Sempre

Palavras que começam com iniciais diferentes:

Itália	Brasil
Scala	* Escada
Farfalle	Borboletas
Fiama	Chama do fogo
Bottiglia	Garrafa
Delfino	Golfinho

Cerneira	Zíper
Orecchini	Brincos

*Quando Monza ouvia a pronúncia perguntou, mas com um ar de certeza:

- Metes davante la "e", fazendo um gestinho com a mão e um lindo sorriso no rosto! Amei e confirmei:

- Sim, antes do S tem E!

A Ponte para o Sempre II

26/04/12

As alegrias, surpresas, expectativas e descobertas da Terra do Nunca não haviam acabado naquele primeiro dia da "construção" da ponte e do dicionário.

Na aula seguinte, as expectativas aumentaram e as perguntas também, já não existia uma lógica para fazermos o dicionário, simplesmente a vontade aguçada de crianças que queriam descobrir o mundo, mais especificamente o Brasil, seriam novos Colombos à procura da América, em uma Itália em crise?

Logo na subida da escada para entrarmos na sala, Monza, o mais curioso, me pergunta:

- Come se parla em Brasile, zaino? – Entendendo minha cara de espanto, apontou suas costas.

- Ah, zaino é Mo chi la! Rindo, ele repete devagar.

- Mo chi la! E começa a dar risadas muito gostosas. Sua alegria por essa descoberta é visível.

Na sala, Sininho, nos avisa que aquela primeira aula era de inglês e que só mais tarde faríamos o dicionário, mas influenciada pela cara de espanto dos novos Colombos resolveu enquanto esperávamos a professora fazermos uma Letra apenas.

A próxima letra era "I" e Monza já se lança ao desafio falando:

- IMBUTO. Novamente diante da minha expressão de espanto, ele me explica com gestos e fala calma e lenta.

- É uma coisa que a gente passa a água para a garrafa, e pede auxilio para Sininho que desenha na lousa um FUNIL.

- Funil! – Respondi, logo emendando que não servia e de palavra em palavra chegamos a ISOLA e INDIANO; ILHA e INDIO, depois da escrita e leitura minha e deles vem o desenho.

Enquanto desenhávamos Monza e Cinisello me falam não entenderem porque as palavras começam com letras diferentes se o alfabeto é igual.

Respondi que o inglês também era assim, o mesmo alfabeto com sons e escritas diferentes, mas minha explicação não surtiu efeito nos novos Colombos que me responderam:

- Ah, mas inglês é tudo diferente! E Português é mais bonito! – Monza insiste um pouco mais:

- Cristina, porque vocês falam a língua de Portugallo?

Disse novamente que essa era uma conversa demorada e que eles teriam que esperar meu italiano melhorar e muito. Finalmente a professora de inglês chega dividimos a turma e fomos para a Sala de Informática, continuar com a metade da sala a construção da ponte.

Lá fizemos mais duas palavras de cada letra, desenhamos e quando percebemos já era hora do recreio, voltamos para a sala.

Durante o recreio fui bombardeada de come se parla... em Brasile por Monza, Cinisello, Milano e Sesto San. Tudo o que havia na sala foi passado para o português e tristes ouviram mais palavras iguais.

Cinisello me deixou espantada quando me pediu para escrever as palavras que eu, falava sua única dúvida algumas vezes era:

- Escreve com la "J" de la Juve?

No final da "brincadeira" Cinisello me fala feliz:

- Português é piú bello que italiano, eu queria só falar português!

Pura emoção viver na Terra do Nunca.

Novas palavras do dicionário:

Itália	Brasil
Isola	Ilha
Indiano	Indio
Luna	Lua
Limone	Limão
Mulino	Moinho
Mare	Mar
Maglieta	Malha

Perguntei para Sininho porque não se usa a letra J, ela me respondeu que é considerada uma letra inglesa e que o time Juventus de Turim, embora seja um time italiano tem um nome de origem latina.

Palavras que não constarão do dicionário, mas foram "descobertas" durante o recreio:

Iniciam com a mesma letra:

Itália	Brasil
Armadio	Armário
Baci	Beijo ***
Cuore	Coração
Calcio	Chutar *
Ciglia	Cílios
Capelli	Cabelo ***
Difesa	Defesa *
Foglio	Folha **
Felice	Feliz ***
Freddo	Frio

Gesso	Giz
Iri	Iris ***
Lavagna	Lousa ***
Naso	Nariz
Occhio	Olho
Piede	Pé
Segnale	Sinal
Sopracciglio	Sobrancelha
Sorridere	Sorrir
Unghia	Unha

Palavras iguais:

Porta
Muro **/***
Sorriso
Classe

Com letras diferentes

Itália	Brasil
Fischio	Apito *
Parede	Muro ***
Matita	Lápis
Sedia	Cadeira ***
Penna	Caneta ***
Pastello	Canetinha

Tavolo	Mesa
Ambasciata	Embaixadinha *
Ginocchio	Joelho
Gonna	Saia ***
Strada/ Corso/ Via	Rua ***
Tacchino	Perú
Portafoglio	Carteira
Astuccio	Estojo ****
Gomma	Borracha ***
Guancia	Bochecha
Berreto	Boné ***
Palla	Bola ***
Giocco	Jogo */****
Portiere	Goleiro *
Giocatore	Jogador */****
Gamba	Perna
Pantaloni	Calça
Giuba/ Crineira	Juba ***
Testa	Cabeça
Ombrello	Sombrinha ***
Domanda	Pergunta
Finestra	Janela ****
Laccio	Cadarço

Muca	Vaca
Tennis	Tênis
Tiro	Chute ***
Gioia	Alegria
Studentes	Alunos ***
Insegnante	Professora
Pioggia	Chuva
Piangere	Chorar
Stanca	Cansada *****

* Todas as palavras relativas ao futebol foram as primeiras a serem perguntadas por eles.

** A folha de árvore é escrita e falada da mesma maneira que a nossa folha. Muro pode ser usado para parede e para muro, neste caso com o mesmo sentido do Brasil.

*** Todas as palavras que Cinisello escreveu sem errar.

**** Palavras que Cinisello perguntava se era com "la J de la Juve".

***** Essa eu perguntei, pois havia meia hora que respondia às perguntas deles sem tréguas.

Depois de tudo isso, não sei se foi mais gratificante ou veio junto para o pacote "Vida Pulsante na Terra do Nunca" olhar para a lousa para responder a última pergunta de Cinisello:

- Cris, RonaldiNHO se escreve assim?

A Ponte para o Sempre parte III

15/05/2012

Hoje foi mais um dia da construção da ponte e achei que começou bem lindo.

O dia começa com Cinisello me mostrando a camisa da Seleção Brasileira com as Cinco estrelas do Campeonato Mundial. Depois todos me falam sobre "La Juve" e o campeonato italiano.

Sininho fala para os pequenotes sobre um presente trazido por mim para eles que imediatamente perguntam:

- É a resposta da carta? Todos felizes e alvoroçados.

Mas não era a carta, essa era outra surpresa (ametista, olho de tigre, pedra da terra, açaí e madrepérola), pedras do Brasil para confecção de uma pulseira e a celebração final da construção dessa ponte.

Ela explicou a eles que a carta iria demorar a chegar, porque o início do ano letivo no Brasil é diferente do da Itália, juntas explicamos a eles que as aulas no Brasil têm início em fevereiro, em julho temos 15 dias de recesso e nossas férias mesmo duram apenas 31 dias em janeiro. Bem diferente do deles que termina no meio de junho e tem início no meio de setembro.

Após todas as explicações, demos início ao fim do dicionário, que parece que no fundo, no fundo ninguém quer que acabe apesar da vontade de fazê-lo, mas o fim próximo nos amedronta.

Hoje as palavras demoraram a sair, depois de muito pensar conseguimos mais algumas palavras para o dicionário:

Itália	Brasil
Nave	Navio
Numero	Número
Occhiali	Óculos
Otto	Oito
Quadro *	Quadro
Pane	Pão
Pacco	Pacote
Ravanello	Rabanete
Ruota	Roda
Sei	Seis

Sopracciglio **	Sobrancelha

*Após muito pensar decidimos manter a mesma palavra.

** Palavra já usada, mas estava fora do dicionário.

Palavras diferentes:

Itália	Brasil
Sabbia	Areia
Regia	Direção

A Ponte para o Sempre Parte Final

22/05/12

Sininho só podia ser a Fada daquela Terra para perceber a verdadeira dificuldade em achar palavras, não era a falta de palavras, como eles disseram na aula passada. Ou a dificuldade de pensar, eles na realidade não queriam ficar longe do Português a língua Più Bella segundo Monza e Cinisello, e os dois juntamente com Gata tinham uma grande influência no grupo e em mim.

Chegou já avisando ao grupo que tínhamos que terminar rápido o dicionário porque ela precisava combinar urgente outras atividades de Português e para isso o dicionário tinha que estar completo.

Isso causou uma falação de mil palavras ao mesmo tempo nem ela, eu ou eles entendíamos nada, Sininho retoma o dicionário, lembrando a pequena Itália que íamos começar a letra T. O dicionário ficou assim:

Itália	Brasil
Tazza	Taça
Tennis	Tênis
Unghia	Unha
Uovo	Ovo

Vagone	Vagão
Villa	Vila
Zeta *	Z

* A letra Z realmente foi difícil para fazer a ponte

Palavras diferentes

Itália	Brasil
Taglio	Corte
Tacco	Salto
Uccello	Pássaro
Vigile	Guarda Municipal

Afinidades entre Itália e Brasil:

Talco

E assim terminamos a construção, ou melhor, terminamos o início da construção de uma ponte que tem acontecimentos previstos para acontecer nela: leitura de livros infantis do Brasil, músicas do Brasil, histórias do Brasil, e também coisas da Itália, para uma turminha que começou no 1º e já está no 2º, entre tantas coisas, tem cartas para turma da Mafê! E haja "cuore" para tanta ponte.

Esse dicionário foi o acontecimento daquela escola e daquela turma, todas as outras também queriam, mas eu não tinha pernas para fazer com todas. Outro fato importante que notei foi que as crianças dividiam em casa com os pais, os acontecimentos das aulas. Antes eles chegavam deixavam os filhos no portão, ou na escadaria e iam embora. De repente começaram a dar um tímido

aceno de mãos, depois começaram a sorrir junto com o aceno e mais tarde começaram a entrar na escola e tentar conversar comigo e me conhecer melhor.

Uma mãe chegou inclusive a me perguntar se o filho realmente sabia falar bem o Português, me explicando o motivo da pergunta: “em uma brincadeira de palavras cruzadas o filho do 1º jogava com a irmã mais velha em um dado momento ele não tinha mais letras para formar palavras em italiano de repente deu um grito, um salto e todo feliz formou DEDO dizendo em seguida que era uma palavra brasileira que tinha aprendido comigo quando fez o dicionário, e significava “dito”. A mãe e o pai ficaram surpresos com a facilidade com que ele falava algumas palavras. Uma outra me falou que o filho havia avisado ela e o marido que quando fizesse 21 anos viria morar aqui, tamanho encantamento com nosso país.

Outro momento importante foi quando, já completamente apaixonados pelo Brasil, pela seleção, pelo time da Ponte Preta[70] e por nossa literatura, ganharam livros de literatura das professoras Vanessa Simas e Patrícia Fujisawa[71]. Pediram para aprenderem alguma música do Brasil, além de aprenderem, ensaiaram e cantaram na Festa de encerramento do ano. Eu já havia me despedido, mas acompanhei os ensaios e a organização de tudo.

A música tinha forte presença entre eles, um dos aluno era filho de Maestro e sempre ensaiava com a gente umas poucas coisas e me apresentavam seus ídolos italianos, Modá e Laura Pausini, que contei já era famosa aqui no Brasil.

A poesia eu disse que era uma maneira fácil de trabalharmos para aprender o Português, porque era uma das maneiras utilizadas por mim para alfabetizar e assim, usamos a poesia e a música em momentos impares na escola, para aprendermos Português e Italiano, pois enquanto ensinava eu também aprendia.

[70] Um dos alunos da Mafê professora que trocou cartas com ele, era pontepretano, tarefa fácil fazer os pequenos amantes da La Juve, se apaixonarem pela Ponte Preta.
[71] Do grupo GEPEC.

Alecrim

24/10/2012

Alecrim, alecrim dourado,

Que nasceu no campo.

Sem ser semeado.

Foi meu amor que me disse assim

Que a flor do campo é o alecrim.

Rosmarino

Rosmarino, rosmarinho dorato

Che é nato nel campo

Senza essere seminato

Èl stato el mio amore a dire così

Chi il fiore del campo é il rosmarinho.

Assim começamos o dia na Terra do Nunca, cantando. Os pequenos queriam ouvir mais histórias do Brasil e eu havia esquecido de levar os livros e lembrei-me da canção também pedida há tempos atrás.

Quando falei da canção, Navigle pôs um sorriso no rosto e falou:

- Ah é mesmo a canção do prezzemolo!!!

Eu com jeitão de espanto devolvi: - Prezzemolo!!! Pink que agora senta ao lado do pequeno, falou com gosto: - Prezzemolo não, é rosmarino. Tudo é tempero, mas a música não.

Cantei três vezes pra eles para que se habituassem ao som e depois começamos a cantar juntos. Só que uns começam antes outros depois, aquela coisa de escola que todos nós sabemos a graça que é.

Sininho que estava na escuta percebeu que se eles se perdiam porque liam a letra para cantar e falou:

- Vamos decorar é fácil e rápido. –Cantamos então um verso por vez até que todos soubessem de cor, deu certo, cantamos e recantamos em italiano e português. Acabada a cantoria em grupo Sininho perguntou:

- Quem quer cantar sozinho? – Todos ergueram a mão.

Turma da Capucheta – 2013. 3º ano Ensino Fundamental.

No final de 2012, recebi um e-mail da OP[72]; da escola onde trabalho atualmente, me informando que eu era a terceira na classificação da escola, pedindo em seguida que apontasse a turma que queria trabalhar. Respondi dizendo que queria um 1º ano, mas que elas poderiam me atribuir qualquer turma, porque realmente o terceiro lugar não escolhe turmas.

Passados uns dias recebi outro e-mail dizendo que haviam me atribuído uma turma de 3º ano com sérios problemas de disciplina e que na atribuição minha irmã havia dito que essa questão não era relevante para mim. No início do ano soube que essa era uma turma que ninguém queria e que por isso haviam feito um acordo com a direção, cada professor seguiria com sua turma no ano seguinte, algo inédito naquela escola. A professora daquela turma tinha sido uma substituta. Mais tarde entendi que parte dessa turma teria sido a minha turma em 2012, com que tive pouco contato, pois entrei com Licença sem Vencimento para o Sanduíche do Doutorado na Itália. Do meu ponto de vista, eu tinha um compromisso ético com todos eles.

Neste ano encontrei o meu maior desafio profissional. Nessa turma havia um aluno da sala que corporificou este desafio e eu me dei duas opções: ou ganhava ou ganhava aquela criança. Uma criança que teve todos os seus direitos violados desde o nascimento, criado pela avó, uma criança que tem vida dupla, às vezes é uma criança, mas na maioria do tempo é um homem que apavora a criança.

No primeiro contato com eles o que me chamou a atenção não foi só a famosa indisciplina, para mim o problema maior era a alfabetização precária da maioria, a escrita, leitura e o Sistema de Numeração Decimal, não condiziam com os saberes de um 3º ano.

[72] Orientadora Pedagógica

Conversei com a equipe gestora e as únicas respostas que obtive: eles foram de um 1ª ano militar para um 2º permissivo demais! Nenhuma das professoras ensinou nada para as crianças e nós não podemos fazer nada nesse sentido.

Na época achei melhor deixar de lado esse fato e procurar ajuda na Rede da Região (assistência social, saúde, educação). Mas hoje me afastando do local de professora e assumindo a de pesquisadora penso, como é possível que uma equipe gestora trate com tanta naturalidade um fato desses?

As professoras não fizeram nada e como ficam a Orientadora Pedagógica e a Direção no compromisso com as crianças e a comunidade?

Com o tempo descobri que a turma era formada por dois grupos distintos, crianças negras, e pobres, que sofriam preconceito de todos os professores e um seleto grupo de “ricos”, “brancos” e “lindos dos olhos claros”, expressões que sempre ouvia nas reuniões:

- Você tá falando do G. aquele lindo do olho claro que mora naquela casa linda ou do outro? – A expressão no rosto quando a frase terminava era estarrecedora.

- Do também lindo do olho também claro, morador daquela casa feia, respondia eu.

Deixei a escola e seus preconceitos e centrei nas crianças, havia muito trabalho a ser feito. O primeiro deles era melhorar o relacionamento entre eles. A maioria dos meninos jogava futebol e apesar de ser um jogo de equipe, eles aprenderam apenas a competir, ouvia sempre:

- Eu sou o melhor goleiro! – Eu sou o melhor atacante! – Eu sou o melhor...! Nenhuma proposta dava certo, não tinham limites e resolviam a coisa na base da pancada e logo diziam:

- Pode me mandar para a diretoria, já quebrei a cara dele mesmo! – Com o olhar perdido, não conseguia ler o que aquele olhar queria dizer.

Eu respondia que nunca mandei alunos para a diretoria e que não seria naquela escola que eu faria isso. Depois descobri que estavam acostumados a

passar horas na direção sob os cuidados do vice-diretor e uns até gostavam mais de lá do que da sala.

Realmente eles tinham um sério problema de convivência e de escuta, autoestima, mas principalmente de “falar com o outro”. Todas as vezes que me sentei para conversar com alguns deles sobre qualquer assunto, nunca obtive resposta. Quando perguntava por que haviam brigado, não respondiam nada, apenas me “fuzilavam” com o olho.

Pensei imediatamente no Jardim Japonês e fiz a proposta para eles. No dia seguinte trouxeram apenas uns poucos carrinhos, algumas pedrinhas e miniaturas que dividi certinho entre os três jardins que havia montado.

No primeiro contato deixei como fazia com todas as outras turmas, liberdade para mexer, experimentar, sentir. O resultado foi uma briga geral, começaram a jogar areia e as pedras uns nos outros; alguns recolheram seus brinquedos e foram reclamar para mim. No meio da briga alguém jogou um dos jardins com tudo para o alto, o outro foi chutado com força para fora da sala.

Pensei que aquela turma era igual à de 1990, minha primeira grande turma de 1990. As duas tinham em comum a “ausência da infância”, a antiga era devido ao trabalho pesado na plantação e colheita do figo. Jogos e brincadeiras devolveram àquela turma a infância e o riso. Essa turma, o que a separava da infância?

Marquei uma reunião com os pais e descobri que eles também eram inimigos. Os pais brigavam entre si e é claro que essa herança as crianças herdaram, fiz reuniões com a OP, a professora de Ed. Especial e a direção e aos poucos fui organizando estratégias. Primeiro refiz a avaliação diagnóstica, com um nível de 2º ano, esperava atingir todos ou a maioria. O que deu certo, a maioria foi muito bem, o que me deixou bastante preocupada, pois era um 2º inicial.

Pensando em trabalhar com projetos fora da sala, reagrupei por ordem de interesses, futebol, música e brincadeiras. Sempre acreditei na utilização dos espaços fora da sala para organização de grupos, talvez pela liberdade que os espaços externos ofereçam aos alunos. A maioria se interessou por futebol e brincadeiras. Foi separando e reorganizando os grupos para o projeto em que

encontrei o meu maior desafio profissional, o aluno mais problemático, hoje meu grande amigo e frequentador da minha casa, Pony Boy.

Meu maior desafio: Pony Boy

27/09/2013

Quando chegava à porta da sala e nossos olhares encontravam-se parecia me dizer "La vem aquela que me tira a liberdade"! – Eu por minha vez também deixava que ele lesse em meus olhos "Hoje é dia de tourear meu Pequeno Grande Homem" e dessa vez o real[73]. O estresse se apossava dos dois.

Enquanto avançava para dentro da sala, o menino corria me abraçava e perguntava:

- Posso jogar hoje? – Antes que eu respondesse, o homem gritava:

- Não vou ficar nessa p.... de sala hoje, vou pescar daqui a pouco, me deixa ir embora agora. Tudo isso gritado bem mais do que eu gostaria. Ainda me cercando gritava:

- Também nem canta "menino bonito", eu vou embora! Corria para sua carteira para pegar sua bolsa. 20 passos que separavam sua carteira da porta da sala, quem fazia esse trajeto não era o menino, nem o homem, era um furacão: derrubava carteiras, batia na cabeça dos amigos, chutava uns e jogava longe o material de outros.

Quando sentava, olhava para trás sorrindo para ver e ouvir seu triunfo. Triste notava que tudo já estava no lugar, não prestou atenção nas combinações certas que fiz com a turma em outros dias:

- Não reclamem, é pior! Peguem seus materiais e arrumem tudo rápido na carteira, ele vai parar se vocês não reclamarem. - Estamos aprendendo juntos a não alimentar o furacão, a procurar o menino dentro do homem e a trazê-lo para o nosso lado.

Quando via tudo normal, o homem repetia em voz alta:

- Eu não vou ficar nessa p.... de escola!! Dessa vez, mais alto nessa parte. – Sentava na minha cadeira, olhava para ele e falava:

- Pode ir embora dessa p.... de escola. – Espantado o menino olhava para mim, para a turma e falava:

[73] Referência ao filme "Little Big Man", "Pequeno Grande Homem", lançado em 1970.

- Prô você falou um palavrão para mim!!!!! – Respondia que não, que simplesmente devolvia para ele as palavras dele. Conversas acertadas entre a Dir, sua avó e eu.

O homem levantava-se e avançava até a porta. Chegando lá o menino sorria e falava:

- Prô te enganei!!!

Passamos assim boa parte de fevereiro e março. Até o homem entender que seus palavrões não me atacavam e nem o mandavam para a diretoria. Aos poucos foi falando apenas f. e sabia que em troca ganhava um sorriso e um balançar de cabeça meu. O menino agora já controla a boca do homem.

Quando passava lição na lousa o homem gritava:

- Eu não vou fazer!!! Não sei ler, nem escrever e também não sei fazer contas. Depois de horas de escândalo o menino sentava-se ao meu lado e falava:

- XPTo13 você me ensina?

É assim que vivemos os meses de março a junho. Em julho de tanto que o menino aprendeu matemática, promovi o homem a professor auxiliar. Sentava-se com alguns colegas que sabiam menos que ele. O homem ensinou os amigos, da mesma maneira que o menino aprendeu, rindo.

O homem gostava de falar de pesca, cadeia, mortes, metralhadoras e tráfico. Às vezes me lembrava o "tal do João do Santo Cristo" da música Faroeste Caboclo[74]. Queria ser polícia, porque com um tiro de soldado o pai morreu.

O menino não sabia bater bola, não brincava de nada, não batia bafo, gostava de chutar, bater, socar e xingar.

Um dia no final do mês de julho, uma pequena da sala adoeceu de repente e enquanto a gente esperava o pai, trouxe-a para meu colo, estava com muita febre e chorava demais. Para distrair e passar o tempo falei que ela seria meu Cobertor porque estava quentinha e me aquecia também, e eu não deixaria seu pai levá-la embora. Funcionou bem, o pai chegou e encontrou a gente rindo muito, apesar da febre.

O homem observou do seu lugar e não falou nada, no dia seguinte no meio da aula, *o m*enino disse que estava com febre e dores no corpo, como ele é bem grande e forte, puxei uma cadeira para meu lado e falei:

[74] Música do grupo de pop rock nacional Legião Urbana.

- Senta aqui pertinho de mim! – Quando sentou-se, deitou a cabeça no meu colo, notei que não tinha febre, então falei:

- Nossa! Ainda bem que a sua febre é diferente da febre do Cobertor, porque ele estava quente e ontem estava frio, hoje está calor e você está frio. E você está me refrescando igual uma Capa de Chuva. Você vai ser a minha Capa de Chuva agora. Ficaram grandes amigos o Pequeno Cobertor e a Grande Capa de Chuva.

Funcionou, o menino ficou boa parte da aula ao meu lado, olhando eu reescrever textos com os amigos, perguntava algumas coisas, comentava outras e assim foi.

Um dia passei à tarde com o homem ensinando ele a jogar basquete. Terminei sentada e rindo muito com o menino, dizendo que estava muito feliz esse ano.

Entre o menino e o homem, percebo feliz que o homem cede cada dia mais lugar ao menino, que às vezes estranha esse mundo e não sabe se defender, um dia ri, outro chora, um dia bate e no outro controla os impulsos e a vontade de xingar.

O menino e o homem continuam querendo pescar todos os dias, mas o menino avisa de outra maneira, sempre sorrindo fala:

- XPTo 13, posso ir pescar? Eu vou pegar um peixe para você ver como é!!!!

A conquista de Pony Boy facilitou o trabalho com o grupo. Ele e suas atitudes deixavam as relações mais esgarçadas do que estavam. O grupo percebeu a pequena mudança de Pony Boy e começou a ouvir e a responder meus questionamentos. Começaram a me colocar suas insatisfações com a escola, que não eram poucas e muitas bem fundamentadas. A mais grave era que em dois anos, eles haviam conhecido sete professoras, nunca iam a passeio nenhum porque nenhum professor queria se responsabilizar por eles.

Retomei com eles algumas questões sobre o coletivo e jogos cooperativos. Jogo Cooperativo é um jogo onde os jogadores aprendem a demonstrar comportamento cooperativo, transformando o jogo em uma competição entre grupos ao invés de uma competição entre indivíduos. Esses jogos foram de extrema importância para a compreensão de grupo e de sociedade.

Jogamos Voleibol de Lençol, Corrida da Água, Condução de Cego. Pela primeira vez montei duplas, eram montadas sempre entre os que brigavam mais, eles tinham que aprender a trabalhar juntos e aceitarem as diferenças e as dificuldades do outro.

Surpreendi-me com a resposta deles aos Jogos Cooperativos, diferente dos antigos jogos que sempre terminavam em brigas e reclamações, esses acabavam em risadas, uniformes molhados e pedido de fazer novamente. Esse comportamento me motivou a voltar a jogar com eles outros jogos. Toda quarta-feira tinha como última aula um desses jogos: era um projeto de trabalho visando a construção de ambiente para os demais trabalhos pedagógicos que desenvolveria com a turma.

A maneira mais fácil de trabalhar com eles foi fazer uma proposta de brincadeiras. Combinei com eles e a direção que na última aula de quarta-feira, a gente usaria as quadras para atividades organizadas por eles, depois que aprendessem a se organizar após os jogos cooperativos.

Eles tinham que escrever propostas de jogos para o grupo e a gente votaria, sempre escolheríamos duas propostas para brincar/jogar. O projeto tinha que ter as regras já escritas, total de participantes, tempo de duração, alguns vinham com esquema tático já. A partir dessa proposta o problema com a produção de textos deixou de existir.

Sabiam que a escrita tinha que ter clareza, então eu era muito requisitada durante a semana para reorganizar e discutir algumas coisas do projeto de cada um deles, mesmo porque até dentro dos grupos as vontades eram diferentes. Pony Boy participou de todas essas fases, cada dia do seu jeito, um dia emperrava e nada saía, em outros era o grande articulador do grupo. O bets foi uma das primeiras brincadeiras a chegar; a única que permaneceu pois todas as semanas uma dupla jogava 10 minutos.

O dia que o bets chegou à escola!

12/06/2013

Toda a última aula de quarta--feira é dedicada ao brincar. Já brincamos de amarelinha, cobra cega, jogos com garrafas, futebol, queimada, outros brinquedos dentro da sala e outras coisas que nem lembro mais.
Mas o dia em que vi tacos de bets, desenhei na minha cabeça esse dia. Deixei guardado no armário e ontem esse dia chegou.
Foi um primeiro dia complicado, as meninas não sabiam jogar, cada menino tinha uma regra, todos queriam jogar, afinal era o primeiro dia.
Depois de muitas conversas e "vamos parar por aqui", finalmente alguns times conseguiram jogar, outros só reclamaram. Na volta para sala nos minutos finais da aula, fizemos uma conversa para organizar a próxima semana.
Hoje era dia de passeio, o ônibus atrasou e todos começaram a reclamar, para acalmar os pequenos, resolvi voltar ao jogo, enquanto a escola resolvia a coisa do ônibus.
E diferente de ontem, hoje foi lindo, todos se organizaram sem ligar muito para a Prô, a única coisa que conseguiu fazer foi arrumar dois juízes de linha.
As meninas, que não sabiam jogar, tiveram vários técnicos; para todo lado, eu só ouvia:
- Bate agora e corre!
- Corre, corre, fica fica, pára, vem, volta, volta, vooooooooooolta!
Agora joga forte, derruba a casinha do lado de lá!
Toda a turma dividida, um pouco de cada um, em cada lado, era um técnico.
E a cada ponto de qualquer lado todos gritavam:
- Uhuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu!
Fizeram revezamento, cruzaram os bets, trocaram sorrisos, risadas, planos, redefiniram as regras, prestigiaram cada jogada do outro, ficaram atentos, usaram a direita, a esquerda, pra frente e pra trás, os cinco sentidos, trabalharam o corpo, a matemática e o português, cantavam, rimavam, respeitaram as diferenças de tamanho e idade, contaram o tempo nas mãos, guardaram os segundos nos olhos e cada 10 minutos, abraços de troca de turma.
Algumas vezes me afastava e voltava e a situação controlada nas mãos deles, eu olhava e antes de perguntar vinha à resposta:
- Prô ta 3 a 2, 8 a 0, 9 a 5 ou ainda, logo logo aquela equipe vai cruzar os bets.
Por pouco o ônibus não nos pega na quadra.

Outros jardins chegaram nessa nova turma, além do aumento na quantidade de miniaturas trazidas, a organização para ficar no jardim também mudou. A areia virou local de organizar o projeto e os jogos, as duplas/equipes se reuniam para montar estratégias dos jogos, riscando a areia com os dedos e junto com ela a maneira de se relacionarem com o grupo.

O jardim teve o desempenho proposto por Shunmyo Masuno, foi usado como um local para alcançar a calma e meditar. Comecei a notar que embora fosse lotado de miniaturas, na hora que chegavam no jardim, retiravam todas e escondiam as mãos um tempão na areia. Olhavam uns para os outros e riam, alto e faziam comentários sobre as sensações, conversavam sobre algumas coisas e muitas vezes me chamavam para participar da conversa.

O tempo e as combinações com os pais, que podiam até continuar brigando entre si, mas sabiam que na escola os filhos teriam que se dar bem, mudaram o comportamento da turma. Continuaram brigando, às vezes saíam “nos tapa”, continuaram altamente competitivos, porém o diálogo em torno do Jardim passou a ser uma forma de resolução de conflitos, antes dos “tapas”.

Essa turma nunca se interessou por nenhum dos outros espaços, às vezes ficava fora da sala com as barras de montar, ou jogando cai-não-cai, mas era raro. Necessitavam sempre de atividades que queimasse a energia, então com eles às vezes fazia umas paradas no meios das aulas, íamos para a quadra pequena e jogávamos queimada ou bets e retornávamos para a aula.

Aproveitando o vento de agosto, aprenderam a fazer capucheta também, um exercício de paciência, observação, concentração e boa vontade. Eles me mostraram que tinham capacidade para tudo isso.

A capucheta foi a segunda coisa de que mais gostaram de fazer na escola. Dobrar o papel, cortar no tamanho certo, muitas vezes erravam e refaziam, dobrar e fazer a rabiola e por fim dividir a linha. Foram momentos de magia e risadas que compartilhei com eles.

Nessa época eu fazia um curso de formação sobre cinema e vídeo na escola. Em uma das aulas, a proposta foi sobre a atividade do dia. Após relatar a minha, o professor disse que esse seria o meu filme, gravar com as crianças a produção e a “soltação” das capuchetas.

Quando fiz a proposta para as crianças, adoraram a ideia por dois motivos, um deles foi a ideia de ser ator e aparecer no telão, o outro foi, assistir-se soltando a capucheta. Acabamos fazendo o filme para participarmos da Mostra Estudantil de Cinema, foi um trabalho elaborado conjuntamente.

Ainda hoje 2015, me perguntam se podem ir até a sala do 1º ano brincar no Jardim, as vezes que digo sim, agem da mesma maneira, retiram todas as miniaturas e escondem as mãos, rindo muito e alto após alguns segundos.

A Turma dos Autores – 2014. 1º ano Ensino Fundamental

Em 2014 retorno a uma turma do 1º ano. Encontrei crianças de 06 anos que queriam brincar e contar as suas aventuras na escola e em casa, todos os dias ficávamos mais de uma hora ouvindo uns aos outros. Montei com eles um espaço de transição entre a Educação Infantil e o 1º ano, pensando que nós somos crianças apenas uma vez e temos a vida toda para sermos adultos e que a escola de uma maneira ou outra, vai estar sempre presente em nossa vida.

Em setembro, após uma atividade longa sobre escrita, autoria e leituras, passaram a se chamarem de “autores”. Às vezes vinham com alguma proposta que eu rejeitava e escutava:

- Mas Robô, nós somos autores, esqueceu?

Nessa turma algumas crianças já conheciam o Jardim Japonês da Educação Infantil. A minha irmã, que me apresentou o Jardim, foi professora de parte dessa turma e mantinha dois em sua sala. A maneira que brincaram foi comum a todas as outras turmas, formam dois ou três grupos grandes e sentavam em frente ao Jardim, que esse ano também é bem grande. Vão se revezando, às vezes uns retiram todas as miniaturas ou empurram a areia toda para os cantos, deixando o meio livre. A partir desse meio limpo é que eles começam a brincar, seja transportando areia para outros jardins em potes, seja enchendo potes e potes de areia e devolvendo para o meio, selecionando e

catalogando as miniaturas por cores, tamanhos, formas e tipo. As vezes brincavam de lanchonete e as areias viravam sucos ou sopas.

Enquanto enchiam os potinhos conversavam e elaboravam as mais variadas questões, muitas vezes não conseguia responder, pois em cima de uma questão, surgia outra maior e mais complicada, algumas relacionadas a Deus, outras aos alunos da escola, sobre família, dúvidas pertinentes à infância e a descoberta de um novo mundo.

A Turma de Autores era composta por crianças atuantes, comunicativas e com grande intimidade com a arte e o brincar, o jardim japonês e os outros espaços da sala ampliaram esse universo. Tinham sede de conhecimento e se expressavam com o corpo todo. Percebendo essa vida dentro de cada um deles, fiz uma proposta para o grupo de criarmos um livro de alfabetização através das rimas dos nomes. O livro chamou “Nosso Livro das Rimas”.

Fizemos durante todo o mês de fevereiro um trabalho com rimas, e poesias, utilizando palavras fáceis de rimar. Quando todos já conseguiam rimar seu nome com alguma palavra, fomos para a produção. A ideia era apresentar o amigo para a família através das rimas feitas pelos amigos e ilustrada pelo próprio aluno. Esse foi o início do processo de alfabetização.

Para completar a apresentação e aproveitar a vontade de contar que tinham, iniciamos em março o projeto “Onde fica a casa do meu amigo?”[75]; após uma reunião com as famílias dos alunos combinamos que cada família receberia os amigos do filho em casa, para uma tarde lúdica com lanches e os familiares. Dos dezenove alunos, fomos recebidos na casa de dezesseis e cada família criou um momento de brincar. Tivemos festa de aniversário, sessão de cinema, passeio no bairro, balão pula-pula e todo tipo de lanches possíveis, além do estreitamento da relação entre escola e família. O projeto foi de março a dezembro, passando também pela minha casa, os alunos queriam conhecer a casa da professora e Sedna.

[75] Mesmo nome do filme iraniano, *Onde Fica a Casa do meu Amigo*. Dirigido por Abbas Kiarostomi, de 1987. O filme trata da escola, a amizade e a lição de casa.

Conhecer a família e sua história é importante para o professor e a escola que desejam desenvolver parcerias com os pais, para além das reuniões de pais. Arroyo nos fala sobre o convívio na escola:

> Uma das dimensões básicas da ação educativa: aprender a ser, desenvolver-se no convívio com semelhantes e diversos em temporalidades do fazer-nos humanos, no convívio com sujeitos respeitados para expressar significados e aprender significados no convívio do seu próprio tempo cultural. Convívio de semelhantes e diversos onde seja pedagogicamente possível contar-nos uns aos outros, adultos a crianças e adolescentes, estes àqueles e entre si, contar-nos nossas histórias, nossos saberes e ignorâncias. Nossa cultura. (ARROYO, 2000, p. 65)

Enquanto as crianças brincavam, a família e eu conversávamos sobre a criança, como se alimentava, quanto tempo de sono, como organizava seu tempo de estudo e entre uma conversa e outra os pais recordavam das brincadeiras de infância, eu recordava as minhas e íamos criando vínculos com lembranças, risadas e comidas. Após a visita a cada casa, todos queriam contar a sua visita, motivos para escrever e criar hipóteses de escrita não faltavam.

No início mês de maio a escola inteira abraçou o projeto Copa do Mundo. Conversei com as crianças sobre as possiblidades do que fazer, ninguém se interessou por algum país, hinos, bandeiras, jogadores, coisas comuns aos maiores. No final da primeira quinzena, uma das alunas chegou alegre contando a todos nós sobre o Fuleco, o mascote da copa que era um tatu bola.

Nesse mesmo dia fomos pesquisar o que era o Fuleco, como era o tatu bola e decidimos que dentro do projeto Copa do Mundo faríamos o mascote. Quando começamos o trabalho, o pedido de todos foi:

- Nós não queremos fazer o Fuleco pintado na folha, igual a outra turma. – Queremos um Fuleco de verdade. Na realidade queriam um Mascote tridimensional.

Projeto Mascote da Copa do Mundo!

Nossa turma "embalou" legal na onda da Copa. O Mascote era o Fuleco, mas eles quiseram criar os seus próprios mascotes a partir das figuras dos animais que amam. O sonho deles não era pintar um mascote em uma

folha de sulfite, era fazer um brinquedo para jogar para cima, tocar, sentir os contornos. Então eu disse:

- Gente isso eu não sei não!! - E o Bre. falou:

- Chama a Vilma minha prô lá do Zuleika que ela ajuda!!
E assim foi feito, convidamos a Vilma que trabalha com o tridimensional no AG3, ela topou a brincadeira e nos juntamos todos para pensar material, tempo e espaço.
O material tinha que ser reciclável, o tempo era pouco e tinha que ser dinamizado, o espaço teve que ser prolongado para casa das prôs!!! O que para nossas turmas é coisa normal. Papelão doado por uma mãe, Juliane Ribeiro, caixas de papelão de supermercado, cola de farinha.
E o melhor, cada criança desenhou seu bicho, do seu jeito de ver e conhecer e pode construir um mascote tridimensional, cheio de significado, sentidos e com muita alegria e prazer no fazer. Se o processo da Copa foi cheio de alegria e resultou em decepção, não deixará de nos trazer aprendizados como torcedor e cidadão brasileiro. Já o processo do nosso Mascote teve como resultado uma explosão de alegria e boniteza saída das mãos das crianças.

No seu livro Tópicos Utópicos, Ana Mae Barbosa afirma:

> Através da poesia, dos gestos, das imagens as artes falam aquilo que a história, a sociologia, a antropologia etc., não podem dizer porque elas usam outros tipos de linguagem, a discursiva e a científica que sozinhas não são capazes de decodificar nuances culturais. (BARBOSA, 2007, p. 16).

Para eles ganhar ou perder a Copa do Mundo não surtiu efeito, o que importava para cada um deles é que tinham seus mascotes, seus animais preferidos, pensados, elaborados e confeccionados por eles.

Enquanto fazíamos o nosso mascote e íamos conversando sobre ele, notei que eles estavam mais à vontade com a leitura e sem medo de errar. Pedi para o diretor comprar a coleção de livros “Mico Maneco[76]”, da autora Ana Maria

[76]A Série 'Mico Maneco' procura oferecer às crianças uma fascinante aventura - aprender a ler, lendo. Apresentando personagens bem brasileiras, inseridas em histórias curtas e imaginativas, estes livros visam fazer da alfabetização um prazer. São vinte livros, agrupados em cinco coleções, que acompanham o leitor à medida que vai apresentando maior domínio da leitura.

Machado. A presença do livro foi uma festa, a ilustração chamava a atenção e as histórias eram cheias de humor.

Após um tempo de manuseio e leitura, a turma se interessou pelos escritos de Ana Maria Machado e a foto dela no livro. Expliquei para que servia a foto e o que eram os escritos, a bibliografia dela. Mostrei outros livros com outras biografias também, falamos muito sobre autoria e a importância de ser autor de um texto ou uma história; no final da aula já tinham me convencido que também eram autores e queriam uma biografia e uma foto como a moça do Maneco.

Agora também sou autora...

30 de agosto de 2014

No início do mês comecei a utilizar com as crianças os livros da coleção "Mico Maneco", no primeiro dia dei liberdade para lidarem com os livros da maneira que quisessem.

No meio da farra geral, R. veio com um livro e me perguntou: - Prô essa mulher aqui é a moça que escreveu essas histórias? - Peguei o livro nas mãos e li para ele a Biografia de Ana Maria Machado, depois confirmei que sim.

No dia seguinte, depois que escolheram o livro que queriam que eu lesse comecei pela biografia da autora e contei mais algumas coisas sobre ela. Nay perguntou:

- Ela aprendeu a ler aqui na escola do Brasil igual a gente e virou uma autora? - Respondi que sim e ia respondendo algumas dúvidas que apareciam. No decorrer do tempo notei que todos iniciavam a leitura do livro pela biografia, então tive a ideia de fazer uma biografia para eles também!

Conversamos sobre algumas coisas importantes para cada um, depois digitei uma pequena "bio", imprimi uma pequena foto deles, juntei um texto de cada e colei tudo em um papelão grande que fica pendurado, espalhado pela sala, toda semana tem nova história.

Quando tudo estava pronto, e eles perguntando o que era aquilo, pedi que sentassem e comecei a ler a Bio e a história de cada um. Brilho nos olhos, sorrisos na boca e a descoberta de serem autores, produtores de

história, de cultura, de conhecimento e de terem alguma coisa para contar, foi um momento mágico, todos os dias escuto:

- Gente eu vou ler a vida e a história do... e o silêncio se faz presente! Tem dias que atrapalha enxergar a lousa, nesses dias ouço:

- Não tira não Prô eu puxo um pouco a carteira! Passando a mão carinhosamente sobre o papelão, um tesouro acessível.

No começo quatro alunos não tinham a história para colocar, não escreviam, não ditavam para os amigos, ao ouvirem sua biografia um deles falou:

- Prô eu vou escrever também uma história amanhã! Essa semana o interesse de Manu cresceu lindamente

Segunda--feira sentou-se e produziu algumas linhas, mas cansou-se, irritou-se e rasgou todo o papel porque umas das meninas disse que ela tinha escrito muito errado para uma autora.

Sentei a pequena no colo e falei no seu ouvido que só os que moram em Sedna sabem se a autora errou ou não, ela riu balançou a cabeça e correu para sua carteira.

A sua confiança cresce aos poucos, ontem chegou rindo e me entregou três pequenos papéis falando:

- Olha ai Robô, eu escrevi três histórias em casa! - Sorriso de uma ponta a outra no rosto. Na aula durante a chamada gritou:

- Robô vamos logo escrever uma história agora também sou autora e tenho biografia igual a moça do Mico! - Pegou seu lápis e um papel e falou devagar:

- Hoje eu vou contar a história do... e calou-se abaixando-se para escrever, às vezes olhava para a frente, outras balançava a cabeça e apagava o escrito, algumas vezes levantava-se e passeava entre as produções, sempre sorrindo e tocando de leve cada história.

Seu sorriso me confirmou que Manu está a um passo de ser autora da história mais importante da sua vida, alfabetizar-se!

Enxerga-se como autor foi importante para cada criança que compreendeu que ser autor não é apenas escrever uma história é ser parte da História da mundo, da sociedade, agir, pensar, mudar, ser livre para opinar sempre e quando quiser e ter segurança para fazê-lo. Os alunos do 1º ano

deixaram de seguir histórias, tornaram-se parte dela, quando reconheceram-se como autores.

As visitas às casas dos amigos continuavam e em todas as casas, uma das coisas sobre que os pais mais falavam era sobre a escola, a infância e as brincadeiras: ‘tenho saudades de brincar de roda”, “lembra quando a gente jogava bolinha de gude”, “bons tempos do carrinho de rolimã”. Em uma dessas casas tive a ideia de aproveitar o mês de agosto, que é o Mês da Cultura Popular, para resgatar com os pais essas brincadeiras. Enviei para cada família um pequeno questionário assim:

Resgate das Brincadeiras da Infância 1º ano – 2014

Nome_____.

01- Qual era a sua brincadeira preferida na infância?
02 – Explique como se brincava.
03 – Qual material é necessário?

Quando todos voltaram fiz a relação de materiais necessários para cada brincadeira e pedi que a direção comprasse. As brincadeiras foram: pega-pega, corrida, amarelinha, futebol, esconde-esconde, pega-pega fruta, paradinha, queimada, bets, boneca, bolinha de gude, pega-corrente, morto-vivo, pique bandeira, corda, cama de gato, stop, nós quatro, salada mista, peteca, pula elástico, pião, capucheta.

Iniciamos o mês de agosto brincando, no recreio, na aula e em outros horários possíveis; estudamos todas as regras e após a leitura de cada uma delas expliquei para as crianças que essas brincadeiras tinham as regras certas, escritas pelos pais, não poderíamos mudar, essas teriam que ser obedecidas, muitas delas eram novidades. Carrinho de rolimã, capucheta, cinco marias e cama de gato foram as favoritas da turma.

Após cada brincadeira e o retorno para sala, conversavamos muito sobre cada uma delas, o que tinha dado certo, errado e fazíamos produção de texto coletiva e/ou individual e junto com ela o desenho da brincadeira do dia. A cada dia a paixão pela escrita ia crescendo naquela turma que já se sabiam autores e estavam cheios de coisas para contar.

Brincar e dividir a brincadeira com os pais e familiares que haviam nos ensinado virou a motivação maior da turma. Com o passar dos dias, a produção coletiva perdeu espaço, cada um queria contar a mesma brincadeira de uma maneira diferente, as dores, as alegrias e as aprendizagens tiradas dali. Como afirma Mello:

> Isto implica que a criança não se apropria da escrita apenas porque o educador deseja imensamente ensiná-la, mas apenas quando a escrita faz sentido para ela, quando o resultado da escrita responde a uma necessidade criada na criança. (MELLO, 2000, p.33).

Contar para a família o aprendizado de uma brincadeira ensinada pelos pais era a necessidade dos autores a partir daquele dia. O desenho feito após as visitas a muitas casas já não bastava mais, o necessário era recontar para a família, o aprendido, dividido e vivido na escola. Finalmente, como ensina Freinet (2001, p. 38), "a escrita só tem sentido se somos obrigados a recorrer a ela para comunicar nosso pensamento além do alcance da nossa voz, além das barreiras da nossa escola." As brincadeiras levaram nossas vozes além das barreiras da escola, seja através das falas dos alunos, dos amigos ou da internet, o importante é que as vozes das crianças são ouvidas e respeitadas.

Os textos e a escrita passaram a fazer parte da vida daquela turma.

Robô você tá jogando autor fora!!!

30/10/2014

Tenho uma caixa onde vou colocando materiais mil e hoje estava atrás de um documento que tinha certeza que estava lá, comecei uma faxina imensa nela, enquanto todos estavam ocupados, todos menos a Manu.

Na primeira leva de papéis que joguei no chão, notei que ela levantou-se da sua carteira sentou-se no chão e ficou conferindo cada papel depois separou uns de lado.

Na segunda leva, ela já bem incomodada falou, meio que dando uma bronca:

- Robô você ta jogando autor fora!!! - Olhei para ela sem entender muito e apontei a carteira dela, fazendo sinal que ela deveria voltar para o lugar.

Não adiantou, levantou veio até a mesa e falou:

- Olha aqui isso é um texto, aqui embaixo deve ter um autor! - Respondi que não tinha autor e que aquele texto ela poderia jogar fora.

Pegou o papel ficou olhando um tempão, ainda não consegue ler direito, achou umas letras conhecidas e falou:

- Acho que não, olha aqui ta escrito Joana ou João!

- Não Manu nem um nem outro, joga fora! - Contrariada respondeu:

- Não, então vou pegar para mim, você que não quer guardar o autor.

E assim foi o resto do tempo, todos textos ela achava um autor e arrumava uma desculpa pra ficar com o texto.

Uma hora veio o de um amigo e ela gritou:

- Nossa professora (quando estão bravos comigo, viro professora), você tá jogando fora o texto do Bre e ele é o autor! - Respondi pra ela que ele havia jogado fora há tempos, não havia gostado e mandei que ela falasse com ele.

Foi correndo e voltou um tempo depois gritando:

- Ele me deu esse texto! - Peguei os textos dela e falei:

- Manu joga fora, daqui a pouco tá tudo aqui na mesa de novo ou no chão! Agarrou a minha mão e falou:

- Não! - Você ia gostar que jogasse sua autoria fora?

Parei e ri para ela dizendo que tinha razão, dei os textos para ela e disse que a partir de hoje ela seria guardadora de autores!!!

Foi sentar-se toda feliz com os textos nas mãos! O sorriso não escondia a satisfação pelo novo "cargo" assumido.

O legal disso é que a cada dia ela vem crescendo na escrita e leitura!!! E meu documento como não tinha autoria certa deve tá solto em algum lugar ainda.

As brincadeiras foram ganhando vida e escrita, cada dia uma nova brincadeira, ou uma repetida valia um texto, até que marcamos a data para o encerramento das brincadeiras, pensamos que a melhor data era 22 de agosto, dia que no Brasil se comemora o Folclore.

A equipe gestora, tem um papel na escola que vai muito além da compra de materiais, presente na figura do diretor, é a escuta, o apoio, o que ajuda a pensar, a organizar a ideia e tornar possível o sonhos das crianças e da Robô, simplesmente porque respeita a infância. Agendei com ela e lanche, horário e material necessário para que pais e filhos passassem uma tarde brincando e ampliando os laços com a escola; nem todos os pais puderam participar nesse dia, mas a participação da maioria foi intensa e de entrega total para a brincadeira e a criança. Para Mello:

> Tais atitudes e capacidades formam as bases necessárias para a apropriação da escrita. Por isso, quando defendo a necessidade de a criança - seja na educação infantil, seja no ensino fundamental – expressar-se por meio das muitas linguagens possíveis na escola, não quero excluir a linguagem escrita. Ao contrário, quero incluí-la de modo que se torne mais uma linguagem de expressão das crianças [...] Se as crianças puderem conviver com a escrita e com a leitura - realizadas inicialmente pela professora - enquanto vivem muitas experiências significativas – por exemplo [...] visita dos pais, mães e avós da turma à escola – a leitura e a escrita constituirão o próximo passo que a criança vai querer dar em seu processo de apropriar-se do mundo. (MELLO, 2005, p. 34).

Foi exatamente o que aconteceu com os autores após usarem a linguagem das brincadeiras e a visita dos pais, mães e avós na escola. Retornaram para a escola com um novo propósito: tornar-se um autor de verdade, escrever um livro igual a todos os que eles conheciam, queriam um livro igual do Maneco.

Conversamos muito sobre as possibilidades e eles me mostraram que já tinham parte do livro feito, já haviam produzido um livro de rimas no início do ano. Queriam apenas transportar os textos e desenhos do álbum de fotografias para um livro de verdade.

Nesse dia iniciou-se o maior desafio da Turma de Autores, a organização de um livro de verdade. Primeiro tentei falar com eles sobre as dificuldades e problemas que poderíamos achar pelo caminho, nada adiantou, pois como Manu já havia dito várias vezes, eles eram autores e queriam um livro, com seu nome e sua bibliografia. Segundo João Wanderley Geraldi,

> (...) há condições para que a escrita se dê: um sujeito somente escreve quando tem o que dizer, mas não basta ter o que dizer, ele precisa ter razões para dizer o que tem para dizer. Muitas vezes temos algo para dizer a alguém, mas temos razões para não dizer. Mais ainda não basta eu ter o que dizer e ter razões para dizer, eu preciso ter claro para quem eu estou dizendo. (GERALDI, 2010, p.98)

Essa turma tinha as três condições para a escrita, o que dizer, razões para dizer e muito claro para quem dizer. Eles queriam contar para todos como é brincar com os pais na escola e com as mesmas brincadeiras que seus pais brincavam.

A primeira fase da construção desse livro foi a escolha das brincadeiras que entrariam no livro. Todos queriam escrever sobre o carrinho de rolimã, a cama de gato, amarelinha e pega-pega. A explicação que dei foi de que se todos escrevessem sobre a mesma brincadeira, mesmo que com diferentes olhares deixaria o nosso livro muito restrito. A escolha das brincadeiras durou uns dois dias e enquanto acontecia o debate as brincadeiras iam ganhado vida nas folhas, em cada sorriso e balançar de cabeça dados para relembrar algum fato quase esquecido naquela brincadeira feita tantas vezes.

Com o passar dos dias o livro tomou forma, cada criança escolheu uma brincadeira, contou do seu jeito como brincou e porque escolheu aquela brincadeira. Escreveram com carinho e devagar a sua biografia e a sua ilustração e sem pressa também escolheram o lugar para se fotografar, o seu lugar preferido na escola.

Um processo que se iniciou em fevereiro com o livro das Rimas e teve seu encerramento em dezembro com o lançamento do livro “Que brincadeira é Essa?!”.[77]

Entendo que a organização dos espaços e principalmente o Jardim Japonês atenderam a minha necessidade e das crianças de aproximação, calma e diálogo. Ele nos proporcionou autenticidade, intimidade e confiança. Confiança

[77] Que brincadeira é essa?! São Carlos: Pedro & João Editores. 2014.

muitas vezes conseguida só no brincar. No brincar existe uma doação inconsciente de todos os envolvidos, há uma ampliação do universo de possibilidades de aprendizagens na aula, não há controle, existe liberdade, o que para eles é entendido como diferente das lições pedagógicas onde existe o controle feito pelo professor, ou pela instituição escolar.

Foi brincando que eles participaram do processo de aprendizagem e dividiram comigo a produção de conhecimento. A cada leitura feita e refeita, a cada reescrita e a cada texto terminado a certeza de ser protagonista do seu processo de alfabetização. Segundo Quinteiro:

> Sob a dimensão pedagógica da participação, a criança deixa de ser simplesmente destinatária do conhecimento, já que é a participação que possibilita dar significação à sua aprendizagem. A partir daí, dão-se todos os desdobramentos das culturas da infância – compostas por formas diferentes, processos diversos de construção de significados, por meios variados de utilização da linguagem, no sentido alargado da cultura. (QUNTEIRO, 2007, p.36).

Repartir com a criança a ação de produzir na escola, é respeitar a criança e sua história de vida, na ação do ensinar e do aprender, é valorizar nossa ação como professor criativo e aberto a mudanças. Acredito que os educadores da atualidade não podem fechar os “ouvidos” às vozes das crianças, que não são apenas vozes soltas ou relatos orais, suas vozes apontam para a construção de uma cultura, a cultura infantil. São vozes e relatos de quem sabe o que quer, sabe o que produz, da importância da sua produção e não quer ser silenciado pelo documentado da escola.

Contudo, será necessário compreender melhor essa produção, os contextos em que surgem, os debates e tudo o que vem por trás dela, ou junto com ela, uma vez que o protagonismo infantil e as culturas da infância são novidades nas escolas de um modo geral.

Na Prancha

Prancha era o que falavam meus Piratas sempre que acontecia alguma coisa na escola, bronca da diretora, hino nacional, festas, que nos tirava no nosso navio. Ir para a prancha era uma volta à realidade e novo ponto de partida.

Vou usar essa metáfora da prancha para me distanciar das aulas e das turmas que até agora foram apresentadas. Farei aqui da/na prancha a avaliação da pesquisadora do meu trabalho pedagógico desenvolvido até aqui.

Minha visão de pesquisadora foi construindo-se a partir do momento que comecei a escrita e junto com ela, selecionar pipocas, conversas e memórias de trabalho e conversas com os alunos.

Eu não posso separar o meu fazer/pensar/agir pedagógico do meu fazer/pensar/agir pessoa, a professora Cristina e a pessoa Cristina, são as mesmas pessoas dentro e fora da escola. Uma profissional que dentro da escola sofre resistência no seu fazer pedagógico.

Foi nesse mesmo movimento que me dei conta do porquê dessa resistência.

A resistência dos profissionais da escola e da academia, na realidade, é à minha pessoa, não ao meu trabalho pedagógico, ou melhor, a tudo o que ela representa. Valores que eles odeiam e que em várias reuniões deixam aparecer, preconceitos que resistem: a Mulher Negra e Professora que segundo muitos não sabe qual é o seu lugar, ao Sangue Kassange escravizado que trago nas veias, que durante anos resistiu à escravidão e à obediência cega. A Criança Negra que estudou em escola pública e que morou em periferia e chegou onde esta hoje, ao Movimento Estudantil, área que sempre militei desde os tempos de ginásio, ao MST, ao Estatuto da Criança e Adolescente, ao Movimento Negro, a todas as vezes em que GRITO NÃO ao racismo escondido dentro de cada fala dos professores. A esquerda que sempre defendi na Luta de Classes também presentes em suas falas, oprimindo alunos e famílias, sem percebem-se como classe trabalhadora. Bandeiras erguidas por mim em todas as reuniões onde eu sinto que é necessária a defesa desses direitos. Quando “cantado” por mim

como direito maior dos nossos alunos, crianças e adolescentes da EJA[78], o ECA[79], principalmente estes que já haviam sido "expulsos" da escola diurna e por isso ainda sofriam a perda de direitos. A defesa incondicional da Escola Pública em um meio em que todos defendem a escola e o ensino particular.

A resistência é a educação que recebi dos meus pais e a minha opção de militância social e política. É impossível separar o pessoal do profissional, eu represento a junção de tudo que vivi e aprendi na vida e nas escolas por onde passei: Escola Estadual Benedito Sampaio, uma escola de esquerda em pleno Regime Militar, uma formação exemplar na luta e busca de direito à vida e à dignidade; Escola Carlos Gomes, Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Universidade Estadual de Campinas. Não podia entrar na escola apenas com o aprendizado destas, o que vivi e aprendi socialmente faz parte do meu todo.

A licenciatura em História me ajudou a compreender a importância de decidir de que lado da luta estar, jamais em cima do muro e nunca contra o trabalhador. O Mestrado e o Doutorado me serviram de base e sustendo nas ações pedagógicas e teóricas dentro da escola pública.

Esse histórico tem que estar aqui e não na minha novela de formação porque foi fazendo essa reflexão que entendi que meu trabalho pedagógico é pautado na crença de que ensinar exige alegria e esperança. Paulo Freire afirma:

> Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria... A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica, sem ela não haveria história, mas puro determinismo. Só há história onde há tempo problematizado e não pré dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da história. (FREIRE, 2006, p.72)

Aprender, ensinar, inquietar-nos é a junção da escuta e da alegria em aula. Por isso, após esse primeiro movimento de escrita, percebi que existe um jeito único de aprender, ensinar e inquietar-nos em todas as turmas de 2007

[78] Educação de Jovens e Adultos.
[79] Estatuto da Criança e do Adolescente.

a 2014. A maneira pelo qual eu concebo meu fazer pedagógico;, todas as turmas desenvolveram projetos de trabalho elaborados conjuntamente, coletivamente, dialogicamente.

Projetos que não foram pensados antes por mim, nem previamente escritos. Projetos que nasceram dos diálogos com cada aluno e entre eles, projetos que aconteceram nos momentos de reflexão e conversas com os alunos que me apontavam sempre por quais caminhos eu deveria ir para dar conta do conteúdo oficial, abandonando velhas práticas cristalizadas. Hernández e Ventura apontam que...

> A evolução do processo de inovação comporta, por um lado, assumir [...] os aspectos básicos da inovação, e, por outro sua implantação efetiva na sala de aula. Mas, além disso, não se pode perder de vista que se trata de um processo de inovação aberto que, a partir de uma necessidade inicial, vai sofrendo modificações. (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p. 28)

A cada encontro, os projetos iam ganhando vida, começando pela Turma dos Piratas e chegando a Turma dos Autores, a cada descoberta alguma coisa se alterava, principalmente a maneira de se enxergar como parte ativa dentro do grupo e na tomada de decisões nos projetos. Para Edwards, Gandini e Forman:

> (...) quando o tópico de um projeto é muito familiar às crianças, elas podem contribuir para o projeto com seus próprios conhecimentos e sugerir questões a serem indagadas e linhas de investigação a seguir as próprias crianças podem assumir a liderança no planejamento, assumir responsabilidades por observações específicas e por informações e pelos artefatos coletados. Projetos que investiguem fenômenos reais oferecem às crianças a oportunidade de serem “antropólogos naturais”, que parece terem nascido para ser. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p.41)

A escola vivenciada por cada turma participante de cada projeto anual e principalmente pela Tuma dos Piratas/Países 2009/2010 é diferente dessa escola que temos hoje, marcada por regimentos, ordens e algumas regras a serem respeitadas, muitas vezes passando por cima de pessoas. Uma escola

longe de projetos, pautada em currículos que tendem apenas a ensinar o conhecimento para avaliações pensadas em larga escala.

Segundo Hernández:

> Um currículo no qual a construção de sua subjetividade, a formação em habilidades básicas para responder e interpretar o mundo em mudança, onde a informação duplica a cada 10 anos, subordina-se à aprendizagem de alguns conteúdos, apresentados como entidades objetivas, estáveis, sem história e descontextualizados. (HERNANDEZ, 1998, p. 19)

O meu trabalho pedagógico é totalmente voltado para as crianças e a sua cultura; é observar como ela se relaciona com o mundo, com o outro, com a natureza e como a partir daí ela produz sua cultura e a sua participação na escola, dividindo esse mundo e produção, com o professor que se mostra disposto a ouvir essa produção e saberes. Para Larrosa:

> Não obstante, e ao mesmo tempo, a infância é um outro: aquilo que sempre além de qualquer tentativa de captura inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifico bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro é justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. É insistir uma vez mais: as crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não compreendem a nossa língua. (LARROSA, 2004, p. 84)

Já escrevi anteriormente, reforço aqui o trabalho em sala. A minha sala não é um lugar onde todos os alunos estão fazendo todos a mesma coisa no mesmo tempo; eles se organizam dentro dos espaços de trabalho. Após o debate inicial sobre cada produção coletiva ou individual dentro dos espaços, existe a primeira parte geral, onde todos desenvolvem pelo menos uma atividade igual, a partir daí cada aluno tem seu tempo de produção respeitado, enquanto uns estão na mesma atividade outros estão lendo, desenhando, jogando, montando blocos ou brincando de escolinha, ou ainda na biblioteca da escola. Para Hernández:

> Uma organização desse tipo, uma gestão do espaço e do tempo assim proposta, supõe revisar a influência da modernidade

> sobre a Escola sobretudo a que estabelece como sua função prioritária ensinar o "essencial" de algumas disciplinas transformadas em matérias escolares. Parece ser necessário revisar e questionar essa tradição, quando sabemos que a consideração do que é "essencial" se constitui também a partir de relações de oportunidade e poder. (HERNÀNDEZ, 1998, p.32)

Para Malaguzzi, a organização do espaço vai além da aprendizagem da leitura a escrita:

> Valorizamos o espaço devido ao seu poder de organizar, de promover relacionamentos entre pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividade, e a seu potencial para iniciar toda a espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele. (MALAGUZZI, 1999 *apud* EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1984, p.157)

Foi pensando nisso que criei nas minhas aulas um espaço de transição para as crianças que saem da Ed. Infantil, ainda pequenos e chegam "homens" ao Ensino Fundamental. Tem que aprender a ler, escrever, contar, ter hora de banheiro, de lanche, lugar para sentar, hora da roda, da leitura, do conto, da escrita, da conversa.

Trabalho assim não porque acho bonito, goste ou defenda a política do *laissez-faire*, muito pelo contrário, é porque acredito ser essa a única maneira de trabalhar a aprendizagem real dos meus alunos, inclusive a autonomia tão presente em planejamentos escolares. Para Malaguzzi,

> Não é verdade que nos baseamos na improvisação, que é uma habilidade invejável. Não confiamos no acaso, também, porque estamos convencidos de que aquilo que ainda não conhecemos pode, até certo ponto, ser previsto. O que sabemos realmente é que estar com crianças é trabalhar menos com certezas e mais com incertezas e inovações. ((MALAGUZZI, 1999 *apud* EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1984, p.101)

Na perspectiva do olhar da criança, da sua sede de conhecimento e da sua qualidade de assombrar-se ainda frente ao desconhecido vem o meu planejamento e a minha tentativa também de assombrar-me, mas com o velho e conhecido é que venho tecendo e fazendo uma escola com sentidos e alegrias para as crianças.

O trabalho com os projetos afasta a política do *laissez faire*. Geraldi nos aponta também a importância do trabalho com projetos.

> Um projeto de trabalho compactuado com o grupo de alunos torna-se o fulcro do planejamento global. A atividade local, oriunda do desenvolvimento do projeto, pode ser extremamente variada, garantindo desenvolvimentos das capacidades de reflexão na leitura, na escrita e na mobilização de recursos expressivos. Admitir a variedade não é admitir o espontaneismo: o trabalho com projetos o afasta. Não admitir a variedade em nome da uniformidade é tratar de forma igual questões diferentes e sujeitos diferentes. (GERALDI, 2010, p. 101)

A escuta das propostas dos alunos e a busca da parceria sempre foi uma busca no meu trabalho. Eles me apontavam sempre, por palavras, brincadeiras ou jogos o que queriam trabalhar, aprender e ensinar.

O cantor e compositor Beto Guedes na música “Amor de Índio”, escreveu um trecho que diz:

> Lembra que o sono é sagrado
> E alimenta de horizontes
> O tempo acordado de viver

Parafraseando o autor, eu digo a todos educadores que trabalham com crianças, “lembra que o brincar é sagrado e alimenta de horizontes o tempo destinado ao aprender”. Para a criança, brincar é uma necessidade, muito mais que uma vontade.

Diário de Bordo II

A fantasia regendo a aula

No mistério dos sem fim
equilibra-se um planeta.
E, no planeta, um jardim,
E, no jardim, um canteiro;
No canteiro uma violeta;
e, sobre ela, o dia inteiro,
entre o planeta e o sem-fim,
a asa de uma borboleta.

Cecília Meireles

Você verá que é mesmo assim
Que a história não tem fim
Continua sempre que você
Responde sim
À sua imaginação

Brincar de Viver. Guilherme Arantes (1985).

Pirada? NÃO! Pirata!

10/06/2008

Essa turma é do ano passado (2007), tão cheia de vida e vontade como a desse ano e não menos linda. Eu brincava com eles que era de Sedna, um planeta descoberto em 2003 e que tudo lá era minúsculo, por isso usava minissaia aqui na Terra, um planeta pra lá de estranho.

E para eles terem ideia da minha Sedna um lugar gelado e escuro, muito longe do Sol, li para eles durante o ano todo O Pequeno Príncipe, lia "duas linhas" por dia, não queríamos que acabasse.

É claro que toda a estranheza da Terra era enorme para minha pessoa, uma ET, não sabia de nada, nadica de nada do que se passava aqui, então as produções de texto eram diárias. "Pra que serve um Médico?", "Por que ir ao banheiro?", "Pra onde vão os dentes quando caem?" Geralmente eram sobre os assuntos falados em sala, e pra tudo eu fazia um carnaval e exigia uma explicação.

- Como uma bexiga foi parar dentro da sua barriga? - Ela estava cheia ou vazia quando isso aconteceu? - Eu perguntava sempre que um pedido para ir ao banheiro era feito e o motivo apontado era:

- Minha bexiga ta cheia!!!!! Já totalmente desesperados ou desesperadas.

Tive até aula de Ciências nesse assunto e aprendi muito.

Eles balançavam a cabeça e falavam:

- Professora você é maluca! Isso todos os dias, a aula inteira. Um dia pra me salvar apareceu um texto sobre uma boneca chamada Maluca, então eu respondia com uma voz de choro:

- Não sou boneca. Quando eu era chamada de maluca. Então vinha do outro lado.

- Maluca professora! Louca!

- Rouca eu, ah não to não, nessa hora eu ria.

Depois eu ficava séria e eles balançavam a cabeça e riam, claro que mais tarde eu tinha que ir à sala dos professores rir também.

Um dia veio o pirata Will Tunner[80] todo contente e falou:

- Professora você é pirada, é isso que a gente quer que você entenda! - Com os olhos brilhando de alegria, pensando, finalmente ela vai entender. - Respondi toda feliz:

- Pirata eu! Yes eu adoro ser pirata, vamos virar pirata então, amanhã a gente começa a pirataria. Onde a gente arranja um tapa-olho e uma espada?

- Não professora, pirada, maluca mesmo, doida. - Todos falavam em coro. Eu embarcava:

- Dor! Não to sentindo dor nenhuma, e não quero saber daquela boneca Maluca mais não. - Vamos piratear agora, achei um texto sobre Pirataria de Palavras.

- Não professora, não é PI RA TA é PI RA DAAAA e escreviam na lousa.

Todos os dias eles tentavam me convencer que eu era pirada, tudo isso com muito humor. E eu tentava mostrar a eles como era bom estar lá naquelas 4 horas. E que mesmo que pensassem o contrário, eles sabiam muito.

[80] Nomes escolhidos pelos alunos, quando decidiram virar a Turma dos Piratas. A maioria dos nomes é do filme Piratas do Caribe. Outros inventados na hora.

Com eles fui o Kiko do Chaves, o próprio Chaves, a Luluzinha aquela do Bolinha e outros que apareciam de repente, mas a última personagem criada por eles e para eles foi a Pirata Pirada.

Um dia o pirata Gabibas, chegou com um tesouro debaixo do braço e um sorriso no rosto, era um Atlas Universal e lá em alguma folha do meio estava Sedna e toda a sua história e era bem longe do Sol mesmo e também pequeno e frio.

Assim fizemos a nossa viagem de piratas procurando lugares para serem explorados na Revista Terra, recortando palavras desconhecidas e lugares bonitos e tudo isso ia para o nosso Baú de Tesouros, aqueles saquinhos dourados que vem dentro do café Mellita, mas é claro para eles era o ouro de Sedna e por isso bem cuidado e guardado.

Nosso Baú depois se transformou em texto e os textos em Histórias de Vida e apresentado aos pais no final do ano.

A Cris Cover

Fui uma criança que viveu a infância intensamente no reino da fantasia, além das histórias contadas pelos meus pais e tios, tive acesso a muitos livros desde pequena. Livros como: Sitio do Pica pau Amarelo, nesse sítio um sabugo de milho, uma boneca de pano e um porco ganhavam vida. A Enciclopédia Ler e Saber e Trópico Enciclopédia Ilustrada em Cores, nesses lia incansavelmente as histórias: Os 12 trabalhos de Hércules, Sansão e Dalila, Édipo, O Minotauro entre outras.

Passei, como já escrevi anteriormente, parte desse tempo no meio de gibis: Tio Patinhas, Pato Donald, Tarzan e Fantasma e entre muitos desenhos da televisão.

Dessa infância de desenhos, gibis e histórias, passei para uma adolescência encantada com telenovelas italianas, Barbara Cartland[81] e livros paradidáticos da Coleção Vaga-lume.

[81] Foi uma das mais bem-sucedidas escritoras de romances do mundo. Tornou-se uma das mais populares personalidades da mídia inglesa, aparecendo frequentemente em eventos e na televisão, aprumada em cor-de-rosa e coberta de joias, falando sobre amor, saúde e problemas sociais.

Impossível trabalhar com crianças e adolescentes sem fantasiar a vida em um lugar pouco acolhedor como é a escola. Como escreveu Guilherme Arantes a história não tem fim, continua sempre que você responde sim a sua imaginação e eu sempre respondo sim.

Respondo sim à arte, à criação, à invenção e à vida, e o que a criança traz de melhor para a escola, todas essas expressões dentro dela, nosso único esforço é alimentar tudo isso.

Sempre acreditei que existem duas maneiras para se chegar a uma criança, o brincar e a fantasia. Foi com essa crença que em 1993, recém efetiva na Prefeitura Municipal de Campinas, criei um robô cópia, igual ao desenho Super-Dínamo, já apresentado na minha novela de formação para fantasiar com crianças da 2ª série que sofriam com saudade da antiga professora.

O nome na época dado ao robô por mim foi Cris Cover, por conta das bandas covers que infestavam o país. Era uma palavra conhecida pelas crianças. Sempre que queria parar um pouco com dinâmica cansativa da aula atacava de Cris Cover:

- Quem são vocês?

- Qual é a fila da 2ª série?

- Quem falou isso? A Cristina?

Logicamente eu era sabatinada todo o tempo por eles também que me perguntavam a cada cinco minutos, os seus nomes e outros combinados, minha atenção tinha que ser grande. Sempre consegui driblar suas perguntas.

O tempo passou e a fantasia conquistou as crianças que já não sentiam mais falta da antiga professora e sim da Cris Cover. Perguntavam dela e me contavam sempre que ela morava dentro do meu guarda roupa e que era só apertar o nariz que ela ganhava vida.

Dei aulas nessa escola de fevereiro de 1993 até julho de 2000. Nessa época os pequenos de 1993 já eram adolescentes e viviam me perguntando da Cris Cover ou muitas vezes me ajudando a fantasiar com os menores.

Sempre que me encontravam no corredor perguntavam:

- É a Cris ou a Cover? – E foi essa pergunta que ouvi de uma dessas meninas em 2007 na minha defesa de Mestrado, enquanto esperávamos o resultado em um dos corredores da Faculdade da Educação:

- É a Cris Cover ou a Cris que tá aqui hoje defendendo a dissertação? – Com um belo sorriso no rosto. Passei oito anos naquela escola e nesse tempo todas as turmas da escola conheceram a Cris Cover, minha cópia. Hoje estão todos adultos e em tempos de modernidade conectados estamos todos e sempre quando querem falar comigo perguntam entre risadas:

- É a Cris Cover ou a Cris?

Em 2000 me removi dessa escola e abandonei o Cover por uns tempos. Entrei na escola no meio do ano, queria primeiro conhecer a turma, a nova escola era dirigida por uma diretora de mãos fortes, que sempre dizia:

- A escola é minha, quem não estiver contente que vá embora!

Na realidade me deparei com algo inédito e ainda não sabia se era viável ou não. Nas escolas em que havia trabalhado, tanto no estado como na prefeitura, não havia encontrado uma diretora que tratasse a escola como extensão da sua casa. A lei era obediência.

Nada era permitido aos alunos, tinham que sentar-se no lugar determinado por ela na sala, que passava por cima da autoridade da professora. No recreio, após lancharem, eram obrigados a sentarem-se no corredor esperando o horário do fim do recreio, não podiam correr, conversar ou brincar. As aulas de Educação Física eram feitas em sala de aula e na maioria das vezes cópia de livros intermináveis.

Após o choque inicial, descobri que tinha dois caminhos, ou me resignava como todas as professoras ou sofria calada. Mas sendo eu Kassange de sangue, escolhi um terceiro caminho, partir para o enfrentamento e trazer a alegria senão para todos os alunos da escola, ao menos para a minha turma. Afinal o brincar é sagrado e necessário para a criança.

O caminho inicialmente trilhado foi de brigas infindáveis de julho de 2000 a agosto de 2002. Na minha sala, as crianças sentavam-se onde queriam e no recreio podiam brincar do que quisessem. Em agosto fiquei doente, me afastei

para tratamento e no retorno em 2003 fui direto para a Secretaria Municipal de Educação trabalhar como Assessora na Coordenadoria de Educação e Cidadania, como coordenadora do Programa "A Escola é Nossa"[82].

Em 2004, atuando na secretaria, acompanhei na televisão toda a história da descoberta de um novo planeta Sedna. Comecei a recordar os meus antigos desenhos e seus pequenos planetas longínquos e estranhos e imaginei como seria legal falar com as crianças que a Cris Cover tinha um planeta, e que na realidade ela não era humana e sim uma robô-cópia, da Robô XPTo13, nome criado no momento da notícia. Para Vygotsky,

> Se nos fixarmos no comportamento do homem, em toda sua actividade, apercebemo-nos facilmente que podemos distinguir nele dois tipos de impulso fundamentais. Poderíamos chamar a um deles de reprodutor ou reprodutivo: este encontra-se habitualmente ligado à nossa memória: a sua essência reside no facto do homem reproduzir ou repetir normas de conduta já criadas e elaboradas ou ressuscitar traços de impressões antigas. (VYGOTSKY, 2009, p.9)

Acredito que essa ideia sempre esteve presente no meu inconsciente, ouvir a notícia foi como despertar de um sonho e torná-lo realidade.

Trabalhei na Secretaria Municipal de Educação de 2003 a 2005. Em 2006 retornei para a mesma escola em que estava antes, não houve mudanças, continuamos a direção e eu mantendo firmes a nossa posição, ela sendo a dona da escola e eu cedendo o espaço para os alunos. Nesse ano trabalhei com uma turma de pré adolescentes que estavam mais interessados no Conselho Tutelar e na Vara da Infância do que em fantasias e brincadeiras.

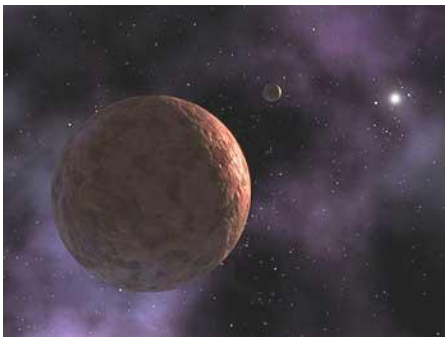
Em 2007 a recompensa apareceu. No primeiro dia de aula fui comunicada pela diretora que ela não entraria mais nas minhas aulas e nem gritaria mais com os alunos e que durante o recreio, desde que não extrapolassem, podiam brincar de alguma coisa ou trazer brinquedos de casa.

[82] Programa do Governo Democrático e Popular que garantia a abertura das escolas aos sábados para uso da comunidade com 27 oficinas. Esse programa foi um dos campos de estudo da minha dissertação de Mestrado.

Depois me disse que na realidade estava cansada e velha demais para grandes embates comigo e começamos a refazer um caminho de aprendizagens e escutas.

A fantasia chegou completa na minha primeira turma de Piratas e a história que contei para eles sobre o meu planeta foi a seguinte

Sedna o Planeta Vermelho,[83]



Em novembro de 2003, dois astrônomos, Chad Trujillo e David Rabinowitz, usando um grande telescópio, descobriram um pequeno ponto perdido numa região bemmm longínqua do Sistema Solar. Depois de várias confirmações que apontaram a existência desse pequeno ponto, ele foi batizado com o nome de Sedna. Mas por que esse nome? Sedna é uma deusa mitológica do mar segundo contam os esquimós, aqueles povos que vivem no gelo, bem no norte do continente americano, e andam sempre agasalhados. Eles também têm suas lendas, e uma delas diz que uma jovem e seu pai estavam atravessando o mar gelado quando uma voz chamou a filha. Ela se atirou então ao mar, atrás daquela linda voz. Seu pai desesperadamente pulou também para salvá-la.

Como a jovem insistiu em ir ao encontro da voz, seu pai decidiu se afogar levando a filha consigo, cortando os dedos dela que a agarravam ao barco! Dos dedos nasceram todas as criaturas do mar, e a filha, cujo nome era Sedna, virou a deusa protetora dos mares, que vive no fundo gelado do Oceano Ártico. Como o novo astro descoberto também é extremamente frio (suas temperaturas podem passar de 200 graus negativos!), os astrônomos tiveram a ideia de dar a ele o nome de Sedna.

[83] Revista Ciência Hoje para Criança. Rio de Janeiro. 2004.

Só que para eles eu falei que os cientistas descobriram porque nós deixamos, porque eu queria vir morar aqui na Terra. Por conta do sol e do calor, mas que Sedna sempre existiu.

A verdade Poética ou Psicodramática

Tenho muitos amigos e duas irmãs Psicodramatistas, sempre que conversamos sobre meu trabalho pedagógico e a Prô Robô, me falam que essa história lembra Moreno e a verdade poética, até que resolvi ler Moreno e concordei com eles.

Criada por Moreno[84] a verdade poética ou psicodramática é a capacidade de transformar uma verdade histórica em uma verdade poética ou psicodramática mais aceitável, e descobrir na vida cotidiana, mesmo que tediosa ou difícil, um "adicional da realidade". Moreno sempre teve sérios problemas de relacionamento com a família, porque quando nasceu seu pai não estava presente.

Não que o meu cotidiano em aula com as crianças fosse tedioso ou difícil, mas tive necessidade de criar a verdade poética para dar conta do meu projeto de felicidade na escola.

A minha verdade histórica é uma só. Eu sou professora e as crianças alunos, estamos todos dentro de uma escola com um único objetivo aprender. Marineau, nos conta a verdade histórica de Moreno.

> A criança nasceu às 4 horas da tarde de 18 de maio de 1889, na casa de seus pais, na rua Serban Voda. Seu pai não estava presente na hora do nascimento. O registro oficial foi assinado

[84]Jacob Levy Moreno (18 de maio de 1889 - 14 de maio de 1974) foi um médico, psicólogo, filósofo, dramaturgo turco-judeu nascido na Romênia, crescido na Áustria (Viena) e naturalizado americano, criador do psicodrama e pioneiro no estudo da terapia em grupo. Tem grandes contribuições no estudo dos grupos, em psicologia social e é o criador da sociometria.

> por amigos da família e membros da comunidade sefardim. (MARINEAU, 1989, p.20)

Essa verdade histórica não deixou Moreno feliz, que criou a sua verdade poética.

> Nasci numa noite tempestuosa, num navio que singrava o Mar Negro, do Bósforo a Constanta, na Romênia. Foi na madrugada do Santo Sabath e o parto teve lugar logo antes da oração inicial. O fato de ter nascido num navio foi devido a um honroso erro, sendo que a desculpa foi que minha mãe tinha apenas dezesseis anos e pouca experiência matemática da gravidez. Ninguém sabia a bandeira do navio. Seria um navio grego, turco, romeno ou espanhol? O anonimato do navio deu início ao anonimato do meu nome e ao anonimato da minha cidadania. [...] Nasci como um cidadão do mundo, um marinheiro que se mudava de mar para mar, de país para país, destinado a desembarcar um dia no porto de Nova York. (MORENO, 1997, p.6)

A verdade psicodramática ou poética criada por mim é: sou uma Prô Robô de Sedna, criada pelo meu Chefe XPTo00, me chamo XPTo13, tenho uma Robô Cópia. Sou de Sedna, um pequeno planeta que fica muito longe do sol. Por conta dessa verdade, meus alunos também têm a sua verdade poética e são o que quiserem ser dentro do nosso “adicional da realidade”, em um espaço criado por nós. Para ensinar e aprender dentro de uma realidade cheia de regras e leis que nem sempre estão a nosso favor, com alegria e brincadeira. Defendo que ser feliz é a única regra que devemos seguir na vida, seja na escola ou fora dela.

Essa capacidade de transformar a realidade em poesia é o que eu tento levar para e escola. Todos nós sabíamos que na realidade estávamos na escola, mas a poesia e a fantasia nos colocavam num Navio Pirata, na Sala de Justiça, numa relação outra, entre uma Prô Robô de Sedna e uns pequenos Piratas da Terra.

Essa verdade nos aproximou, tornou a relação com a escola e a aprendizagem mais fácil, a relação na fantasia é feita à base de igualdade. Na fantasia não existe professor, aluno, grupo de saberes, estamos todos no mesmo nível, não há hierarquia.

Bakthin diria que os Piratas e a Robô vivem um romance polifônico, pois eu não criei nenhum dos “seres imaginários” que povoam a minha aula, apenas

três, a Prô Robô, a Cover/Clone e o Chefe. Os Piratas, Heróis, Países, Famosos e outros que surgiram foram criados pelos próprios alunos nos diálogos entre eles e eu, nas relações que se estabeleciam e se estabelecem sempre entre as crianças e eu. Segundo Bezerra, no romance polifônico

> As personagens participam da história, interagem com o autor, que é um regente, não interfere nas vozes nem as controla, deixa que elas se cruzem e interajam que participem do diálogo em pé de igualdade contanto que permaneçam imiscíveis; cada personagem é um sujeito que mantém sua individualidade marcada pelo papel que desempenha. (BEZERRA, 2005, p.198)

Existe uma com-fabulação entre a Prô Robô e as crianças, eu só existo como robô porque tenho uma resposta positiva das crianças que aceitam a brincadeira, com-fabulam comigo essa fantasia, criando para eles também codinomes e personagens que gostariam de ser.

A Robô personagem "com-fabula", na relação com os seus outros, consciências equipolentes porque rompem a hierarquia com o mundo da vida normal para o mundo criado por eles, o mundo estético de uma sala de aula tornada história e fantasia.

Entre 2007 e 2011, a minha história era um segredo, ninguém na escola poderia saber da nossa verdade poética, caso isso acontecesse eu seria enviada de volta a Sedna e adeus luz, sol e calor. Esse segredo fazia parte da fantasia, nos bastidores a escola inteira e os pais sabiam da nossa brincadeira. Mas o segredo criava outra importante cumplicidade.

Por um Triz

27/08/2008

Como todos já sabem, sou uma professora de Sedna, um chip me passa as informações necessárias para as escolas da Terra. Testada pelos meus pequenos heróis todos os dias, isso é um baile constante. Mas a diretora não pode saber nunca, nunca, senão ela me manda embora, nosso segredo.

Há uns dias atrás, estava terminado de passar uma poesia na lousa, escrevo em letra de imprensa maiúscula, e quando alguns pedem também em cursiva.

Escrevi a palavra "SOMOS" dessa maneira. Mas o último S saiu maior que o resto da palavra, o que imediatamente gerou um alvoroço e pequenas vaias, com muitas risadas, a explicação veio da boca do Homem-aranha:

- Ahhhhhhhh Prô, você tinha que deixar o "S" de Sedna maior que as outras letras!

Rindo falei:

- Mas Com "S" de Sedna a gente escreve muita coisa, até Sala da Justiça. E assim passamos o tempo.

Aproveitando a ideia comecei a trabalhar cada dia uma letra, sabendo que causaria agitação: " M" de Marte, onde moram meus primos, "C" de China, país da Olimpíadas, letras dos pais, amigos, arqui-inimigos da TV e depois aproveitava em outras atividades:

- Prô, pra escrever massa é o "S" de Sedna e o da Sala de Justiça juntos?

- Em pomba é o "M" de Marte" não é "N" de Navio Pirata não né?

Às vezes o tempo é curto e a atividade rola normal, mas eles sentem falta, escuto as falas no fundo, por isso hoje resolvi brincar um pouco e escrevi Sobrinho com um "S" pra - lá de enorme.

Depois de todo falatório, risadas e vaias, começamos a atividade, mas hoje a lousa não foi usada, deixando o "S" no nome da escola, mais ou menos assim: FRANCISCO PONZIO SOBRINHO.

De repente como que caindo do céu a diretora apareceu e depois de uma bronca geral, olhou pra lousa e perguntou:

- "Quiquiisso" Cristina Campos? Não sabe escrever o nome da escola não?

Antes que eu pudesse responder, ela olhou pra turma e perguntou:

- O que significa isso Gi? A Super super (esse foi de promoção hoje, presente dos amigos) Gigi olha pra um, pra outro, outro, à procura de ajuda, como ela não chegou:

- Sinto muito D. A. mas é um segredo nosso e a senhora não pode saber. Numa calma invejável. Silêncio geral, apareceu o guarda:

- D. A. telefone urgente, NAED.

Mosquito Elétrico falou rindo:

- Nussa Prô, agora você foi salva por um triz hein.

Contava para eles sobre limpezas de vulcões, do som dos ferros batidos, da falta do sol e calor, das cores, bocas e ouvidos diferentes. Da nossa música, do nosso grupo de música e das nossas atividades da escola, tudo isso chamava tóf tóf tóf[85], com diferentes maneiras de pronunciar. Os pais me diziam:

- Cris me explica essa coisa do tóf tóf tóf porque em casa eu falo de um jeito e levo bronca porque é de outro e quando falo do outro levo bronca porque era do primeiro jeito! – Como pronuncia isso e para quantas coisas ela é usada?

Em troca, as crianças me contavam as delícias deste planeta, o gosto da comida, o sabor da água sem cor e sem gosto, de correr descalço na rua, de ter um amigo para brincar, de rir, chorar, da TV. De estar em casa com os pais, me perguntavam como eram os pais em Sedna.

Nossas conversas eram alimentos para a produção da escola, as crianças são criativas sim, mas mesmo a melhor criação precisa de alimento.

As crianças tinham sobre o que escrever, contar, todos os dias não nos faltavam temas para nossas produções de texto, faltava sim era tempo para tanto contar.

Dividir com as crianças essa fantasia e criar dentro da escola um lugar onde a hierarquia não existe, onde a confiança, a amizade e o respeito são atingidos não porque existem regras, ou ordens de uma autoridade, mas porque existe cumplicidade entre a criança e a professora, cumplicidade construída através da fantasia.

O fato de eu ser um Robô e não conhecer o mundo dos humanos deixava as crianças sempre à procura de respostas para as minhas dúvidas e também atrás de soluções para o meu processo de humanização. Eu sempre falo para eles que meu sonho é ser gente igual a eles, poder beber refrigerante ou água, nadar, tomar sorvete, pois são esses pequenos prazeres que me apontam como

[85] Eu falo que é a língua mãe de Sedna. Que é usada de diferentes maneiras, às vezes muito rápido outras bem devagar e serve para tudo.

prazeres da Terra. Isso nos aproxima e deixa a nossa relação cada vez melhor. É uma via de mão dupla, dividimos o protagonismo da aula, a gente ensina e aprende ao mesmo tempo.

"Pipocas do Coração"

06/11/2008

No Planejamento do começo do ano aparece Órgãos do Corpo Humano, estranhei, pensando que estamos no 2º ano e de repente temos coisas mais importantes pra estudar.

Pra não ficar muito, muito chato, espalhei pela classe revistas e livros sobre o assunto à espera da melhor hora para entrar no tema. O que não foi muito difícil, sendo eu de Sedna e desconhecendo totalmente um Corpo Humano. Aprendi muita coisa e me diverti mais ainda.

Eis que há tempinho atrás chegamos ao Coração. Um dia a Pirata Ana perguntou:

- Prô, por que nessa revista o coração é diferente do que a gente conhece? Ele é feio né!

- Não deu tempo de responder, o Pirata Bi, responde:

- Porque esse é só pra quem "ta apaixonado" sua boba, nem parece mulher.

- Ué, porque mulher? – Perguntei.

- Por que "vocêis" se apaixonam à-toa. - Meu tio falou.

Depois de um pouco de risada, falei que na próxima aula começaríamos a estudar o coração. E eles tinham que trazer materiais para estudo, qualquer coisa.

Conforme a gente ia estudando, o coração ia ganhando novos olhares, risos e desenhos. E a certeza de que os homens também se apaixonam à-toa.

Um pouco de história ajudou também explicar o tradicional coração dos amantes. Romeu e Julieta, Branca de Neve e o famoso Cúpido, esse querido que insiste em flechar a gente. História essa que o Super-homem mais que amou.

Segunda-feira Pirata Letti chegou à sala e falou:

- Prô de Sedna, fecha os olhos. – Fechado.

Senti um aperto bem forte do lado esquerdo do peito e umas risadas deliciosas, adoro o som que a risada dessa turma produz.

- Pode abrir!!!

Eis que ganho um coração igual do Cúpido, desenhado numa folha de caderno e descubro que ele foi feito enquanto o portão não abria. Isso o tornou mais delicioso e necessário. E ainda ouvi:

- Prô de Sedna, agora você tem um coração, igual do Cúpido, e a gente acha que se você usar todos os dias você vai virar gente igual à gente. Só os abraços para explicar esse momento.

Depois dos abraços o Super falou:

- Prô "deixa eu" pintar um pouco mais seu coração, o do Cúpido é mais vermelho, eles não sabem nem pintar!

E enquanto ele pintava combinei com todos de assistirmos no dia seguinte, O Mágico de Oz, aquele de 1939. Porque lá um Homem de Lata "igual eu" também ganhou um coração.

O que é ser uma Prô Robô na aula?

Acredito que esse seja o tema central dessa tese e percebo também que não é uma coisa fácil de responder, penso que talvez a questão fosse melhor respondida pelas crianças que dividem comigo essa fantasia.

Há muito tempo uma aluna no 1º ano me falou que toda a sua família, seus amigos e a sua antiga professora do Pré Primário haviam dito a ela que quando entrasse no 1º ano, ela teria que ficar uma pessoa séria. Imediatamente ela imaginou-se de bigode, terno e gravata assistindo aula e confessou que a visão nunca lhe agradou. Afinal ela gostava de ser criança e a escola iria transformá-la em seu pai.

É grande a ansiedade dos pais e de toda a sociedade em torno da alfabetização e as cobranças para o professor são grandes. O 1º ano é um estágio de forte emoção para o professor e aluno, uma das lembranças mais fortes que tenho sobre esse fato, foi no início do ano letivo de 2011, na segunda

quinzena de aula. Havia na direção da escola 13 alunos do 1º ano reclamando de dores de barriga, cabeça e chorando muito. Será essa a função da escola? Roubar a infância e transtornar a criança em um homem de terno e bigode? A figura masculina do capitalismo, o que produz.

Acredito que levar as brincadeiras e o jogo de faz de conta para a sala de aula além de ajudar a crianças a reelaborar regras, trará segurança na nova vida delas, com cadernos de linhas, lápis, borrachas e tempos escolares. Mello e nos aponta ideias para o Ensino Fundamental:

> Deixar contaminar o ensino fundamental com atividades que julgamos típicas da educação infantil – ainda que, muitas vezes, nem na educação infantil reservemos tempo para elas. Falo das atividades de expressão como o desenho, a pintura, as brincadeiras de faz- de- conta, a modelagem [...]. Estas atividades são, em geral, vistas na escola como improdutivas, mas, na verdade, são essenciais para a formação da identidade, da inteligência e da personalidade da criança, além de constituírem as bases para a aquisição da escrita como um instrumento cultural complexo. (MELLO, 2005, p.24).

Preservar e ampliar o faz-de-conta no 1º ano é respeitar as crianças e seus saberes. É potencializar a troca, a aprendizagem e o respeito dentro da escola.

Escrevi anteriormente que a fantasia sempre esteve presente em minha vida e juntar fantasia e realidade na escola, ou seja, o mundo real e o mundo imaginário foi um passo corajoso, porque tenho que pensar sempre rápido em respostas e criar sempre.

Acredito que a minha infância foi tão feliz que quero prolongá-la sempre e sempre, e não há melhores parceiros que as crianças para que a fantasia continue. Bachelard nos fala sobre a infância:

> Uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades. Sonhamos tudo o que ela poderia ter sido, sonhamos no limite da história e da lenda. [ ] Essa infância aliás, permanece como uma simpatia de abertura para a vida, permite-nos compreender e amar as

> crianças como se fossemos os seus iguais numa vida primeira. (BACHELARD, 2009, p. 95)

É isso mesmo, é voltar a ser criança, estar aberta para um universo de possibilidades de vida, aprendizagens e vontades em aula, uma aula acontecimento.[86]Por alguns momentos é ter, como escreveu o poeta Walter Franco, a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranquilo, a mente ficar quieta em relação ao juízo de valor, tão presente na escola atualmente, uma vez que a Professora não é humana, não tem condições de julgar nada.

A tranquilidade da mente é relativa ao respeito e à escuta dos alunos, quieta para abrir-se a perguntas e saberes diferentes aos seus. Segundo João Wanderley Geraldi,

> O professor do futuro [ ] é o sujeito capaz de considerar o seu vivido, de olhar para o aluno como um sujeito que também já tem um vivido, para transformar o vivido em perguntas. O ensino do futuro não estará lastreado nas respostas, mas nas perguntas. (GERALDI, 2010, p.95)

Ouvir seus sonhos e vontades, administrar seus desejos em aula, transformar seus saberes em aprendizagens minha e deles. Ser uma Prô Robô facilita o nosso contato e a nossa entrada no universo da imaginação, nos faz pensar que na realidade a nossa aula não é num espaço real, uma vez que a professora é Robô, os alunos Heróis de TV, Piratas, Irmãos, Países e assim por diante, os Heróis ficam na “Sala de Justiça”, os “Piratas” no “Navio Pirata”, o resto se espalha por onde manda a imaginação, então nossa relação, embora seja de aluno e professora, é de uma “Prô Robô de Sedna”, que se relaciona em cada época do ano com diferentes personagens, inventadas pelas crianças. Às vezes parece que não estamos na escola, mas sabemos que nunca saímos de lá.

Seguimos todo o ritual da escola, chamada, horários, avaliações, regras de todos os tipos, uniforme, reunião, sinal, suspensão, advertência, caderno

[86] Geraldi, J. W. A Aula como Acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores. 2010

preto, o único lugar-tempo onde conseguimos subverter a ordem é a aula, ainda assim não é uma subversão total, mas existe a liberdade de poder ousar.

Essa relação de uma Robô com diferentes personagens é construída diariamente, nas curiosidades deles sobre Sedna, nas minhas dúvidas em relação à Terra e em todo canto que a fantasia nos permite chegar dentro da aula.

De acordo com o interesse, os acontecimentos e planejamentos das aulas, a turma vai sendo nomeada. Turma de Piratas, devido à leitura do texto "Pirata de Palavras"; Sobrenome, devido ao estudo dos nomes, Irmãs e Irmãos, estudo da família; Países, Copa do Mundo, Galeria dos Famosos, achando nas crianças nomes de artistas famosos, no início do ano letivo; Livros, devido à Biblioteca de Sala. Todos os Nomes de turmas são debatidos e pensados entre eles incansavelmente, o nome de cada um é de livre escolha também. Nunca dei nome a nenhum deles, eles sempre criaram com a ajuda do grupo.

Acredito que ser a Prô Robô é trabalhar com a fantasia num mundo real, é difícil tocar a vida nesse mundo concreto que às vezes parece tão concreto quando aqueles das obras, das construções[87]. São muitas as regras, normas, decepções e outros problemas que surgem no dia a dia da vida. Mas aprender num mundo imaginário e flexível, onde você pode não ter todas as respostas que gostaria, mas tem o direito de fazer as perguntas, de pensar e de tomar decisões, é muito melhor.

Ter liberdade de ir ao banheiro, de olhar o céu deitado na rede, de pegar amora, ameixa ou pitanga no parque e transformar tudo isso em motivos de aprendizagens, aprender com a vida dentro da escola, talvez seja esse o papel de uma Prô Robô.

Ser uma Prô Robô é aprender a ouvir as questões deles e fazer as suas; é deixar claro que não sabe, que precisa pesquisar, perguntar. É aguçar a curiosidade das crianças e deixar que procurem repostas, não trazer repostas prontas para perguntas prontas também. Uma Prô Robô luta contra uma

[87]O concreto é o material mais utilizado na construção civil, composto por uma mistura de cimento, areia, pedra e água, além de outros materiais eventuais, os aditivos e as adições.

educação alienante, uma educação que acabe com a curiosidade da criança. Segundo Nudler:

> É crime de lesa curiosidade". Através dele a escola "formal" procura mutilar a curiosidade infantil. Tomaremos para isto um exemplo esquemático porém revelador. Qualquer pessoa que lida com crianças de cinco, seis e sete anos poderá observar quão vivamente lhe desperta curiosidade os problemas relacionados com a vida e a morte, a gênesis e dimensão de universo, o problema do surgimento da vida sobre a terra, a procriação, etc. Esta curiosidade não é acidental, nem caprichosa, pelo contrário, é profundamente séria já que representa a consciência humana nascente na criança ao enfrentar pela primeira vez sua própria situação no mundo. No entanto a escola não capta essa problemática, não alimenta essa chispa de inquietação riquíssima que poderia ser a via de acesso para uma penetração lenta, porém sistemática, no domínio de conhecimento científico e filosófico. Em lugar de aprofundar a curiosidade infantil e dirigi-la por caminhos mais penetrantes e orgânicos, a educação alienante a extingue ou a deforma, a esmaga sob o peso das palavras que devem ser ouvidas e devolvidas na lição ou desvia para fenômenos transcendentais. E isto tampouco é casual. Uma criança profundamente curiosa que foi acostumada a indagar as causas dos fenômenos e sua interação mútua seria, sem dúvida, um elemento perturbador, que não se tornaria um indivíduo passivamente adaptado às exigências de uma sociedade opressora. (NUDLER, 1975, p.8)

Tentamos descobrir juntos os mistérios da Terra e do Céu, de Sedna e do mundo, eu não sei e eles também não. Eles me explicam e mostram as coisas da Terra, porque meu cochip[88] me ensina apenas a cultura escolar e eu explico e ensino as coisas de Sedna. Entre a Terra e Sedna, descobertas mil que fazemos juntos todos os dias.

Mas eu não sei...

Hoje a turma resolveu fazer silêncio, ontem faltei e disseram que eu estava doente, hoje foi silêncio total. Mas no fundo "sabiam" que eu havia me enferrujado um pouco, tomei suco sexta-feira e por isso não poderia escrever.
Estavam todos compenetrados em uma atividade e eu organizando outra,

[88] Local onde fica armazenado o meu conhecimento sobre as aulas da escola.

de repente o H. que se preocupa com todas as questões da língua, com a religião, o feminismo e tudo mais, quando crescer acho que vai ser filósofo, me perguntou com seriedade:
- Robô qual é o tamanho de Deus? - Acho que fiz uma cara muito estranha porque logo falou:
- Eu quero saber se ele cresce igual a gente ou já nasceu grande? - Eu falei que Deus não tinha tamanho, na realidade nem sabia bem o que falar, os amigos disseram:
- H. quem cresceu igual a gente foi Cristo! - Ele bem sabendo o que queria insistiu:
- Quero saber o tamanho da barriga da mãe dele! - O que ele fazia quando era criança? - Eu resolvi fazer coro com os amigos:
- Esse é o filho dele, Jesus Cristo! - Não, eu quero saber o tamanho de Deus? Meu pai falou que ele é do tamanho da fé! - Então eu falei, pensando em dar umas atividades mais difíceis para ele da próxima vez:
- Tá bom, então você já sabe o tamanho dele né! A resposta dele, como sempre veio direta:
- Mas eu não sei o tamanho da minha fé! Eu só sei o tamanho das coisas que eu vejo!

Não trabalho com os conteúdos apontados para cada ano, trabalho com os questionamentos de um mundo vivido pela criança, que assiste TV, tem acesso à internet. Que muitas vezes participa das vidas dos pais e sabe muita coisa sobre a realidade da vida. Trabalho com o cotidiano da vida vivida, o que vai muito além dos conteúdos apontados e listados como essenciais. Há muito mais do que estes “essenciais” escolares.

A Prô Robô de Sedna tenta manter com os alunos uma relação não hierárquica, uma relação entre pessoas, mesmo sendo uma robô, não trato o aluno como um objeto, não coisifico nossa relação. Não sigo as regras formais da escola. Quero que eles assumam o comando como nos ensina Brecht. Para Nudler,

> Outra via para introduzir a criança no domínio da reificação, na autoconsciência do inerte e passivo é o formalismo. A ênfase é colocada nas formas - as formas do caderno e na composição, na formação da fila e na saudação à direção, etc., que são o produto acabado, "mostrável", aquilo que se pode exibir, o exterior à criança, em lugar de pôr ênfase no processo interior

> vivo, palpitante, de dúvida, de investigação, de criação e de crítica. O cuidado das formas aponta, de um lado, a supremacia, o inerte e do aparente sobre o vital e autêntico e, por outro lado, a introjeção de normas rígidas, estereotipadas e uniformizantes as quais aprisionam o estudante nas malhas de uma estrutura irremovível. O formalismo está intimamente unido ao problema da disciplina e da autoridade. Uma das principais preocupações de um bom colégio é introduzir a criança num esquema hierárquico, o respeito aos superiores e o amor incondicional à ordem. Em outras palavras, ensinar-lhes a ocupar seu lugar em um sistema estático de hierarquia onde uns mandam e outros obedecem, para o bem de todos. (NUDLER, 1975, p.21)

Nas escolas onde atuo a transgressão a essa ordem rígida causa imensos problemas entre os meus pares, mas traz paz, conforto e alivio às crianças e aos pais. Afinal dentro da escola tem gente, no melhor estilo Caetano Veloso.

Uma Prô Robô luta contra uma infância colonizada.

A criação da Prô Robô e de Sedna

Antes de conhecer Sedna era pressionada por alunos que queriam saber mais sobre a minha origem, ser uma Cópia, eu tinha que ter nascido ou criada em alguma parte do mundo. Decidi que seria da antiga Atlântida, um lugar que descobri quando também era criança em uma enciclopédia comprada por meus pais[89], iniciei as pesquisas sobre esse lugar, logo desisti, não queria vir de um reino afundado nas águas, apesar de toda beleza da História.

Como havia lido e relido muitas vezes “As Brumas de Avalon”, já em outra época da vida, pensei na possibilidade de ser de Avalon e de usar as brumas para aparecer na Terra trazendo um pouco dela para as minhas brincadeiras. Imaginei que seria muito engraçado deixar as crianças encobertas por brumas. Desisti também, não consegui enxergar um robô em Avalon, nas terras de Morgana.

[89] Enciclopédia Ler & Saber.

Imaginei muitas vezes dizer que vivia dentro do Furacão que carregou Dorothy Gale para a Terra de Oz; sempre achei mais interessante o furacão do que a Terra de Oz. Apesar de interessante, não levei a ideia adiante: como explicar a vida dentro de um furacão?

No início de 2004 ouvi falar em Sedna, um pequeno "planeta"; logo no início da descoberta ainda existiam dúvidas sobre ele ser ou não um planeta. No momento em que ouvi o nome, ele me chamou atenção, achei bonito e de pronúncia agradável. Ficava horas pronunciando Sedna dentro da cabeça e com muita vontade de estar em aula.

Estava afastada, trabalhando na equipe da S.M.E, inicialmente no governo do PT[90], Democrático e Popular com a Secretária Corinta Geraldi e depois mais um ano governo do PDT[91]. Apenas no meu retorno para a escola, pude dizer que eu não era uma professora da Terra e sim uma Robô de Sedna.

A descoberta de Sedna num Atlas Geográfico, pelo pai de um aluno da turma de 2007 foi importante e decisivo. Sedna existia, esse fato deixou as crianças totalmente entusiasmadas, se existia o planeta e eu não fazia nada que as outras professoras faziam, seria verdade ou não? Isso também aumentou a cumplicidade entre nós; a partir daquele momento não existia mais a relação professora/aluno ou aluna, existia a relação Robô de Sedna/Piratas.

As crianças adoraram brincar de Pirata e o souberam brincar muito bem desde a escolha dos nomes até o sentido de companheirismo, mostrado no filme "Os Piratas do Caribe", visto muitas vezes por nós, mas sabiam também que aquilo não passava de uma brincadeira. Para Huizinga:

> A criança fica literalmente "transportada" de prazer, superando-se a si mesma a tal ponto que quase chega a acreditar que realmente é esta ou aquela coisa, sem, contudo perder inteiramente o sentido da "realidade habitual". Mais do que uma realidade falsa, sua representação é a realidade de uma aparência: "imaginação" no sentido original do termo. (HUIZINGA, 2004, p.17)

[90] Partido dos Trabalhadores.
[91] Partido Democrático Trabalhista

Foi tão impactante para essa turma ser Pirata que contaram para todos seus amigos da escola, então tive que adotar para cada turma que dei aulas nos anos seguintes, mesmo cada uma tendo a sua turma para estudo, sabia que em alguma parte do ano teríamos que virar Piratas e ir para dentro do navio.

A turma de 2008, apesar de começar o ano letivo como Heróis, acabou como Piratas, coisa que marcou e teve importância na vida deles na escola e na vida pessoal, as duas "fantasias": Heróis e Piratas. Quando eram Heróis, nossa sala era chamada de "Sala da Justiça", conversávamos sobre as injustiças do "mundo", no caso, o mundo da escola. Falta de recreio, de espaço para correr, para fazer Educação Física e outras coisas, davam opinião, sugestão, escreviam cartas. Aprenderam a se posicionar e encaminhar pedidos à direção da escola.

Quando viraram Piratas, acharam que tínhamos que ter um navio, então nossa sala virou um "Navio Pirata" com prancha e tudo e eu virei Prô do Mar, como sou chamada nas Pipocas, "To mais Leve", apresentada no início desse capítulo, e "Eu te Adotei".

Eu te Adotei

17/11/2008

No primeiro dia de aula do ano, uma aluna chorou do começo ao fim, algumas vezes soluçava, outras chorava mais alto, mas foi assim grande parte do tempo.

Perguntei para uma outra, que parecia ser sua melhor amiga o motivo, e a resposta foi:

- É que a irmã dela que é gêmea, ficou na outra classe e ela queria ficar junto.

- Sim. Mas eu acho melhor não ter irmã, sabe por que, a minha, por exemplo, ela pega todas as minhas coisas. De manhã ela levanta e veste as roupas que eu separei para vir pra escola. Tenho que achar outras.

Entre o choro e o riso ela falou:

- Conta prá sua mãe.

E assim o tempo passou e ela nem se lembra mais que a irmã estuda lá. Mas nem ela nem os amigos esqueceram que minha irmã pega minhas coisas e agora já perguntam com muita intimidade:

- Prô, a Vilma pegou sua roupa hoje?

- Ela é folgada né! Ela não é de Sedna né?

Imagina o alvoroço na sala no dia que viram um vídeo da turma da Vilma e ela estava com uma blusa que nós duas usamos. (Coisas de irmãs)

Falamos muito sobre família, irmãs, irmãos, filho único, caçula, o interessante é o olhar de cada criança com a questão família, cada um conta com tanta paixão fatos sobre a vida familiar que parece que todos se conhecem e somos todos, uma grande família.

Hoje a Pirata Boneca, chegou com uma cartinha na mão e falou:

- Prô do Mar, responde isso e me entrega viu, rápido tá.

Quando abri para ler era uma cartinha assim:

Pedido de Adoção de irmã, da aluna .....
Nome da pessoa que vai ser adotada:.....
Planeta que ela nasceu:.....
Planeta que ela escolheu pra viver:.....
Quer ser irmã da:..... e mais 4 irmãos.
OBS: Ninguém vai usar as roupas dela.
Assinatura da Prô se aceitar:.....

Olhei para ela muito emocionada e ela falou:

- Prô, se no ano que vem a gente não vai mais estudar junto, eu falei com minha mãe e te adotei, e ela deixou. Ai eu fiz o papel, junto com a "nossa irmã Pam", é só você assinar. Mas a Vilma também continua sendo tá.

Isso aconteceu às 8:30 mais ou menos, até as 12:00, já tinha sido adotada pela sala toda com papéis e tudo mais.

E agora não tem mais Pirata, nem Prô, só irmã e irmão.

Além de estudarmos também a pirataria e eles entenderem que existia um mercado de trabalho não formal e isso não era ilegal e que quem vendia CDs e outras coisas piratas não era ladrão, aprenderam também a pesquisar e fazer pequenas anotações, nas leituras feitas na Revista Terra, além de melhorarem a leitura e compreensão do que liam.

Em 2010 eu trabalhava de manhã, às vezes à tarde quando ia ler emails ou fazer qualquer outra atividade no computador, encontrava eles já no bate papo do computador à minha espera, ou deixavam alguns recados. Eis alguns registros dessas conversas no antigo Orkut.[92]

[92] Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 2004 e substituída pelo facebook em 2010.

Conversas com uma Robô

Giulia Gomes - **Para:** ¢ris

Ah, tudo bem ser um robô! Não é tão ruim assim, te adoro. Bjs

Mariana Garcia - **Para:** ¢ris

Ta bom! Eu cuido do seu robô cópia.

Gaby Capeleti e Claudia -**Para:** ¢ris

Oi robô qual é o seu MSN?

GRAh ♥♥-♥♥-♥♥-♥♥- Para: ¢ris

Oi robô!

GRAh ♥♥-♥♥-♥♥-♥♥- – Pública **Para:** ¢ris

Oi robô daltônica, acerta onde que é cabeça!

A Pipoca abaixo registra a séria conversa sobre o meu Robô-cópia, com uma de minhas turmas.

"Pipoca sobre ausências"!

02/09/2010

Tema da aula de ontem, "Pq a Prô ta faltando". Após aquela série de reclamações dos piratas e professoras sobre minhas constantes ausências, marquei a aula de ontem para conversarmos a respeito das faltas com os Piratas.

Confesso que foi difícil, nem bem começamos o assunto e a pergunta foi direta:

- Prô vc "nu" fala que tem um robô cópia? – Porque ele não vem quando vc tem que faltar? Pirata Guisa.

- É mesmo, não vale falar que ele tá quebrado. "Fais" tempo que ele não vem no seu lugar. Pirata Black Power.

- E vc falou também que seu chefe é o robô mais esperto do mundo, então porque ele não faz um monte de robô cópia. Pirata Idislaidi.

- Ah Prô, fala para seu robô "i" lá naquela reunião e você vem pra escola. Pirata Real.

- Prô! Prô! Prô tenho uma ideia, manda àquela sua deusa, aquela foca morta ir à sua reunião. Penélope Charmosa, passando mal de tanto rir.

E assim foi boa parte da conversa, mas depois de brincar e rir um pouco passamos para a conversa séria, até parece que eles sentiam que ela seria tensa e que seria preciso rir e brincar um pouco antes.

- Prô, a gente não quer mais ficar com outra professora, sexta-feira e nem dia nenhum, fica muito chato. Nem dá pra respirar, a gente acaba uma lição, elas dão outra correndo. Pirata Mar Azul.

- Não pode nem olhar para o jardim, nem chegar perto do armário de livros. Nem dos das letras, esse é pior ainda! Pirata Riose.

- Gente calma, "muita hora nessa calma". Falei para que eles pudessem respirar e eu tentar começar a falar. Quando falo isso caímos no mundo do Chaves e a coisa fica mais tranquila, enquanto ficamos no "o que eu disse" e no "como é que é", tentei organizar a minha defesa, mesmo sabendo que não tinha razão.

- Bom é o seguinte, eu falei para vocês que toda sexta-feira eu preciso ir a uma reunião, para falar sobre os problemas dos alunos da noite e que eles, mesmo sendo grandes, precisam de um pouco de ajuda.

- Ah, mas só que agora você nunca vem, outro dia aquele menino que tá no seu caderno velho chamado de ... – Pirata Penélope como chama aquele menino da "pirua" que era aluno da Prô?

- Bi!

- Isso, ele falou que é só a gente falar que você faz falta que você não ia mais faltar, porque você falou para ele que era chato fazer falta, mas eu falei e você nem ligou. Pirata Saigon.

- Não, eu falei que é chato é vocês fazerem falta, mas nunca disse que era chato eu fazer falta.

- Ah, mas para gente é chato você fazer falta! Pirata Penélope Charmosa.

- Prô, mas a gente não quer mais, pronto! Você até pediu para nossa mãe assinar um papel pra gente ficar com você e você só falta. Pirata Riose.

- Ah toda sexta-feira aquela outra professora só quer cantar música e depois manda fazer cópia, e a outra veio fazer uma bolsa amarela pra gente por dentro dela nossos sentimentos, mas quando o Pirata Saigon pegou um perfume pra espirrar um pouco na bolsa de papel sabe o que ELA FEZ? Penélope Charmosa.

- Não, respondi já totalmente entregue, cansada e perdida.

- Tomou o perfume dele e mandou ele pra diretoria. - Penélope Charmosa. - Olha que sentimento a gente podia guardar na bolsa! Rindo

- Prô manda seu robô cópia pra reunião, vai, por favor! Pirata Black Power.

A conversa voltou ao começo. E pior que hoje, amanhã e sexta tem substituta na sala, porque estou fazendo Capacitação de Justiça Restaurativa.

Após essa difícil conversa, desisti de ser coordenadora dos alunos da noite e me dediquei totalmente a eles.

Tinham liberdade para me fazer as cobranças que sabiam serem cabíveis e sabiam se posicionar. Mesmo diante de um não sem sentido para eles. Liberdade que nem sempre a Escola aceita no aluno, apesar de dizer que o prepara para a autonomia. Liberdade conquistada, aprendida e vivida no grupo, com o grupo, nas brincadeiras, nos diálogos estabelecidos entre nós.

A Prô Robô vai se modificando a cada situação vivida; na outra escola as professoras eram obrigadas a acompanhar o recreio das crianças, eu ficava com eles o tempo todo e dificilmente tomava lanche ou água e também nunca ia ao banheiro na escola. O que todas crianças sabiam é que eu não podia molhar para não enferrujar.

Às vezes como esquecia um combinado com eles e sabia que a explicação dos porquês seria trabalhosa, inventava que eu era a Robô cópia da Prô Robô. O que para eles bastava, e deixava a aula engraçada, me perguntavam a cada cinco minutos os seus nomes, sabiam que eu não lembraria, contavam combinações feitas com a Prô e me perguntavam coisas sobre Sedna, tentando comparar as informações, o que era uma verdadeira

sabatina, eu tinha que ficar duplamente ligada, pois tinha que dar conta das atividades e também da fantasia.

O mais interessante em ser Robô nessa escola e na escola onde tudo começou é que quando eu contava para as crianças que era um Robô e pedia segredo, eles atendiam o meu pedido, contavam em casa para os pais e irmãos e comentavam entre eles na escola, mas nunca nenhum outro professor ou equipe gestora soube através deles que eu era um robô! A turma de 1993 às vezes perguntava sobre a Cris Cover, e quando eram indagados sobre o que era aquilo, saiam correndo rindo e me contavam que ninguém sabia o que era cover.

No ano de 2013 quando assumi a escola onde estou atualmente, logo que comecei a brincar com um 3º ano, indagando deles as mesmas dúvidas de sempre: o que era banheiro, água, e tudo mais, que eles me perguntavam, contei que era um Robô de Sedna e que não podia tomar água para não enferrujar e toda a história do meu planeta e dos motivos da minha vinda, todos deram risada, com o tempo começaram a me chamar de robozinha, eu pensava que estava tudo normal.

No final do mês de março fui chamada na direção da escola que me disse que alguns pais haviam procurado ela e a OP por conta dessa história e não estavam entendendo nada disso, a direção disse a eles que talvez fosse um recurso pedagógico meu, a OP disse que iria falar comigo e pedir que qualquer que fosse o motivo eu virasse uma professora normal. A explicação só pode ser feita em forma de Pipoca Pedagógica.

Eu não sou Robô

31/03/2013

Após uma conversa difícil com a equipe gestora da escola, resolvi contar para as crianças que eu não era uma Prô Robô e que tudo aquilo era apenas uma brincadeira.

Cheguei à sala com uma garrafa de água nas mãos e falei:

- Ok crianças prestem atenção, eu não sou Robô, aquilo tudo era brincadeira! - E a cada palavra falada eu tomava um gole de água, fato

inédito. Eu não costumo tomar água durante o dia, tomar uma garrafinha de água foi um custo enorme para mim e para eles.

Notei que um grupo de crianças se calou, trocaram olhares assustados e um deles me disse:

- Robô eu não falei nada para minha mãe e se falei também tenho certeza que ela não veio reclamar e acho melhor você parar de tomar água senão você vai enferrujar[93]. – A maioria concordou com ele.

O fato é que no dia seguinte, era uma sexta-feira e abonei naquele dia e na segunda-feira por conta de uma viagem que faria, retornei na escola apenas na terça-feira. Quando entrei na escola encontrei as crianças que me olharam felizes e entramos na aula, quando comecei a contar para eles o motivo da minha falta alguém bateu na porta, quando atendi uma mãe ajoelhou-se rapidamente e me falou:

- Cris me perdoa, por favor! – Olhei para os lados interrogando, sobre o porquê daquela ação e puxei-a para dentro da sala, onde ela trocou um olhar rápido com o filho todo feliz e me contou a conversa que havia tido com ele na noite anterior.

Disse que durante o jantar o menino estava bastante irritado, de mau-humor e estava discutindo com a irmã, o pai entrou no meio e deu uma dura no filho que se defendeu dizendo:

- A culpa não é minha é da mãe que foi na escola reclamar da minha Prô Robô e ela mentiu pra gente. Disse que não é robô e tomou uma garrafinha de água e ela não pode tomar água pai. Você precisava ver a cara dela. Ela pode enferrujar – O pai falou:

- Ah é isso então! Isso não existe! – Ele retrucou:

- Claro que existe e faz dois dias que ela não vem para a escola, se ela enferrujar e nunca mais voltar eu nunca mais vou falar com vocês! – Quantas professoras robôs você já teve? – Meio sem graça o pai respondeu que nenhuma, e ele respondeu todo feliz que tinha uma.

Naquele dia foram três mães falar comigo pessoalmente, duas mandaram pedidos de desculpa pelo guarda e duas ligaram para o meu celular.

No final da aula conversei sobre isso com eles e falei que de verdade eu estava brincando desde o começo, que eu era igual a eles de carne e osso e ouço de uma classe toda feliz e sorrindo:

[93]Ferrugem é a oxidação do ferro, os outros metais não enferrujam, oxidam.

A gente sabe, mas é gostoso brincar que você é um robô e que é de outro planeta! Você vai continuar né?

Após aquela conversa eu disse sim à imaginação novamente e voltei ser a Prô Robô de Sedna. O segredo deixou de existir, começaram a contar para todas as pessoas da escola que eu era uma Robô, que meu planeta se chamava Sedna e que era longe do Sol e por isso eu morava aqui. Aquele grupo do 3º ano, que ninguém queria, Pony Boy e seus amigos do Bets eram minha prioridade e se queriam fantasiar, não seria eu que iria contra. Kramer nos faz refletir sobre o outro como prioridade:

> Entender o outro como prioridade absoluta se ata ao meu dever em relação ao outro e ao dever do outro com relação a todos. Trago para nossa reflexão essa difícil e delicada questão do dever incondicional em relação ao outro, apesar das contradições que essa prática pode envolver ou evocar. Se o outro é prioridade absoluta, devo escutá-lo, olhar no rosto, Se há um crime a ser cometido, é preciso evitá-lo ou se há um crime a ser cometido devo evitá-lo. (KRAMER, 2013, p.40)

Não sabia se era crime ou não brincar na escola e até hoje não sei. As mães não compreendiam, a equipe gestora também não, mas aquelas crianças necessitavam da fantasia, queriam brincar e me mostraram o caminho, eu tinha um dever a cumprir. Comecei a explicar para as crianças dos outros anos, que me paravam nos corredores para perguntar se eu era mesmo Robô, me apertavam o corpo, as mãos, o que era e como era esse planeta. A equipe gestora esqueceu o fato, os funcionários acharam graça e em de 2014 com o 1º ano não foi diferente.

Além de contarem para a escola toda que sou de outro planeta, contaram para seus pais, para as pessoas que passavam nas ruas, que estavam no ponto de ônibus, para os motoristas, cobradores e perueiros.

Ainda esse ano quando chego à escola todos os alunos me chamam de Robô de onde estiverem, da quadra, da rua, das salas e quando vão até a direção pegar alguma coisa dizem:

- Diretor a Robô quer ...

Nas visitas das casas dos amigos ou mesmo na escola quando está muito calor eu costumo beber suco ou água para espanto de todos os alunos que rapidamente gritam:

- Robô você não pode. Vai enferrujar!

Em 2014 para resolver essa questão aceitei a sugestão da Gloria Cunha[94] que comentou em uma pipoca sobre isso, diga a eles que você é de Titanium. O que achei válido mesmo porque na minha sala tem uma tesoura assim e as crianças adoram ficar com ela nas mãos, saem das aulas para pedir emprestada. Aproveitei as férias de julho e quando retornei disse a todos que agora eu poderia molhar a mão, beber suco e água porque havia revestido o meu ferro com titanium, que eles bem sabiam que pode molhar e que eu já era quase humana. Porque eles mesmos haviam me dito que eu tinha um coração que era de ferro, mas se eu gostava deles ele já tinha virado de verdade, e agora eu já podia molhar a mão e beber água.

E nesse dia novamente percebi a força da fantasia, e que eles sabem a hora de brincar e a hora de parar de brincar; um pequeno me respondeu:

- Imagina, não acredita nisso não, o titanium é aqui da Terra é “ta” com defeito meu pai me falou ontem! – Se você se molhar Robô vai enferrujar de verdade, a gente vai continuar protegendo você! – Todos balançaram a cabeça confirmando a fala verdadeira do amigo.

Eu para continuar a fantasia perguntei:

- O que é defeito? – E a fantasia continuou.

Em 2014, por conta de uns combinados que havia feito com eles e percebendo que teria pernas para fazer, mas já sabendo que a cobrança e as explicações dariam mais trabalho, apresentei para eles outra personagem, minha Robô-cópia.

Em todas as outras turmas onde a Robô-cópia apareceu a única questão referente a ela sempre foi relativa ao lugar onde ela fica guardada e como ganha

[94] Pesquisadora e membro do GEPEC. Em sua dissertação de mestrado pesquisou as Pipocas Pedagógicas.

a vida. Essa parte é todinha do desenho Super- Dínamo, fica guardada no guarda-roupa, é só apertar o nariz que ela ganha vida. Nessa turma a coisa não foi assim tão fácil, quiseram fantasiar de verdade e pediram nome para a Robô-Cópia.

Como não tina muito tempo para pensar chutei Marcela que rapidinho virou “a Marcelinha” e agora eles tomaram as rédeas dessa brincadeira, quando chegava à escola, já gritavam de longe:

- Marcelinha porque a Cristina não veio hoje? – Ou então:

- Cristina sabe o que a Marcelinha fez outro dia? – Eles decidiam com quem queriam passar à tarde, quando era com a Marcela, já entendia o recado dado, hoje queremos usar o nosso direito à preguiça, queremos ouvir e contar...

Deixei de ser Robô, virei Cris, ou Marcelinha. Inventavam histórias com as duas e o Chefe de Sedna e da Terra, colocaram o Diretor Valdir para ser meu Chefe da Terra também. Gostam demais dele e da atenção que dá a todos. Dão a ele o poder de colocar a Marcelinha sob a mira direta.

A fantasia nesse caso quebrou a hierarquia deles com a direção e da direção comigo.

Vou passar 20 anos com dor!

09/09/14

Cheguei à escola e estavam todos sentados no banco que fica ao lado da direção, estranhei porque todos ficam lá dentro.

No caminho, passei em frente à direção e notei que dentro da sala havia uma mãe. A minha aluna Nay estava em pé ao lado dela. Não entrei e fui para a sala dos professores.

Na minha sala de aula encontrei o diretor que fica com os pequenos até minha entrada na sala que me contou:

- Cris, hoje na hora que as crianças chegaram a mãe do R. do 6º ano estava me esperando pra conversar... começou a rir com dificuldade de contar, passado um tempo continuou.

- Quando começamos a conversar a Nay entrou dizendo que estava com dor de barriga e queria ir embora, mas como já combinamos de enrolar

ela, falei que não poderia falar com ela enquanto a mãe do R. estivesse aqui e sabe o que ela fez? – Rindo muito e com uma alegria visível. (A filha do diretor morreu em 2013 depois de uma luta grande contra a leucemia, com 12 anos de idade, na realidade ele atende todas as vontades dos pequenos e fica feliz na companhia deles).

Interrompi sua risada e perguntei:

- O que ela fez? me conta quero rir também? – Ele parou e me contou que ela olhou pra ele um tempo, depois para a mãe e perguntou que já que ele não poderia falar se ele podia ao menos escrever. Ele fez que sim com a cabeça, ela passou as mãos por cima da mãe pegou um papel, caneta e o carimbo dele e começou a escrever perguntas.

Eles passaram uns 15 minutos trocando escritas, a cada pergunta dela, ela carimbava a folha com o carimbo dele e passava para ele que lia e respondia. Na última troca de recados ela falou que estava com dor em todos os lugares e ele escreveu:

- Quando você casar sara! – Passando o bilhete para ela que após ler acabou com o combinado e gritou:

- Imagina eu tenho 7 anos e meu pai disse que eu só vou casar com 27 anos, vou passar 20 anos com dor! – Pediu licença para a mãe e partiu para única ação que sabe fazer, pegou o telefone, discou e passou pra ele que respondeu:

- Espera a Robô chegar, ela fica triste quando chega aqui e tem alguém faltando!!!

Em quantas escolas, direção e alunos tem essa cumplicidade? Em 20 anos de profissão conheci diretores que respeitavam demais a infância e seus direitos, tratavam bem todos os alunos, mas tudo dentro da hierarquia, aluno e direção cada um em seu lugar. O aluno obedecia e o diretor mandava.

No pouco tempo que o diretor ficou na escola em 2013, ele sempre tratou bem os alunos e percebi que muitos acabavam criando problemas na sala de aula, pois preferiam ficar com ele na direção. Mas as turmas de 2014/2015 quebraram todas as regras e trouxeram-no para o nosso mundo do imaginário.

A diretoria é o lugar em que gostam de ficar quando não estou. É o lugar onde curam a saudade de casa, as dores, a preguiça, o sono e tudo mais. Quando chego estão todos sentados lá dentro ou muito próximo do diretor, que

divide comigo a fantasia deles, combina coisas e procura cumprir direitinho esses combinados, não sem antes pedir explicações e perguntar se agiu certo, se a brincadeira é assim mesmo.

Mas essa cumplicidade que existe entre eles, o diretor, o guarda e às vezes a secretária não é dividida com orientadora pedagógica ou vice-diretora. Há dias em que arrumam pretextos para ir à direção dizendo: “vou na Sedna da Terra”, voltam imediatamente reclamando: “a diretora tava lá”, com jeito de poucos amigos.

Essa com-fabulação usada por mim na escola com as crianças desde 1993, trazendo a fantasia para a sala nos deixa no mesmo plano, não existe o professor dono do saber e um aluno para ser preenchido de conhecimento. Há uma relação dialógica, onde um se faz na ação do outro, há uma relação de alteridade entre eles e eu.

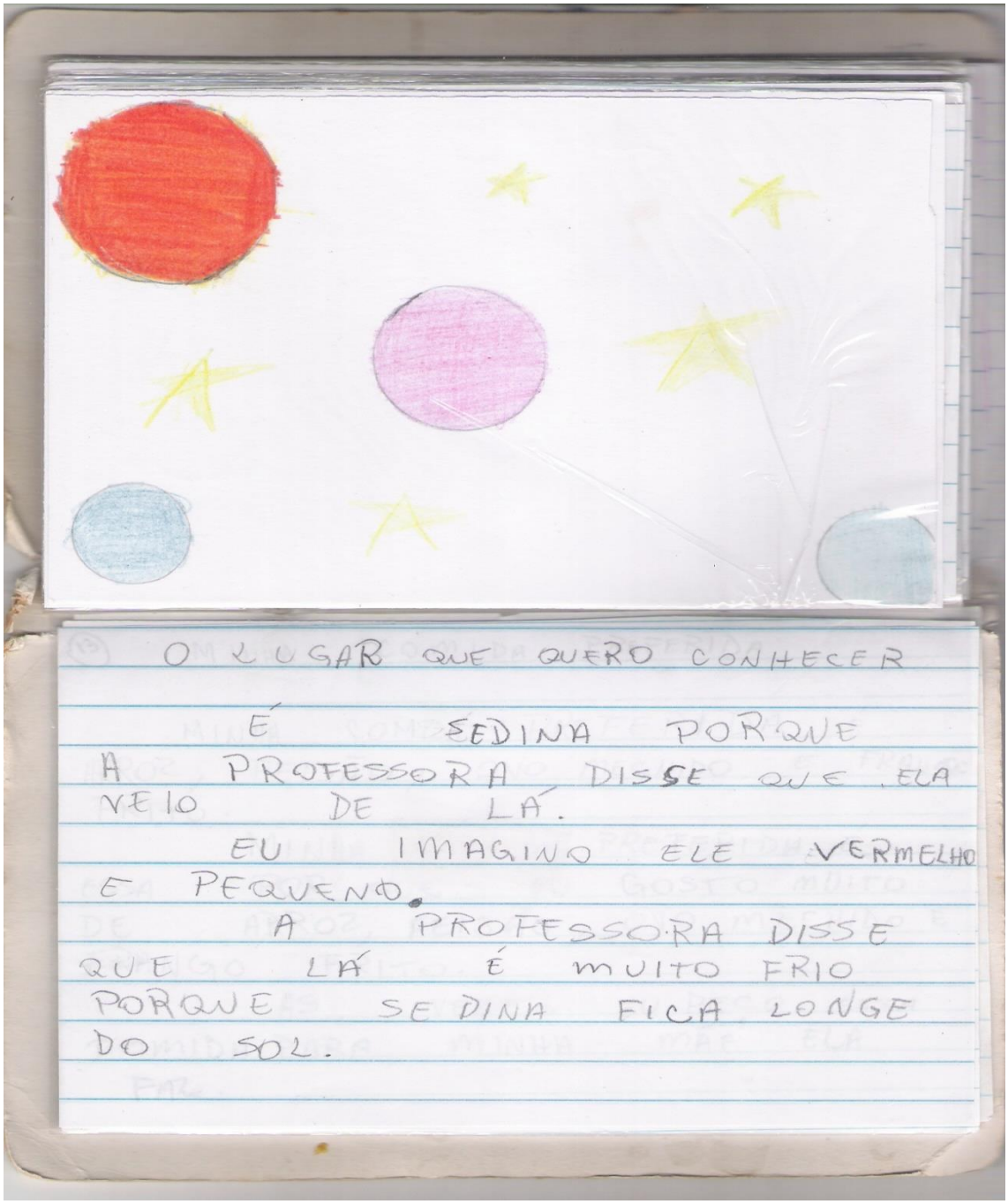
Na Nave

Fantasiar Sedna com os alunos foi uma experiência maravilhosa que além de cumplicidade trouxe a todos nós, alunos e eu professora, conhecimentos que sempre extrapolaram o currículo minimo; fomos eu e eles obrigados a realizar longas pesquisas (na internet, revistas, jornais sobre Sedna e sobre o Sistema Solar), eu para dar conta de Sedna e da fantasia e eles para darem conta da Terra e me ajudarem a me virar nesse planeta maluco. Perguntavam tudo para os pais e sempre chegavam com explicações convincentes para todas as minhas dúvidas.

Quando eu encontrava os pais eles me contavam do tempo de estudo que eles e os filhos passaavam para me explicar coisas da Terra, quena realidade era um tempo deles também com os filhos e isso era importante, estavam com os filhos em uma atividade prazerosa para ambos.

Sempre antes de cada produção de texto faziamos em aula longas conversas sobre o tema. Nunca cheguei com um tema fechado, às vezes as sugestões e pedidos eram tantos que simplesmente o texto não acontecia, não

chegávamos a uma conclusão. Deixávamos para o dia seguinte. Em uma aula, um dos temas sugeridos foi “O lugar que quero conhecer”. E um aluno entregou esse texto.



95

Conhecer a minha nave, saber como eu ia e voltava toda semana para Terra. Imaginar a minha Deusa e tudo o que envolvia Sedna, era o assunto preferido da turma de 2009/10. Muitas das nossas tardes eram passadas em

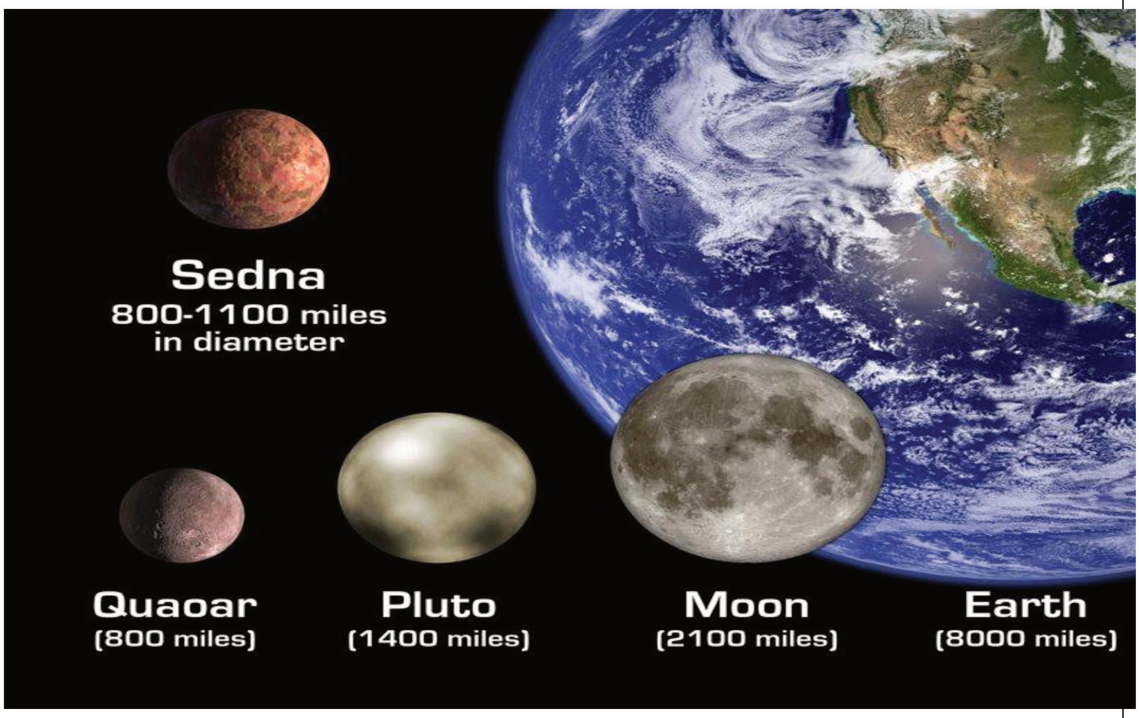
95 Imagem do TCC “O Álbum da Vida”, escrito em 2010. Acervo pessoal da professora.

conversas em grupos de bate papo no computador. Através da Wikipédia eu consegui mostrar um pouco dessa fantasia para eles, a conversa se iniciava em casa e terminava na escola, com cartas e textos sobre o mais estranhos dos planetas.

Minha deusa dormindo.

Rafaela & Roberta - isso é uma foquinha kkkkkkkkkkk
06/05/2010
¢ris Hop - Não é!!! Tão malucas!!!! buáááááá
06/05/2010
GRAh ♥♥-♥♥-♥♥-♥♥- - ela é feia
13/06/2010
¢ris Hop - Nossa. Esperem eu chegar à escola!!!
13/06/2010
Mariana Garcia - ela feia de++!!!
14/06/2010
¢ris Hop - É uma FOFAAAA! Linda igual a vcs!
14/06/2010
GRAh ♥♥-♥♥-♥♥-♥♥- - foca morta foca morta
06/08/2010
¢ris Hop - Onde ela parece uma foca morta????
07/08/2010

Olha Sedna perto da Terra, é pequenininhooo!



Mariana Garcia – nãooooo existeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee Sednaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
14/06/2010
¢ris Hop – CLAROOOOOOOOOO que EXISTEEEEEEEEEEE! 14/06/2010.

Meu foguete espacial.

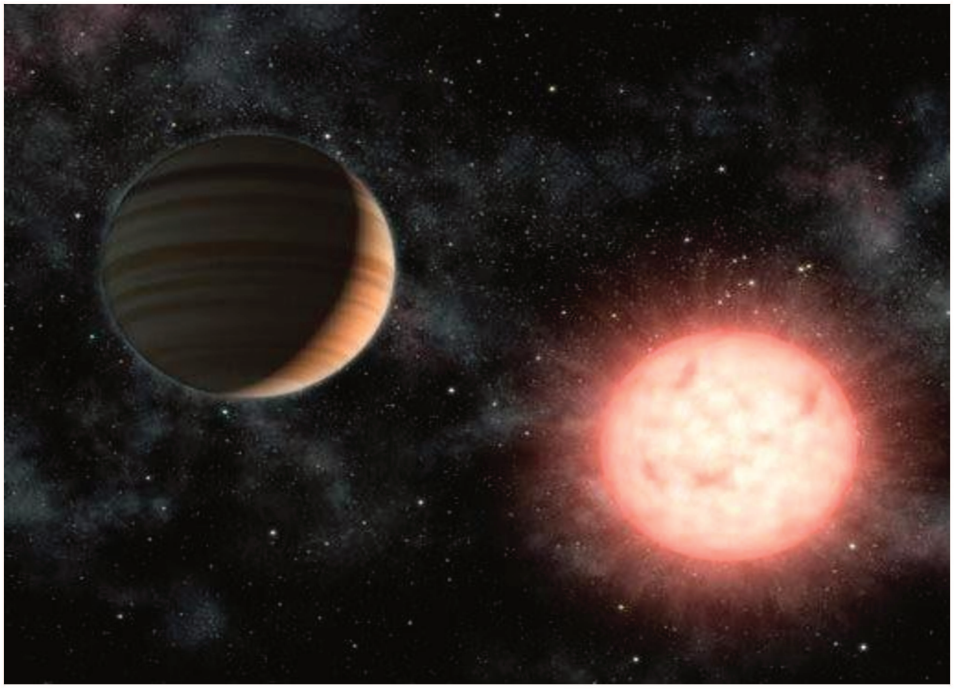
Rafaela & Roberta - e como você entra nele ?
06/05/2010 🗑
¢ris Hop - Pela porta oras!
06/05/2010 🗑
Mariana Garcia - nossa senhoraaaaaaaaaaaaaaaaaa
14/06/2010 🗑
¢ris Hop - Por onde eu iria entrar se não fosse pela porta?!!
14/06/2010 🗑
FECHADO S2 - pela janela kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk
21/06/2010 🗑
¢ris Hop - Ah ta, pela janela!!! KKKKKKKKKKK. Não tem janela!
21/06/2010 🗑
Rafaela & Roberta - kkkkk tbm não tem porta O.O
21/08/2010

Minha Deusa dia de Festa!

GRAh ♥♥-♥♥-♥♥-♥♥- - aqui ela esta bonitinha
27/04/2010 🗑
¢ris Hop - Ela é LINDAAAAAAAAA!
27/04/2010 🗑
Rafaela & Roberta - cruz credo... que deusa feia, cris! rsrsrs
06/05/2010 🗑

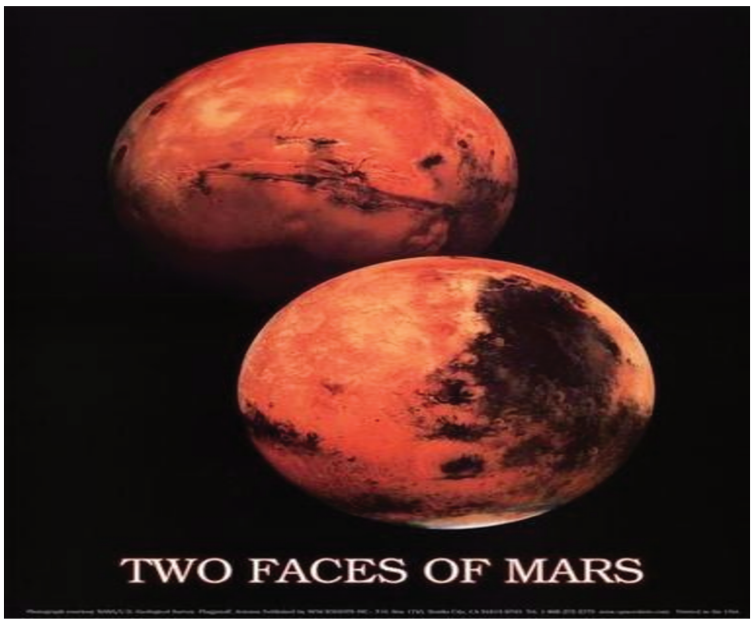
¢ris Hop – AIEEEEEEEEEE! Ela é L I N D A ! Igual vocês duas!!!!
06/05/2010 🗑
Mariana Garcia – é feia memooooooooooooooooooooooooooooooooooo
14/06/2010 🗑
¢ris Hop – ARGHHHHHHHHHHHHH NÃO É!!
14/06/2010 🗑
FECHADO S2 – até que ela e bonitinha
21/06/2010 🗑
¢ris Hop – Bonitinha não! Ela e´LINDA!!!!
21/06/2010 🗑
GRAh ♥♥-♥♥-♥♥-♥♥- – ridícula, feia.

Meu sol de longe



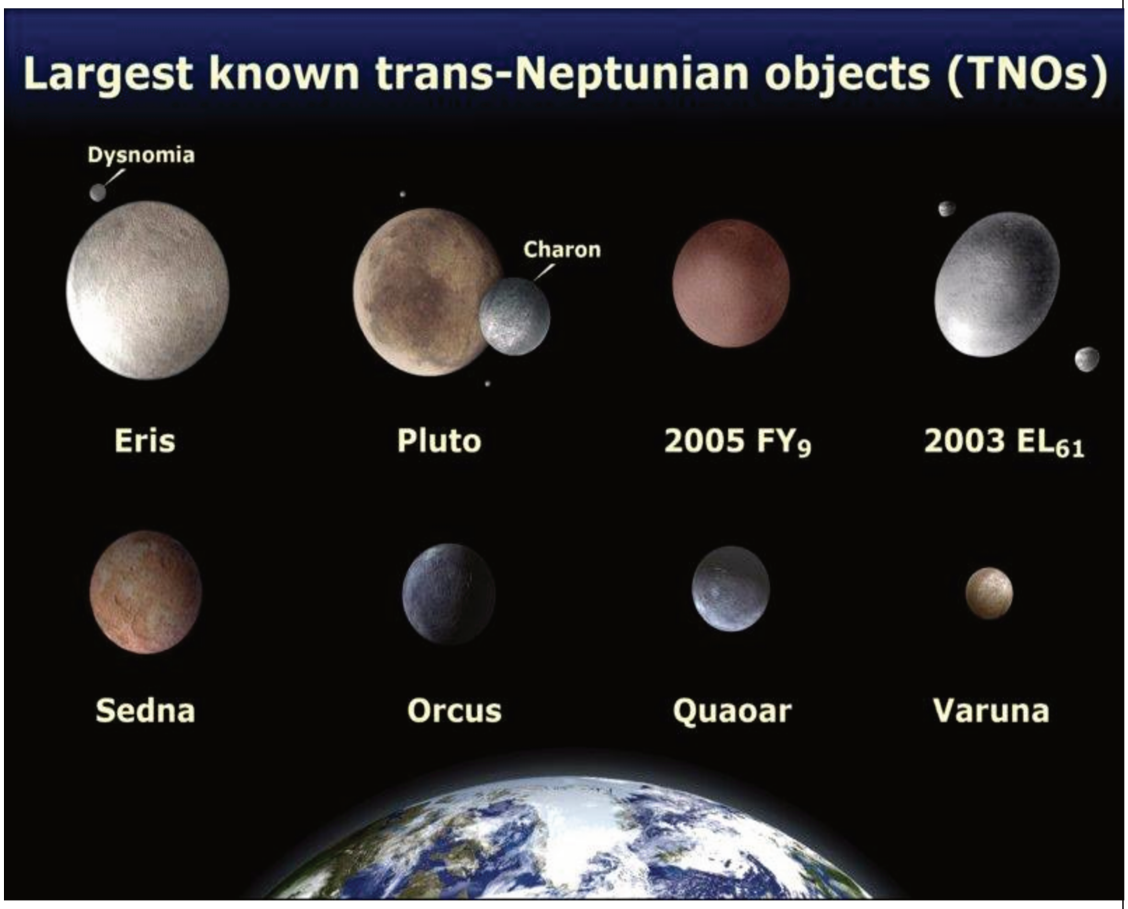
Mariana Garcia – ¨noisaaaaaaaaaaaaaaaaa
14/06/2010 🗑
FECHADO S2 – nosssa
21/06/2010 🗑
¢ris Hop – Nossa! Nossa e Nossa! 21/06/10

Meu vizinho Marte



Rafaela & Roberta - marte tem "duas caras"? Isso parece novela da Globo!
kkkkkkkkkkkk
06/05/2010
¢ris Hop - Snif! Snif! desse jeito eu vou enferrujar! São lados diferentes.
06/05/2010

Olha quantos planetas!!



Rafaela & Roberta - o mais lindo é o de baixo =)

06/05/2010

¢ris Hop - Ah, claro que não. Olha Sedna que bonitinhooooo!

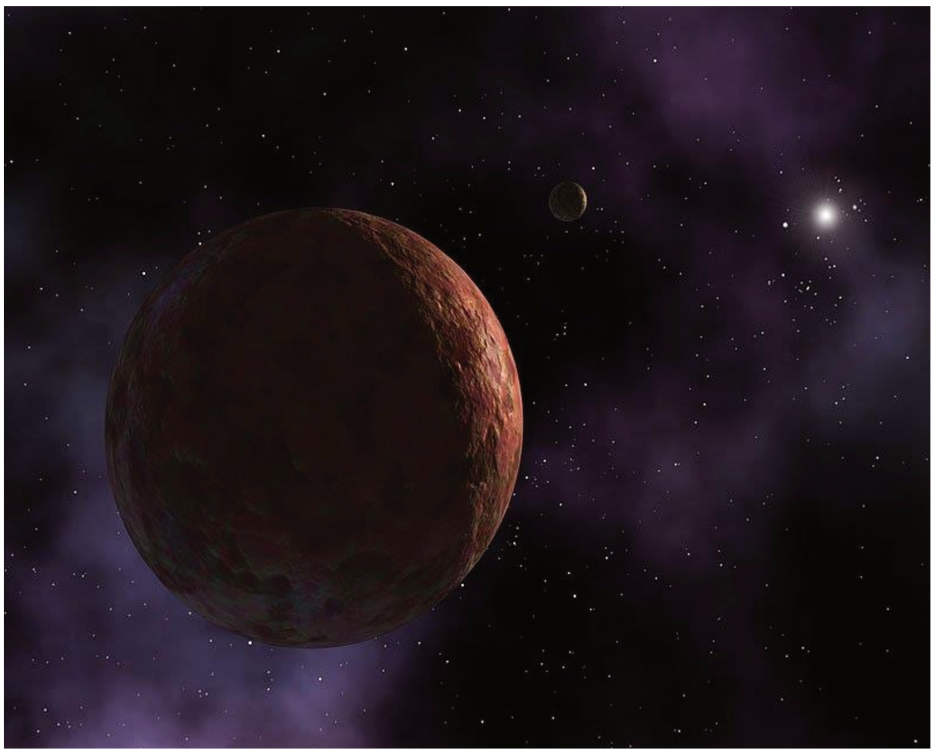
06/05/2010

FECHADO S2 - yesss

21/06/2010

¢ris Hop - Yesssssssssss o que?

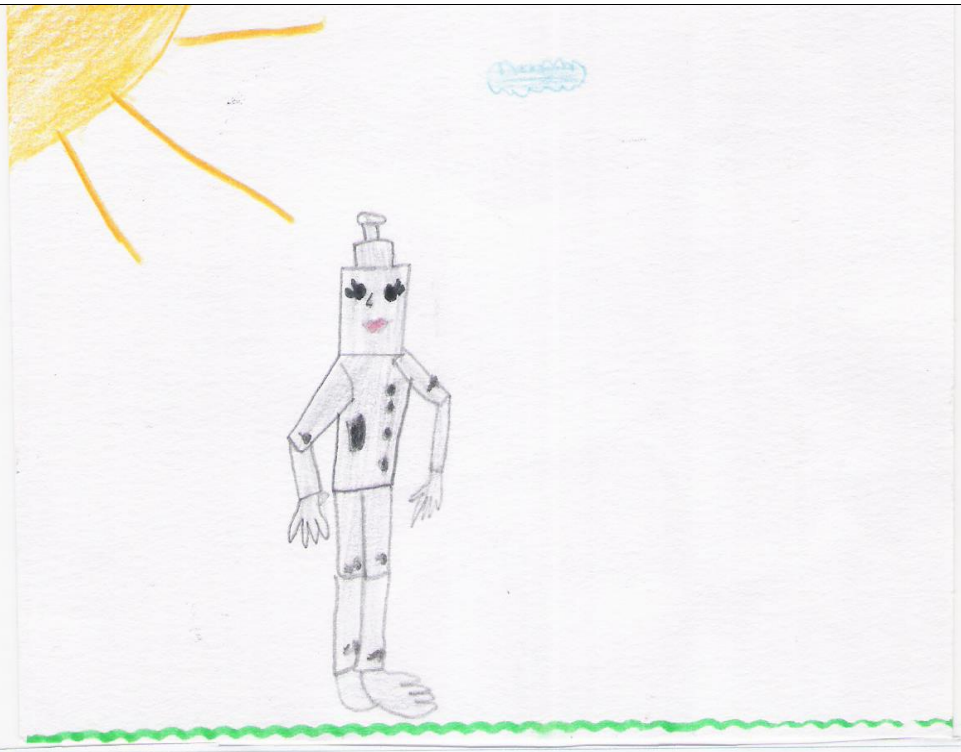
Vermelho e lindo!



Rafaela & Roberta – o planeta terra é mais bonito que o seu. Meu planeta é azul e maravilhoso!
06/05/2010
FECHADO S2 – que daora
21/06/2010
¢ris Hop – Porque seu planeta é azul? O meu é vermelho!
21/06/2010

Como já escrevi anteriormente, a turma de 2009/10 quis fazer um livro de memórias, um trabalho tipo TCC[96]. Cada aluno sugeriu um tema para a produção e fizemos um pequeno livro, usando álbuns de fotografias antigas. Um dos temas sugeridos foi sobre a professora. Abaixo trago alguns textos escritos por eles, onde fica claro a amizade entre eles e a Prô-Robô e a importância da fantasia. Todos os desenhos e textos foram escaneados, após autorização dos pais e alunos e pertencem ao meu arquivo pessoal.

[96] Trabalho de Conclusão de Curso.



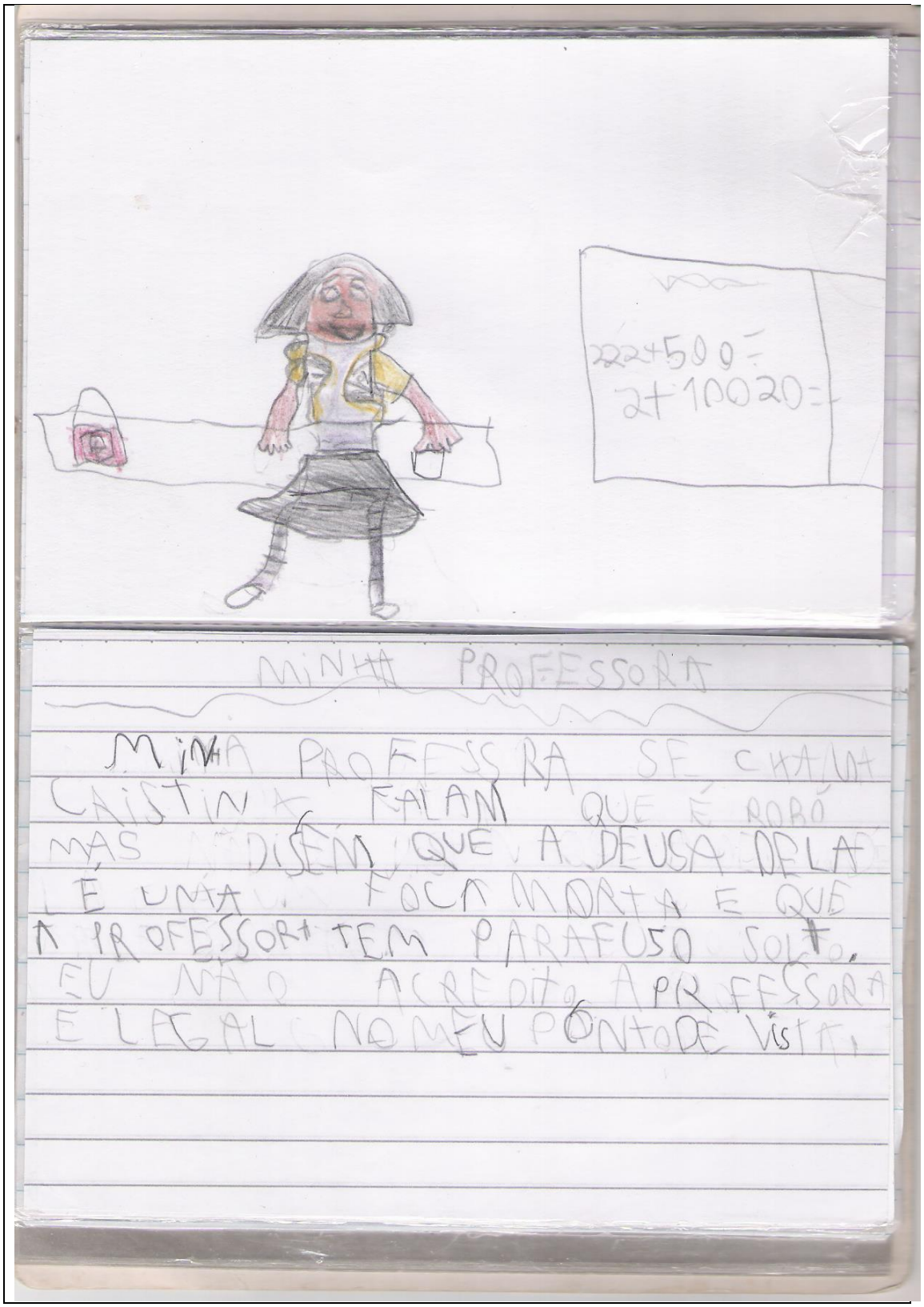
Minha professora

Eu minha professora é louca, maluca, ela fala que é robô mas ela não é robô ela só pensa que é. Fala também que tem uma chefe é um chefe, a gente chama ele de poco morto; fala que mora em Sedna e fala que tem 4.664 anos mas ela tem 46 anos. Ela é legal também, bonita.

MINHA PROFESSORA

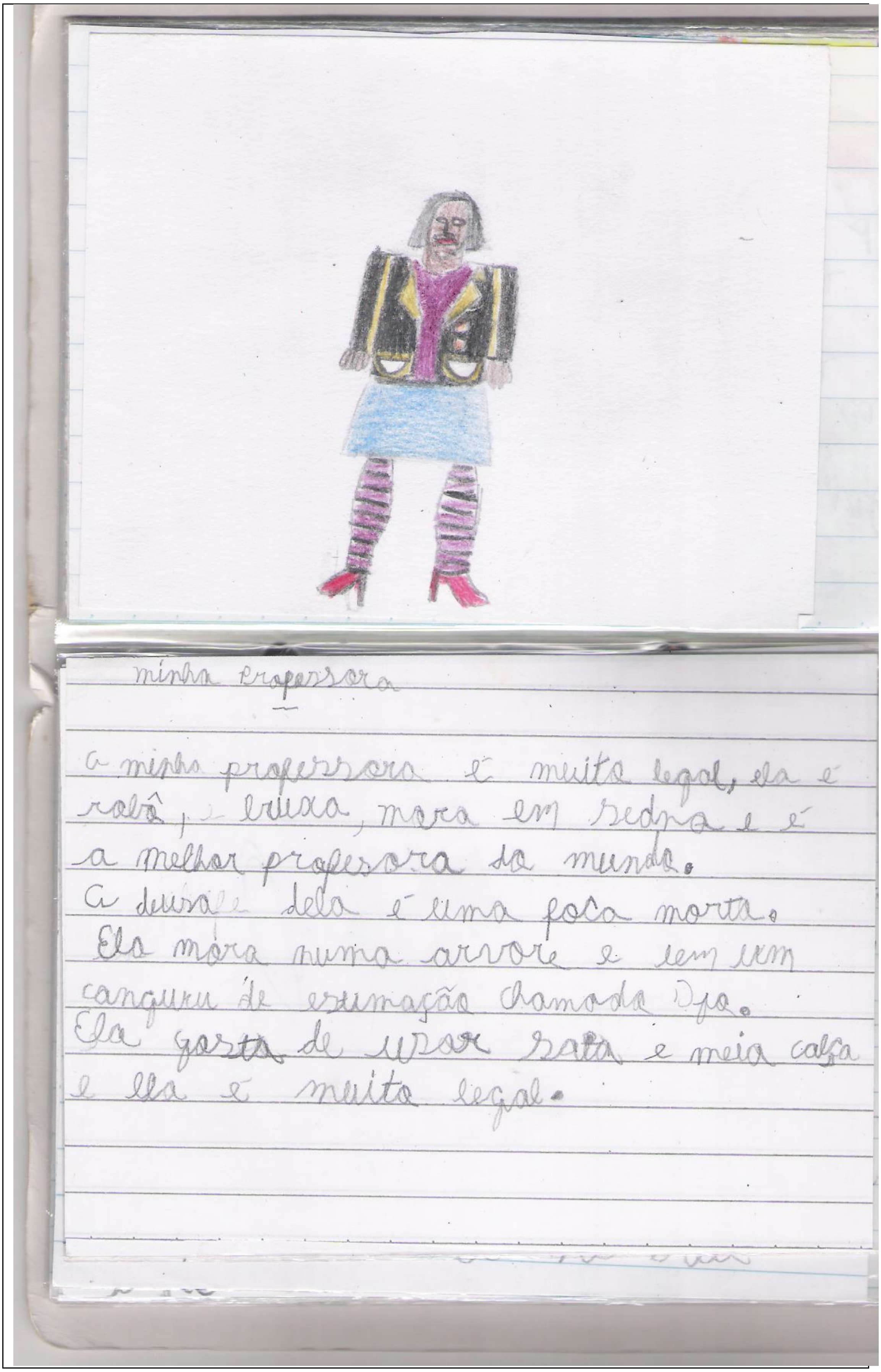
MINHA PROFESSORA

MINHA PROFESSORA É LEGAL, BONITA DIVERTIDA, ELA É UM ROBÔ, OS ANOS É 4664, NOME XPTO 13. ELA É DE SEDNA O MUNDO DOS ROBÔS, ELA VEIO DE FOGUETE AQUI NA TERRA. E QUIS SER PROFESSORA E ELA CONSEGUIU E TODOS OS DIAS DEPOIS DE DAR AULAS VOLTA PARA SEDNA.



MINHA PROFESSORA

MINHA PROFESSORA SE CHAMA CAISTINA FALAM QUE É ROBÔ MAS DISEM QUE A DEUSA DELA É UMA FOCINHORTA E QUE A PROFESSORA TEM PARAFUSO SOLTO. EU NÃO ACREDITO A PROFESSORA É LEGAL NO MEU PONTO DE VISTA.


minha professora
a minha professora é muita legal, ela é
ralâ, é bruxa, mora em sedna e é
a melhor profesora do mundo.
a deusa[illegible] dela é uma foca morta.
Ela mora numa arvore e tem um
canguru de estimação chamada Dja.
Ela gosta de usar sata e meia calça
e ela é muita legal.

MINHA PROFESSORA!

MINHA PROFESSORA É MUITO LEGAL.

ELA É MORENA TEM O CABELO PRETO E OS OLHOS CASTANHOS.

ELA FALA QUE ELA É RODÔ E ELA FICA BRINCANDO COM A GENTE E FALA QUE MORA EM SEDNA QUE É UM PLANETA MUITO PEQUEN

O TCC dessa turma nasceu assim:

Faltava abandonar a velha escola!

05/06/2011

Essa turma que era de piratas vivia bem longe da prancha. Heróis? Nunca passou pela cabeça de nenhum deles, pertencer a Sala de Justiça. Diferente da turma de 2008 que vivia a TV e distante da atual (2011) que ainda procura a professora. Essa turma do meio (2009/2010) queria mesmo, como canta Lulu Santos, "tomar o mundo feito Coca-Cola, só que sem abandonar a velha escola, apenas contar que dentro dela tem gente".

Descobriram através da "Deusa Foca Morta" que Sedna não era o limite e tomaram para si as rédeas do que queriam viver na escola, eu era apenas a que possibilitava esse viver.

Queriam falar, aprender, rir, brincar, sonhar, lamentar, chorar, amar, queriam, queriam e queriam todas as manhãs 20 quereres:

- Prô eu quero fazer produção de texto!

- Prô eu quero ir na sala de informática!

- Prô eu quero fazer tóf tóf tóf!

- Eu quero, eu quero e eu quero...

Gostava de ouvi-los e segundo OP e colegas eu perdia muito tempo dando ouvidos às bobeiras ali produzidas. Percebi que na realidade eles queriam o que todos nós adultos, crianças e adolescentes queremos, falar sobre a nossa vida para outra pessoa.

Nessa época, eu andava num flerte quase fatal com Arroyo e acreditava que era possível "contar-nos uns aos outros, contar-nos nossas histórias, nossos saberes e ignorâncias, nossa cultura".

Então após longa escuta de quereres, resolvi propor a escrita dessas vidas, curtas, mas cheia de histórias, recheadas de memórias e logo Itália perguntou com expressão de diga que não:

- É produção de texto? Tem reestruturação depois? Não que não gostassem de textos, produziam coisas lindas, mas contar sobre suas vidas, não merecia reestruturação e nem interpretações outras, era a sua vida e seu contar.

Contar sua vida ao outro nos moldes da escola, era tirar a magia que ela tinha para cada um deles, um texto nada mais era que uma atividade escolar. A vida vai além dos muros escolares.

Conversa suspensa, preciso ir à Sedna resolver, a minha foca morta há de me ajudar. Fim de semana a solução, faríamos pequenos relatos da nossa vida, com imagem e texto e sem reestruturação. Ideia aceita, começamos o trabalho de contar-nos uns aos outros, com o passar do tempo o pedido mudou:

- Prô, vamos "si" conta pros outros hoje? Pirata Saigon.

- Nossa! Todo dia vocês querem contar-se. E a Matemática, Ciências, História?

- Prô ta tudo dentro, esqueceu das Tóf Tóf Tóf. Pirata Idislaidi.

O tempo corria e naquele palco eu era apenas a contra regra:

- Prô acabou o papel? Corta mais cartolina? Não tem lápis azul!

Via os textos passarem de mão em mão, apagarem-se, cabeças balançavam, risadas eram dadas, folhas eram trocadas, jogadas fora, outras eram feitas e um dia finalmente Pirata Isquiriana me perguntou?

- É esse registro que você faz na sua escola? Com o seu trabalho em mãos. Olhei e vi surpresa e feliz que todos tinham feito seu 1º Memorial, um registro da vida, para a vida toda.

Na Mostra Pedagógica, dia marcado por eles para contarem-se aos pais, ouço a fala emocionada de três mães:

- Cris, esse álbum tem histórias silenciadas por meu filho há muito tempo. Silenciadas em casa, contadas na escola, era a experiência de contar-se uns aos outros com crianças que tomaram o mundo feito Coca-Cola e fizeram da suas vidas um passeio público.

Viver essa fantasia durante todos esses anos, perceber o tempo passar e saber que as crianças cresceram, mas que a cada encontro ao vivo ou não a pergunta feita será sempre sobre Sedna e a Robô. É saber que valeu a pena, não só a fantasia, mas o produzido, o apreendido, o aprendido e ensinado pelos dois lados, o trocado, o vivido. Valeu a pena o momento da vida vivida, o respeito ao presente de cada um dos envolvidos.

Alimentar a escola de alegria e cada aluno de vida. O conteúdo foi além do planejado, aprenderam, sem traumas, viveram a infância na escola. Para Kramer:

> Arte e vida são polos indissociáveis da existência humana e por isso, diz Bakhtin “um poeta deve recordar-se de que sua poesia é culpada pela trivialidade da vida e o homem deve saber que a sua falta de exigência e de seriedade em seus problemas existenciais são culpados pela esterilidade da arte”. [...] A escola tem seu compromisso, para além da formação científica, com a formação cultural e com a arte que precisa entrar e permanecer na escola sem utilidade: a arte não serve para nada porque não é servil. (KRAMER, 2013, p.36)

Não é porque trabalho com o brincar e a fantasia que deixo o conteúdo de lado. Pelo contrário, vou construindo o conteúdo com base na diretriz curricular, ou nos PCNs na proposta indicada pela Secretaria Municipal de Educação, tudo isso atrelado à arte que faz parte da vida.

Existe uma conversa com as crianças, eu escuto, observo as crianças e os pais, todos sabem o que querem e querem aprender. A diferença é que existe um jeito sério de fazer e um jeito de fazer com seriedade. Roberto Gomes aponta.

> Prestando atenção, vemos que há vários empregos possíveis para a palavra "sério" e, consequentemente, vários sentidos para a "seriedade". Creio que isso fique claro se considerarmos estas duas ocorrências: "Fulano de Tal é um homem *sério"* e "Fulano de Tal leva a sério seu trabalho". [...] Mudou o caráter da seriedade em questão. No primeiro caso queremos dizer que Fulano de Tal é um homem que zela pela seriedade das aparências. É respeitador das normas e convenções sociais. Seria incapaz de "sair da linha". Dele não se esperam coisas que fujam ao normal estatístico. Isto vale dizer: Fulano de Tal é um homem respeitador e respeitável. Na segunda ocorrência, a seriedade em questão remete-se a outra gama de significações. Levar a *sério,* seja um trabalho, lugar ou um amor, não consiste no zelo pela vigência de normas sociais. Ao contrário. O acento faz com que toda carga significativa recaia sobre o aspecto interno e virtualmente negador do socialmente admitido. Se levo a *sério,* isto é algo que sai de mim em direção ao objeto da seriedade. Se sou sério, me coisifico como objeto de seriedade. Aí está a diferença entre o que é dinâmico - eternamente em questão -, encontrado no a *sério,* e o caráter de acabada e estéril da *seriedade* do sujeito objetificado. *A sério,* revigoro o mundo com uma quantidade imensa de significações. *Sério,* reduzo-me a objeto morto, caricato, de existir centrado externo. Ao levar a

> *sério,* estou profundamente interessado em alguma coisa, a ponto de voltar todas as minhas energias no sentido de sua realização - outro não sendo o princípio de erotização do agir. Mesmo quando isso exige "sair da linha". Só aqui poderemos encontrar o germe revolucionário indispensável à criatividade (GOMES, 1990, p.11)

Levo tão a sério meu trabalho que planejo cada detalhe das minhas aulas, da minha personagem Prô Robô, da minha clone, roupas, cabelo, brincos, sapatos. Penso em cada detalhe pois acredito que meus alunos merecem esse respeito. Quebro algumas normas, fico entre a legalidade e a não legalidade. Penso não existir outro caminho para eu e as crianças que entram cada dia mais novas no 1º ano encontrem sentido e energia para sobrevivermos na guerra que é a escola.

Diário de Bordo III
A Aquisição da Língua Escrita

Sem a curiosidade que me move, me inquieta, me insere
na busca, não aprendo nem ensino.

Paulo Freire.

Porque sou aventureiro
Desde o meu primeiro passo
Pro infinito.

Guilherme Arantes

A Amoeba

27/02/2014

Hoje foi um dia de muitas atividades: leitura, números, histórias e brincadeiras. Rimos muito e segredamos mais ainda.

Uma das atividades que mais agitou foi a da escrita, "A primeira tentativa de escrita". Pedi que fossem até o Varal dos Rótulos, que eles mesmos trazem de casa todos os dias, e escolhessem um para a gente trabalhar.

A maioria viu no meio de tantos rótulos a AMOEBA e gritou que queria trabalhar com ela. Distribui para cada um uma pequena folha, pedi que copiassem o nome do varal e desenhassem a amoeba.

Todos fizeram o desenho, coloriram e começaram a perguntar:

- E agora Cris, Prô, professora!

- Cada um já achou sua maneira de me chamar. – Quando percebi que todos haviam terminado me sentei bem tranquila, pedi que se sentassem e falei:

- Bom agora cada um vai escrever o que gosta de fazer com a amoeba. – Logo veio à primeira pergunta:

- A gente vai pensar e falar para você? – Negando com a cabeça falei:

- Não. Hoje vocês vão escrever sozinhos, cada um com seu lápis em seu papel.

- Cada um gosta de fazer coisas diferentes com a amoeba. - J. falou:

- Mas a gente ainda não sabe escrever certo Prô, e se a gente errar? – Respondi dizendo que não existe escrever certo ou errado, que criança com 6 anos escreve de um jeito, com 7 de outro, que quando eles fossem grandes escreveriam de outro ainda, que cada idade tem um jeito de escrever.

Sorriram, pegaram o lápis com confiança e começaram a escrever sua história com a amoeba. Uns arriscavam umas perguntas, outros eram donos de si.

Conforme iam terminando, levavam para que eu reescrevesse a história no caderno e depois colasse o papel, eles liam, eu abraçava, festejava a primeira escrita de cada um, M. após um grande abração me falou muito feliz:

- Prô quer dizer que meu esforço ta valendo a pena! – Foi sentar-se todo feliz.

A pequena So chegou com sua história escrita assim: "E O U", e disse que havia escrito "eu gosto de brincar com a amoeba mexendo". Quando viu tudo o que eu escrevi, olhou para o que ela havia escrito e falou:

- Eu não escrevi isso, escrevi só um pouquinho! Nossa como gente grande escreve!

H. veio com a folha todinha escrita e me entregou, quando perguntei para ele o que estava escrito, me olhou com uma cara de espanto:

- Ué, mas você é professora e não sabe ler? – Abracei o esperto e respondi: - É que não acredito que você faz isso! – Apontando para o que estava escrito no papel.

Com uma risada alta e generosa respondeu:

- Ah você não acredita que eu encho a amoeba até ela fazer uma bolinha e estourar?!

O 1º ano do Ensino Fundamental não é o primeiro encontro das crianças com o mundo da escrita ou leitura, ainda mais em tempos modernos com televisão, computadores, internet e até mesmo a escrita em papel nos inúmeros folhetos de marketing que enchem as caixas de correio de toda residência. Há escrita nas ruas. Há escrita de todas as casas. Assim, a criança chega à escola com muitas informações sobre a própria escrita. Bombardeadas pelos meios de comunicação que integram a criança ao mercado de consumo, numa sociedade de consumo, as crianças têm informações bem acima do que costumamos imaginar.

Chegam à escola sabendo do compromisso que a escola tem com eles, que querem aprender a ler e a escrever. Falam isso desde o primeiro momento da aula. Pode ser pressão dos pais, da escola de Educação Infantil, desejo de 'autonomia' na leitura da escrita disponível ou vontade da criança que sente a pressão, mas não a entende. Para Mello:

> Entre as concepções de educação infantil que dirigem as práticas de educação das crianças brasileiras entre 3 e 6 anos, percebo uma concepção muito forte - muitas vezes sustentada pela pressão dos pais, mas sobretudo pela própria formação dos professores que trabalham com a educação infantil - que defende a antecipação da escolarização, e tal escolarização precoce ocupa o tempo da criança na escola e toma o lugar da brincadeira, do faz-de-conta, da conversa em pequenos grupos quando as crianças comentam experiências e conferem os significados que atribuem às situações vividas. Para esses pais e professores, quanto mais cedo a criança é introduzida de modo sistemático nas práticas da escrita, melhor a qualidade da escola da infância. (MELLO, 2005, p.24)

No entanto, é importante que brinquem, vivenciem experiências em grupos. Esse brincar pode ser de casinha, escola, família e tudo isso na escola. As crianças precisam desse tempo para o necessário amadurecimento para a aquisição da língua escrita.

É inegável que ao aprender a língua escrita a criança dará um enorme salto em seu desenvolvimento, uma vez que a aprendizagem é um processo contínuo na vida do ser humano. Passamos a vida toda aprendendo alguma coisa diferente.

A aquisição da escrita, no entanto, é uma aprendizagem exigida socialmente: em sociedades ágrafas esta necessidade não existe. Mas em sociedades gráficas como a nossa, há um período da vida de todos em que adquirir o sistema de escrita se torna uma imposição social. Não querer aprender a ler e escrever, entre nós, é um escândalo, quase uma enfermidade. Obviamente as crianças vivem este contexto de ansiedade familiar quando chega à idade escolar, hoje aos 6 anos de idade. Os pais sabem, a família toda sabe que na nossa sociedade só tem valor quem domina a língua escrita.

Mas na escola é muito comum que ocorra aquilo que denunciou Vygotsky (1991, p.119): “Ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita”. Ou seja, apresentamos as crianças apenas os mecanismos de funcionamento do sistema alfabético, esquecendo que a aquisição da escrita é um processo complexo que abre portas para o mundo da escrita e para se movimentar neste é preciso conhecer mais do que os desenhos das letras.

Perdemos horas traçando letras, pintando traços, preenchendo lacunas que não fazem sentido nenhum para as crianças. Exercícios não significativos produzem a desesperança na criança. Ela vê frustrado os seus sonhos de ler e escrever. E começa aprender que sua escrita não tem sentido, não faz sentido e por isso não tem valor.

Pensar a criança desde o começo como autora de seus textos é pensar seu ingresso ativo no mundo da escrita, onde todas as atividades de leitura, produção de textos, revisão estilística do próprio texto numa atividade de estética verbal, etc. são sempre atitudes ativas. Ler é construir significado, não decodificar letras. Escrever é dizer algo a alguém, não desenhar letras.

Em 2014[97], após seis anos longe da alfabetização, recuperei minhas experiências para com elas apostar em uma possibilidade de trabalhar com as crianças a aprendizagem da língua escrita que tivesse sobretudo o mundo da escrita presente na sala de aula, o que implicava pensar um ambiente alfabetizador com o alfabeto móvel, manuseável, pronto para ser empregado na escrita, além de materiais como massinha, lousas pequenas postas num canto da sala, dos papéis flip chart, biblioteca, brinquedos e parede azulejada. Fiz a proposta de que se sentassem em grupos de livre escolha.

Fazia leitura todos os dias, contava histórias e os amigos também liam. As crianças, após ouvirem essas leituras trocavam as primeiras impressões, o

[97] Recupero aqui apenas a experiência mais próxima, nas práticas de alfabetização, evitando com repetições desnecessárias. As experiências anteriores de todo professor que reflete sobre sua prática estão sempre disponíveis no presente de cada aula. Por isso tomar os últimos anos como base é tentar extrair um produto da experiência ainda que saibamos que experiência não se transmite! Para que ela emerja e signifique, é preciso vivê-la, é preciso que ela nos toque, nos comova.

grupo todo junto. Depois iam, em grupos menores, criar hipóteses de escrita. Hipóteses que mais tarde eram partilhadas novamente com o grupo maior.

Entre erros e acertos, eles não tinham medo de falar letras ou palavras inteiras para que fossem escritas, apresentavam a mesma facilidade que apresentavam nas leituras que "faziam" diariamente. Chegavam à aula e já diziam:

- Prô hoje eu vou ler um livro!!! Iam até a biblio de sala, escolhiam o livro e com uma boa e bela voz liam alto para os amigos, inclusive mostrando as figuras e algumas vezes comentando:

- Nossa que chato isso né?! – Eu encantada com a desenvoltura dos jovens leitores e a acolhida da turma concordava com tudo o que falavam.

Estiveram durante muito tempo, trabalhando em grupos, alternando brincadeiras com manuseio do alfabeto e tentativas de escrita. Nos espaços e tempos construídos, uma perspectiva sempre estava no horizonte: criar para essas crianças que entram mais cedo na escola um espaço de transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, sem que isso signifique descurar do processo de ensino e aprendizagem da escrita, utilizando-se para isso os mais variados portadores de textos.

Apresentei para meus alunos a História da Escrita e de que maneira os homens se comunicavam através da "escrita" nas paredes das cavernas. Não demorou muito para que todos se encantassem com tal escrita e a ideia era precisamente essa: descobrir a finalidade da escrita, esta comunicação à distância e descobrir que nem sempre se escreveu como se escreve hoje.

Obviamente, apareceu a proposta: comunicar-se com os pais através da escrita da época das cavernas. Para isso, antes assistimos o filme "Os Croods"[98],

[98] *The Croods* (Os Croods em português) é um filme estadunidense animado por computador, produzido pela DreamWorks Animatione distribuído pela 20th Century Fox. O elenco de voz é composto por Nicolas Cage, Ryan Reynolds, Catherine Keener, Emma Stone,Clark Duke, Cloris Leachman entre outros. O filme é ambientado na era pré-histórica, quando a posição de um homem como "Líder da Caça" é ameaçada pela chegada de um gênio pré-histórico que surge com novas invenções revolucionárias como o fogo.

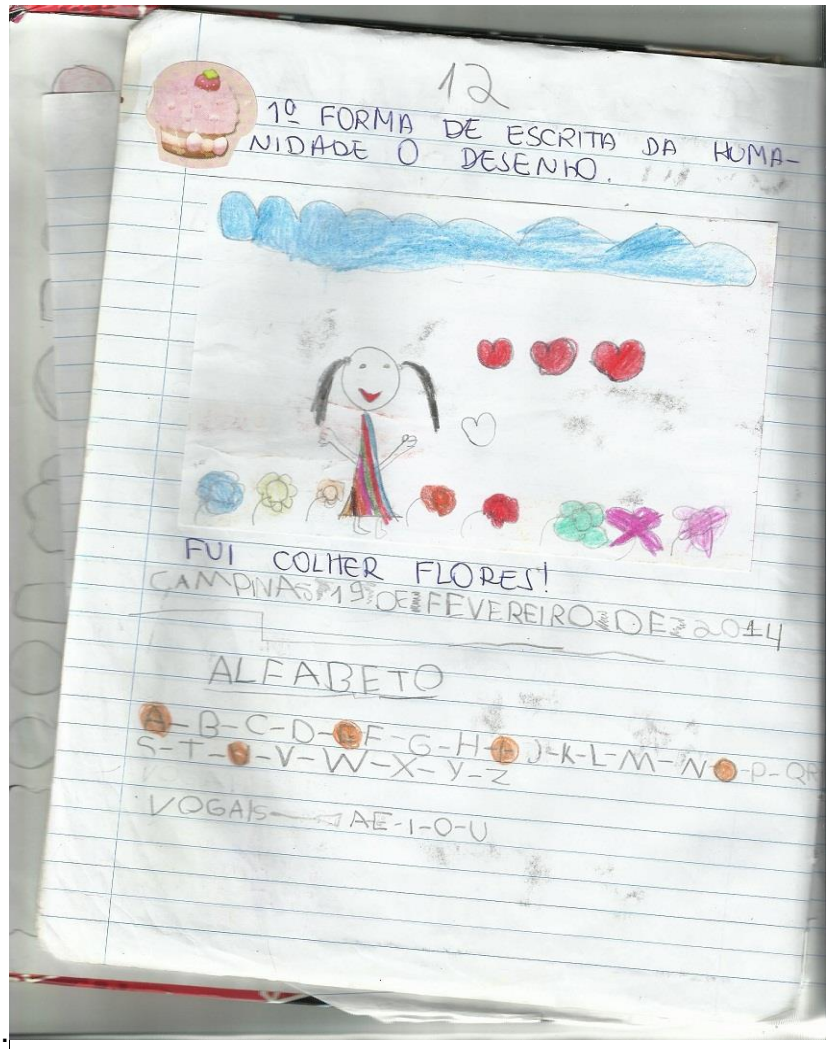
filme emprestado por uma aluna, junto com uma enciclopédia com milhares de escritas em cavernas[99].

No dia 18 de fevereiro após assistirmos ao filme e fazemos um pequeno debate sobre as grandes diferenças entre o mundo apresentado pelo filme e o mundo de hoje. As crianças levantaram questões importantes como falta de luz, água, comida, televisão, roupas, carros, ônibus, escolas e outras coisas mais. Partimos depois para o levantamento dos assuntos para a mensagem escrita para a família, discutindo depois como seria a escrita e o que cada um escreveria para a família.

J1[100], uma das mais velhas do grupo disse que escreveria sobre a paixão dela e da mãe por flores. Com certeza a mãe entenderia, sem que eu, professora, precisasse escrever em escrita de gente grande para ela compreender a escrita dos tempos das cavernas. E J1 fez o desenho abaixo. Depois eu escrevi junto com ela tentando ver as letras que ela conhecia “FUI COLHER FLORES”! – Arriscou comigo umas letras do alfabeto, as vogais que veio sabendo da Educação Infantil.

[99] Pode parecer insignificante o gesto de pedir e utilizar em sala de aula material trazido pelas próprias crianças. No entanto, este é o caminho mais concreto de articulação família/escola, em que aquilo que existe em casa se torna aquilo que se manuseia em sala de aula, tornando a criança co-partícipe do processo de ensino.

[100] Apelido de uma das meninas da sala. Havia duas com o mesmo nome, as crianças apelidaram de J1 e J2.



Na escrita do enunciado, a busca das letras feita por J1 com meu auxílio, foi encontrar que letra correspondia ao som. Sempre deixo no quadro de giz o alfabeto completo. E saliento quais são as vogais. O fato de buscar uma escrita com significado não implica o não manuseio do alfabeto. Não há razão alguma para sonegar à criança seu contato com o alfabeto. O problema é a cobrança de uma oralização de letra a letra, a decoreba do alfabeto e a exigência de que a criança reproduza letra a letra o alfabeto, sem que a escrita tenha significado para ela.

Note-se que J1 copia do quadro o alfabeto. E sabe que para escrever seu enunciado, ela precisa encontrar as letras. Para ela, portanto, está cópia do

alfabeto, não solicitada pela professora, faz sentido: é outro material a ser manuseado para escrever o que quer escrever, o que quer dizer para sua mãe.

Essa primeira produção trouxe para o grupo uma vontade enorme de seguirem em frente, descobrirem possibilidades. Segundo Abaurre:

> A contemplação da forma escrita da língua faz com que o sujeito passe a refletir sobre a própria linguagem, chegando, muitas vezes, a manipulá-la conscientemente, de uma maneira diferente da maneira pela qual manipula a própria fala. A escrita é, assim, um espaço a mais, importantíssimo, de manifestação da singularidade dos sujeitos. (ABAURRE, 2013, p.23)

A partir desse momento as crianças começaram a compreender que escrevemos porque temos uma necessidade, ou seja, tem presente a função social da escrita. Todos os dias eles queriam contar alguma coisa para as mães e desenhar.

O texto de abertura deste capítulo, relativo a uma atividade posterior à escrita das cavernas, remete a questões que considero importantes. Em primeiro lugar, é preciso situar quem são as crianças que no início do mês de fevereiro aceitaram o desafio de aprender sem choros ou constrangimentos.

Essa turma era composta por crianças bastante estimuladas na Educação Infantil, com grande desenvoltura e riqueza na diversidade de linguagens, e demonstrava muito interesse por conhecimentos novos. Mostravam-se muito habilidosos com músicas, teatro, expressão corporal e poesia.

Estes importantes estímulos deram a esse grupo condições para exercitarem a sua primeira escrita com segurança e empoderamento: ninguém se arrisca se não se sente seguro.

A partir do momento que se descobriram sujeitos do processo de aprendizagem, a aquisição da língua escrita deixou de ser uma necessidade apenas da escola e do professor. Para Mello:

> Isto implica que a criança não se apropria da escrita apenas porque o educador deseja imensamente ensiná-la, mas apenas quando a escrita faz sentido para ela, quando o resultado da

> escrita responde a uma necessidade criada na criança. (MELLO, 2005, p.33)

Aquele grupo de crianças, que teve estímulo na Educação Infantil e respeito à fantasia e ao brincar presentes também na 'nova' escola, criou necessidades imensas para si e para a escola: todos os dias tinham motivos para contar e recontar suas descobertas para a família.

A pequena Manu

08/06/2014

Manu é assim, apaixonada por cavalos. Todos os dias conta para a turma alguma coisa sobre eles, enquanto conta, seus olhos brilham e a gente se emociona com a belíssima descrição que faz dos cavalos do seu pai. Que é professor de equitação.

Um dia no começo do ano, contou sobre a morte de um deles e ficou triste, muitos pequenos choraram. O bom foi que o tempo passou e ela nos contou histórias lindas sobre o cavalo em outras épocas.

Mas nem todos os dias ela fala de cavalos, às vezes chega muda e nesses dias as coisas não andam. E aconteceu isso nessa semana. Chegou quieta e sentou-se no lugar, ouviu a história em pé, não quis sentar-se no tapete, demorou pra tirar o material da bolsa, não respondeu às perguntas que fizemos a ela.

Na hora da atividade juntei Manu e dois amiguinhos e sentei- me com eles para fazermos juntos a atividade; depois de um longo tempo, ela abriu o caderno e começou a fazer.

- Manu presta atenção no som dessa palavra! Escuta... antes que eu falasse, pegou a folha que estava em sua mão e rasgou, olhando bem séria para mim e levantou-se.

Falei alto com ela:

- Pode rasgar, eu não to nem ai! Mas você não vai ao parque e nem brincar com nada também, ela nem ligou e continuou andando pela sala. Foi em outros grupos que também não ligaram para ela, rabiscou o desenho de uma amiga que nem ligou, depois de andar um tempinho sentou-se novamente e ficou olhando para o grupo e para os papéis picados no chão e de repente perguntou:

- Aquilo ali é uma roda?

- Não sei! Você rasgou tudo. Respondi sem olhar para ela.

Abaixou-se sorrindo e falando devagar: "RO DA"! E continuou:

- Robô vou fazer esse aqui porque tem o R de Rogério meu pai e também o O do nome dele. Colou rapidinho e fez toda feliz cantando devagar as letras R O D A.

E prestou atenção na minha conversa com o amiguinho sobre a palavra PAPAGAIO, e falou feliz também:

- G é a letra da minha mãe, acho que vou fazer esse também.

E num processo repentino de felicidade, achou um pretexto para cada desenho que achava no chão, juntando, colando e escrevendo os nomes.

No final da aula com um sorriso no rosto falou para todos:

- Meu pai disse que no dia que vocês forem visitar a minha casa, ele vai ensinar todo mundo a andar de cavalo!!! – Menos você Robô senão cavalo faz assim... abaixou imitando o cavalo. E saiu correndo para fora.

Assim era Manu, todos os dias uma conquista. Alfabeto, palavras, sons e sílabas não diziam respeito a ela, nem aos seus interesses. Tudo o que envolvesse pai, mãe e cavalo, fazia parte do seu cotidiano e de sua vida, e isso tinha sentido.

O esconderijo das letras!

12/02/14

Na semana passada após alfabeto, nomes e leituras de livros, brincamos de rimar nomes e foi um belo exercício, como a rima foi bem aceita resolvi brincar de poesia e levei o poema A BOLA de Cecília Meireles.
Lemos, brincamos, rimamos, colorimos e a BOLA já quase nos pertence, devagar ela vai tomando som e forma de BOLA.
Entre alfabetos, crachás, poesias, rimas e leituras, os pequenos vão descobrindo a história da escrita. Hoje terminada a primeira atividade falei com eles que a gente escreveria um texto e nem pude terminar J. falou:
- Mas eu não sei escrever, sou "analfabetizado"! – G. grudou e falou:
- Eu também não! – Antes que começasse o falatório geral eu falei:
- Muita hora nessa calma! E logo veio a correção:
- Professora é muita calma nessa hora!
Pensei um pouco sobre o ditado certo e pisquei para Ni, logo dizendo:
- Ok, entendi, agora aprendi o certo e nem precisei escrever com o lápis, eu escrevi dentro de mim!!!!
Os olhinhos arregalados de H e sua pergunta me fizeram rir:

- Como assim e doeu?
Após uma rápida explicação sobre poderes que são só meus, retomei a conversa com eles:
- Vocês não precisam usar o lápis para escrever, a gente faz assim. Vocês vão pensar e escrever dentro da cabeça de vocês e depois a cabeça de vocês fala para a boca a boca fala para mim e eu escrevo.
Risos nos rostos, alegria da possibilidade e uma pergunta de A:
- Mas você vai escrever na lousa né? – Balancei a cabeça afirmativamente e contei que a lousa era igual às revistas, também comia letras, mas todas elas juntas e lá elas viravam palavras.
H. com a expressão mais séria do mundo falou:
- Não! As revistas são magrinhas e a lousa é gordona, acho que elas vão se esconder atrás da lousa.
Após novas risadas e outras explicações começamos o texto, fiz a proposta de a gente contar para a lousa um pouco de cada um da sala, assim ela fica amiga de todos nós.
Começamos contando um pouco da Amanda e cada um dizia o que queria contar da amiga para a lousa, organizamos um texto bem pequeno, cinco linhas, quando fui pra lousa começaram as falas:
- Professora BONITA é com o BO da bola e o NI do meu nome, eu já sei escrever! – AMIGA é com o A do alfabeto e o MI da minha irmã! – Tem uma palavra que vai o R. do meu pai!! Alegria nos olhos, barulho na sala, muitas bocas, muitos sons, assim os pequenos descobriram-se escritores de uma escrita sem lápis, da felicidade de saber ser possível.

Para Mello:

> Em cada idade da vida há uma forma explicitada da relação do ser humano com o mundo e é esta a forma por meio da qual o sujeito mais aprende. Já apontamos que, na idade pré-escolar, essa atividade é o brincar e todas as formas de expressão que a criança aprende. Na idade escolar, essa atividade será o estudo, cuja compreensão e interpretação precisa ser sempre objetivada, expressa pela criança. Não há qualquer razão científica que justifique que essa expressão deva ser restrita a uma única linguagem. Ao contrário é com o exercício de múltiplas linguagens que a expressão se fortalece. (MELLO, 2005, p.37)

Nessa tentativa de escritas foram utilizadas múltiplas linguagens, o brincar com a bola e com a palavra, a leitura do livro, a pintura dos desenhos, as rimas. Nenhuma criança arriscou a escrita do nada, tiveram antes um alimento e

tentativas de brincar com palavras através das rimas, citaram frases de programas de TV. E durante a escrita o reconhecimento de letras importantes, nome da irmã, a bola tão amada, a letra do pai, cada um achou um significado para cada letra na hora de escrever.

Os dois textos aqui apresentados relativos a acontecimentos de sala de aula nos primórdios da aquisição da escrita, fica clara a importância do OUTRO neste processo. Existe o diálogo entre o adulto letrado e a criança, na busca do significado da sua escrita e procurando sentidos nas muitas brincadeiras com a amoeba. Nem sempre temos, como professores, a felicidade e a presença de espírito que me levou intuitivamente a responder para H. “É que não acredito que você faz isso!” que, na verdade para mim remetia à escrita de tantas letras, com o papel quase cheio de escrita, enquanto para H. significou que eu não acreditava que ele fazia o que havia contado que fazia com a amoeba. A ambiguidade do pronome “isso” permitiu a felicidade, este acontecimento singular, em que sentidos contrapostos foram essenciais para que eu “lesse” o que H. havia querido escrever. Para João Wanderley Geraldi,

> O professor somente ensina a escrever se assume os processos de escrever do aluno, tornando-se dele um co-enunciador, um leitor privilegiado e atento, um colaborador capaz de encorajar o outro a continuar buscando a melhor forma e dizer o que quer dizer para quem está dizendo pelas razões que o levam a dizer. (GERALDI, 2010, p.99)

Abaurre, salienta:

> O adulto letrado, constituindo-se num OUTRO para o SUJEITO/criança, confrontando-a com a ideia de que a escrita veicula sentidos e não é simples sequência de letras desenhadas ao acaso desencadeia a busca de sentidos [...]. Quando o adulto lê, numa sequência de letras feitas ao acaso pela criança, uma palavra como “miau” ou “pipoca”, pergunta “O que você vai escrever?” ou sugere que a criança escreva alguma coisa ele a está confrontando com a ideia de que a escrita é (ou deveria ser) significativa. (ABAURRE, 2013, p.47)

Todos os textos produzidos por eles são de assuntos que eles apontam, dúvidas minhas sobre o planeta Terra ou dúvidas trazidas de casa por eles. Quando me coloco como o OUTRO para o confronto na escrita, as crianças já trazem a história na cabeça, não ficamos longo tempo tentando descobrir ou pensar o que era para ser dito, pois tudo que foi escrito foi cheio de significados e a necessidade de se fazer compreender foi grande.

Como apresentando no Diário de Bordo I, essa turma tinha motivos e vontade para escrever, viviam histórias e momentos de aprendizagens dentro e fora da escola. A vida vivida a cada dia preenchia seu cotidiano escolar. Por isso a aula acontecia, era um acontecimento para eles e para mim. Para João Wanderley Geraldi,

> Cada criança volta para a escola cheia de histórias, de coisas a narrar, de peripécias a comentar. Como foram as coisas cá, como foram lá: curiosidades e vida. [...] Mas é preciso ultrapassar o senso comum. E aí está função do professor, [...] é seu dever organizar com os alunos mais perguntas e buscar em colegas, em profissionais, nas fontes, na herança cultural os esclarecimentos disponíveis: é aqui que a pesquisa começa, é aqui que o caminho começa a ser construído, ele somente passa a ter existência depois de percorrido, na narrativa que descreve deste processo de produção. (GERALDI, 2010, p.97)

Cada dia é marcado por um movimento que vira acontecimento para as crianças. Uma folha que caiu, uma nuvem grande demais, um carro passando na rua. É sobre esses movimentos que escrevemos e fazemos as produções de texto e com ela vai acontecendo a aquisição da língua escrita e o ingresso ativo destas crianças no mundo da escrita. Esta turma, particularmente, termina o ano como autores de um livro, como já explicitado.

A Escrita

30/07/2014

Foi assim que a "Escrita" chegou na aula, em forma de máquina de escrever. Há tempos havia pedido ao diretor da escola uma máquina de escrever antiga para, movimentar a turma e hoje lembramos da história e a máquina chegou até a turma diretamente de Sedna.

Depois do alvoroço combinei que iria ensinar cada um a mexer e depois que acostumassem eles se organizariam. Foi um dia de muita risada, primeiro porque todos acharam bem parecida com um computador só que "feio".

Depois que mexeram, as perguntas:

- Onde tem jogo aqui?

- Onde acessa internet?

- Essa fita vermelha e preta se mexe toda hora por quê?

Após várias explicações e muitas conversas quiseram batizá-la de Escrita, porque com ela a gente pode escrever.

E foram muitas dúvidas: onde faz parágrafo, letra maiúscula como faz, letra de mão, cada descoberta era motivo de alegria e barulho. Free Wylly escreveu seu nome e resolveu escrever uma frase todinha, coisa que nem tenta no caderno, após a escrita gritou:

- Robô fez um barulho aqui e não sai do lugar, acho que quebrei a "Escrita". Expliquei que aquele sinal queria dizer que ela tinha chegado ao final da linha e ouvi de Fusca:

- Nosso caderno bem podia avisar que a linha acabou né, assim a gente saberia até onde ir.

Escreveram palavras, textos, ditados, conheceram a máquina, sorriam a cada palavra acertada e lida, reclamaram da falta de borracha, da dificuldade de ler. Uma coisa é certa, nunca escreveram tanto, adoraram o tira e põe folha e amanhã disseram que farão igual à novela, vão fazer da sala um escritório.

A presença da máquina agitou a turma, encheu de curiosidades e perguntas, sem contar que todos os dias, um dos pequenos senta-se diante dela com o propósito de escrever um texto.

Fugimos da rotina do livro didático, das apostilas, dos PCNs e vamos buscando formas e maneiras de aprender a escrever de forma que a escrita traga para a criança significados e registros de coisas importantes. Estamos à procura do respeito ao tempo de cada aluno e da infância. Para Sá Chaves:

> Retomam-se as dimensões de solidariedade com cada pessoa que aprende, aceitando os modos singulares como o faz e como pode fazê-lo no contexto específico dos seus processos de vida, o que significa a retomada da ética professor-aluno. (SÁ-CHAVES, 2005, p.8)

A ligação entre os alunos e eu é uma relação que vai além da mera relação professora/alunos. Minha responsabilidade ética, meu não álibi para a existência deles, no cronotopos de ingresso ao mundo da escrita, leva à constituição de uma relação de alteridade de consciências singulares. Somos um o outro do outro. Estes laços constroem solidariedade, amorosidade, afetividade: a relação permanecerá como memória de todos nós. Algumas mães me falam que às vezes quando conversam com seus filhos sobre a escola ou fazem perguntas, a sensação que tem é que não existe uma pessoa adulta em aula, tamanha farra e risadas nos relatos. Essas falas das mães me deixam sempre pensando na responsabilidade que tenho diante de cada criança e das brincadeiras que fazemos como modo de exercício desta resposta responsável diante de crianças que estão ingressando ativamente no mundo da escrita.

Manu a menina que sabia ouvir

27/03/14

Hoje, como eu havia prometido ontem, era dia de começar a usar o livro feito por nós, todos estavam ansiosos.

Após passar de novo pelas mãos de todos, passei a poesia na lousa, lemos destacamos as vogais, contei para eles que as vogais são as mais corajosas, porque são as únicas que andam com qualquer letra.

Em seguida começamos a atividade, a primeira parte era de copiar letra por letra nos quadradinhos, recortar, colar no caderno, contar quantas letras tinha o nome da amiga e separar vogal de consoante.

Depois fomos estudando letra por letra à procura de palavras já ouvidas, começamos com amor, amora, amore, avião, sobrou palavras com A e faltou espaço na lousa para escrever.

Depois foi a vez do D que também foi concorrido. No R a coisa já complicou um pouco. Enquanto todos pensavam, Manu feliz e com ar de vitoriosa falou:

- Rogério, R é a letra do meu pai. - Em seguida falou Rede! Rogério e Rede, as duas coisas que fazem sentido para Manu. Tem uma verdadeira adoração pelo pai, que é professor de equitação e possui um minúsculo haras em Sousas. Sua outra adoração é a rede que levei para a escola, nela a gente senta para ler, conversar, rir, ficar, olhar o céu, balançar, é nela que Manu construiu seu mundo para "viver" a escola.

Menina de inteligência única, gênio difícil, a gente vive se estranhando, adora medir forças comigo, não possui vínculo forte com nenhuma criança; é simplesmente do mundo.

Nas aulas com os especialistas extrapola aos enquadramentos propostos pelos professores de Artes e Ed. Física. Semana passada, após uma reclamação de um deles, falei que ela estava mais para Frida Khalo do que para Galinha Pintadinha.

Criada nos lombos dos cavalos do pai, vento no rosto, escova de cavalos e outros apetrechos, sofre com a escola, com os traçados que a prendem, com as regras que a minam. Joga cadernos, chora, questiona tudo, mesmo comigo que me junto a ela na busca por uma escola que a entenda, que a conquiste, que a liberte mais que um lombo de cavalo.

Semana passada peguei a pequena no colo, após uma série de frustrações e choradeira, escovei seu cabelo, enquanto cochichava em seu ouvido pedindo que me ensinasse a pentear as crinas do cavalo, que me contasse sobre estribos e ferraduras, depois de um tempo me falou sorrindo que a ferradura parecia um C.

Falei para ela em um momento de calmaria que ela era igual a "Manu a menina que sabia ouvir"[101], riu e pulou do meu colo gritando:

- Eu não quero ouvir nada! – Saiu correndo para rede. Mas deu tempo de ouvir minha resposta: - Eu também não iria contar!

Hoje após tentativas e tentativas de copiar alguma coisa da lousa, levantou, foi até o fundo da sala, se enroscou na minha perna e falou com um ar cansado:

- Prô onde ela mora?

- Ela quem?

- A outra Manu, a menina que sabia ouvir!

[101] "Manu a menina que sabia ouvir" de Michael Ende. 1982.Editora Salamandra. S.P.

Um importante passo para a aquisição da língua escrita é deixar a criança saber que ela é a protagonista nesse processo de aprendizagem. Segundo Mello:

> Em breves palavras: é uma questão de permitir à criança exercitar o seu papel e tornar-se protagonista neste seu processo de aprender e tornar-se cidadã. Isto implica dar-lhe voz, tratá-la como alguém que, se não sabe, é capaz de aprender. Desse ponto de vista, enfrentamos vários desafios ao mesmo tempo: permitimos, em primeiro lugar, que ela forme uma imagem positiva de si mesma, condição emocional fundamental para a aprendizagem de qualquer coisa. Ao trazer sua história para a escola, ao formular e expressar opiniões, ao propor soluções para os problemas vividos no grupo, ao expressar suas ideias, angústias e seus sentimentos, a criança deixa de ser anônima e passa a ser alguém que tem uma identidade no grupo. (MELLO, 2005, p.36)

Manu precisava se encontrar com o grupo e contar para todos da turma a sua história. Foi acontecendo. Com o passar do tempo Manu conquistava todos os votos para a produção de texto, falar sobre cavalos e rede passou a ser a paixão maior daquele grupo: uma liderança intelectual que emerge a partir de uma auto-exclusão superada por Manu enquanto ia aprendendo a escrever, manuseando o material disponível no processo de dar sentido às letras, ao alfabeto.

Sua escola é muito chata

11/10/2008

Um dia conversando com os alunos sobre produção de texto, leitura e escrita resolvi ler para eles uma pipoca escrita por mim sobre o nosso cotidiano escolar.

Ficaram espantados quando acabei de ler, aquilo para eles era nada mais que uma produção de texto e se eu produzia textos então eu ia à escola, mesmo sendo grande, mesmo sendo de Sedna e o que o é pior, segundo o Pirata Velocidade, mesmo sendo robô.

Então ficou marcado que a partir daquela data a gente conversaria sobre as duas escolas, a nossa e a minha. Toda semana leio uma pipoca para eles, falo sobre a minha escola e respondo a perguntas.

Só que todas as perguntas são feitas ao mesmo tempo, talvez para contemplar o meu pedido, fala 05 de cada vez. A resposta é:

- Prô do Céu, aqui na Terra é um de cada vez que fala. Explicação da Pirata Ana, totalmente desnorteada.

- Prô na sua escola tem professora? Como ela chama? Curiosidades da Pirata Franja.

- Professor, ele chama Guilherme.

- Nussa, e homem pode dar aulas? Dúvidas do Pirata Esperto.

- Tem cabeçalho? Pirata Letti. - Quem começa no Buenos dias?[102] – Tem folha de chamada? Vocês brincam de Soletrando? Tem carinha?[103]

Muitas perguntas sem resposta.

- Eles sabem que você é de Sedna? - Pirata Alegre.

- Você segura na mão deles? - Igual você faz com a gente? Pirata Forte.

- Impossível, não dá tempo. – Vocês acreditam que sou de Sedna né?

- Claro Prô, você quer até virar gente igual ao Pinóquio e aquele menino do filme. – Pirata A Bordo. Todos confirmaram a fala dela com a cabeça.

- Nossa e que horas vocês vão no Jardim Japonês e na Biblio? Ele ensina palavra estrangeira? Tem Língua de Sinais? - Pirata da Morte.

- Não tem Jardim Japonês na minha escola e na biblio a gente vai antes de entrar na sala, não tem Língua de Sinais, nem palavra estrangeira.

- O seu professor fica com vocês na hora do recreio? – Pirata Menina.

- Não tem recreio não, a coisa lá é "treva".

- E a diretora é igual a A. ? Pirata Fofinha.

- Prô do Mar, agora vou fazer uma pergunta séria e você tem que responder direito. – Você entende tudo o que eles falam ou fica falando que é isso? Igual aqui na sala - Pirata Bi.

- É mesmo Prô. – Você não entende nada aqui, então também não entende nada lá. – Pirataria toda.

[102] Uma das muitas brincadeiras que desenvolvi com eles foi falar em espanhol e ensinar algumas palavras.
[103] Toda semana corrigia os cadernos e fazia em cada caderno um sorriso de felicidade que foi chamado por eles de carinha.

- Não, lá também não entendo, mas uso dicionário. O que foi uma ótima ideia, pois agora todos usam dicionário, inclusive a Prô.

- Tem reestruturação de texto? – Pirata Feliz.

- Tem, isso tem! Na semana seguinte levei uma parte da minha qualificação revisada pelo Wanderley para eles darem uma olhada. E a resposta foi:

- Prô, sua escola é muito chata, prefiro o Ponzio! – Fala do Super-homem que se recusa a ser Pirata.

Ao resolver ler uma das minhas pipocas para as crianças, pretendia que eles compreendessem que nosso tempo escolar, nosso espaço, nossos fazeres poderiam ser objetos de nossa escrita. Eles perceberam o que escrevi como um texto produzido, e produção de textos é para eles, ainda, uma questão escolar. Logo, eu deveria ser aluna para estar produzindo textos! É muito interessante verificar esta percepção da atividade de escrever como apenas escolar, quando o ambiente todo que havia em sala, com a presença de livros, de revistas me fazia crer que eles já haviam compreendido a circulação da escrita na sociedade.

Talvez este acontecimento do ano de 2008 tenha tido seus reflexos muito tempo depois, quando em 2014 acabamos o ano com a publicação do nosso livro “Que brincadeira é essa?!”, livros que os alunos viram circular entre colegas na escola, na família, mas também, no ano seguinte, na própria universidade quando eles, como autores, foram convidados a falarem no evento organizado pelo GRUPAD (Grupo de Alfabetização em Diálogo), vinculado ao GEPEC. Lá eles viram seus livros nas mãos de professores desconhecidos deles. Viram-se lidos. E, suponho, acrescentaram a seus conhecimentos que os textos circulam para além da sala de aula, para além da escola em suas mostras.

Vão tirar uma letra no meu nome

CrisHop 25/05/2008

Comecinho do mês de abril, trabalhando a história dos nomes, produção de textos, poesias, pesquisas e questionários mil para os pais. Porque eu me chamo.

Uma manhã de calor que prometia, aquele dia não passaria, cheguei à fila e encontrei um festival de choros, lamentações e caras tristes.

Na sala, não consegui me comunicar, pois o choro era grande. Perguntei:

- Morreu alguém? Tem alguém doente? Ah já sei o Palmeiras perdeu!!!! Tentando trazer um pouco de alegria aos Corintianos. Continuei sem resposta.

Quando já estava quase gritando o guarda, o Vitinho falou:

- É que eles.... e começa a chorar alto de novo.

Bem preocupada olhei para sala procurando um aluno que estivesse em melhores condições de falar, dei de cara com o Gabriel, muito triste, mas sem chorar que falou:

- É que vão tirar uma letra do nosso nome e eles tão com medo que seja a letra do nome deles.

- Quem vão tirar? Perguntei.

- Ai profª você não assiste televisão, não sabe de nada, ai como você irrita a gente. E pior que você sabe, até parece de propósito. Estava muito bravo, pela minha total falta de informação num assunto sério.

Todos os dias eles vinham com mil perguntas sobre a televisão e a única resposta minha era:

-Não sei, não vejo televisão. Mas entendia que aquilo era um crime, porque a vida deles, suas paixões, heróis acontecia ali.

Ele me explicou:

- No Jornal Nacional passou uma matéria e falou que algumas letras vão sair do alfabeto e nós achamos que pode ser do nosso nome e vai ficar muito feio ou tem que mudar. Se tirarem o G eu terei que chamar Abriel e não quero.

Nessa hora todos pararam de chorar e começaram a me dizer como ficariam os nomes: (trabalho pedagógico).

- Eu vou chamar Itor, fala o Vitinho já calmo. Se tirarem o V. E não quero é "horrorivel"

- Eu vou ter que chamar Odrigo. Se for o R.

- Eu vou chamar Iúlia, disse a Giúlia.

E deixei correr o desfile de nomes de A ao V.

Depois perguntei de novo sobre a matéria, não podia falar que eles não haviam entendido, embora pensasse isso.

Pra procurar informações em outras salas, combinei que iria sair um de cada vez da sala pra lavar o rosto, beber água e se acalmar e enquanto eles faziam isso fui atrás da informação certa.

Não consegui nada, ninguém, assistiu JN na noite anterior. Pra conseguir trabalhar e ganhar tempo pra entender o que acontecia combinei com eles o seguinte:

- Bom, vamos escrever uma carta (T.P) para o Presidente, falando pra ele que nós aqui de Campinas, da Francisco Ponzio não queremos que o nosso nome perca nenhuma letra. Uma luz no fim do túnel, com uma esperancinha no rosto pergunta o Vitinho:

- Nossa profª. será que ele vai ouvir a gente?

- E a d. Alba vai deixar? Falou a Gabrielly.

- Não sei, vamos escrever a carta pedindo isso e depois a gente escreve um texto escolhendo uma letra para tirar. do nome e fala que se tiver que mudar, a gente quer escolher a letra. E vamos ver o que vai dar.

Assim passamos à manhã escrevendo ao presidente e escolhendo uma letra para ser retirada do nome, caso isso acontecesse. Uma manhã que voou e acabou cheia de risos com os novos nomes existentes na sala.

À noite em casa meu irmão que tb não assistiu o Jornal, disse que no trabalho o pedido foi:

- Pergunta pra uma das suas irmãs que são professoras se o K o W e o Y já não fazem parte do alfabeto? Pq ontem no JN saiu que elas vão passar a fazer parte do alfabeto agora.

Os acontecimentos invisíveis, aparentemente insignificantes nas aulas tornam-se visíveis quando sobre eles nos debruçamos e lhe lançamos luzes ao narrá-los. Acredito que iniciar a alfabetização utilizando os nomes é um dos caminhos mais fáceis e agradáveis para criança pelo fato dela já estar

acostumada a ouvir seu nome em casa e por isso estar familiarizada com o som das letras. Outro motivo importante é o contato com a família: fazer parceria com a família é para o meu trabalho de fundamental importância, uma vez, como já se tornou claro, trabalho sem livros didáticos e a partir das demandas das crianças.

Quem eram aquelas crianças que sofreram ao “descobrir” que alguém, iria tirar uma letra do seu nome? Todos sabiam da importância de ter um nome e um sobrenome, já havíamos trabalhado a importância também do sobrenome. Sabíamos que ter um sobrenome, era pertencer a uma família, se diferenciar do amigo que tinha o mesmo nome mas outro sobrenome. Esses pertencimentos constavam nos sobrenomes, Júnior, Neto, Sobrinho, Filho ou ainda o nome que homenageava o tio, o primo, o avô ou a avó tão querida, aquela amiga da infância. Apesar de iniciarem o desfile pelos nomes, sabiam que cada sobrenome também seria afetado e juntamente com ele a homenagem a pessoa querida.

A tristeza de todos foi ouvir aquela triste notícia da televisão, até então nosso motivo de alegria e parceria.

Não havia muito o que fazer. Dizer que era um mal entendido, iria contra tudo o que penso sobre as culturas infantis e contra a relação de respeito que tentava ter com eles.

Embora eu afirme em quase todo meu trabalho que não tenho nenhuma forma de controle das crianças, acredito que nessa pipoca tenha deixado claro que tenho sim, o que não tenho é aquele controle que vigia, que pune, que guarda, que inibe. Acredito que tenha um controle afetivo, mandar beber água e lavar o rosto é sim uma forma de controle, para pensar na situação.

Na busca das respostas com as amigas, não encontrei nada, mas ganhei o tempo necessário para reorganizar a minha aula e contemplar o choro dos pequenos.

No retorno, surge a ideia de escrever uma carta ao presidente pedindo explicações e sugerindo que não retirassem letras, deixou muitas lições, a primeira foi que as crianças puderam perceber que o presidente era um homem comum, não um Deus, ou um homem que paira acima do bem e do mal. Pois só

escrevemos para pessoas comuns. A segunda foi o empoderamento que teve cada criança, afinal o pai de nenhum deles jamais escreveu para presidente, eles no 3º ano escreveram, a alegria e o orgulho ficou visível.

Outra lição foi o meu aprendizado do que é uma aula como acontecimento, o cuidado que o grupo teve para organizar a escrita, palavras pensadas, significados buscados no dicionário, a preocupação de cada um deles para que a carta fosse compreendida pelo presidente. Segundo João Wanderley Geraldi:

> A transformação que a inversão da flecha na relação com a herança cultural exige que cada sujeito – professor e alunos – se torne autor: refletindo sobre o seu vivido, escrevendo seus textos e estabelecendo novas relações com o já produzido. Isto exige repensar o ensino como projeto, e para dar conta de um projeto não se pode esporadicamente conceder lugar ao acontecimento. O projeto como um todo tem de estar sempre voltado para as questões do vivido, dos acontecimentos da vida, para sobre eles construir compreensões, caminho necessário da expansão da própria vida. (GERALDI, 2010, p. 100)

Foi esse o acontecimento da aula, as crianças trabalharam em cima do projeto que já fazíamos, nomes e junto com os nomes o que era importante na sua vida, a televisão. Defenderam com seus melhores argumentos seus motivos para manutenção de seus nomes e suas letras. Na leitura final feita pelo nosso "presidente", eleito[104] no momento, ouvir as palavras de cada um foi outro momento mágico e relevante para cada uma das crianças. Todos sabiam porque estavam escrevendo, descobriam de uma forma corajosa a função social da escrita.

Essa Pipoca vai além da tematização da aquisição da língua escrita em uma turma no final do Ciclo I, ela mostra que não adianta defendermos em nosso Projeto Pedagógico a autonomia dos alunos e cercear esse direito com regras e mais regras. A autonomia não é dada, ela é construída na relação entre aluno e professor na aula.

[104] Pedimos para que o guarda da escola fizesse a leitura da carta para gente em seguida entregamos para a O. P fazer os trâmites legais para que a mesma chegasse nas mãos do nosso presidente.

Diário de Bordo IV

As mazelas de sempre: quem fica invisível não as sofre.

Viver é afinar um instrumento
De dentro pra fora, de fora pra dentro.
Walter Franco

Vela Aberta. 1980

Nem vem de garfo
Que hoje é dia de sopa.
Nem vem que não tem

Wilson Simonal

Eu na visão da Escola em 03 momentos diferentes

23/11/2010

1) Acho que já escrevi em outras pipocas que eu e meus pares somos todos ímpares na escola onde nos encontramos todos os dias.

Mas até então, não sabia que era declarado diante dos alunos.

Há três meses atrás a Pirata Penélope Pink me perguntou:

- Prô o que é Sarcástica?

Respondi com outra pergunta, acho errado, mas às vezes faço. É tão mais fácil explicar. Mesmo pq estava em outra atividade com outro aluno, ou seja, distante dela.

- Onde vc ouviu isso?

- Ah, acho que na novela, mas perguntei pra Prô Nasta e sabe o que ela me respondeu:

- Sarcástica é uma pessoa igual a sua professora Cristina, isso é sarcástica. - Ai pensei, se for mesmo, quero ser Sarcástica, mas e se for coisa feia?

- É nada, é quem vive fazendo piadas dos outros.

- É bom isso?

- Melhor que viver chorando.

2) Depois do acróstico uma "probis", apelido carinhoso nosso, foi dar aulas no meu lugar. Quando chegou perguntou:

- Que lição vcs estão estudando?

- Acróstico, resposta de todos. – Quer ver como é?

Pirata Idislaidi levanta pega um giz e escreveu Cristina e logo fala e escreve:

- C - CRIATIVA.

- R – Antes que ela abrisse a boca novamente, ouviu:

- Sua professora é criativa? – Eu "acho ela" personalista demais. Palavra logo anotada pelos piratas para contar depois.

3) Terça feira faltei, tinha consulta médica. Outra "probis", e novas explicações sobre as lições feitas em sala.

Num tumulto causado ninguém sabe por quem, a diretora foi chamada.

E no meio de tantas explicações sobre os porquês da organização da sala daquela maneira, Pirata Saigon explica:

- É que nossa Prô organiza assim, pq a gente vive mais no mar do que na terra! Resposta da outra probis:

- Isso é puro cinismo, isso sim.

Depois de uma longa conversa com a pirataria sobre isso, resolvemos mandar todas para prancha!

Essa pipoca, na abertura deste capítulo, tem a intenção de contar ao leitor que acompanha a viagem da Prô Robô e a sua tripulação – uma tripulação flutuante ano a ano - que nem tudo neste navio é colorido, embora deixe claro que buscamos colorir a vida dentro dele.

Dentro do navio a diferente tripulação se amotina, cansa, ri, chora, brinca, aprende e ensina. Atitudes normais quando nos deparamos com as dificuldades do planeta escola. Nada que um bom tempo para lavar o rosto e beber água, afundar as mãos na areia e balançar na rede não resolva. Mantemos a nossa alegria e saúde.

Neste Diário de Bordo, não registrarei a viagem dentro do navio, mas as águas turbulentas e agitadas por onde ele navega, o oceano pelo qual navega nosso barco no planeta escola. A navegação nestas águas, muitas vezes nervosas e agitadas, balança o navio quase sempre.

Já escrevi no Diário de Bordo I dessa tese alguns elementos sobre as dificuldades que tenho na escola, lugar de convivência diária com meus (ím)pares. E após tanto tempo descobri que nosso problema não é pedagógico,

porque os resultados dos processos implementados mostram alunos que se alfabetizam em um ano de escolaridade, mas sim de ordem diversa que envolve desde problemas relativos aos modos de relacionamento com os alunos até questões de ordem pessoal, que incluem preconceitos étnicos recônditos. A partir de agora, pretendo mostrar como se faz parecer como desvalorização profissional o que provém de relações pessoais.

Quando comecei a dar aulas, em 1990, a escola era rural, vinculada a uma outra escola-sede, para onde eu pouco ia. Portanto encontrava muito pouco as outras professoras. Mas a diretora não deixava de expressar sua posição:

- Eu odeio P1[105]!

Todas éramos P1, embora eu já fizesse curso universitário há dois anos, recebia o mesmo tratamento dispensado a todas. Essa posição da diretora nos unia nas poucas vezes que nos encontrávamos: sabíamos de que lado estava nosso inimigo! As poucas reuniões eram tensas e curtas; eu só aparecia nesses momentos, a mesma coisa acontecia com o resto do grupo, mesmo as que trabalhavam na escola-sede entravam e saíam como se vivessem sozinhas no mundo. Nunca fomos um grupo e a vida do outro era o que menos importava naquela escola.

Após muito tempo sem concursos para professores, o governo do PT, em 1990, abre inscrições para concurso de professores, na Prefeitura Municipal de Campinas e através desse concurso me efetivei na escola, onde trabalhei de 1993 até 2000 e foi nessa escola que vi a água começar a se agitar de início levemente e se transformar num maremoto, jogando todos nós tripulantes do barco num mar enfurecido.

Primeiro porque a maioria das professoras da escola era substituta e perderam seus cargos para um grupo recém chegado de professoras novas, concursadas, efetivas, entre as quais eu estava. E segundo por conta da nossa primeira atitude, que foi questionar as velhas práticas da escola em relação aos alunos negros e pobres. Faziam serviços braçais, uma vez que segundo elas não aprendiam a ler e escrever. Eles que deixassem as salas de aula limpas!

[105] Professora formada pelos cursos de ensino médio de Magistério.

Também criticamos o fechamento da escola para comunidade, nenhuma festa era aberta aos moradores.

Lima (2005), em seu livro “Sentidos do Trabalho”, traz à luz o debate sobre os sentidos do trabalho do professor na escola, afirmando também que eles dependem dos motivos que os movem. O nosso grupo tinha um motivo, o histórico social de cada aluno dentro da escola. Sobre esses motivos Ma. Emília Caixeta Lima escreveu:

> Os motivos sociais são dotantes de sentidos. Os motivos da ação docente não se inventam, são dados pelas condições concretas das escolas, dos professores e de seus alunos. (LIMA, 2005, p.197).

Nosso grupo era pequeno, mas grandes os desafios do cotidiano, que trazia para dentro da escola o sentido de estar ali e fazer o que ali fazíamos: a condição social dos alunos, moradores da periferia constituída por favelas ou ocupações, sendo a sua maioria negra, em um bairro dominado pelo tráfico. Três traficantes brigavam pelo comando da região. Isto fazia parte da história dos alunos, e eles não escondiam sua história, de professores racistas e preconceituosos. A nossa luta contra o preconceito social e étnico era constante.

Entre 1993 e 1998, o barco que fez a viagem aqui narrada, então dirigido pela Cris Cover, balançou muitas vezes. O grupo de professoras que dividia as brigas comigo trabalhava em outro horário, assim eu ‘apanhava’ sozinha sempre. Uma vez até ouvi de uma professora negra a seguinte frase, em uma conversa de intervalo que deveria ser leve:

- Eu odeio gente da sua cor, essa cor de merda!

Em 1998, deu-se o primeiro grande embate que deixou as aguas mais turbulentas do que estavam. Dois alunos do Ensino Fundamental brigaram dentro da sala, o professor não se envolveu no conflito, que foi resolvido fora da escola. Os dois trocaram socos, sendo o vencedor um aluno negro, filho de pai presidiário, criado pela avó. O perdedor o “bom aluno” branco e pagador da APM[106].

[106] Associação de Pais e Mestres. Pagamento espontâneo de uma taxa mensal para a escola.

No dia seguinte a sentença estava dada, o mau aluno, o negro, teria que ser expulso da escola, em uma época que o ECA estava engatinhando, e não tínhamos forças para barrar tal atitude. Após uma semana de embates dentro da escola, duas professoras e eu perdemos o round, a escola toda estava ao lado do 'bom' aluno.

Éramos minha irmã Vilma, uma colega, a amiga T. e eu que morávamos próximo ao bairro da escola. Não tivemos dúvidas, após marcada a reunião do Conselho de Escola para a expulsão do aluno, fomos fazer um trabalho de formiguinha: batemos de porta em porta, até mesmo das famílias que não tinham filhos na escola, mas conheciam a história de Cirillo[107], um menino que viveu sempre ali. Pedíamos apoio ao nosso voto contra a expulsão e insistíamos na presença de cada morador na escola no dia da votação.

Nenhum conselheiro representante dos pais ou dos alunos faltou à reunião. Cirillo ganhou votos de nós três professoras, de todos os pais e alunos e dois 2 funcionários, mas perdeu os votos do professores presentes. Nesta manhã de sábado, a quadra estava lotada de moradores apoiando seu outro morador. A família de Jorge, o outro aluno, pediu transferência na semana seguinte.

Eu fui responsabilizada no meu horário de trabalho e sofria sozinha as 'consequências' da permanência de Cirillo na escola. Eu era constrangida todo o tempo, até resolver passar os intervalos na sala, com meus alunos, onde brincávamos de olhar fixamente um nos olhos do outro até que um dos dois piscasse primeiro. Evitava a sala de professores, afinal, "os espaços coletivos podem ser constrangimento, ou não" (LIMA, 2005, p.196).

Em 1999, o Departamento Pedagógico, com uma proposta ousada, resolveu mudar a composição do Projeto Bibliotecas Escolares. Até aquele ano, cinco professores poderiam dividir a carga de 60 horas aulas semanais, em períodos, cada um com 12 h/a. Na escola éramos cinco professoras, eu fazia parte do grupo e lutava constantemente por um projeto real de leitura, como já

[107] Os alunos serão chamados de Cirillo e Jorge. Em 1998 a telenovela mexicana Carrossel passava na televisão e o bom aluno, para participar do Concurso de Redação da escola, copiou a redação do aluno da telenovela e passou a ser chamado de Jorge pelos outros alunos, nome da personagem da novela.

descrevi no A Bordo: não queria uma biblioteca com livros que durassem uma vida e nunca podiam sair do lugar. Sempre foram tensos os momentos de reunião entre as participantes do projeto biblioteca, porque a conservação do patrimônio importava mais do que seu uso efetivo.

A nova proposta do Departamento era a manutenção de um único professor, afastado da sala de aula, com dedicação exclusiva ao projeto. Duas professoras e eu disputamos a vaga, eu tinha apoio dos alunos e comunidade, de três professoras e pela primeira vez da equipe gestora; uma das professoras tinha o apoio de todo grupo de professores; a outra não tinha apoio algum.

A equipe gestora, para evitar conflitos, pediu que nós três interessadas escrevêssemos um projeto de trabalho, e entregássemos sem nome e no mesmo envelope. Após uma leitura prévia do projeto, quem iria escolher o melhor projeto era o Conselho de Escola. No dia marcado para a reunião, cada uma de nós teve 15 minutos para defender seu projeto. Na quadra, alunos e moradores carregavam cartazes com meu nome. Meu projeto ganhou, com o mesmo número de votos que obteve Cirillo para continuar na escola. Mas o ano de 1999 foi de mar revolto.

As professoras boicotavam constantemente meu trabalho, não autorizavam os alunos a irem retirar livros nos horários estabelecidos, requisitavam livros para leitura que sabiam que a biblioteca não possuía e na época não tínhamos verbas para comprar. Pediam pesquisas absurdas que sabiam que os alunos não dariam conta e me culpavam depois pelo ‘fracasso’ dos alunos. Também não participavam de nenhum evento promovido pela biblioteca.

No início de 2000, aconteceu um tipo de remoção: troca de titulares por titulares (professores concursados que assumiram as vagas nas escolas logo após o concurso e se tornavam titulares da vaga). Muitos professores entraram nesse movimento. As duas professoras que me apoiavam e eu também. Fomos cada uma para um canto de Campinas. Saímos da escola. Era uma troca e a pessoa podia voltar para o cargo dela quando quisesse e foi isso que aconteceu com a professora que trocou comigo: após uma semana na escola de sua

escolha quis voltar para a vaga e eu voltei para minha escola de origem, causando o famoso efeito dominó.

A situação piorou muito, em março quando fui convidada para voltar à biblioteca da escola, as professoras se organizaram e entregaram um dossiê a nova equipe gestora (a cada ano uma nova equipe chegava à escola, nunca nenhuma durou mais que um ano), afirmando que meu trabalho havia sido ruim e indicando outra professora.

A proposta de uma nova eleição via Conselho de Escola foi colocada novamente, mas dessa vez as professoras fizeram pressão nos novos alunos e pais, ganhei votos apenas dos professores Ensino Fundamental Ciclos III e IV e pedido de desculpas dos alunos que não votaram no meu projeto.

De março a julho, o tempo dividiu-se entre greves e brigas, quando eu não estava em greve, brigava com a equipe gestora e professores defendendo os alunos e seus direitos, inclusive os de Cirillo que acabou sendo colocado para fora da escola naquele ano. No meio de tanta confusão, chamaram a supervisora para me dar uma advertência e foi com imensa alegria que após duas horas de conversa entre a equipe gestora, a supervisora e eu, ouvi da boca da supervisora:

- Olha, eu não sei o que aconteceu na escola nesse tempo todo, mas tive a honra de ser diretora dessa professora e não posso advertir essa profissional que, inclusive, conseguiu a doação do telhado dessa sala de aula, uma vez que a prefeitura não fez nada. O telhado ia cair na cabeça dos alunos. Acredito que vocês precisam prestar mais atenção nas coisas da escola e ouvir menos as fofocas e reclamações.

Em julho desse ano, a prefeitura antecipou a remoção, entrei no processo de remoção indo trabalhar em uma escola no jardim Santa Odila, no período da tarde. Durante o processo de remoção eu já havia decidido trabalhar sozinha, não acreditava em espaços coletivos de trabalho, ou na maneira como era pensada a escola. Ma Emília nos conta sobre a divisão social do trabalho:

> A divisão social do trabalho produz a solidão, fragmenta os saberes, cria hierarquias de trabalho e relações de controle e

> expropria o conteúdo significativo do trabalho. Em outras palavras, são as relações de trabalho que nos constituem como sujeitos solitários, isolados e sós. (LIMA, 2005, p.196).

As péssimas relações na escola haviam me desgastado, eu queria apenas trabalhar com minha turma, solitária, sem me envolver em mais nada da escola.

Inicialmente não consegui meu propósito, a diretora era extremamente autoritária. Escrevi muitas pipocas falando sobre seu autoritarismo, sobre as relações na escola e a dificuldade que era desenvolver qualquer tipo de trabalho, sem sua intromissão, que ia desde como o aluno deveria sentar-se em aula até que roupas o professor deveria usar. Claro que com tais procedimentos, ela foi contra a minha proposta de trabalho.

A Argila Moldando as Relações na Escola

28/09/2010

Venho pesquisando vulcões com meus piratas há um tempinho, trabalho que minha irmã fez na Ed. Infantil com a turma dela e me encheu de vontade de fazer com os meus.

Após mil visitas ao Google, folhear revistas e enciclopédias sobre vulcões aconteceu o previsível:

- Prô vamos fazer um vulcão de verdade! Pedidos feitos ao mesmo tempo por, Penélope Charmosa e Jack Sparrow, piratas de ponta no navio.

- É mesmo, na net ensina até como faz. A gente usa água e uma garrafa pet. Pirata Sancha.

- Ah, também pode usar detergente. Pirata Mar Azul.

Pedidos feitos e acatados, pesquisamos o material que seria usado, a turma se dividiu e mãos à obra. A pior parte foi convencer a Dir.Ó da necessidade de fazer o vulcão e que nesse caso, talvez o pátio ficasse um pouco sujo e com água, porque o uniforme seria trocado durante a "construção" do vulcão.

Após muito debate e explica-explica, ela autorizou que ficássemos no fundo da escola, pediu para lavar, secar, varrer, deixar em condições de uso.

Feito tudo isso, dia 23/09 fomos em grupos para o lugar marcado, cada um com sua argila e sua garrafa de água. Expliquei novamente como ia ser feito e o trabalho começou.

Esse lugar foi limpo por uma servente antiga, Lara, que vive com cara de poucos amigos, estressada, nenhum aluno gosta de pedir qualquer coisa

para ela, porque o mau humor dela é imenso. Eu também só fico na base do "bom dia" e "boa tarde".

No meio da atividade quando estavam todos sujos e molhados, o pátio idem e as risadas deliciosas, Pirata Sancha me grita Ajuda! e me vi de saia curta e sem poder ajudar um ou outro, no arremate dos vulcões. Meio perdida dou uma geral no lugar à procura de Asriel, uma terceirizada, com humor e atenção para todos. Meus olhos pararam num grupo, onde Lara estava sentada dando muita risada com os alunos e explicando alguma coisa, com um pouco de argila nas mãos, me olhou e veio até onde eu estava:

- Cristina, desculpa "de eu" ta com eles, mas não resisti, lembrei de quando era criança e fazia panelinha com isso, muito legal. No fim da fala dela notei a emoção dela e tb fiquei.

- Tudo bem Lara, então pode ajudar esse grupo e aquele depois, pq eu não posso sentar, esqueci minha burka.

- Ah, tudo bem, deixa comigo que os vulcões vão ficar lindos.

Passou a tarde toda cuidando deles como um tesouro, antes de sair guardou todos no cafofo para não molhar, caso chovesse.

Agora conversa com todos, conta sobre algumas brincadeiras de sua infância com a argila, quando me encontra sorri e oferece ajuda para a segunda etapa do vulcão e para qualquer coisa que eu precise.

A Dir.Ó, apesar de todo trabalho que rendeu para sair o vulcão, também se envolveu bastante, estabelecendo uma nova relação com o grupo, quando foii conversar com um aluno perguntou baixo:

- Qual é o seu grupo de vulcão? Deu trabalho? Foi legal?

Cada dia tem uma ideia nova, no dia sugeriu pintura de todos, no outro de como poderia expor todos juntos, depois de colorir a lava e hoje chegou e falou:

- Gente to com uma ideia tão boa pro vulcão de vocês que vão amar! A Pirata Sancha disse que ela ria com os olhos.

Nessa escola permaneci de 2000 até meados de 2002, quando adoeci, tirei licença para tratamento e quando retornei, já retornei para Secretaria de Educação, para o projeto já escrito no Diário de Bordo I.

Nesses quase dois anos e meio, novamente fui envolvida pelo grupo e seduzida pelo trabalho coletivo, apesar da experiência negativa da outra escola, pois sabia ser necessário e acreditava na importância do coletivo como construção de parcerias e projetos de trabalho na escola.

Era o primeiro ano de todos nós na escola, apesar de todas termos tempos diferentes de trabalho, tivemos naquela escola um novo começo, essa escola havia sido municipalizada em 1998 e passou dois anos com professores substitutos e em julho de 2000 foi aberta para remoção. Nessa remoção nos encontramos com promessas de união e alegrias.

Na primeira reunião de planejamento a diretora deixou claro para o grupo quem mandava na escola, o que era e não permitido. Por conta dessa reunião, nos unimos para defendermos nossos direitos e dos nossos alunos e nos dois anos em que trabalhei lá sempre fomos uma equipe.

Como já escrevi no em outro momento, retornei para esta escola em 2006, após o término do meu trabalho na Secretaria Municipal de Educação. Existia um fosso entre a maneira de pensar/agir entre a equipe gestora e eu. Este fosso foi ampliado cem vezes nesse tempo em que estive fora, trabalhando na Secretaria.

No retorno, e em consequência, nossas discussões eram muito fortes, e minha posição angariava sempre o apoio do grupo. Após os embates, o grupo que permanecia quieto durante todo o tempo, vinha me abraçar e dizia estar ao meu lado e que eu estava certa, que era a voz do grupo dentro da escola e que elas não tinham coragem de se expor.

O tempo foi mostrando à direção o meu trabalho, apesar de não seguir nenhuma das regras ditadas por ela. O meu trabalho fluía, não tinha reclamações dos pais, nas reuniões eu sempre tinha material para mostrar o desenvolvimento da cada um da turma e todas as questões feitas por ela eram respondidas sempre que havia reunião de Conselho de Sala. Outro fato importante para a própria diretora era que eu nunca enviei alunos para a direção.

Em 2009 as discussões cessaram; ela deixou de se intrometer no meu trabalho e eu também não ligava para os abusos de poder dela com os outros professores, implicâncias do tipo “não pode tomar café no recreio, tem que acompanhar a turma no lanche”. Todos achavam que isso era abuso, eu achava normal, nunca tomei café no recreio e já estava acostumada a acompanhar os alunos durante o intervalo. Esse foi o primeiro passo para a desunião do grupo, o fim da minha ‘representação’ de todos nas discussões com a gestão da escola.

Nesse mesmo ano, num exemplo máximo de boa vontade e sinal de paz, a diretora me convidou, perante todo o grupo de professoras, para ser Coordenadora da EJA[108]. Alegando que o NAED cobrava dela a coordenação, que nenhum professor da EJA aceitou e que eu tinha Mestrado em Educação pela UNICAMP. Esse foi o derradeiro e errado passo para o fim do grupo. Uma professora nova no grupo questionou:

- Só pelo Mestrado? Se for assim, a senhora tem que fazer a coisa certa, um convite para todas nós, porque eu também tenho Mestrado e na UNICAMP. A resposta/pergunta dela marcou o início do meu solitário trabalho também naquela escola até o final de 2011:

- O seu Mestrado é sobre o que professora?

- Em LOGO, eu pesquisei a tartaruga LOGO[109].

E a nova resposta da direção, encerrando a conversa após alguns minutos, olhando sério para todas:

- Mas à noite, nós temos adolescentes, professora, e não tartarugas e eles estão acabando com a escola. O trabalho dela é com adolescentes, a OP me contou. - E isso, gente, não é um convite, é uma convocação e você pretende soltar as suas tartarugas na escola à noite para eles cuidarem, é?!

Aceitei o trabalho, desde que pudesse dedicar parte dele aos adolescentes que na verdade estavam sendo destruídos dentro da escola do não e do nada pode. Enquanto trabalhava com os professores e alunos da noite, me isolei em meu barco Pirata com os pequenos: “o trabalho individual é uma opção mesma dentro da história de vida e de trabalho de cada um” (LIMA 2005, p. 196), eu não tinha outra opção, já havia adoecido em outra escola, a minha opção era continuar saudável. Entre a coordenação e a vice direção passei três anos trabalhando à noite com os adolescentes.

---

[108] Educação e Jovens e Adultos

[109] Em informática, **Logo** é uma linguagem de programação interpretada, voltada para crianças, jovens e até adultos. Foi utilizada com grande sucesso como ferramenta de apoio ao ensino regular na SME.

Que língua falo eu?!

27/04/2010

Em tempos de peleja na escola, com todos e por todos, com todos que ensinam e por todos que aprendem. Com o E-Boa da Gloria na cabeça: onde estão as ausências? Seríamos todos emergências?

Me encontro na Coordenação da EJA, mediando os Ciclos I e II, organizando na Biblio uma outra escola, no limite da Prô, nos porquês da Coordenação, na contramão da Mediação.

Longe da estrada de tijolos amarelos, conheci ano passado Peter, um menino crescido, 15 anos, Corinthiano roxo, feliz, brincalhão e surdo. A comunicação em LIBRAS para nós, impossível, uma "JADI"[110] igual eu jamais aprenderá LIBRAS e olha que me esforço.

Mas nos comunicamos com olhares, abraços, gestos incompreensíveis para uns, normal para nós.

Meu time de coração: São Paulo, enquanto tá ganhando, quando perde seguramente, sou Real Madrid. Seus olhos brilham, sua cabeça balança e num gesto me diz:

- Seus times tão ruins Cris!!! Rimos os dois.

A Dir.Ó não entende:

- Cristininha você e esse "mudinho" já me cansaram a beleza, aliás, essa torcida toda da noite, todo mundo agora só fala em time, e fica perguntando por você! "Qui qué isso" "menina", tenha postura!

Apenas sorrio e penso que se passasse pela cabeça dela que a humanização das relações da EJA se dá através das relações desumanas do futebol, a escola teria outra cara, talvez de cada aluno L.A, Cumpridor de Medida Sócio Educativa, Surdo e outros que se perdem na escola do NÃO.

Essa semana tive uma surpresa, a mãe do Peter me procura e conta que ele ficou surdo aos 06 anos, e foi rápido e difícil o processo, primeiro a revolta, solidão, choros, depois LIBRAS para todos da família, escola de LIBRAS e o menino está de volta à vida.

Mês passado ela é pega de surpresa, o filho caçula fala:

- Mãe, o Peter que falar Real Madrid e São Paulo, porque tem uma Prô na escola dele que torce para esses times e ele quer tirar sarro dela pq esses times só perdem.

Depois contou que na opção por LIBRAS se calou, apesar de falar muito bem, afirmando que não teria dois mundos e duas línguas, a fala não lhe faria falta. Os médicos acharam normal e real.

[110] Gíria usada para designar pessoas de idade, significa já de idade.

Hoje, tempos depois, ela chora ao ouvir ele falar com muito sacrifício "São Paulo perdeu", e me pede desculpas porque a derrota do meu time é a felicidade dela como mãe e a oportunidade de outro mundo dele.

Desde a reunião em 2009 em que fui 'convocada' para coordenar a EJA até o final de 2011, o clima na escola foi tenso, ouvia absurdos da maioria das professoras, uma inclusive me disse, em uma reunião sobre a Lei 10.639 tratando a temática da História e Cultura Afro-Brasileira, que não era racista, mas que era contra essa lei. Quando questionei o motivo me falou que na novela "A Escrava Isaura" os negros eram bons e sabiam do seu lugar, agora os da vida real, eram todos iguais a mim, revoltados e briguentos. E essa lei ampliaria a briga dos negros. Claro que a briga, nesse momento, não foi pequena! A luta contra o preconceito se dá no cotidiano. Ma Emília escreveu sobre o cotidiano:

> É na dinâmica dos acontecimentos reais da vida e do trabalho como professores que eles vão expressando suas singularidades: negam, resistem, transgridem, afirmam o projeto coletivo. Ao mesmo tempo, constroem identidades mediante uma depuração de sentidos comuns que conferem à docência em determinado tempo e lugar. (LIMA, 2005, p.198)

Assim, íamos nos construindo e constituindo e eu cada vez me isolando mais. O trabalho com as crianças e adolescentes ganhando novos rumos e vida, a relação entre eles e a direção apontava para uma escola possível; eu me organizava (re)existindo na escola, contra as investidas do grupo que se dividiu. Havia um grupo que, apesar de apontar algumas vezes ser contra o meu trabalho, pedia apoio nas reuniões de TDC[111] e ajuda para montar as atividades do HTPC[112] e almoçávamos juntas toda semana, almoço regado as boas risadas e pequenos debates. Segundo LIMA (2005, p. 21).

> A resistência pode ser também compreendida como reação a um acontecimento da vida que agride o indivíduo e nega sua condição de sujeito. Ela tem, portanto, caráter de autopreservação da constituição pelo trabalho, pela produção

[111] Trabalho Dirigido Coletivo
[112] Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

> social do conhecimento, das crenças e dos valores. É um mecanismo próprio, que se aciona de negação pela negação do sujeito. Resistências como uma (re)existência. Resistência como uma necessidade de compreender o que faz, os sentidos do próprio trabalho.

Enquanto a diretora me assediava, brigava e humilhava o grupo de professores que estava ao meu lado, após cada reunião vinha me abraçar e dizer que podia contar com elas, que juntas éramos um grupo forte, apesar de elas nunca participarem dos debates e brigas. Quando finalmente a diretora reconheceu meu trabalho como professora do Ciclo I e me convidou para coordenação da EJA, os professores ficaram contra o meu trabalho e passaram a tecer críticas, atacando inclusive a minha pessoa, extrapolando o profissional.

Cansei de ouvir que minha voz era feia, que eu falava alto, que minhas roupas eram bregas, que eu não tinha postura de professora, que a minha risada era irritante, que eu era grossa e outras coisas mais.

No final de 2010, a diretora da escola e eu já estávamos próximas e apesar de discordarmos em muitas coisas, ela deixava que eu resolvesse os problemas dos alunos da noite sem suspensão, advertências ou ameaças de cadeia, uma vez que a maioria deles era de liberdade assistida. Não que coordenar fosse fácil; os diálogos travados entre os alunos e eu eram também duros, mas a gente acabava se entendendo com os professores também. Conseguíamos montar à noite um grupo de diálogos longos e sem pressa. Durante o dia e com a OP e o outro grupo a coisa se complicava.

Ela mudou o comprimento da saia?

12/03/2011

Após receber da minha Dir.Ó convite para ser vice-diretora da noite, pensar, ponderar e negociar possibilidades de felicidades, fiz a minuta e entreguei tudo certinho.

Assim que ela voltou de viagem, já me dispensou das aulas e exigiu começo imediato na nova função. Meio ressabiada achei melhor que ela fosse até o NAED[113] falar com Coordenação ou Supervisão sobre isso.

[113] Núcleo de Ação Educativa Descentralizado.

Foi e ontem pela manhã me contou a conversa. Disse que a coordenação estava em férias e que o supervisor que estava em seu lugar era um antigo conhecido nosso (do nosso tempo de brigas faraônicas). Quando ela contou todo o acontecido ele perguntou:

- Essa Cris, que vc ta falando é a Cristina Campos da mini saia? - Todo abismado. - Resposta dela:

- Sim. Por quê? - Ela é muito competente, independente da roupa que vista.

- Sei, tb acho, mas ...- parou para pensar um pouco e falou:

- Dir.Ó, ela mudou o comprimento da saia?

- Não, acho que não vai mudar mais, e sabe que tem até umas bonitinhas.

Diante do espanto dele, ela logo emendou:

- Ué, cada pessoa se veste como quer, né super.

- Tá menos respondona? - Vc sempre falou que ela era boca dura.

- Não, acho que não mudou não, mas acho que nunca falei isso não.

- Não, perai, há 03 anos vc veio aqui me pedir pra dar uma advertência para ela, pq ela ia de mini saia para a escola e ainda por cima era respondona. No meio de 2009, vc praticamente obrigou a gente a aceitá-la como Coordenadora da EJA, em 2010 deu continuidade no cargo por conta e risco e agora já transformou ela em Vice-diretora de confiança sua. E é claro que eu sei que ela não mudou nada. Será que vc mudou? Todo indignado.

Não, na realidade, acho que só mudei minha maneira de olhar pra ela. Olhar com os olhos da vontade e enxergar a pessoa que hoje é da minha confiança e minha amiga.

Esse ano de 2011, como já contei no Diário de Bordo I, foi o mais difícil na escola, como vice-diretora eu entrava à tarde e acompanhava o trabalho das professoras da tarde, o grupo que mais me retalhava. Logo no início do trabalho notei que uma aluna do 4° ano saía todas as tarde da sala, a partir das 14:30, e ficava chorando a tarde toda sentada no refeitório.

Após quase um mês assistindo essa cena perguntei para a equipe gestora o que se passava e ouvi como resposta um “nada, não se intromete”. Tentei ignorar e obedecer. Até que, em uma tarde chuvosa, a menina veio até a minha porta chorando e dizendo que não aguentava mais ser humilhada pela professora, que cada dia dizia que o pé dela era grande e feio, que o cabelo dela era horrível, que a boca e o nariz desproporcionais e que além de tudo isso ela era burra e feia. Acalmei a menina e disse que conversaria com a diretora e a

gente falaria com a professora e família dela. Chamei a mãe para buscá-la e compreendi acontecimento de todas as tardes.

Quando a mãe me viu, lembrou que no ano de 2009 havia me conhecido, na época era aluna da sala que mais exigia a minha presença. Conversamos bastante e ela me confirmou a fala da menina, que eu achava exagerada. Sabia que a professora realmente era racista, mas nunca pensei que fosse deixar tão explícito seu racismo com seus alunos.

Na conversa com a diretora, a OP e a vice do dia, todas me afirmaram que sabiam disso e já era o segundo ano que acontecia e elas nada podiam fazer. Porque qualquer coisa que fizessem iria sobrar para elas e elas não queriam problemas.

Questionei muito, falei da obrigação da escola em defender a criança em situações constrangedoras, segundo o ECA. Mesmo assim elas reafirmaram nada poder fazer. Na semana seguinte a menina permaneceu em sala, talvez tenha havido uma conversa de alguém do grupo com a professora, mas na outra semana, em compensação, a humilhação voltou e mais forte. Eu mesma consegui ouvir a professora colocando a aluna para fora aos berros “sai daqui sua burra”!

A diretora estava em férias e fiz uma nova reunião com a vice, responsável pela escola e a OP, pedindo atitude delas em relação ao acorrido. Essa reunião foi bastante tensa, alegaram que a minha atitude para defender a criança constrangia as duas e disseram que eu que me intitulava militante da infância, não elas, então eu que resolvesse o dilema... O tom de voz era próximo ao deboche, pois achavam que eu nada podia fazer.

Eu fiz a única coisa que sabia fazer, não sei se certo ou errado: chamei a mãe e a menina, fizemos juntas um relatório de maus tratos e de todas as ofensas da professora para com a menina, de que ela induzia os amigos a praticarem bullying com a menina e entreguei no Conselho Tutelar, relatando também as duas reuniões que havia feito sem sucesso.

Após essa ação, fiz nova reunião dessa vez com a professora junto, informando o que havia feito em relação a aluna. Foi um momento de grande tensão e choradeira, a professora culpou as especialistas dizendo que o trabalho

em sala era solitário e que eu sabia disso, das dificuldades de trabalhar naquela escola, a OP chorou, a vice também e todas me disseram que podiam perder o emprego caso o juiz compreendesse que a menina estava certa.

No dia seguinte, as coisas começaram a mudar. Chamaram a mãe da menina, a professora desculpou-se, disse que estava com problemas na família; depois mudaram a menina de sala, pedido que a mãe já havia feito insistentemente sem sucesso.

Passados quinze dias disso tudo, fui chamada ao NAED e informada que estava sendo processada pela professora e a equipe gestora e que junto ao processo havia um pedido meu de licença sem vencimento para 2012 e o que se o processo fosse parar no DPDI, a licença não seria concedia e esse processo poderia durar até dois anos, ou seja, eu estaria fora da bolsa- sanduíche em meu doutorado.

Pedi para ver o processo, a coordenadora do NAED disse que ainda não tinha todos os papéis em mãos, que estava sendo montado e a supervisora me colocaria a par de tudo, até o momento que os papéis fossem entregues ao DPDI, e que era melhor eu arrumar um advogado para me defender.

Eu já havia retornado para a sala de aula e continuava na vice direção, a pedido da diretora. Eu apenas aguardando seu retorno para poder deixar a vice direção. No dia seguinte à reunião na Coordenadoria do NAED, quando retornei para a escola, encontrei três professoras da manhã solidárias que me disseram que estavam do meu lado se precisasse de testemunhas, porque o processo montado pela professora e equipe gestora era frágil e falso. Quando pedi maiores explicações, só me disseram que uma professora da tarde havia contado para elas que sabia de algumas coisas do processo constituído de acusações falsas. À tarde perguntei para essa professora sobre as acusações falsas e ela me respondeu que não queria se intrometer, mas que se caso eu precisasse, ela testemunharia a meu favor, dizendo o que sabia sobre o meu trabalho, não faria referência as informações falsas que ela sabia existirem no processo.

Falou-me também da dificuldade que era trabalhar comigo e minhas repentinas mudanças de humor, sobre ser professora dos alunos que ficavam

dois ou três anos comigo e depois questionavam tudo, não sentavam, falavam, andavam e riam demais, ou ainda diziam “a Prô Robô já ensinou isso”, “a Prô Robô não fazia assim”, “a Prô Robô falou que você não pode falar assim com a gente”.

Naquele dia ela me falou uma frase inesquecível “seus alunos aprenderam que beber água aos goles não tem graça, se pode-se molhar o corpo e matar a sede junto”, e terminou dizendo que apesar das dificuldades, sempre gostou de trabalhar comigo e aprendia a olhar a escola cada dia de uma maneira diferente, que eu era uma professora fora do tempo da escola mesmo, não só na brincadeira. Estava muito a frente desse modelão escolar que temos hoje.

A semana seguinte começou tensa, logo pela manhã a vice-diretora veio até minha sala dizer que a mãe de uma aluna havia pedido para mudar de sala porque eu maltratava a menina e que naquela semana a mãe e a filha estariam fora viajando. À tarde fui até o NAED falar com a responsável e não fui atendida; após várias tentativas naquela semana para ser recebida e sem sucesso, uma manhã faltei e passei a manhã toda sentada em frente à sua porta, de modo que para entrar ela teria que passar por mim.

Tudo acontecia ao mesmo tempo, a CAPES pedindo o documento de meu afastamento publicado no Diário Oficial do município, meu médico me cobrando o fim da reconstrução mamária e o DPDI no meu pé. Minha cabeça estava a mil, no Navio Pirata a insegurança de estar em alto mar com piratas descobrindo ilhas.

Naquela mesma tarde, fui recebida pela coordenadora do NAED que me mostrou o processo, uma carta da professora fazendo fofocas, reclamando de coisas que não tinham fundamentação, brigas por conta de armário, horário de recreio, continuidade de turma, e outas coisas sem pé nem cabeça. Ela e a supervisora, após lerem todo o processo, concordavam comigo, nada ali ia além de fofocas e não valia um DPDI, mas me mostraram um outro documento onde uma mãe me acusava de ter rasgado o caderno da filha na frente da turma. Isso era realmente uma acusação grave, até eu concordei, mas imediatamente afirmei que era mentira. E mostrei falhas na carta, em nenhum momento

aparecia o nome da criança ou da mãe ou o motivo para que eu fizesse isso; a mãe não assinava a carta também que, ainda por cima, era digitada, quando dificilmente uma mãe daquele bairro e de minhas alunas teria acesso a computadores.

Pedi à supervisora que fosse até a escola e conversasse com a mãe ou a menina; ela me questionou se eu tinha algum problema com alunos ou mães, e respondi que todo início de ano tinha sim, algumas mães questionavam minha metodologia, mas depois sempre apoiaram e que naquele caso específico da acusação falsa, eu imaginava que fosse da aluna que havia mudado de turma. Expliquei que no começo do ano a mãe queria que eu não deixasse nenhum menino se aproximar da filha, nem no recreio nem na sala. Eu respondi a ela que ela deveria então matricular a filha em uma escola só de meninas, que na escola pública é impossível separar os meninos das meninas. A mãe não gostou da minha resposta, evidentemente. Mas daí a acusação de rasgar o caderno da aluna, havia uma tremenda distância.

Entrei em licença médica. Fui fazer uma cirurgia que já estava marcada há tempos. No entanto, continuei a batalha, insistindo para a supervisora conversar com a mãe, ver o caderno e saber porque eu rasgaria esse caderno. Nada da supervisora encontrar nem a mãe e nem a menina, que mudou de sala, mas nunca mais foi para a escola.

Já quase no meio de outubro a supervisora me chamou e disse que na realidade elas também achavam que nada daquilo havia acontecido e que a equipe gestora e a professora estavam tentando se vingar de mim por conta do processo que elas sofriam via Conselho Tutelar. Achou que eu deveria me retratar com elas e tudo ficaria bem.

Respondi que se fizesse isso, a minha luta pela infância seria em vão, eu não poderia jamais olhar para qualquer criança ou adolescente sem lembrar que traí uma criança. Falei que então perderia a bolsa, mas jamais me retrataria, já que se retratar seria retirar o processo do Conselho Tutelar.

Pedi uma cópia do processo que montaram contra mim e fui desmontando cada parte, com respostas para cada acusação, cada resposta minha comprovava que era mentira ou engano da outra parte. No final de novembro

sou novamente convocada pelo NAED que me disse ter em mãos um abaixo assinado de pais, mães, alunos e comunidade em geral pedindo o arquivamento do processo, uma das mães antigas soube do acontecido e saiu buscando apoio de todos que conheciam meu trabalho.

Usei o pouco tempo que restava da licença para correr atrás do meu afastamento em um momento em que o prefeito de Campinas, Hélio de Oliveira Santos já havia sido caçado e o seu vice, que assumira o cargo, passava pelo mesmo processo. A meu favor tinha apenas as assinaturas do Secretário de Educação e de Recursos Humanos. O secretário de Educação me afastou com vencimentos; o de RH só autorizou sem vencimentos. Em consequência, refiz meu pedido de afastamento sem vencimentos. No dia 22 de dezembro, o então prefeito Demétrio Vilagra assinou a minha licença sem vencimentos e foi caçado, na mesma noite, com 29 votos contra si na Câmara de Vereadores.

Mas antes no início de dezembro sou surpreendida com a Avaliação de Desempenho, criada na gestão do governo Hélio Santos. Houve uma imensa contraposição entre funcionários e prefeitura, mas não conseguimos barrar a avaliação. Não éramos contra, apenas não gostamos da maneira que seria conduzida a avaliação.

Na escola, após muito debate, queríamos a participação da comunidade no processo, entendendo que eles, como pais dos alunos, teriam melhor condição de fazer a avaliação, sem perseguição. Perdemos. Montamos uma equipe avaliadora de acordo com a proposta da prefeitura, três professores mais dois membros da equipe gestora, a diretora responsável e a vice-diretora, a mesma que havia tentado me processar.

A avaliação era dividida em duas partes: Avaliação de Desempenho no Cargo e Avaliação das Competências Comportamentais. Cada uma das partes era composta por cinco itens, cujas notas variavam de 0 a 100, e cada uma também teria um peso, a parte I (desempenho no cargo) valia de 0 a 65 e a parte II (Competências comportamentais), cada questão tinha peso 4, somando 20 no final. O resultado final seria dado através da soma peso X nota.

Fizemos um calendário marcando o dia e a hora para cada avaliação, utilizando aulas vagas para garantir um processo transparente e tranquilo. Meu

horário não foi respeitado, me chamaram nos minutos finais da minha aula, alegando que iriam mudar os horários de todos. O problema é que horário de saída/entrada de alunos é sempre tumultuado, ainda mais no final do ano, pais querendo informações, transportes de crianças reclamando férias, horário de almoço de funcionários. Foi num momento tenso como este que fui avaliada.

Outro problema é que, como fizeram fora do horário combinado, duas das professoras apontadas por mim não estavam presentes e foram trocadas pela OP e outra professora, ambas não estavam dentro do processo original.

Quando questionei, a diretora me respondeu que haviam permitido a troca em casos em que as avaliadoras não pudessem estar presentes. Aceitei, dizendo apenas que iria gravar a nossa conversa; não negaram, mas também não gostaram disso. A primeira parte, apesar do debate que rendeu, não me trouxe grandes problemas, conseguimos chegar há um consenso; a segunda parte foi a mais tensa e crítica; fizemos uma discussão grande e em alguns momentos nos alteramos muito.

Os itens avaliados eram: flexibilidade, relacionamento interpessoal, iniciativa/motivação, responsabilidade/comprometimento, interação com clientes externos/internos. Em cada um desses itens, as notas das avaliadoras variaram entre 23 e 37. Notas que foram de encontro as que eu havia me dado, 100 em cada uma delas.

No item flexibilidade me disseram que eu não era flexível e nem sabia trabalhar em grupo; após um longo debate, tive que lembrá-las de todo meu trabalho como coordenadora da EJA e a mudança dos alunos, que elas mesmas haviam comprovado e também algumas mudanças no TDC feita por elas, após a aposentadoria da antiga diretora. As avaliadoras ofereceram bastante resistência.

Hoje, escrevendo sobre isso, acabo rindo e percebendo que elas também se organizaram muito bem, desde a escolha do horário da avaliação. Como escrevi acima, havia muito tumulto. A cada cinco minutos entrava um na sala pedindo alguma coisa, incluindo alunos, sendo que já havíamos dito que horário de avalição teria que ser ininterrupto. No entanto, por um motivo ou outro algum, elas mesmas saíam frequentemente da sala, até para lanchar.

Consegui mudar todas as notas que elas me deram, com muito debate e em cada fala minha vinham sempre exemplos de coisas que havia feito ou ainda estava fazendo. O item mais difícil foi o relacionamento interpessoal. Entramos e saímos três vezes desse item porque cada vez que entrávamos nele, ou entrava alguém, ou algumas delas saía da sala, tensionado ainda mais o momento.

Recebi a nota mais baixa 23, a equipe avaliadora alegou que eu era péssima em relações interpessoais, que um grupo de professoras tinha sérias queixas da minha pessoa e mesmo a equipe gestora não conseguia lidar comigo. E eu não podia me dar 100 e fechar os olhos para essa realidade. Nos outros itens tudo bem, mas nesse eu era obrigada a concordar com elas.

Eu comecei a minha defesa explicando exatamente o que entendia por relacionamento interpessoal. Todos os dias falava bom dia, boa tarde e boa noite, almoçava toda quarta-feira com as professoras do meu período, conversava com as pessoas da escola, ria e brincava com todos. Essa atitude era normal em todos os profissionais da escola, em alguns momentos nos reuníamos na sala dos professores para comentar sobre filmes, novelas, músicas e algumas pérolas dos alunos.

Tínhamos uma boa convivência, uns ofereciam carona, outros ofereciam passes de ônibus e receitas. Trocávamos telefones de médicos, dentistas, nos ajudávamos em cada final de trimestre passando notas e faltas, pensávamos juntos sobre reforço e atividades extraescolar.

O problema do grupo todo, e não apenas meu, aparecia nos poucos momentos que tínhamos que fazer a disputa política de proposta de educação, ou a falta dela. Quando tínhamos que defender um ponto de vista, acabava-se a convivência pacífica, a guerra aparecia, um cortava a fala do outro, vozes se alteravam, pessoas se levantavam e essa característica pertencia a todos, não era exclusivamente minha. A escola virava terra de ninguém e ninguém se entendia. Para Lima (2005, p.131)

> A complexidade do trabalho escapa ao professor e é permanentemente um enigma a ser decifrado. Ele contém em si o caráter de acontecimento sujeito a reverses e retruque. A

> atividade da docência, como qualquer outra atividade humana, por si só, demanda permanente reajustes, rearranjos. Em se tratando de uma situação nova que implicou mudança nas justificativas, no que e no como ensinar e avaliar, na organização do espaço e dos tempos escolares, com maior razão, os professores ver-se-ão em situações de sofrimento, mas também de criação, para agir em situações que lhe são contingenciais.

Nosso trabalho era complexo e todas as vezes que nos reuníamos para fazer os reajustes necessários, momento em que cada um levantava a sua bandeira, havia tensão, mas ninguém poderia dizer que o grupo não tinha um bom relacionamento interpessoal.

Após muitas questões, a equipe que estava na sala concordou comigo e acabou respeitando a minha nota. Encerrada e assinada a avalição fui embora para casa. No dia seguinte, a diretora me procura para dizer que a minha avaliação não podia ser considerada válida porque uma das avaliadoras não estava presente e que teríamos que reavaliar novamente o item “relacionamento interpessoal” porque ela não aceitou a nota dada, e também com aquele 100 eu acabaria sendo a única da escola com 100 em tudo e elas não poderiam aceitar isso.

Respondi que não era problema meu, que eu já havia sido avaliada e que o grupo presente já tinha até assinado a mesma, e que não faria nova avaliação e que ela se ausentou porque quis, porque ela sabia que não poderia ausentar-se. Passamos uma semana toda novamente em debates infindáveis sobre uma nova avalição, passavam o tempo todo na aula tentando me convencer ou me ligavam em casa pedindo que fosse até a escola para uma nova avalição.

Após essa semana fiz uma reunião com a equipe dizendo que entendia essa atitude como assédio moral, ligar na minha casa, entrar nas minhas aulas e que se isso não parasse, dessa vez eu iria levar as três para o DPDI, relatando todo o acontecido desde a aposentadoria da antiga diretora e deixei elas ouvirem a gravação da avaliação, e ressaltava todos os erros presentes no processo de avaliação ou que aceitaria as notas desde que todas fizessem por escrito os motivos da mudança da minha nota, relatando tudo, desde a primeira reunião.

Foi a última vez que falaram comigo, estávamos praticamente na última semana de aula, na semana seguinte nos reunimos para fazer reuniões finais da escola, a última atitude dessa equipe foi presentear cada professor com uma flor ressaltando o trabalho em equipe que ele havia feito. Obviamente, não recebi porque eu destoava da equipe; um grupo de professores assombrado e assustado com essa última atitude da equipe gestora, num gesto simbólico, me presenteou com as flores que haviam recebido, afirmando que apesar das falas delas, eles não podiam negar que eu era uma mulher de luta e garra e tornei a história de cada um deles diferente.

Esse foi meu último contato com os profissionais dessa escola, no ano seguinte fui para a Itália no programa CAPES Bolsa sanduíche Doutorado e no meu retorno, em 2013, iniciei meus trabalhos na escola onde estou atualmente. Onde pensei que a minha história seria diferente.

Já relatei parte da minha história nessa última escola com os alunos, aqui farei o relato da história com os profissionais da escola. Os professores viviam dizendo que tinham dó de mim e sentiam muito eu ter vindo de fora e para uma sala tão ruim. Quando eu conheci a turma e percebi que o problema era puro descaso da própria escola e dos professores e comecei a fazer uma série de cobranças, virei 'grossa'. Parei de ouvir: "ai, que dó de você"! E passei a ouvir "como você é grossa!"

O que antes era dó por conta do silêncio que fiz enquanto conhecia os alunos, virou grosseria a partir do momento em que deixei de ser invisível e passei a responsabilizar os profissionais da escola pelo fracasso dos alunos, pois estes eram vítimas e não algozes, como fizeram as famílias acreditarem e a se desculparem sempre pelo fracasso do filho na escola.

A equipe gestora era culpada por deixar que em dois anos, sete professoras passassem pela turma, por não estar apoiando as professoras que não tinham segurança com as crianças, por não ouvir queixas dos pais; os professores por não deixarem que os alunos dessa turma frequentassem reforços ou quaisquer atividades escolares com os outros alunos. A escola não é um conto de fadas, ninguém é só Madrasta Má ou Branca de Neve, nem alunos e nem os profissionais, todos tem momentos de altos e baixos.

Comecei a fazer cobranças de todos, afirmando que aquela turma era minha apenas no ano de 2013, mas que seriam da escola por mais seis ou sete anos ainda, e que poderiam passar pelas mãos de qualquer outro profissional da escola. Apesar das brigas, houve um empenho do grupo todo e o ano terminou em paz para todo mundo.

Em 2014, cansada do ocorrido em 2013 e com a turma do 1º ano e uma nova proposta de alfabetização, mergulhei no trabalho, deixando um pouco de lado o todo da escola. Não dava muitas opiniões nas reuniões, participava do coletivo muito distante, passava grande parte do tempo pensando, planejando e riscando ideias para a turma do 1º ano. O barco da Turma de Autores parecia que navegava distante das águas escolares, não sentíamos o forte tremor das ondas. Ma Emília escreveu sobre a invisibilidade:

> A invisibilidade, como uma clandestinidade imposta, é sabiamente utilizada pelos professores. Entretanto a solidão, em que vivem uma garantia de não- invasão, é um lugar de sofrimento. Trabalhar fora da norma impõe ser discreto, isto é, aproximar-se ao máximo da invisibilidade, mantendo-se aberto apenas no espaço interno da sala de aula, porque não se pode dar a ver aquilo que foge da norma. As iniciativas desviantes são potencialmente criativas e criadoras de uma nova ordem que imponham silenciamento e discrição. (LIMA, 2005, p. 200).

Eu precisava da discrição e do silenciamento, sabia que não conseguiria parceiros entre meus pares e precisava de tranquilidade para tocar adiante um projeto de alfabetização livre das amarras existentes na escola.

Até que um dia do início de maio, em que sou surpreendida por uma amiga de outra escola dizendo:

- Então você só brinca e passeia e nós da Ed. Infantil vamos ter que alfabetizar porque você só faz farra e nada mais! – Disse que não estava entendendo nada e ela me contou que uma professora da escola havia ido na escola dela dizer que eu não fazia nada com as crianças, só passeava nas casas, ia visitar escolas do infantil e brincava, ensinar leitura e escrita nunca fazia e tudo isso com autorização da equipe gestora. Todas as professoras estavam revoltadas

Fui conversar com o diretor que me confirmou rindo a história e disse para não me preocupar, continuar fazendo meu trabalho porque a equipe gestora acompanhava e via os progressos dos alunos, fora a alegria deles de estarem na escola aprendendo e rindo todos os dias. E assim foi o ano de 2015 também, reclamações constantes do meu fazer/ pensar pedagógico, “sempre querendo aparecer”. Causando intrigas e pequenas brigas, intrigas que muitas vezes chegam interferindo e dificultando o trabalho com os alunos.

A opção pela invisibilidade e pelo trabalho solitário não foi uma escolha, foi imposição do coletivo, uma vez que esse não consegue cumprir o seu papel na escola, transformando esse momento em queixas e até mesmo em ofensas e constrangimentos, o que implica certa negação de si como professor ou como sujeito de conhecimento.

Muitas vezes já me negaram o papel de professor, já fui chamada de merendeira, servente, estagiária, atualmente de cuidadora. Ouço as expressões de espanto das pessoas quando digo “sou professora alfabetizadora”. Sou a mulher negra que resiste dentro da escola, em uma profissão pensada para as filhas dos barões de café.

Meu lugar é onde eu quero estar e na profissão que escolhi, sou professora na escola pública aprendendo a afinar todos os dias os instrumentos para a convivência entre pessoas principalmente nos dias em que serão servidos sopa.

Diário de Bordo V
O trabalho pedagógico e as vozes dos meus interlocutores.

O seu sorriso no meu dia a dia
A sua palavra em meu vocabulário.
Poço de Sensibilidade.
Edgar Scandura

Quando tudo fala igual
Palavra-palha
Pra tudo que é marginal
Palavra que batalha
Palavra que batalha.
Mama Palavra
Arnaldo Antunes

As Pipocas Pedagógicas e a sua circulação: foco a voz do outro

Neste diário tentarei mostrar a relevância do meu trabalho pedagógico a partir da interlocução com o outro, através das Pipocas Pedagógicas, dos pais e dos meus pequenos tripulantes que a cada ano chegam ávidos para aventurar-se no mundo da escrita.

E não foi à toa que escolhi esses dois trechos de músicas para epígrafe desse diário. O meu dia a dia é cheio de sorrisos e das palavras das crianças que dão o tom do meu trabalho pedagógico e a força para batalhar no mar revolto da escola todas as vezes que as minhas palavras deixam de ser palhas e tornam-se marginais.

Começarei com as Pipocas Pedagógicas. Pipocas que ressaltam o meu trabalho pedagógico em sala em diálogo com as crianças e desenvolvimento do mesmo durante esses diálogos.

01 - "Quebro o processo "di" novo?"

Segunda feira, dia de aula de Ed. Física, no meu horário 9:40. Então calculei 02 h/a com a turma antes da aula. E como começo da semana é sempre bom pra produzir histórias e tudo mais fizemos uma "roda" de conversa sobre o fim de semana de cada um.

Depois que todos contaram, chegou a vez da Prô contar sobre o dela e achei que já era hora deles saberem oficialmente que não sou da Terra, que sou um robô que veio de Sedna.

Muito legal todos quietos, os olhos de uns brilhando, outros rindo e alguns já muito espertos, como a Kidman, fazendo o famoso sinal de ela é louca. O menininho que no 1º dia estava com medo estava sentado praticamente ao meu lado, ouvindo minhas aventuras naquele delicioso planeta gelado, quando de repente a porta abriu, era a professora de Ed. Física.

Olhei no relógio 8:50, falei que o horário dela estava errado, resposta:

- Ah Cris, cansei já de horário, a OP, me deu esse. - Tentei conversar:

- Olha estou no meio de uma história, volta depois e a gente resolve.

- Não, sinto muito.

Sem muito que fazer olhei pra turminha que tava toda sentada ainda e falei:

- Amores, sinto muito, acabou a história depois a gente volta.

Mas a volta aconteceu às 10:55, ou seja, uns estavam perdidos e outros pedindo help. Sofia Loren veio e perguntou:

- Prô e a história do seu planeta? – Olhei pra turma e vi que não seria possível. Falei que faríamos outro dia pq o processo havia sido quebrado, que eles estavam cansados e uns já tinham até tirado o caderno da bolsa.

Hoje estávamos em uma atividade sobre a escola e todos estavam bem compenetrados, quando chegou à professora de Artes. Olhei para ela e lembrei-me de um problema à noite no horário dela, quando ia conversar com ela sobre isso, o Lucas Skywalker chegou perto da gente e perguntou:

- Que foi Prô, quebro o processo di novo? Todo tristonho.

02 - Essa mini sociedade!!!

Pony Boy é o que me atrai e me mantém na escola, um dia rindo muito, outro dia cobrando da equipe o trabalho em rede, tem dias que negociamos às vezes ele cede, na maioria das vezes eu relevo, o fato é que ele é brilhante!

Hoje Pony Boy simplesmente resolveu que não era um bom dia para ficar na escola e menos ainda em sala, desde a entrada apresentou objeções mil:

- Meu rato morreu! Minha prima ta doente! Minha mãe ta em casa! O certo é que apesar de todas as artimanhas ficou.

Na hora chamada cantava alto, durante a conversa que era para ser séria com a turma "xingava" um ou outro, e quando viu as atividades na lousa "dispirocou" de vez:

- Eu vou embora dessa p.!

Quando viu que nenhuma das suas artimanhas mexeu com a turma, resolveu me matar de rir! Retomando uma aula nossa de 15 dias atrás, e eu

pensando que toda a minha fala tinha sido em vão. Levantou bateu a mão na mesa e gritou:

- Eu odeio viver em sociedade é uma droga, tem que respeitar tudo e a mini sociedade é pior ainda. Eu detesto todas as sociedades. – Virei para a lousa para poder rir e depois falei concordando com ele:

- É Pony Boy viver em sociedade é muito difícil mesmo, mas na escola não é tão ruim não. Você tem um pouco mais de liberdade!!

- Não quero saber de nenhuma delas e quer saber, vou mudar de escola também, vou morar com minha mãe! – Depois meio sem jeito falou:

- XPTo 13 a mini sociedade escola é chata em todos os lugares, até no seu planeta? – Rindo respondi que sim, que tudo o que não nos deixa livre é chato e que meu planeta naquele momento era a Terra e que já havíamos falado bastante sobre Sociedade e Mini Sociedade e que naquele momento todos da mini sociedade estavam tentando achar o valor do X.

Ai a resposta foi de lascar:

- Bom então é tudo uma droga! A escola é melhor que a mini sociedade casa, porque lá mesmo eu sou obrigada a fazer tudo, até tomar banho que eu ODEIO!

A Pipoca (01) foi escolhida enquanto estava na Itália em companhia da Professora Drª Lilia Andrea Teruggi (Universidade Milano-Bicocca), durante os vários encontros que tínhamos. Neste período, após algumas apresentações à equipe de professores e supervisores de Rescaldina, escola onde estagiei, fizemos a leitura e explicação de várias pipocas e essa foi eleita para mostrar o trabalho pedagógico e o diálogo com os alunos. Esta apresentação e discussão foi de grande importância, uma vez que a equipe entendeu que em cada um desses trechos, que parecem ser sem muita importância, explicita-se o momento de maior tensão do professor em sua prática pedagógica, o relacionamento

humano entre a professora e os alunos em diferentes momentos dentro da escola.

Para a escolha da Pipoca seguinte, construí critérios depois de inúmeras leituras e longas conversas de estudo, para elaborar uma análise compreensiva da escrita, do porquê nesses momentos e não outros emergiram as questões que aponta.

Em quase todos os momentos descritos nas quase duzentas 'pipocas' aparecem modos de como enxerguei a criança e de como ela enxergou a mim e ao trabalho desenvolvido, incluindo neste o próprio relacionamento com a alteridade (de que o Pipoca 2 é extremamente significativo). Esta relação exotópica, como a explora Bakhtin (2000), é fundante na constituição das completudes provisórias de cada um de nós envolvidos nestes processos que desvelam a parceria existente entre nós, que constituímos esta micro sociedade da sala de aula.

Na escola em que trabalho e naquelas em que trabalhei, é e foi recorrente a compreensão de que o trabalho do professor é um trabalho solitário, que temos que resolver sozinhos nossos problemas ou nos corredores da escola. Nunca acreditei nisso, porque sempre tive como parceiros os alunos e os próprios pais. Certamente o trabalho que faço me torna visível (Lima 2005) ainda que solitário, como explicitado no Diário de Bordo IV.

Em 2008, com o "estouro" das Pipocas Pedagógicas, encontrei uma maneira de sair da visibilidade interna à escola, ampliando meu diálogo sobre o meu trabalho pedagógico com outros professores, inicialmente da UNICAMP e mais tarde com professores de diferentes partes do país.

As Pipocas Pedagógicas, como já descrevi anteriormente, são a narração ao vivo do acontecimento, ao calor do acontecimento, antes mesmo de a poeira baixar. Observo, ouço, converso com eles e dessa movimentação, o que se tornou mais realçado, mais relevante, mais inusitado vira tema de pipoca que escrevo no computador assim que chego em casa, uma escrita prenhe do acontecimento já guardado na memória.

Esse registro não fica parado em nenhum momento, uma vez que é acontecimento vivo na escola e foi registrado ao vivo, por isso é partilhado com

o Grupo de Terça do GEPEC, um grupo de referência na academia e nas escolas, em uma lista especialmente criada para esse fim: gepecgt@grupos.com.br. É nessa lista que partilho meus textos e tenho respostas desse grupo. Sobre textos e sua circulação, suas apropriações, Bakhtin escreveu:

> Todo texto tem um sujeito, um autor (que fala, escreve). Formas, aspectos e subaspectos que o ato pode assumir. O estudo linguístico pode, até certo ponto, abstrair-se completamente da autoria. [...] Problema do segundo sujeito que reproduz (com uma outra finalidade, inclusive a de análise) um texto do outro e cria outro texto padrão (comentários, avaliações, reconstituições) (BAKHTIN, 2000, p.330).

Para meu desenvolvimento profissional, para a própria compreensão das intuições que fazem emergir ações no cotidiano da escola, a existência de um grupo que se faz o segundo sujeito dos registros escritos, que comenta, avalia e traz para o autor o dialogismo necessário para a escrita foi, ao longo destes anos, fundamental. Um grupo de leitores-autores sobre os acontecimentos da escola constrói uma parceria para a solidão que assola a escola.

Cada Pipoca postada por mim recebia muitos comentários que me deixavam segura ou à procura de respostas sobre o meu trabalho pedagógico mesmo com as mazelas da escola. Os comentários postados pelos segundos sujeitos encorajaram outros autores a pipocarem também as suas escritas. O Grupo de Terça do GEPEC, entre 2008 e 2013, teve um grande número de pipocas postadas e comentadas, levando-o a organizar o livro: “Pipocas Pedagógicas: narrativas outras da escola” (2013), tendo como organizadores (Cristina Maria Campos e Guilherme do Val Toledo Prado), publicado pela Editora Pedro & João. (Ver referências bibliográficas).

O sucesso do livro “Pipocas Pedagógicas”, levou ao lançamento em 2014 do “Pipocas Pedagógicas: narrativas outras da escola II” e em 2015, “Pipocas Pedagógicas: narrativas outras da escola III”. Os três livros contam com cinquenta e quatro autores, de várias cidades do país; dois apresentadores, três diferentes prefacistas e três diferentes escritores de posfácio, escritores de orelha, além de incluir um capítulo de uma dissertação de Mestrado.

O que reuniu um grupo tão diferente assim a assumir a proposta de narrar suas experiências em aula? Um grupo de diferentes áreas do conhecimento, profissionais que vão da Educação Infantil ao Ensino Superior? Para Guilherme do Val Toledo Prado um do motivos está registrado no livro Pipocas Pedagógicas:

> Este é um livro de professoras e professoras para professoras e professores. Em cada um dos textos que se encontram neste livro como "pipocas pedagógicas", registradas estão as experiências vividas de professores e professoras que, ao narrar, o vivido junto aos seus alunos e alunas, deram a ver a riqueza de sentidos que emergem do cotidiano de trabalho docente. (PRADO, 2013, p.7)

Os professores estão atrás de respostas para suas dúvidas e de escuta para a solidão da aula. Ao se depararem com as Pipocas Pedagógicas sentem-se contemplados no seu trabalho cotidiano.

As Pipocas por mim postadas receberam muitos comentários dos parceiros, que de alguma maneira me ajudaram a refletir a minha prática e a escrita dessa tese. Eis alguns exemplos de respostas:

De:	Glória Pereira da Cunha <glocunha@yahoo.com.br>
Assunto:	Re: [GEPEC - Grupo de Terça] Pipoca meiga
Data:	Wed, 28 May 2008 08:28:27 -0300

Cris

(Você e sua turma davam um seriado de TV legal) 17 B;

eu em geral quando leio uma pipoca fico imaginando a cena, montando ela na minha cabeça como um programa de TV mesmo; e agora como fica a escola com o lance da reforma?

Vai ser engraçado explicar que o que era e ERA e ponto final agora já era...será que caçaram o nosso gerúndio?

Português não entende porque estamos sempre a falar ando, ando e dá-lhe falando, pensando, amando; agora será que vamos estar, a falar, estar a pensar e além disto estar a amar???

Quando for ensinar estes lances pras suas crianças me avise; assisto à aula; até hoje erro e acertos da outra reforma e quero escrever ele com chapeuzinho, êle é mais bonitinho.

beijos da gloria.

Mensagem

De: "menegaco\.menegaco" <menegaco.menegaco@terra.com.br>
Assunto: Re:[GEPEC - Grupo de Terça] Pipocas Reflexivas
Data: Sun, 29 Mar 2009 14:37:47 -0300

HÁ MUITO O QUE PENSARMOS SOBRE A ESCOLA, QUE ATRAVESSA MAIS UM SÉCULO MANTENDO-SE TRADICIONALMENTE IGUAL...

CRIS VC É BÁRBARA!!!!!!!!!!

Mensagem

De: Maria Fernanda Pereira Buciano <mafebuciano@gmail.com>
Assunto: Re: [GEPEC - Grupo de Terça] Pipocas Reflexivas
Data: Mon, 30 Mar 2009 18:02:46 -0300

Coments

Cris,

esta foi 'clássica'!

E seguem 'especialistas' em educação, colegas nossas, insistindo de que 'problemático' é o mundo à nossa volta, é o vento que vem levantar o 'pano' que nos cobre...

Tenho tido o prazer de me encontrar com Paulo Freire, pelo menos uma vez por semana!

Tenho elaborado tanto, tanto de minhas questões em prosas com ele!

Desta vez, ao ler seus textos lembrei do grupo, de nossos escritos, do formato dos textos aos conteúdos.

Lembrei especialmente de algumas pipocas do Marcemino, com sua deixas generosas à reflexões...

Acho que Paulo Freire também escrevia pipocas!

Eis um trechinho, que eu também poderia chamar de 'clássico' em sua obras. Um tipo de narrativa que muitos tomam para dizer de seu trabalho e que foi tema de artigos e livros de outros autores...

E que sempre me mobiliza! Me ajuda a lembrar dos porquês de algumas escolhas que faço...

Parece tão simples, mas o aluno da Cris e tantos nossos nos apontam a dificuldade que temos em sustentar e promover cada vez mais práticas e olhares como os que o Mestre partilha conosco...

beijos!

Inté amanhã,

Mafê.

Mensagem

De: Ana Maria Falcão de Aragão <anaragao@terra.com.br>
Assunto: Re: [gepecgt] Pipocas da aula
Data: Sun, 7 Mar 2010 08:47:57 -0300

Cris,

Como diz o Marcemino, vou te agradecer pra sempre estes presentes em forma de pipoca que vc posta no grupo. Cada pipoca que vem de cada um de vcs nos dá a certeza de que é por esta escola pública que queremos viver!!!

bjs a todos.

ana

Ana Maria Falcão de Aragão
Departamento de Psicologia Educacional
Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas
Campinas - SP – Brasil

Mensagem

De: dulce cornetet dos santos <ducosan@hotmail.com>
Assunto: RE: [gepecgt] Pipoca sobre Processo
Data: Thu, 24 Feb 2011 20:14:47 +0000

Cris

Que idade tem tuas crianças deste ano?

Eu fico encantada com a forma que eles vão dando significado às coisas através do que vivenciam com a gente. E o quanto nós profes somos formadores destes conceitos.

Para ele "quebrar o processo" ganhou o significado daquele momento.

Quem sabe quantos outros significados ele irá atribuindo a esta expressão no decorrer da vida, e de acordo com as situações puder experimentar e viver. O Marcemino fala, aí embaixo, que nunca tinha pensado em "processo" como qualidade.

Quantos outros sentidos esta palavra já tinha tido até aqui.

Apaixonante isto.

Dulce

Adriana Varani <drivarani@gmail.com 28/03/14

Você me emociona!!!! Ainda agora estava lendo Sonia Kramer, o texto "a educação como ato responsável". Seus atos são singulares e constroem outra relação na aula com o outro.

bj

Joao W. Geraldi jwgeraldi@yahoo.com.br 28/03/14

Como sempre, este encantamento com seu outro, seus alunos, em que você se enxerga a todo momento. Carinho. Wanderley.

Joao W. Geraldi <jwgeraldi@yahoo.com.br 15/03/14

Cris

Lindos os dois textos! Como pintar a cor da pele, quando a pele revela mais do que cores? Na pele há vida, na cor do lápis, não há vida, há potencialidade de vida na arte que permite mas não cria sozinha, mesmo quando se debruça sobre o chão do caderno.

Devo para vc o texto em que usei uma de suas pipocas. Segue anexo. Um grande abraço, Wanderley.

Joao W. Geraldi jwgeraldi@yahoo.com.br 17/07/14

Cris

Veja por onde a escrita passa! E duas observações: o pai deve ter lido e dito "cotidiano", mesmo estando escrito "quotidiano", onde se pronunciaria o 'u'. Ora, isso permitiu a passagem de "quo" para 'c'... Se fosse simplesmente 'qom' seria oralidade, já que "que" equivale a "k" que equivale a "c" exceto diante de 'i' e 'e'. Ou seja, os modos de raciocínio no processo de aquisição da língua escrita passam por lugares inesperados, e sua pipoca mostra isso.
Coisa linda.
Um beijão, Wanderley

Joao W. Geraldi jwgeraldi@yahoo.com.br 31/08/14

Genial. Estou preparando uma fala para um Fórum de coordenadores de cursos profissionais de professores de letras em Natal. Vou usar esta pipoca para mostrar diferenças, não entre oralidade e escrita, mas entre o que prega juridicamente a escrita - esta função de legislar sobre a fala - que nós impingimos às crianças e a reação coerente destas ao que lhes ensinamos quando lhes ensinamos a ler e a escrever.

Beijos, Wanderley

Joao W. Geraldi jwgeraldi@yahoo.com.br 21/02/14

Cris,

Genial! Como sempre estes meninos, quando ouvidos, dizem coisas muito interessantes e com um raciocínio surpreendente.

Uma pergunta: preciso escrever um texto para uma revista (Bakhtiniana), cujo tema geral é "Letramento e Contemporaneidade", e eu estou pensando em escrever sobre a produção dos diferentes letramentos, defendendo que esta produção é social e provém das desigualdades sociais e não das diferenças que identificam os sujeitos! E gostaria de usar para começar o texto esta pipoca do "Deus é engraçado" ou aquela da revista. Você autoriza o uso?

Precisaria apenas umas indicações, vê se estão corretos:

Autora: Cristina Campos

Escola da rede municipal de Campinas, localizada em Souzas.

Um grande abraço, Wanderley

De:	marcemino <marcemino@uol.com.br>
Assunto:	Re: [gepecgt] Pipoca sobre Processo
Data:	Thu, 24 Feb 2011 10:27:19 -0300

Oi, Cris
Mais uma imagem para complexificar o "processo". Para algumas pessoas é problema como a justiça para o Bill Gates é algo próximo de processamento; para a pedagogia é isso ai que você quiz dizer e por ai vai... Para o seu aluno é aquele momento ali com você, de encontro e de encanto. Eu acho que nunca havia pensado no processo enquanto qualidade.

07 cat A + Cat B = cumplicidade
Bjs
Marcemino

marcemino@uol.com.br 10/09/14

Cris...que modo bacana esse de entender cada momento enquanto possibilidade de aprendizado, de pertencimento, de apropriação do "mundo no papel". Coloquei entre aspas porque tem um livro com esse título, com autor e tudo.

Bjs

Mensagem anterior | p

De: "marcemino" <marcemino@uol.com.br>
Assunto: Re:[GEPEC - Grupo de Terça] Pipocas
Data: Sat, 11 Oct 2008 21:49:12 -0300

Oi Cris

O seu escrito é mesmo por demais de bonito. Quando acabei de ler, lembrei-me de uma anotação que fiz no caderno onde registro alguns instantâneos do cotidiano. É uma frase do Bakhtin que está lá no comecinho do Estética da Criação Verbal. Por estar anotada no meu caderno, de alguma forma ela me pertence, tem me ajudado a pensar, por isso eu gostaria de compartilhar com você.

"Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade."

Grande beijo pra você

gvptoledo@yahoo.com.br por retornadas.grupos.com.br 27/04/11

cris,

com certeza são as crianças que nos desenferrujam das ferradas e ferroadas que recebemos das inúmeras instituições que nos rodeiam.

e elas tbm nos desengripam dos pensamentos rígidos e sentimentos grudentos que nos tomam no cotidiano!!! além de nos alimentar com novos e deliciosos sentipensamentos e pensasentimentos...

viva as crianças e a cris que está com elas!!!!

bjs,

gui.

From: gvptoledo@yahoo.com.br
Sent: Thursday, August 26, 2010 8:26 AM
To: gepecgt@grupos.com.br
Subject: [gepecgt] Você Troca - Pipocas...

Oi Cris, oi Colegas,

Não consegui só apreciar e me deliciar com sua pipoca, Cris!

Preciso te dizer, que, nestas condições em que se encontra a dinâmica escolar, feliz são suas crianças por terem uma professora que expraia a cabeça e o coração em encontros que fortalecem suas certezas, balançam suas inseguranças e apontam um sul para as práticas pedagógicas cotidianas, como tão bem você e outras colegas desta lista realizam. Não dá pra trocar?

Abençoada Glória por nos ter proporcionado um momento tão revigorante, em texto, em acontecimento e alegria, com críticas, sugestões e novas coisas para se pensarsentir neste lugar chamado educação!

Você troca:

uma culpa maçante por uma lupa gigante!

uma culpa pedagógica por um risada alegórica!

uma culpa insistente por uma alegria consistente!

uma grande culpa por uma míuda luta!

(será que aprendi a fazer "você troca"?)

Bjs pra todas e todos,

Guilherme.

From: Guilherme Prado
To: Rosaura Soligo
Sent: Monday, November 17, 2008 10:34 PM
Subject: A palestra

Oi Rosaura,

Dê uma olhada, sem compromisso, pra palestra que preparei. Só curta, pq trabalhar não precisa! A Ana deu uma olhada e fez algumas sugestões.

Acho que está legal! E com as narrativas pedagógicas da Ana Karina e da Cristina acho que vai pegar bem, não é? Abração,

Bjs,

Gui

Vanessa Simas <simasvanessa@yahoo.com.br>03/03/12

CrisTina,

Às vezes, acho que não dou conta de olhar a escola através dos muros com eles e aí piramos todos! TODOS! Acho que eles perceberam que eu não estava dando conta disso e por isso escolheram HERÓIS. Viver nessa fantasia, escolhendo poderes e não nos constituindo enquanto heróis ainda já tem despertado interesse em todos. Tem nos proporcionado um diálogo mais comum, um entendimento outro, talvez eu esteja conseguindo entrar mais no mundo deles.

Só tomei consciência disso tudo lendo sua pipoca! Obrigada!!! E te digo outra coisa: eu queria ser como você. Poder entender as formigas a toa na hora na cadeira e usar isso a nosso favor ao invés de ficar me preocupando tanto com as fases de escrita. Espero que consiga um dia. É isso: quando crescer quero ser como você

Só recebi essa, cada a parte 1? hum?

Grande beijo cheio de saudades de você, que a cada dia alimenta meu olhar e minha escuta.

Rosaura Soligo tamas@uol.com.br 09/07/12

From: Rosaura Soligo
Sent: Saturday, July 31, 2010 6:10 PM
To: ComunidadEducativa@gruposyahoo.com.ar ; GLEACE@googlegroups.com
Cc: Renata Cunha ; Eliane Greice ; Tamara Abrão Pina Lopretti ; Mafê - Gepec ; Liana Arrais ; Rosana Dutoit* ; Walter Takemoto ; Wilson Queiroz - Gepec ; Adriana * Pierini ; Ana Aragao ; Guilherme do Val Toledo Prado Y ; Corinta Geraldi ; Glória Cunha ; Marcemino Bernardo ; Cristina Maria Campos - Gepec GM ; Adriana Alves Vicentini
Subject: [Comunidad E-ducativa] Palomitas pedagogicas [Archivos adjuntos 9]

[Más abajo se incluyen archivos adjuntos de Rosaura Soligo]

Caros colegas,

Acompanho há algum tempo as mensagens e discussões da Comunidad Educativa e do GLEACE, mas nem sempre tenho conseguido participar adequadamente desse espaço de intercâmbio, que considero da maior importância.

Estive recentemente com Rosa María Torres no estado do Acre, aqui no Brasil, e compartilhei com ela o que, em meu Grupo de Pesquisa na Faculdade de Educação da Unicamp (o GEPEG - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada) temos chamado de "pipoca pedagógica" (palomita pedagogica). Rosa Maria sugeriu então que eu enviasse algumas a vocês para que conheçam, o que agora faço.

Para que entendam melhor do que se trata, a "pipoca pedagógica" é um gênero textual 'inventado' como tal pelos professores que participam do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada e é uma espécie de crônica do cotidiano escrita por professores e outros profissionais da educação. É uma breve narrativa de acontecimentos que povoam o repertório dos educadores e que, tal como foi se constituindo no grupo que a inventou, geralmente tem como protagonista o aluno (e suas 'sacadas') e/ou o professor (e suas reflexões sobre a própria sua experiência).

A divulgação das "pipocas" tem sido uma forma de incentivar os educadores a escreverem sobre o próprio trabalho, mostrando que o registro do que se faz e do que se pensa pode ser muito simples e nem por isso menos relevante.

um abraço

Rosaura Soligo
Instituto Abaporu de Educação e Cultura
www.institutoabaporu.com.br

Em 18/07/2010 19:19, Rosaura Soligo < tamas@uol.com.br > escreveu:

Caros colegas do Gepec,

Há algum tempo, pedi ajuda a vocês para a seleção de algumas pipocas para eu compartilhar com os educadores da rede municipal de Rio Branco e de São Paulo.

Pois bem, agradeço a todos que puderam colaborar e, em pagamento, envio agora (editadas, rediagramadas e salvas em pdf, com rodapé explicativo e indicação de autoria) o kit de pipocas que andei espalhando por aí. Há muitas outras, dentre as minhas preferidas, mas não estão assim arrumadinhas, porque ainda não tive oportunidade de degustá-las nos grupos em que trabalho - tenho lido as que têm mais a ver com algum tema de interesse imediato nos grupos. Como é de se esperar, sempre que eu leio alguma, o grupo pede cópias - daí achei por bem dar esse tratamento (com

os rodapés explicando o gênero, com os créditos pessoais e ao GEPEC etc), para que as informações não se percam no vai-e-vém por aí afora.

Agora mesmo encaminhei o kit à Rosa Maria Torres, no Equador, com quem Ana Aragão e eu estivemos recentemente no Acre. Li uma pipoca diferente em cada mesa de que participei no Fórum Municipal de Educação de Rio Branco e, como a Rosa ficou encantada com essa nossa criação, prometi enviar algumas para ela, o que fiz há pouco. Não sei o que ela vai fazer com elas, mas qualquer coisa nos interessa - só para que tenham uma ideia, ela tem mais de 38 mil seguidores de língua espanhola e língua inglesa no Twitter...

É isso.

Nossas pipoquinhas estão correndo o mundo! (rs)

um abraço

Rosaura

Em 12 de fevereiro de 2011 10:57, Patrícia Yumi <patyfujisawa@gmail.com

Pessoal,

Que eu sou uma pessoa péssima e desmemoriada vcs já sabem. Quando enviei o meu primeiro registro, tive a certeza de ter esquecido de anexar para alguém. Ana e Dri, meus pedidos de desculpas. Vou tentar contornar a situação enviando novamente.

Bem, agora eu preciso dizer que a Cris me contagia com as pipocas dela. É um olhar provocador para acontecimentos que poderiam passar batidos.

Um beijo procêis

Os comentários mostram a importância das Pipocas e dos “pipoqueiros” para o professor e o cotidiano da escola e também a divulgação em vários congressos e simpósios. Corinta Geraldi assim escreveu em seu prefácio para o Pipocas Pedagógicas II:

> Trata-se da efetivação de uma hipótese historicamente e coletivamente produzida, que desloca/mexe o cânone da divisão do trabalho pedagógico na escola entre os que pensam e os que fazem; os que elaboram e os que executam [...] as autoras são professoras que pensam, planejam, estudam, fazem, registram e partilham com um grupo disposto a ouvi-las, trocar ideias e

> refletir sobre os episódios relatados e, nesse diálogo presencial ou em rede (re)ver sua prática pedagógica, bem como apreender lições partilhadas pelo colegas ou construídas no diálogo com o Grupo. (GERALDI, 2014, p.8).

Daí a importância da circulação das Pipocas e do diálogo com os outros que nem sempre são os professores da mesma escola, mas os colegas do Grupo de Terça, lugar onde os iguais se reúnem para poder lidar com os acontecimentos da aula.

Hoje como professora pesquisadora analisando as Pipocas Pedagógicas e os comentários, percebo que as "falas" ou escritos do segundo autor, reforçam ou ampliam uma prática que valoriza o outro e a parceria, que não aponta soluções mágicas, pelo contrário em cada momento deixa claro a necessidade de diálogos com outro, esse outro pode ser aluno, pai ou professor.

Uma prática diferente das que estamos acostumados no cotidiano escolar, a refletir e discutir as nossas ações e o nosso compromisso com a educação, sem medo de exposição ou de julgamentos, mas a procura de parceiros para a construção de uma escola pública de qualidade e inclusiva. Ser o segundo autor é um papel central para os participantes do Grupo de Terça e outros interlocutores desempenham com maestria e primazia.

O trabalho pedagógico: foco a voz dos pais.

Outro importante interlocutor para a efetivação do meu trabalho pedagógico são os pais e suas vozes. Nesta parte apresentarei alguns dos registros feitos pelos pais entre 2007 e 2015. Registros feitos no Caderno "Vai e Volta[114]".

Esse caderno é a voz da mãe do pai que trabalha o dia todo e quer mas não pode estar escola muitas vezes nem nos momentos considerado importantes (reuniões de pais e festas). Através dele me apresento e também

[114] Nome dado por mim ao caderno que passava um ou dois dias na casa de cada aluno, durante o ano todo, Nele eram registradas todo o trabalho desenvolvido em sala e também a opinião dos pais sobre esse trabalho e no final do ano a avaliação geral do meu trabalho pedagógico.

conheço os pais e deixo que eles acompanhem as aventuras dos seus filhos nos mares por nós navegados. Registro plano de aula, conversas com as crianças, atividades e outras coisas que consideramos importantes.

Apresento o caderno para os pais na primeira reunião do ano, a capa e a minha apresentação, mostro que falta a foto de cada aluno e sua biografia. Depois explico que o caderno vai cada dia para casa de um aluno, com registros feitos por mim das aulas e que eles podem e devem se quiserem registrar suas inquietações, dúvidas ou perguntas também.

Uma vez ouvi de uma O.P que os pais não eram sinceros nos registros, não dei importância porque cada pai escreveu no caderno pelo menos três vezes e em nenhuma delas me pareceu que eles mentissem, mesmo porque quando iniciei o caderno, não pensei que eles fossem registrar suas impressões, da mesma maneira que eles se surpreenderam com o caderno eu também me surpreendi com os registros.

Selecionar as ‘vozes” dos pais para colocar aqui também não foi fácil, afinal são oito cadernos, fazendo uma média de 23 alunos por sala registrando apenas uma vez seriam 184 registros, eles vão bem além desse número.

Resolvi adotar a mesma análise das Pipocas e dos comentários, os que vão ajudar a explicar o meu trabalho pedagógico e a minha relação com as crianças.

ESSA SEMANA E NA PRÓXIMA COMEÇAREMOS A ESTUDAR A HISTÓRIA DE VIDA DE CADA ALUNO E FAREMOS A LINHA DO TEMPO. DE 1998 até 2007 MARCANDO OS PRINCIPAIS FATOS DA VIDA DE CADA UM. 10/04/07

Prof. Cristina

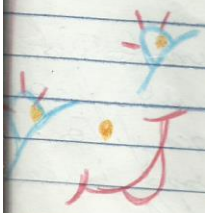
Nossa ainda bem que não demorou muito para o Gabriel Barbosa ser sorteado pra trazer este caderno para eu ver ele estava muito ancioso.

Cristina não sei como demostrar a minha satisfação com o trabalho que você está desenvolvendo com as crianças pois eu imagino o quando deve ser difícil.

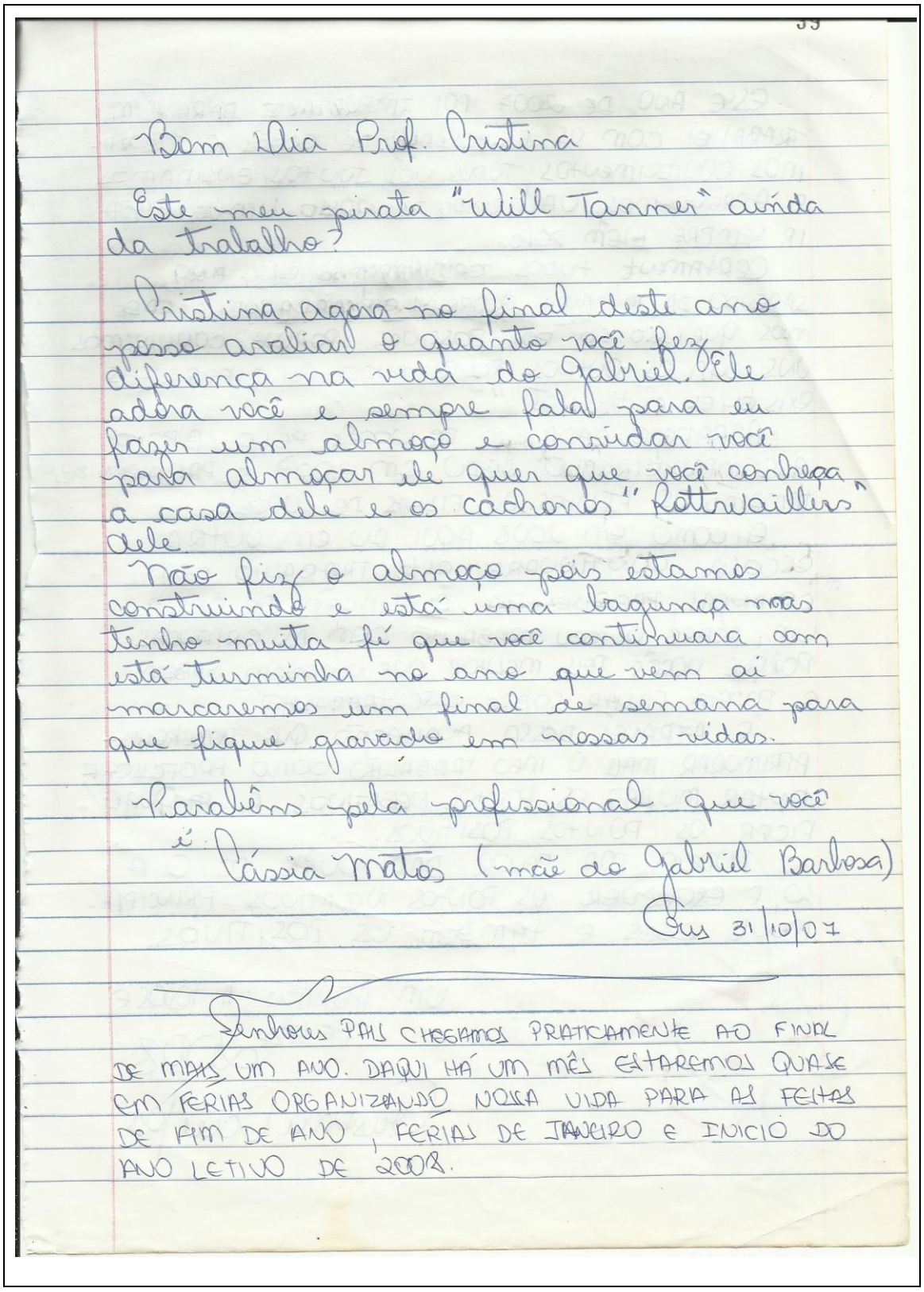
O Gabriel sempre foi uma criança lenta, distraída e desinteressado mas a cada dia que se passa eu sinto que ele cresce mais e isso me deixa muito orgulhosa o plano anual é muito bom o incentivo que você passa para as crianças mostra o quanto você é uma profissional competente e que gosta do que faz sei que o meu filhinho está em boas mãos eu só tenho a agradecer.

Obrigada

Cássia mãe
Gabriel F. Barbosa



Você merece várias carinhas alegres todos os dias.



Bom dia Prof. Cristina

Este meu pirata "Will Tanner" ainda da trabalho?

Cristina agora no final deste ano passo avaliar o quanto você fez diferença na vida do Gabriel. Ele adora você e sempre fala para eu fazer um almoço e convidar você para almoçar ele quer que você conheça a casa dele e os cachorros "Rottweillers" dele.

Não fiz o almoço pois estamos construindo e está uma bagunça mas tenho muita fé que você continuara com está turminha no ano que vem aí marcaremos um final de semana para que fique gravado em nossas vidas.

Parabéns pela profissional que você é.

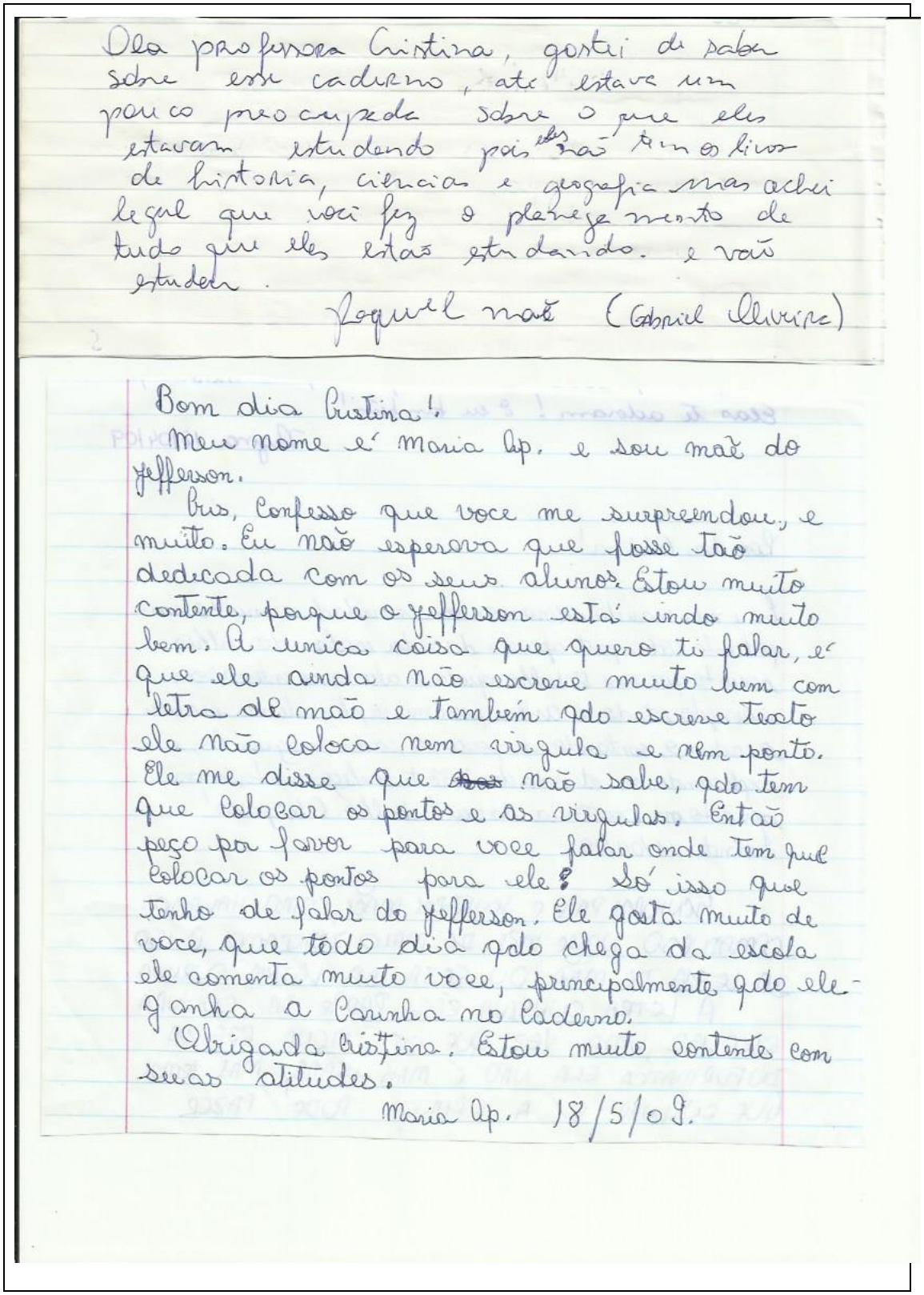
Cássia Matos (mãe do Gabriel Barbosa)

Qui 31/10/07

Senhores PAIS CHEGAMOS PRATICAMENTE AO FINAL DE MAIS UM ANO. DAQUI HÁ UM MÊS ESTAREMOS QUASE EM FERIAS ORGANIZANDO NOSSA VIDA PARA AS FESTAS DE FIM DE ANO, FERIAS DE JANEIRO E INICIO DO ANO LETIVO DE 2008.

Nesses dois registros da mesma mãe percebemos que além da mãe demonstrar o crescimento pedagógico do filho, mostra também, que ela entrou e aprovou o momento de fantasiar da turma ao chamar seu filho pelo nome de

pirata e a relação de cumplicidade que estabelecemos Will Tanner (Gabriel) e eu, que queria me convidar para almoçar na casa dele. Cumplicidade e fantasia certamente fizeram a diferença para que ele deixasse de ser uma criança lenta, distraída e desinteressada, rótulos originados ainda na Educação Infantil.



Olá professora Cristina, gostei de saber sobre esse caderno, até estava um pouco preocupada sobre o que eles estavam estudando pois eles não tem os livros de historia, ciencias e geografia mas achei legal que você fez o planejamento de tudo que eles estão estudando. e vão estudar.

Raquel mãe (Gabriel Oliveira)

Bom dia Cristina!

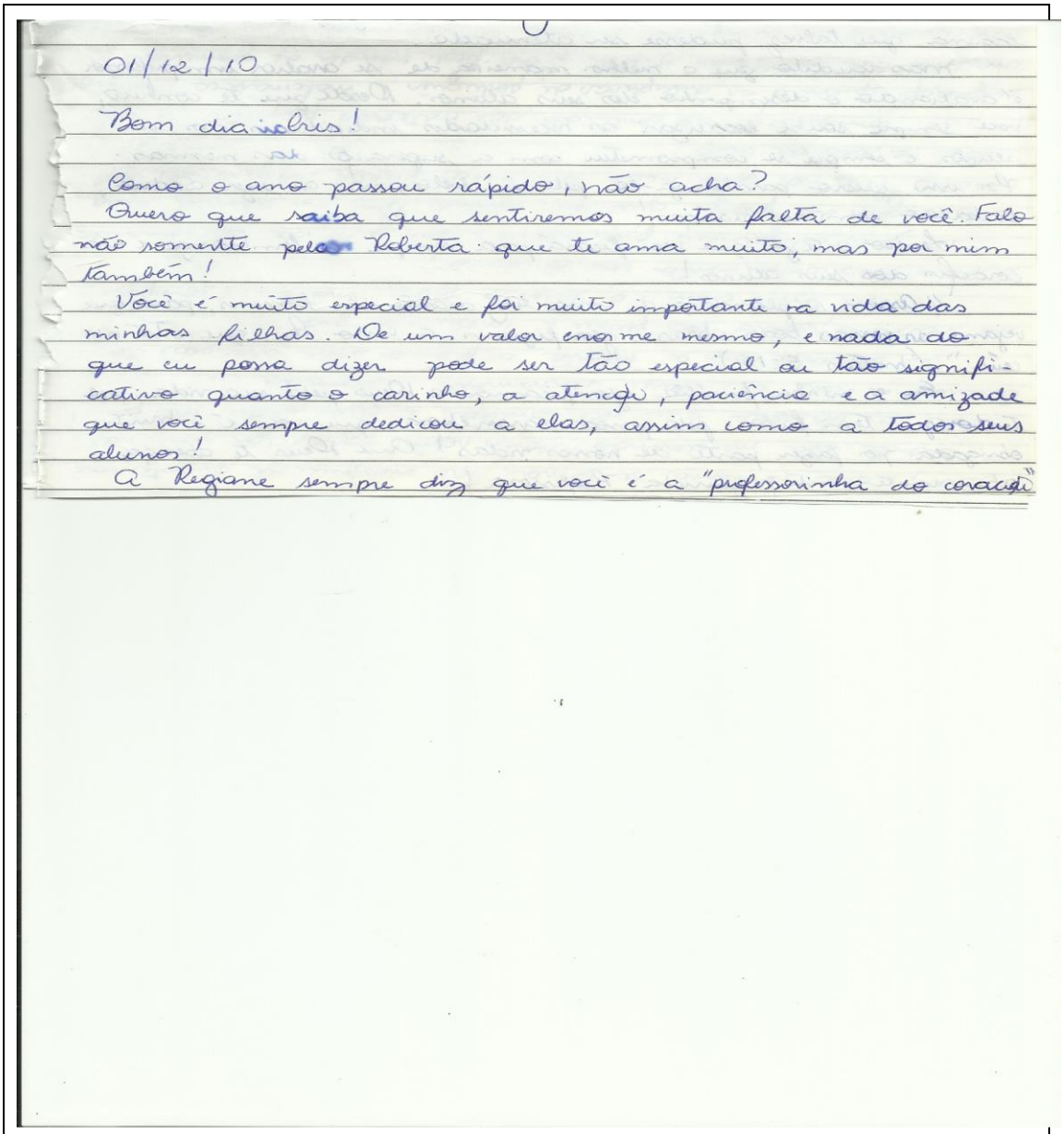
Meu nome é Maria Ap. e sou mãe do Jefferson.

Bus, Confesso que voce me surpreendeu, e muito. Eu não esperava que fosse tão dedicada com os seus alunos. Estou muito contente, porque o Jefferson está indo muito bem. A unica coisa que quero ti falar, é que ele ainda não escreve muito bem com letra de mão e também qdo escreve texto ele não coloca nem virgula e nem ponto. Ele me disse que ~~eles~~ não sabe, qdo tem que colocar os pontos e as virgulas. Então peço por favor para voce falar onde tem que colocar os pontos para ele! Só isso que tenho de falar do Jefferson. Ele gosta muito de voce, que todo dia qdo chega da escola ele comenta muito voce, principalmente qdo ele ganha a Carinha no Caderno.

Obrigada Cristina. Estou muito contente com seus atitudes.

Maria Ap. 18/5/09.

Os dois registros acima, um de 2008 e outro de 2009, mostram a mesma surpresa das mães de alunos em anos diferentes. Após a primeira reunião de pais, as mães saíam inseguras por conta de estarem acostumadas à escola tradicional, livros, lição de casa e toda a cultura escolar conhecida. Maria Aparecida ainda aponta o que ela acredita necessário o filho saber, não entendendo porque o mês de maio, nada disso, ainda não tinha sido levado em conta.



01/12/10

Bom dia Profa Chris!

Como o ano passou rápido, não acha?
Quero que saiba que sentiremos muita falta de você. Falo não somente pela Roberta que te ama muito, mas por mim também!

Você é muito especial e foi muito importante na vida das minhas filhas. De um valor enorme mesmo, e nada do que eu possa dizer pode ser tão especial ou tão significativo quanto o carinho, a atenção, paciência e a amizade que você sempre dedicou a elas, assim como a todos seus alunos!

A Regiane sempre diz que você é a "professorinha do coração"

dela, e que nenhuma se tornou tão inesquecível quanto você.

Sedna está me devendo "dones robôs" para dar continuidade ao trabalho que você começou e desenvolveu tão bem! Quanto a isto eu estarei eternamente indignada!

Eu conversei com a Roberta e fizemos uma avaliação do seu trabalho, como você pediu e concluímos que:

1. Você tem o dom e o talento para ensinar e compartilhar seus conhecimento com os alunos;

2. Sua competência profissional e seu jeito de ser comanda a dosagem do prazer que seus alunos têm em assistir suas aulas; (ela não gosta muito das sextas feiras, porque você não estará na sala de aula)

3. Com relação ao conteúdo das matérias propostas, houve superação quanto às disciplinas de português e matemática (nunca imaginei que aos 9 anos minha filha fosse entender de geometria); mas quanto às disciplinas história, ciências e geografia, ficou uma lacuna que talvez pudesse ser atenuada.

Mas acredito que a melhor maneira de se avaliar um professor é avaliando o desempenho dos seus alunos. Desde que te conheço, você sempre soube localizar as necessidades individuais dos seus alunos e sempre se comprometeu com a superação das mesmas. Por isto quero parabenizá-la pelo seu belo, mas às vezes árduo, trabalho com as crianças!

Tenho certeza que você ficará para sempre na lembrança e nos corações dos seus alunos!

"Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus" (Mateus 5:16)

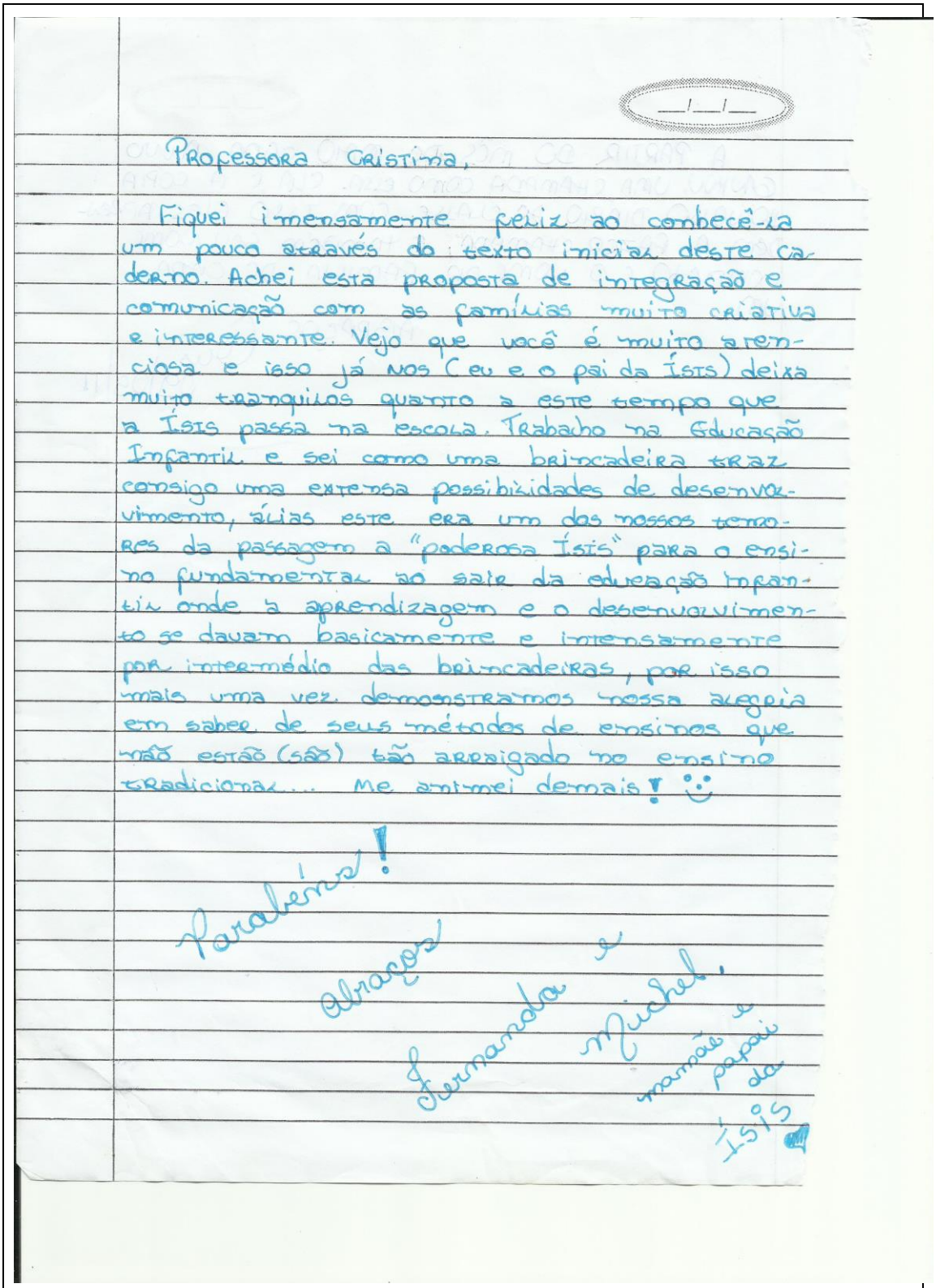
Eu e minha família glorificamos a Deus pela sua vida, por tudo que tem feito e pela pessoa maravilhosa que você é. Muito obrigada por fazer parte de nossas vidas! Que Deus te abençoe abundantemente, querida Professora!

Aproveito também para desejar que neste natal, o amor, a fé e a esperança estejam sempre presentes em cada um de nós e que a cada novo dia do ano que está para chegar seja repleto de realizações, conquistas, sucesso e muito amor!

Beijos!

Regina Pinto e família

~



Professora Cristina,

Fiquei imensamente feliz ao conhecê-la um pouco através do texto inicial deste caderno. Achei esta proposta de integração e comunicação com as famílias muito criativa e interessante. Vejo que você é muito atenciosa e isso já nos (eu e o pai da Ísis) deixa muito tranquilos quanto a este tempo que a Ísis passa na escola. Trabalho na Educação Infantil e sei como uma brincadeira traz consigo uma extensa possibilidades de desenvolvimento, aliás este era um dos nossos temores da passagem a "poderosa Ísis" para o ensino fundamental ao sair da educação infantil onde a aprendizagem e o desenvolvimento se davam basicamente e intensamente por intermédio das brincadeiras, por isso mais uma vez demonstramos nossa alegria em saber de seus métodos de ensinos que não estão (são) tão arraigado no ensino tradicional... Me animei demais! :)

Parabéns!

Abraços

Fernanda e Michel,

mamãe e papai da Ísis

O registro das mães Regina Piato e Fernanda (2010/2011) também apontam para o apoio na fantasia quando Regina escreveu “Sedna está me devendo clones robôs” e Fernanda chamou sua filha de “Poderosa Isis”, nome

de heroína que sua filha havia escolhido. E as duas fazem menção ao trabalho pedagógico quando Regina avalia cada ponto do meu trabalho, apontando inclusive os pontos falhos e Fernanda ao tratar da fantasia e do brincar como importantes na transição do Infantil para o Fundamental.

Esses cadernos foram e são de vital importância para o meu trabalho, sendo que tenho um trabalho totalmente diferenciado do que os pais estão acostumados e a parceria com eles é necessária. E como já escrevi, muitos não tem o tempo para ir à escola e conversar sobre suas dúvidas, queixas, inseguranças e esse caderno tem cumprido bem a função de porta-voz dos pais que acabam relatando nele todo assunto que queiram que eu saiba do filho, desde brigas em família, até doenças. O que provavelmente não fariam presencialmente.

O trabalho pedagógico: foco a voz dos alunos.

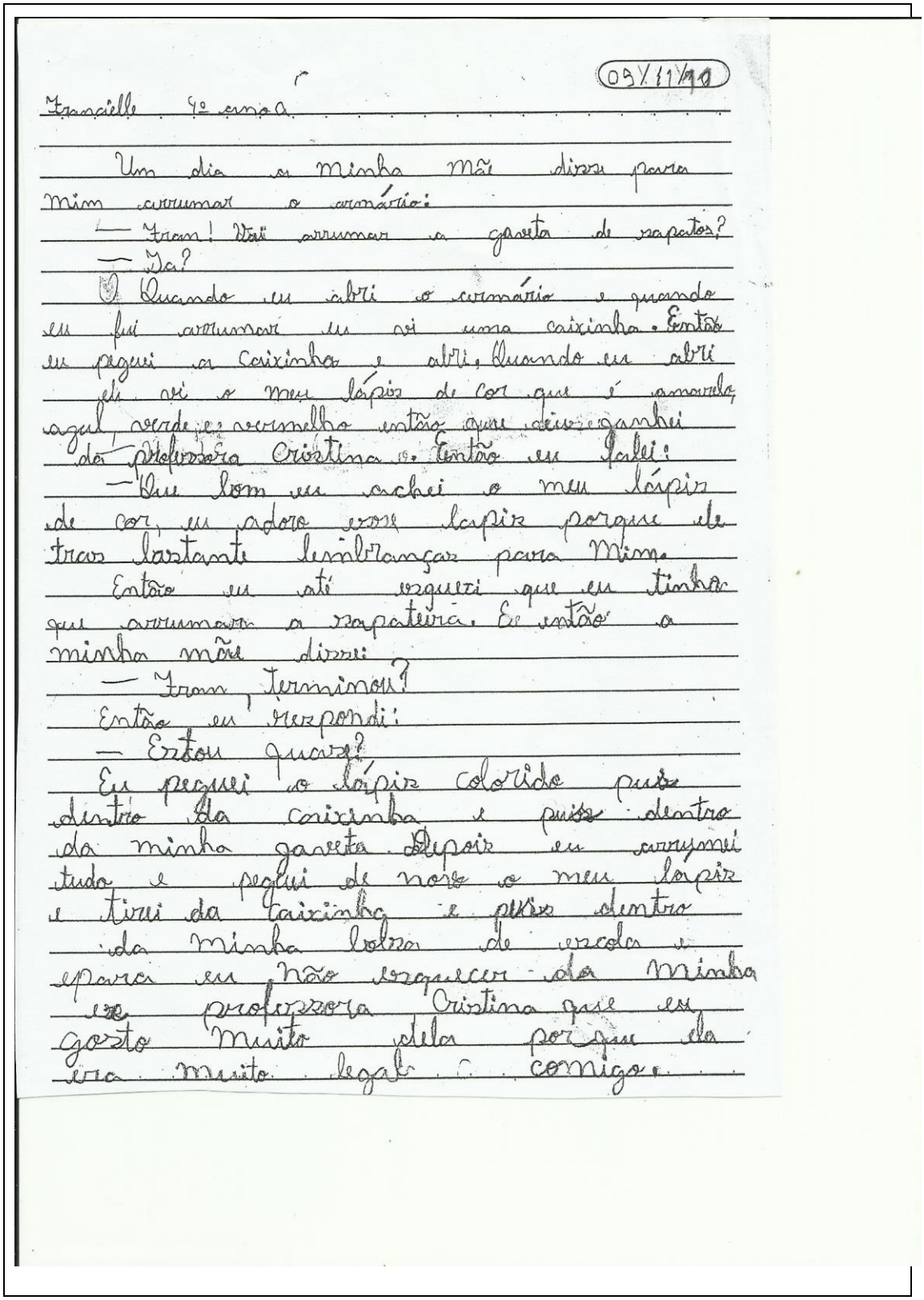
Outras vozes fundamental para o meu trabalho e sem dúvida nenhuma as mais importantes são as vozes dos meus alunos. Elas dão o tom, mostram o sul do meu trabalho e também seguram minha mão quando, como adulto, balanço "toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão"[115] e são muitas as vezes em que isso acontece, uma vez que replanejo a aula a cada acontecimento significativo.

Organizar e escolher o material para utilizar nessa tese foi mais difícil ainda, uma vez que os alunos, a cada momento, me entregavam muitas coisas. Selecionei dois textos e desenhos, na realidade o que eles mais gostavam de fazer.

A Francielle foi minha aluna em 2009. A professora me entregou esse texto em 2011 dizendo que após dois anos ela não conseguiu ter me tirado do

[115] Bola de Bola de Meia, Bola de Gude. Milton Nascimento

coração da menina, que sempre que podia falava ou escrevia alguma coisa relacionada a minha pessoa.



09/11/10

Francielle 4º ano A

Um dia a minha mãe disse para mim arrumar o armário:

— Fran! Vai arrumar a gaveta de sapatos?

— Ia?

Quando eu abri o armário e quando eu fui arrumar eu vi uma caixinha. Então eu peguei a caixinha e abri. Quando eu abri eu vi o meu lápis de cor que é amarelo, azul, verde e vermelho então que eu ganhei da professora Cristina. Então eu falei:

— Que bom eu achei o meu lápis de cor, eu adoro esse lapis porque ele tras bastante lembranças para mim.

Então eu até esqueci que eu tinha que arrumar a sapateira. E então a minha mãe disse:

— Fran, terminou?

Então eu respondi:

— Estou quase?

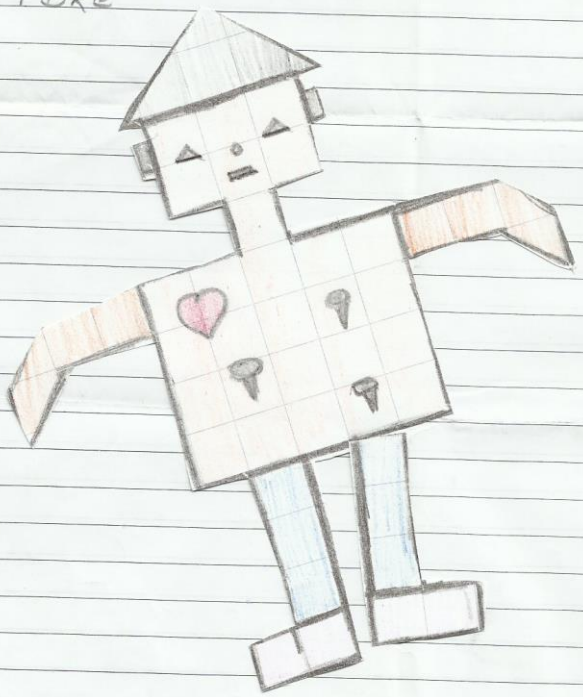
Eu peguei o lápis colorido pus dentro da caixinha e puis dentro da minha gaveta. Depois eu arrumei tudo e peguei de novo o meu lapis e tirei da caixinha e puis dentro da minha bolsa de escola e epara eu não esquecer da minha ex professora Cristina que eu gosto muito dela porque ela era muito legal comigo.

TE AMO!
PROBO
BRENDA
NÓS
DEPOIS EM 2011
PRÉ-REBO
NÓS
DEPOIS
CRISTINA
NÓS ANTES EM 201
TE AMO-DE+
NÓS ANTES EM 2010.

PROFESSORA VOCÊ É A MELHOR PROFESSORA QUE EXISTE NO MUNDO AS PROFESSORA DA CRECHE ERA TUDO CHATA VOCÊ É BRINCALHONA COM A GENTE DA CRECHE NÃO BRINCAVA COM A GENTE ERA SÓ FAZE LIÇÃO E MAIS NADA AQUI VOCÊ BRINCA E TEM VEZ QUE É BRAVA MAIS VOCÊ CONTINUA SENDO LEGAL E MINHA PROFESSORA E TEM GENTE QUE TE ACHA CHATA MAIS EU ACHO VOCÊ LEGAL.

ABRAÇO PARA PROFESSORA CRISTINA

ETTORE



Roberta Piato 15/12/2014 – Via facebbok.

Profff! Ou seria melhor chamá-la de Cris? Mas deixa Prof mesmo por que você vai ser minha eterna professora! Estou aqui pra fazer um texto! Não é data comemorativa, nem nada mas quero fazer esse texto pra demonstrar o quanto eu te amo!!

Bom, eu só lembro de ter te conhecido no meu 2° mas você mesma me disse que você me conheceu quando eu estava indo furar a orelha... ou seja, eu era bebê... eu acho! Mas enfim! Obrigada por me dar a oportunidade de te conhecer! Eu lembro até hoje do "o que foi que eu disse? como é? E o que foi que eu disse?" e até hoje eu brinco disso com as pessoas! Ou quando te pedi pra ir no banheiro, e quando eu saía pra porta, você ficava me chamando toda hora! E quando você ficava brincando comigo e com a Grazi dizendo o que o robô fazia e não fazia... São momentos que vou levar a minha vida toda! Quero te visitar aí em Sedna! Não só quero, como vou! Enquanto a Re estiver em Londres e me perguntar: "onde você está?" "Estou em Sedna com a Cris..." Vou conhecer sua Deusa. o robô Xpto13 (algo assim haha)... Será? Fiquei com você atéééé o 3° ano ou seja: você ficou me aguentando por 2 anos... quando você falava algo do meu texto e pedia para eu arrumar, eu ia lá e fazia OUTRO texto... lembro até daquele: "pipoca pedagógica" eu não fazia ideia do que era pedagógica e então fiz aquele texto! Lembra quando você veio me visitar? Foi uma Honra em te receber!

Ah, tantos momentos que tivemos juntas. E estou agradecendo aqui em forma de palavras! Você não faz ideia o quanto você é importante pra mim! I Emoticon heart You!

Os desenhos mostram que as crianças tinham uma intensa relação com a Prô Robô, e a cada desenho/carta que eu recebia deles, fortalecia a minha certeza no trabalho desenvolvido com eles. Como vivíamos na fantasia os problemas apontados pela mãe do aluno Will Tanner considerados reais na escola não nos atingiam. O grupo sempre foi dinâmico e participativo

As Pipocas Pedagógicas e suas temáticas

No anexo II estão todas as Pipocas Pedagógicas escritas por mim entre 2008 e 2015 e no anexo I estão a Pipocas classificadas segundo os temas recorrentes que elas levantam.

Após várias leituras, conversas com outras pessoas, participação em congressos e cursos de formação tratando sobre Pipocas e sala de aula, levantamos os seguintes indicadores de análise**: trabalho pedagógico, fantasia**/ **cultura infantil**, universo infantil, entraves institucionais, formação continuada de profs- produção coletiva, **cumplicidade e vínculo**, educação especial, **produção escrita**, relações na escola, relações institucionais diferenciadas, acontecimento, reflexão sobre a ação, família.

Querida mil vezes querida!

Crishop 06/03/10

Como gosto muito de brincar com a criançada, fico sempre pensando coisas mil para fazer com eles, cantar músicas na sala, sempre esteve entre essas coisas mil, mas nunca como "Hora da Música". Canto de repente, quando corrijo cadernos, ou quando eles estão bem distraídos.

Faz um tempinho que canto essa música para as meninas:

- Querida mil vezes querida, deusa na Terra nascida [...] que seja assim por toda vida! (Música antiga de Nilton César).

Sempre me perguntam:

- Prô, mas toda vida! E quando a gente crescer, vc vai falar querida, mil vezes querida?

- Sim, se a gente se encontrar depois. - Sempre procuro valorizar nesses "momentos comédinhas" a importância da estarmos ali juntos. Uma aluna de 1995 chamava assim esses momentos.

Elas sempre sorriem e tentam cantar depois.

Ontem o Japão, pediu no comecinho da aula que eu cantasse uma música para eles tb, quando levassem o caderno para corrigir. Na hora que ele levou o caderno comecei a cantar:

- Querido mil vezes...! Nem pude terminar e ele já reclamou:

- Não Prô, não é música de menina passada para aquele negócio que a Rose[116] ensinou outro dia, é música de menino. (Aquele negócio é Subs. Masc e Fem.).

- Ta bom, vou cantar uma, mas só depois que vc terminar tudo isso ai e nem ta começado ainda amore, e olha a letra que vc vai fazer. Precisando de tempo para pensar na música.

Pensei em músicas sobre meninos, na hora não lembrei de nada, quase no fim da aula me veio um verso e sorrindo pisquei para ele, que me fitou durante a aula toda, parecia que sabia que eu buscava na memória.

Algum tempo após a piscada ele veio todo vitorioso com o caderno completo, a letra deixava claro o esforço feito. Peguei o caderno corrigi e cantei:

- Há um menino, há um moleque morando sempre no meu coração....

- Prô, ta vendo como vc é "loca", desde quando robô tem coração?! – Mas eu gosto de morar nele, me abraçou e correu para o fundo da sala.

Na saída uma mãe me perguntou no portão:

- Cristina, que música de "deus" que nasceu na terra que vc canta para a Alemanha? Ela ta me enlouquecendo em casa, todos os dias pede pra eu cantar pra ela.

Essa Pipoca é uma das mais completas, a que contempla a maioria dos temas detectados na leitura de todas as pipocas. Como se já se pôde notar, apenas duas categorias usadas na releitura mais analítico-temática foram aqui focalizadas, a com-fabulação relativa à fantasia e à cultura infantil, que fornece inclusive os nomes próprios eleitos por eles enquanto tratam por robô. A cumplicidade presente no texto transcrito acima é mostrada através do pedido do Japão de uma música para ele também e a produção escrita.

Seria impossível num único trabalho percorrer cada um dos temas, com suas inúmeras lições. Considerei mais relevantes salientar a com-fabulação e a

[116] Professora de Educação Especial que sempre me substituía quando eu faltava, sempre planejávamos as atividade que ela daria em conjunto.

aquisição da escrita, já que esta é precisamente a finalidade essencial deste período de escolaridade.

O trabalho pedagógico, um dos focos de análise foi apenas apontado, embora fosse necessário nele debruçar-se, uma vez que nós professoras fomos historicamente excluídas da produção do pensar, já que nos coube principalmente o papel de tarefeiras, ensinando aos alunos o que foi pensado por outro. Na escola de hoje, com o material didático conduzindo as aulas, confirma-se o que escreveu Geraldi:

> A profecia Comeniana se concretiza: o professor, mesmo "não dotado pela natureza" pode ensinar porque tudo já lhe é "dado"; o que ensinar, como ensinar, os gestos a fazer e as respostas adequadas a aceitar... O que na fase anterior era de responsabilidade da escola e do professor – a transformação do conhecimento em conteúdo de ensino passa a ser agora atribuição dos autores do material didático, das equipes de produção editorial, etc. (GERALDI, 2010, p. 87).

Meu trabalho é feito na cumplicidade com as crianças, dentro de questões e temas abordados por eles. Trago suas dúvidas e questões para o conteúdo programático que cada ano tenho que cumprir, ou ainda avanço no tempo, desrespeitando seriações, porque muitas vezes o conteúdo delimitado acaba ficando sem significado para as crianças. Sabemos todos, alunos, pais e professora que produzimos conhecimento e a qualidade do que é produzido. No meu trabalho, não necessitamos de material pensado por outros, que muitas vezes desconhecem a realidade e a vida de cada criança.

Diferente de Moreno (1997)[117], gosto da minha realidade, apenas acredito que a fantasia e o brincar fazem parte da cultura e do universo infantil e por isso são elementos necessários para a criação de vínculos e a felicidade. Todos sabemos que uma criança feliz e segura aprende mais.

Toda essa fantasia e esse brincar criado por mim aproximou os alunos e eu, tornando a escola um lugar seguro e tranquilo; todos os dias a vontade de ir

---

[117] Apresentado na página 149, Moreno cria um adicional da realidade para conseguir lidar com os problemas da vida.

para a escola era forte em cada criança, muitas foram para a escola mesmo doentes, a escola era o lugar em que queriam estar e lá estando a sede pela aprendizagem e conhecimento crescia todos os dias.

O segundo grande foco de análise da tese é a produção escrita: é inegável a importância da escrita e da leitura nas sociedades atuais e dos avanços econômicos e sociais que podem representar.

Esses focos temáticos permitiram elaborar da experiência vivida uma análise específica desses dois temas, inesgotáveis em si mesmos, mas o material aqui trazido e as reflexões aqui tecidas entram para a cadeia infinita de enunciados com que dialogam, no grande tempo em que os temas ganham corpo, peso e leveza.

Terra à Vista

Do narrado o aprendido

Segura o Leme de Leve

12/11/10

Ontem fui para a escola com uma bolsinha que tem um enorme e pesado leme, de chaveiro. Quando cheguei à sala os piratas fizeram uma farra com ela.

Durante a chamada a Pirata Idislaidi, na direção do barco, portanto com a bolsa na mão, respondeu:

- A bordo! Explicando em seguida. - Ué se somos piratas e estamos num barco, estamos a bordo e quem faltou tá na prancha pq, tá fora. Nessa altura já tava rindo muito.

Depois de conferir quem estava a bordo, observei o Diário de Bordo pra ter ideia do que fazer de tantas coisas começadas. Então aproveitamos o frio da manhã e nos fechamos na nossa sala, pra decidir o que faríamos, e logo se ouviu:

- Vamos estourar o vulcão! Tô louco pra fazer isso! Pirata Jack Sparrow.

- Ah não! Vamos ler a carta daquela professora (Paty) amiga sua que conhece um pouco da turma. Pirata Idislaidi.

- Nada disso, vamos arrumar o armário e dividir as coisas legais, vc prometeu Prô. Pirata Sancha.

- Prô a gente tem mil coisas pra fazer e do barco já estamos vendo a terra, daqui a pouco alguém vai gritar:

- Terra à vista! Jack Sparrow, especialista em filmes de piratas.

Sabe que o fim do ano se aproxima, acompanha as conversas minhas e da Dir sobre o final do ano e organização para o próximo ano. E também entendeu rapidinho quando pedi que seus pais e eles avaliassem meu trabalho durante esse ano com eles.

- É pq o ano tá acabando e a Dir.Ó quer saber se seu trabalho foi bom?

- Ok, então antes de alguém gritar, vamos fazer tudo isso e um pouco mais. Espadas em punho e pedidos do dia para a Capitã. Qualquer coisa vamos pra prancha viu.

Enquanto me perdia em coisas tipo separar a carta da Paty, pegar o material do vulcão e achar a chave do armário, a Pirata Mar Azul me fala:

- Prô segura o leme de leve, assim o tempo demora pra passar e a terra fica longe!

Os Piratas do Navio a Bordo sabiam que um dia gritariam “Terra à Vista!”: perceberam que o ano letivo estava terminando e que as aventuras vividas naquele ano chegavam ao fim.

E assim foi feito com cada turma que sabia que o fim do ano estava próximo, e deram a estes períodos muitos nomes: Final do Mundial, Epílogo, Último Capítulo, Final de Temporada e aterrissagem.

Chego ao final desta minha narrativa também, e como meus queridos Piratas, grito: “Terra à Vista!”; tendo a certeza de que todo pirata um dia ao barco retornará. Este grito é também um grito de alegria: ouvir de uma criança o conselho de segurar o leme de leve para que o fim demore a chegar é motivo de satisfação profissional. Para nós, piratas, chegar à terra não é o fim, apenas uma pausa.

Chego ao fim de uma etapa da minha escrita, a escrita da tese, ou pelo menos dessa tese.

Há muito com que continuar estudando e aprendendo com a prática sobre esta chegada das crianças de seis anos no 1º. ano do Ensino Fundamental, trabalhando para adquirirem a língua escrita.

Ao longo da narrativa de minha prática, fui entremeando reflexões e referências a autores com que dialoguei, com que continuarei a dialogar e aos quais acrescentarei outras vozes, pois entrar e permanecer no mundo da cultura escrita é estar sempre viajando, dialogando com várias vozes e aprendendo: jamais terminará a aprendizagem e o contato com a cultura escrita. Por isso o

processo iniciático da alfabetização é fundamental e fundante da autonomia com que se pode transitar neste mundo.

Não apresento soluções mágicas. Trabalho com a fantasia, com o brinquedo, com a fabulação de um mundo outro que às vezes se sobrepõe ao mundo real da sala de aula, porque para ele viajamos todos em todas as turmas. Às vezes o mundo real se impõe e isso, como transparece nas crônicas sobre os acontecimentos em aula, influi até mesmo na forma de invocação dos alunos quando se dirigem a mim: ora sou Robô, ora sou Prô Robô, ora sou Professora.

Quando esta última expressão aparece, aterrissamos na sala de aula sem nunca dela termos saído e tantas vezes dela nos ausentamos. Toda experiência vivida carrega um conjunto inumerável de lições. Obviamente toda a leitura de uma narrativa como a aqui apresentada permitirá ao leitor construir com suas reflexões lições outras: esta é a riqueza da abertura da narrativa que somente contém um fechamento, jamais um fim porque volta a ter existência encarnada em todas as leituras que a fazem renascer com significados outros.

Ao final desta travessia, que continuará quando o próximo ano letivo me trouxer outra turma de crianças, trago algumas reflexões para contribuir com o diálogo interminável de nossas reflexões.

Enquanto nos aproximamos da terra, finalizo o meu Diário de Bordo, escrevendo as lições tiradas dessa longa viagem do vivido e aprendido com cada tripulante que passou por esse navio e um dia desceu em outras terras carregando consigo o tesouro encontrado: o modo de funcionamento do sistema de escrita e a experiência de que a escrita faz sentido e cria sentido.

Poderia escrever sobre as muitas lições aprendidas com essas crianças na escola, diariamente: sobre vida infantil, escuta, respeito, amizade, infância, cultura infantil. Vou me concentrar apenas em duas, aquelas que se tornaram tão relevantes que organizaram esta narrativa. Descobri-as na escrita da tese. Enquanto analisava pipocas, rememorava cada acontecimento em aula, e ia percebendo que a fantasia criava mais do que novos nomes, novas designações: criava sobretudo um ambiente cúmplice entre todos.

Feita a leitura mais aprofundada das pipocas, construindo os indicadores que me sinalizavam a materialidade de cada texto-memória escrita, início a escrita desta tese já com duas categorias essenciais: a Com-fabulação e Aquisição da Língua Escrita, porque estas englobam todos os indicadores que as leituras em profundidade de cada pipoca foi me mostrando.

O dicionário (Dicionário Aurélio) registra:

Confabular [Do lat. **confabulare.] V. int. e t. i.* **1***.* Trocar ideias, conversar, cavaquear, falar. **2**.Conversar sobre assunto misterioso, secreto ou suspeito; maquinar, tramar, conspirar.

Confabulação [Do lat. c*onfabulatione.*] S.f. Ato ou efeito de confabular.[118]

Com meus alunos, ao confabularmos, ao criamos juntos uma fábula em que eu aparecia como uma extraterrestre, de Sedna e os encontrava como terráqueos, tornamo-nos autores de uma com-fabulação, uma fabulação conjunta produto de nossas conversas, dos segredos que passamos a compartilhar, da trama que traçamos dia a dia, dos temas fantásticos para o cotidiano escolar colhidos no próprio cotidiano vivido por nós na escola e fora dela.

Investimos nessa fantasia para, através dela, atingir o objetivo único da escola neste nível de escolaridade: a aquisição da língua escrita. Não é por outro motivo que os pais colocam os filhos na escola, eles sabem da importância da cultura letrada e do acesso à qualidade de vida que ela promete mas não garante.

Assim a primeira lição aprendida por mim durante a pesquisa, refletindo sobre este meu período de tantos anos de práticas de sala de aula (2007/2015) é que está com-fabulação sempre antecedeu à própria aquisição da escrita e leitura própria.

Não esqueço: as crianças já participavam de leituras como ouvintes de seus pais, de suas professoras da Educação Infantil, dos familiares, dos adultos.

---

[118] Em psicologia, a expressão remete a uma modalidade especial de alteração da memória e atenção que consiste no relato de temas fantásticos os quais, na realidade, nunca aconteceram, são devaneios nos quais o próprio paciente acredita.

Esta com-fabulação construía uma maneira de nos relacionarmos na escola com as crianças que chegam sedentas de aprendizagem, mas também de escuta, acolhida e cuidados.

Minha prática desvela minha aposta na relação adulto/criança, sabendo sempre que eu sou o adulto e por isso é meu dever transformar a escola em um lugar acolhedor e seguro para criança.

Não podemos esquecer que a criança saiu criança da Educação Infantil e foi para o Ensino Fundamental. Entre um fim e um começo, apenas uns 50 dias. E estes poucos dias não são miraculosos: não destroem a criança.

O rito de passagem, a matrícula no Ensino Fundamental, felizmente não tem o condão mágico com poder de encerrar a infância. O que permite a fantasia, a nossa com-fabulação? Permite construir uma ponte entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Prorrogar o tempo de infância, dando à criança calma e segurança para que ela tenha coragem de enfrentar o 1º. ano sem grandes traumas, sem as rupturas que o rito de iniciação sempre supõe.

A com-fabulação, ao construir esta ponte, constitui uma cumplicidade entre a professora e os alunos. Essa cumplicidade, de partilha de segredos, de mistérios, de saberes e ignorâncias (a Prô Robô desconhece como se faz na Terra, e eles ensinam; a professora sabe o alfabeto e lhes ensina, misturando nas mesmas personagens vividas identidades múltiplas) dá à criança coragem de criar hipóteses, arriscar-se sabendo que ainda é criança e, portanto, está aprendendo, poder de errar, afinal a professora mesma sendo Robô não sabe tanta coisa que ela precisa lhe ensinar!

À professora, está com-fabulação traz a tranquilidade para lidar com as dificuldades que ela encontrará no caminho (afinal, é ela de Sedna!).

A com-fabulação, a fantasia construída, a imaginação correndo solta, a alegria do brinquedo, a inutilidade útil do brincar, ao fazer transitar pela ponte que leva para dentro da escola de Ensino Fundamental, carrega para dentro da sala de aula algumas características fundamentais da carnavalização, tal como a apresenta Bakhtin em seus estudos sobre Dostoiévski e sobre Rabelais.

Um tempo/espaço em que se encontram seres de dois planetas distintos, mas que ao mesmo tempo embarcam como piratas numa mesma viagem,

trazem o riso como forma própria de enxergar seus enganos, suas falas, suas hipóteses, suas ‘seriedades’ e raivas, que levam à briga mas também levam ao banheiro para lavar o rosto.

Curtir a tristeza na rede, olhar o azul do céu, acalmar-se no Jardim Japonês: isso tudo é parte de um modo alegre de encontrar caminhos para as dificuldades com que temos todos que lidar.

Outra característica importante da carnavalização que a fantasia traz para a sala de aula é a des-hierarquização nas relações de poder na sala de aula, e a partir desta, na escola. Numa escola marcada por leis fortes e rígidas de obediência e privação de vontades, extremamente hierarquizada, o riso chega acabando com o medo e deixando claro que a vida está ali presente. E o riso é um gesto carnavalesco.

Em sala de aula, a materialização desta des-hieraquização das relações aparece sempre que cabe às crianças ensinarem à professora que nada sabe sobre a vida na Terra. E este relacionamento em que sujeitos autônomos, não submissos um ao outro, agem não traz consequências para a disciplina na escola: ao mesmo tempo que ensinam, as crianças sabem que a professora é professora, que é autoridade.

E a obedecem, mas a obediência não é um processo de submissão da vontade do outro a da autoridade: a obediência ao combinado e às regras partilhadas submetem-se a professora e os alunos.

De acordo com BAKHTIN (1993, p.03) “O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério”, do regime militarizado para os soldados e do trabalho mecânico na fábrica para os funcionários, regimes estes também impostos aos alunos pela escola. Nesta perspectiva, dentro da escola não se pode rir, correr, brincar, apenas obedecer as ordens dadas. Confabular, conversar e construir vidas para personagens é desconstruir este mecanismo de subjetivação escolar, carnavalizando a aula, a escola. Por isso meus alunos abusam do riso, da fantasia e da alegria.

Viva a Itália!

30/07/10

Após longo período afastada da sala de aula e telefonemas mal entendidos entre a Dir.Ó e eu, ontem minha sala estava sem professor. Para ela não foi grande problema, afinal perante a turma de alunos somos amigas.

Hoje de manhã eles e depois ela me relatam a experiência e a cada fala de ambos os lados recordava Larrosa: a experiência é o que nos passa, nos acontece, nos toca.

O engraçado foi o que se passou, aconteceu e tocou cada uma das partes: um mesmo fato e duas experiências me foram narradas nos primeiros dez minutos da aula. De maneira diferente, cada lado me narrou o mesmo acontecido.

- Bom dia classe, a professora de vocês, aquela maluca, adora tanto vocês, mas não veio hoje, aliás, ficou fora esse mês todinho, isso porque gosta, porque se não gostasse então ia embora praquele planeta dela e nunca mais voltava.

Troca de olhar entre as crianças:

- Como ela sabe? Quem contou? – Mas continuaram mudos.

Pegou o giz e rapidamente escreveu o nome da escola, a data e marcou uma página do livro para atividades.

Diante do assombro e do silêncio de todos perguntou em alto e bom som:

- O que foi gente?

Após um longo silêncio a Itália, sem gaguejar muito responde:

- É que a Prô escreve com giz colorido porque giz branco não tem vida, e ela adora vida (sorrindo, no relato da Dir.Ó) depois ela coloca sempre primeiro o nome da cidade, porque a escola fica dentro da cidade e por

último ela sempre dá bom dia pra alguém, seguindo a lista. Ah e tem mais! a gente não usa o livro na escola só em casa, ela não tem paciência com o livro.

- Bom então vcs não vão fazer nada. Se ela está na UNICAMP e não sabe usar um livro, não posso fazer milagres. E o resto que vc falou é tudo bobeira. Copia logo do jeito que eu fiz. Saindo em seguida da sala e deixando todos com uma interrogação.

Passada meia hora, ela volta com giz colorido, pega o caderno de um aluno e observa como as coisas são feitas, refaz e distribui atividades para trabalho em grupo. Dizendo em seguida:

- Ah, mas a Professora Cristina não perde por esperar!

Hoje o relato deles e dela foi de pura risada, e a minha espera foi pequena, já tenho calendário até 2012.

Esse acontecimento mostra um pouco da quebra de hierarquia, da subversão e deslocamento das relações de poder dentro de uma escola que era tratada pela diretora como extensão do quintal da sua casa. A lei era escrita por ela, adiantava saber as leis, ela não respeitava nenhuma, apenas a sua. No entanto, dobra-se a uma turma que se surpreende com uma atitude autoritária, pois não estão acostumados a ela dentro da sala de aula.

No início do ano, os alunos tinham medo da diretora e obedeciam cegamente a seus constantes mandos, aos poucos foram percebendo que podiam se permitir um pouco de vida e alegria e com o tempo viram que podiam transformar a escola num lugar feliz, senão a escola toda, a sala de aula pelo menos: lá dentro a diretora não mandava em nada.

Eles sentavam-se, riam e faziam tudo o que era proibido. Tinham a mesma sensação de liberdade que o povo tinha nas festas carnavalescas na Idade Média. Na escola essa liberdade era traduzida pela quebra de hierarquia, pela cumplicidade existente entre os alunos eu.

A diretora encontrou nesta aula e nesse grupo de crianças a resistência contra o poder na mão de um só dentro da escola. Falavam comigo, com ela,

com qualquer outro professor, todas as vezes que se sentiam invadidos no seu direito.

Não tinham medo de broncas e suspensão. Desenvolveram a tão sonhada autonomia, apontada nos projetos e planejamentos escolares; sabiam apontar o dedo e escolher, sabiam que eram responsáveis por suas ações também.

Aprenderam através da cumplicidade a valorizar o grupo e cada personagem escolhido por eles em suas fantasias; eram sempre personagens fortes e vencedores.

Essa maturidade das crianças não apareceu no momento em que eles chegaram a escola, ela foi construída aos poucos, cada criança vivenciou através da fantasia experiências múltiplas de aprendizagens desta autonomia e responsabilidade.

Essa vivência deu certo porque houve, na realidade, um estreitamento entre a cultura escolar e a cultura infantil dentro da escola. Eles se permitiram dançar, gritar, cantar, rir, errar, acertar, jogar, produzir, chorar, experimentar tudo o que a curiosidade apontava. Para Vygotsky,

> Entre as questões mais importantes da psicologia infantil e da pedagogia conta-se a capacidade criadora das crianças, da promoção desta capacidade e da sua importância no desenvolvimento geral e maturação da criança. Desde os primeiros anos da infância, encontramos processos criadores que se reflectem, sobretudo nos seus jogos. [...] A avidez que sentem de fantasiar as coisas é um reflexo da sua actividade imaginativa, como acontece também nos seus jogos. (VYGOTSKY, 2009, p.13 -14)

Nós, professoras do Ensino Fundamental, ainda estamos acostumadas a acreditar que a imaginação e os jogos fazem parte só do primeiro estágio da escola, a Educação Infantil. Tratamos a imaginação, a fantasia, como “algo a ser ultrpassado” para que as crianças possam racionalmente processar as informações que achamos úteis.

Não damos tempo para que a cultura infantil continue produzindo livremente, queremos apenas a produção em série de algo pronto. Mas quando

essa mesma criança apresenta dificuldades para escrever textos pedidos por nós, porque não foi estimulada, reclamamos que a criança não tem imaginação.

Por isso a importância de construir esta ponte entre um e outro nível de escolaridade no 1º ano do Ensino Fundamental. Um espaço-tempo de respeito e construção de saberes, oferecendo uma travessia menos traumática, mais tranquila, onde aluno e professor dialoguem e saibam que dentro da escola eles podem e devem criar um espaço real de aprendizagem, escuta e criação.

A segunda lição também decorre desta com-fabulação e da cumplicidade. O ambiente "alfabetizador" próprio do espaço da sala de aula dos primeiros anos da escola foi povoado não por cartazes com o alfabeto, embora estes possam estar por lá, mas por personagens, por heróis que sabem o que querem e por isso podem adentrar ao ambiente do mundo da escrita com a autonomia de autores.

Através da cumplicidade cria-se todo um ambiente que estimula a criança a ser autora de seus textos, a experimentar escrever, a produzir significados, a lidar com a Escrita (em ambos os sentidos, a escrita e a máquina de escrever, personagem que apareceu em sala em 2014 para ficar nos próximos anos).

Com essa estimulação, o acesso ao mundo das letras se dá de uma maneira significativa. A entrada para o mundo da escrita não se dá pelo domínio primeiro dos mecanismos de escrever para depois escrever, se dá pelo processo de escrever com sentidos. O produto deste processo é o domínio do sistema da escrita, um sistema abstrato em relação àquilo que dizemos manuseando-o. Manuseá-la da forma possível para dizer o que se quer dizer resulta numa experiência de escrever que tem como seu resultado a aprendizagem do sistema alfabético e até mesmo da ortografia.

Nada de cópias infindáveis e sem sentido, tudo deve e pode ser escrito pelas crianças, tudo deve ser levado em conta. Infelizmente a escola que conhecemos se preocupa sempre com o produto final, esquecendo-se de que o produto produz-se, ou seja, exige um processo cujo percurso pode ser mais importante do que o próprio produto.

De nada adianta dominar o sistema de escrita, com grandes dificuldades, ao mesmo tempo em que se introjeta no sujeito que se alfabetiza sua

inferioridade, seu não saber. Ao mesmo tempo em que se recusa que eles possam assumir a posição de autor. A experiência aqui narrada mostra que devemos inverter a lógica do ensino-aprendizagem. Para Vygotsky:

> Na velha escola promovia-se a atividade criadora das crianças em torno de temas de composição apresentadas pelo professor, e fazia-se com que as crianças desenvolvessem por escrito esses temas ajustando-se o mais possível ao estilo literário dos mais velhos ou dos livros que lessem. Tais temas eram habitualmente estranhos à compreensão dos alunos, desligados da sua imaginação e dos seus sentimentos. (VYGOTSKY, 2009, p.56)

Onde há estímulo para que a criança se sinta como produtora de cultura infantil, produzir um texto não é preencher os vazios dos moldes que a escola oferece, mas deixar aparecer sua voz, reconhecer-se como pertencente àquele espaço, escrevendo sobre coisas que a criança reconheça como sua cultura também.

A criança precisa saber que a escrita vai além de produzir temas propostos pela escola, precisa saber que ela pode ser arte também. Que com a escrita ela pode ir e voltar de lugares que ela cria. Que com a escrita ela registra o que ela pode contar, aquilo que foi para ela uma coisa interessante que merece ser contada para alguém que está longe. Uma carta para mãe, um bilhete para um amigo, registrar uma brincadeira ou um momento alegre.

Foi esse caminho que também a Turma dos Autores (2014) realizou. Passaram por um processo de escrita de textos desde o início do ano, no final do ano tinham o domínio dos mecanismos de escrita e a partir daí tornaram-se autores de um livro, onde cada um teve direito a dois textos, a uma brincadeira e uma biografia, textos pensados e escritos por eles. Desta forma, parece-me que sigo o proposto por Vygotsky:

> Por isso, é muito mais fácil desenvolver o gosto pelas letras da criança e consegue-se um maior sucesso quando se convida a criança a escrever sobre temas que fazem parte da sua vida interior, que a emocionem e, sobretudo, que a incitem a exprimir por meio da palavra o seu mundo íntimo. É muito frequente que a criança escreva mal porque não tem o que escrever. (VYGOTSKY, 2009, p.57)

Pipoca: Você Troca

Crishop 25/08/2010

Estou longe da minha sala desde 5ª feira dia 19 de agosto, médico, cursos e problemas com a Dir.Ó me afastaram dos meus adoráveis piratas e causaram reclamações das professoras que me substituíram, segundo elas devido a má educação dos piratas. Elas não sabem que pirata bom é aquele que transgride.

Então hoje ao tentar conversar com eles para tentar entender o que está acontecendo ouvi em alto e bom som:

- Prô vc sabe que um navio Pirata precisa de capitão e vc nunca tá aqui, a gente já tá cansado de outras professoras. E tb elas não deixam fazer nada, nem tem graça ser pirata assim. – Pirata Penélope Charmosa.

Tentei explicar as mil coisas que estou fazendo e prometer que sairia de todas para viajarmos tranquilos pelo mar, mas não foi possível, foram tantas e tão certas as reclamações que me rendi a elas e escutei todas, uma por uma.

Percebi que minha aula de matemática tão bem preparada ia para o espaço, eles não queriam fazer nada, estavam revoltados, chateados e queriam mesmo me colocar na prancha.

Então para acalmá-los pedi um tempinho para ler uma poesia sobre infância, "Quando as Crianças Brincam" do Pessoa. Foi legal, começaram a relaxar, a achar as rimas presentes na poesia, a fala engraçada do Pessoa:

- Prô, La em Sedna vcs falam "oiço'? – Pirata Black Power. – Todos riram.

Então como senti que a poesia hoje era necessária para manter a paz e a calma dos piratas, lembrei com eles que até a semana retrasada estávamos trabalhando Classificados dos Jornais e que aquilo ia virar

poesia, então li algumas poesias de Roseana Murray e Eva Furnari para eles, sobre classificados. Trabalhamos algumas rimas, expliquei que era legal pensar em rimas e coisas absurdas e engraçadas, depois desafiei cada pirata a fazer um pequeno classificado na base do Você Troca. E deixei-os pensando, uns no jardim, outros no chão, nosso cantinho preferido, em local de livre escolha.

Após um curto período o Pirata Guisa levanta e fala todo contente:

- Prô o meu Você Troca tá pronto! Então pedi que anotasse na lousa e assim foi: os piratas foram cada um escrevendo na lousa seu classificado e acabamos a manhã, dizendo sim ou não para algumas trocas e dando muita risada. Mas temos marcada uma séria conversa sobre as minhas ausências. Será que Boaventura me ajuda?

Ai vai à produção de cada um:

Você troca:

Um avião de papel
Por uma torrada com mel! Pirata Guisa

Um cachorro neném
Por um sapato em Belém! Pirata Isidalia

Um balão bobão
Por um escovão lambão! Pirata Mar Rosa

Um macaco ecológico
Por um elefante do zoológico! Pirata Real

Um Chapéu de papel
Por um anel de pastel! Pirata Riose

Um pessoal esperto
Por alguém que mora perto! Pirata Mar azul

Um elefante chamado Cincel
Por uma cartela de pincel! Pirata Rosa

Um caderno vermelho
Por um velho barbeiro! Pirata Saigon

Uma caixa enfeitada
Por uma borracha pintada! Pirata Vampiro.

Um Caderno amarelo
Por um chinelo de marmelo! Pirata Penélope.

Um balé Marcha Ré
Por uma meia de Chulé! Pirata Amor

Um carro de lorota
Por um homem idiota! Pirata Xis

Um sol brilhante
Por um menino irritante! Pirata Sancha

Uma baleia assassina
Por um baile com menina! Pirata Pernalonga

Uma caixa de limão
Por um cara alemão! Pirata Sonho

Um elefante com barbante
Por uma avalanche gigante! Pirata ruivo.

E para terminar essa autoria coletiva:

Um copo de cerveja
Por um homem barbeja! Pirata Saigon
- Não, tem que ser:
Por uma mulher que beija! Pirata Blach Power
- Não, credo! Tem muita barba e beijo. Pirata Sancha
Tem que ser assim:
Um copo de cerveja
Por uma cereja!

Esse acontecimento, além de revelar uma forma de conduzir a produção de textos, mostra como as crianças têm liberdade, em aula, de fazerem suas cobranças pertinentes. Fazem a cobrança exigindo a presença da capitã do navio, mas efetivamente reclamam da ausência da professora que os deixa na mão de outras professoras que não sabem os mesmos combinados, não viajam na mesma fantasia.

Também se pode notar a flexibilidade necessária quando uma pedagogia da escuta orienta nosso trabalho. Mesmo tendo uma aula preparada de matemática, fui conduzida pelos acontecimentos: a produção de rimas poéticas na brincadeira Você Troca. Uma aula não foi planejada e, no entanto, seguiu um plano concreto e compartilhado.

Quando trabalhamos com estas rimas, eles ainda estavam sendo preparados para a produção, estávamos ainda na primeira parte do projeto, tinham conhecimentos que iam além das aulas dadas, devido ao acesso a diferentes tipos de materiais em aula, mapas, livros, jogos e afins. Tinham conhecimento para rimar palavras com coisas que consideravam impossíveis.

Haviam lido alguns classificados do jornal, ainda não tinham ideia de como aquilo ia virar poesia. A partir do momento em que li o primeiro classificado poético, entenderam o que era para ser feito e fizeram com maestria.

Poderia ter escrito tudo junto, cada acontecimento narrado ao longo desses cinco diários, porque a professora Robô que brincava e fantasiava, era a mesma que sofria/causava tsunamis na escola, que insiste em ouvir a voz da criança, que procura no olhar de cada uma a voz calada, dominada. Fugimos à aprendizagem do silêncio que a escola proporciona.

Os caminhos para dominar o sistema alfabético são inúmeros: nas diferentes turmas, nos diferentes acontecimentos de produção de textos aqui narrados, pode-se perceber que o processo de produção de textos não se define desde sempre como o mesmo, nem que todas as crianças devam fazer o mesmo ao mesmo tempo. Mas há um princípio suleador destes caminhos: a autoria como regra, como horizonte, como perspectiva em toda e qualquer atividade em torno da escrita.

Aprender que mesmo com mais estudos, idade e preparo para as aulas nós professores não somos donos do saber e nem sabemos mais que as crianças, mas que temos saberes diferentes de acordo com a idade e o tempo de estudo.

Aprender a ouvir e sentir as crianças, o aprendizado máximo para a construção da ponte que deve orientar novos sentidos para a escola e todos que estão dentro dela.

Aprender que jamais estamos prontos e que somos capazes, como professoras, de levar de nossa experiência com uma turma aprendidos que serão reconfigurados (e jamais repetidos) com as turmas seguintes.

O maior aprendizado é que o convívio com o aluno não é aquele que se dá na sala de aula, ele é prolongado, é uma ausência presente. Ausente porque todos fomos embora para casa, mas em um determinado horário todos temos um programa para vermos na televisão. Não o meu preferido, mas por pedidos, assisto em função deles, o que é deles e passa a ser também meu.

A vida dos alunos implica na minha vida pessoal, não é uma vida de sala de aula, é uma vida implicada a outras, a deles. Minha vida implica nas deles; todas as vezes que chegam em casa ou já no carro contam aos pais as aventuras vividas no Planeta Escola. A seguir posto não uma pipoca nem uma avaliação, mas uma carta de despedida de uma mãe que percebeu que a minha ausência na vida dela seria maior do que na vida da filha. O que ficou para ela, desse um ano em que dividi com a filha dela a sala de aula, onde ora eu ensinava, ora eu aprendia. Do vivido, o narrado.

Despedida

Simone Pinto da Silva ***para*** **Cristina Campos**[119]
5 de fevereiro de 2015 ·
Despedida
Querida Cris, deixei para me despedir de você no exato momento em que me deparasse com o fato de você não ser mais a prô-robô da Sofia. Durante as férias, quando essa verdade vinha no meu pensamento, tinha um pensamento mágico de que isso não aconteceria (essa metodologia me

[119] Mensagem facebook. 05/02/2015

ajuda a sofrer só na última hora, quando é inevitável). E então o dia chegou! Terça, 03/02, véspera do início das aulas, eu arrumava a mochila da Sofi, apontava todos os lápis e as lágrimas escorriam, disfarçava. Quando, finalmente consegui me controlar, voltei-me a minha pequena para prepara-la: “Sabe filha, não é toda professora que é engraçada igual a Cris.
” Sofi: Eu sei mãe.
Eu: Professora assim brincalhona e divertida como ela é bem difícil...
Sofi: Ai mãe, até parece que é você que vai pra escola! A gente se acostuma, eu não me acostumei quando mudei de escola?
E eu achava que ela não tinha elaborado a separação, então me lembrei da semana passada quando ela me disse que sonhou com os amigos da escola e acordou dizendo que queria que as aulas voltassem logo, então ela soltou essa: “Sabe mãe, é bom pegar piolho”. Assustada, perguntei o porquê (ela odeia passar pente fino!!), respondeu-me: “Quando eu pego piolho é porque estou com minhas amigas...”. A saudade dos amigos era maior que a dor do pente fino e a chatice de ter que ficar horas parada! Pensei: então deve ser maior que a tristeza de não ter a Cris esse ano...
Drama resolvido, em poucas palavras Sofia me consolou e me convenceu que tudo iria dar certo. Primeiro dia de aula ela voltou dizendo “adorei a nova professora”. Hoje, segundo dia, achei já que poderia começar meu interrogatório de mãe: comeu fruta na escola? O que teve de lanche? o que a prô deu? ela é brava? É mais ou menos brava que a Cris?
Então Sofi responde: “é média”. E eu pergunto por quê.
Sofi: Porque ela é mais brava, mas ela briga menos, então ela é média.
Eu (na santa ignorância): Entendi, ela é mais séria, mas briga menos.
Sofi: Não, ela é mais brava, mas briga menos.
Eu: Ahh entendi. E ela é mais séria que a Cris?
Sofi: (rindo) Claro, né, qualquer professara é mais séria que a Cris!
Eu: Por quê?
Sofi: Porque ela, com aquela história de robô, é hilária!
Tentei ainda perguntar o que era hilária – foi a primeira vez que usou essa palavra – ela respondeu do jeito dela e fomos para outro assunto. E assim

são as crianças, capazes de perceber e se sentir o que há de melhor e mais profundo, capazes de superar sem perder a alegria...
E então, Cris, o que fica pra você, pra Sofi e pra mim dessa e de tantas outras histórias??
Hoje, ao voltar pra casa com ela, percebi que meu drama não era apenas o porquê a Sosô perdeu você, mas eu também. Eu, mãe-professora, perdia a escuta que se desenrolava nos 23 km de volta pra casa, de histórias mirabolantes de uma prô-robô e suas 19 crianças... histórias narradas pela voz eufórica de minha Sofia e vibradas por mim. No percurso, ficava imaginando vocês lá na escola, na casa das crianças, nos passeios e, por muitas vezes, quis estar lá com vocês... Histórias que me encantavam enquanto mãe, professora, diretora e militante da infância...
Consola-me também saber que outras crianças e outros pais terão a oportunidade que tivemos de viver essas histórias, principalmente por ser as crianças pequenas... E agora, já conformada, só tenho a agradecer: obrigada por partilhar conosco esse um ano letivo, obrigada pelo amor por nossa filha, pela oportunidade de estar presente em vários momentos com vocês, por me dar ideias de como-ser-professora-de-ensino-fundamental-respeitando-a-infância, pela amizade, pelo carinho, por nunca ter privilegiado a Sofia em detrimento às outras crianças em função da nossa amizade, por ter feito de nós pessoas alegres e melhores.
Essas experiências deixaram marcas no que nos tornamos e pra sempre lembraremos, com muitas risadas, da prô-robô mais hilária da Terra e de Sedna!! Beijos sem saliva pra não enferrujar!

PS: mais uma coisa que esqueci de dizer na carta de despedida: nunca vi/convivi com uma professora (de crianças de 0 a 12) com uma relação de horizontalidade como a que você constituiu com as crianças. O mais incrível é que as crianças tinham muito claro isso, é impressionante a forma com que a Sofia e as outras crianças falam com você...

O que ficou para mim professora dessas turmas todas ao longo desse anos? A fantasia e a com-fabulação me aproximou cada vez mais de cada turma

e essa proximidade nos serviu de base para transgredir dentro da escola tradicional criando ambientes favoráveis a aprendizagem nos levando a construção de um grupo de pais, mães, alunos, alunas e todos personagens possíveis nos levando a ter a autoria como principal ação dentro da escola.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete**. A Menina Repetente**. São Paulo. Papirus. 2001.

ANDRADE, Elaine Nunes. **Rap e Educação, Rap é Educação.** S.P. Editora Selo Negro. 1999.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre Imagens e autoimagens**. 5ª Edição. Vozes. RJ. 2000.

BACHELARD. Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo. Martins Fontes. 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 1ª Edição. Martins Fontes. São Paulo. 2000.

_____. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais.** 2ª edição. HUCITEC/EDUNB. São Paulo/Brasília. 1993.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos.** Editora arte e Ensino. Belo Horizonte. 2007.

BENJAMIM, Walter. O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN Magia e T**écnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. Vol. I. São Paulo.** Ed. Brasiliense. 1994.

_____. **Reflexões sobre a criança o brinquedo e a educação.** Coleção Espirito Critico. Duas cidades. Editora 34. São Paulo. 2011.

BEZERRA, Paulo. **Polifonia**, In BRAIT, Beth. (Org.) **Bakhtin Conceitos Chaves**. Editora Contexto. São Paulo. 2005.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar – Ética do Humano – Compaixão pela Terra**. 5ª Edição. Vozes. RJ. 1999.

BOLLE, Willi. Walter Benjamin e a cultura da criança. Introdução a BENJAMIN, Walter**. A criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus Editorial, 1984.

BRAGA, Jussara. **Pirata de Palavras**. Ilustração. PESTILI, Ellen. Editora do Brasil. 2006.

BRAIT, Beth. **Bakhtin Conceitos Chaves**. (Org.) Editora Contexto. São Paulo. 2005.

BRISSANT, Taciana Maria de Vasconcellos. **O Brincar e a Constituição da Linguagem na Clínica Fonoaudiologia.** Universidade Católica de Pernambuco. 2006. Dissertação de Mestrado.

BONDIOLI, Anna. (Org) **O Tempo no Cotidiano Infantil: perspectivas de pesquisa e estudo de casos.** São Paulo. 2004. Editora Cortez.

CAMPOS, C.M. *Rua e Escola:* **o Hip Hop como movimento porta-voz dos sem vez.** Universidade Estadual de Campinas. 2007. Dissertação de Mestrado.

CAMPOS, Cristina M.; CUNHA, Glória; PEREIRA, Marcemino B.; BUCIANO, Maria Fernanda P.; QUEIROZ, Wilson. *De "**Pipoca Pedagógica" a Cordel –* **experiências narrativas no "GEPEC de Terça**". In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, São Paulo: FE – USP, 2010. 1 CD-ROM.

CANÁRIO, Rui. **A Escola tem Futuro?** Porto Alegre. Artmed. 2006.

ECO, Umberto. **História das Terras e Lugares Lendários**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record. 2013.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Leila; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança.** São Paulo. Artmed. 1999.

FARIA, Ana Lúcia Goulart e MELLO, Sueli. (Orgs). **Linguagens Infantis- Outras formas de leitura.** Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. Campinas. Editora Autores Associados LTDA. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários a Prática Educativa.** Ano da Publicação 1996. Ano da Digitalização 2002.

FREINET, C. **Para a Escola do Povo.** Ed. Martins Fontes. SP. 2001.

FREITAS. L.C. In. BONDIOLI (Org) **O Tempo no Cotidiano Infantil: perspectivas de pesquisa e estudo de casos.** São Paulo. 2004. Editora Cortez.

GALZERANI, M. C. B. **Contar a aula, reencantar a escola, (re)inventar a imagem de produção de saberes docentes.** In CAMPOS, C.M. PRADO, G.V.T. (orgs) Pipocas Pedagógicas, narrativas outras da escola. Pedro & João Editora. São Carlos. 2013. (p. de 85 a 94).

GARCIA, R. L e SERRALHEIRO, J.P. (ORGS) **Afinal onde está a Escola?** Profedições. Porto. 2005.

GERALDI, C. M. G. **Currículo em ação: buscando a compreensão do cotidiano da escola básica.** Revista Pró-posições. Vol 05. nº03 [15]. Novembro de 1994.

_____. **A aposta que deu certo**. In CAMPOS. C. M. PRADO, Guilherme do Val Toledo (Org). **Pipocas Pedagógicas II: narrativas outras da escola II.** São Carlos: Pedro & João Editores. 2014.

GERALDI, J.W. **A Aula como Acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores.2010.

_____. **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. São Carlos. 2010. Pedro & João Editores.

_____. **Tipo não pode dar qualquer chute**. In CAMPOS, C.M. CAMPOS, Paulo Cesar. **Que brincadeira é essa**?! São Carlos: Pedro & João Editores. 2014.

GOMES, Roberto. **Crítica da Razão Tupiniquim.** Editora F.T.D. S.A. 10º Edição. São Paulo. 1990.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação. Os projetos de trabalho**. Artmed. Porto Alegre. 1988.

_____; VENTURA, Montserrat. **A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho. O conhecimento é um caleidoscópio**. 5ª edição. Artmed. Porto Alegre. 1998.

HUIZINGA, J. Homo Ludens: **O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1994.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem Escolas.** Petrópolis. Editora Vozes**.** 1979

KOYAMA, A. C. **Demora, mas a ficha cai.** In CAMPOS, C, M. PRADO, G.V.T (orgs) **Pipocas Pedagógicas III, narrativas outras da escola**. Pedro & João Editora. São Carlos. 2015

KRAMER. Sonia. **A educação como resposta responsável: apontamentos osbre o outro como prioridade**. In. FREITAS, Maria T. **Educação, Arte e vida em Bakhtin.** Autêntica Editora. BH. 2013. (p de 29 a 46).

LAFARGUE, Paul**. O Direito a Preguiça**. A Religião do Capital. Kairós Livraria e Editora. São Paulo. 1983.

LARROSA, Jorge**. NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA E O SABER DA EXPERIÊNCIA.** In: GERALDI, C. M. G. RIOLFI, C. R. GARCIA. M.F (orgs). **Escola Viva.** Mercado das Letras. SP. 2004.

LIMA, M.E.C de C. **Sentidos do Trabalho. A Educação Continuada de professores**. Autêntica. Belo Horizonte. 2005.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia e GERALDI, João Wanderley. **O TRABALHO COM NARRATIVAS NA INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO.** *Educ. rev.* [online]. 2015, vol.31, n.1, pp. 17-44. . ISSN 0102-4698.

MARINEAU, René F. **Jacob Levy Moreno 1889-1974. Pai do Psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo.** Editora Ágora. S.P. 1989.

MELLO, Suely A. **O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições Vygotsky**. In FARIA, Ana Lúcia Goulart e MELLO, Sueli. (Orgs).

Linguagens Infantis- Outras formas de leitura. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. Campinas. Editora Autores Associados LTDA. 2005. (P. de 23 a 40).

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **A formação de professores e os alunos das camadas populares: subsídios para o debate.** In: ALVES, Nilda (org). **Formação de Professores: pensar e fazer.** São Paulo. Cortez. 1999.

MORENO. J.L**. Psicodrama.** São Paulo. Cultrix. 1997

NUDLER, Telma B. **La educación y los mecanismos ocultos de la alienación." Crisis en la Didactica**. Revista de Ciencias de la Educación. Rosário, 1975, 1ª. parte (04):89-109. Tradução de Elsa Gonçalves Avancini.

QUINTEIRO, Jucirema e CARVALHO, Diana C. de (org.). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola.** Araraquara, SP: Junqueira & Marin; Brasília, DF: CAPES 2007.

Pinto, Maria Raquel Barreto. **Tempos e ESPAÇOS ESCOLARES: O (DES)CONFINAMENTO DA INFÂNCIA**. In: QUINTEIRO, Jucirema e CARVALHO, Diana C. de (org.). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola.** Araraquara, SP: Junqueira & Marin; Brasília, DF: CAPES 2007.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. Viver, narrar, experienciar: pipocas pedagógicas como "outros sentidos" do trabalho docente. In CAMPOS, Cristina Maria; PRADO, Guilherme do Val Toledo (Org). **Pipocas Pedagógicas: narrativas outras da escola I.** São Carlos: Pedro & João Editores. 2013. (p de 7 a 18)

_____; Guilherme do Val Toledo, SOLIGO, Rosaura. **Porque Escrever é fazer História. Revelações, Subversões, Superações.** SP: Editora. UNICAMP. 2005.

QUINTANA, Mário. **A Cor do Invisível** - São Paulo, Editora Globo, 1989.
Revista Ciência Hoje para Criança. Rio de Janeiro. 2004.

SÁ-CHAVES. Idália. S. C. (ORG) **Os "Portfólios" reflexivos (também) trazem gente dentro: reflexões em torno de seu uso na humanização dos processos educativos.** Aveiro. 2005.

SANTIAGO, Silviano. **Em Liberdade.** Editora Rocco. S.P. 1994.

SCHÖW, Donald. **A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Artes Médicas Sul. Porto Alegre. 2000.

THOMPSON, E.P. "**Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial". Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança.** Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais. ISSN: 1808-6535. Publicada em Junho de 2008.

_____. **A Formação Social da Mente.** Martins Fontes. São Paulo 1991.

_____. **Arte e Imaginação na Infância**. Relógio D'Agua Editores. 2009.

WIKIPEDIA:
http://www.memorychips.com.br/desenhosj06.htm

ANEXOS

Anexo I
No Baú de Tesouros

Classificação Pipocas Pedagógicas: 2008 a 2014.

Nº	Nome	Ano
01	Eu sei	2008
02	Eles são igualzinho a Gente!	2008
03	Agora qualquer distância é longa	2008
04	Vão tirar uma letra no meu nome	2008
05	Você não assistiu o Jornal Nacional?!	2008
06	Pirada? NÃO! Pirata!	2008
07	As frutas de Sedna!!	2008
08	Prô tem muito "A" aqui, cê num acha?!!!!!	2008
09	Get Up/Sex Machine	2008
10	O Herói da Semana	2008
11	Por um Triz	2008
12	Tacones Lejones	2008
13	To mais leve	2008
14	Pipocas Poéticas	2008
15	Você Fez Falta	2008
16	Sua escola é muito chata	2008
17	Arruma outro cochip (Só existe em Sedna)	2008
17a	Mas é um país!	2008
18	Pipocas Manjaléu	2008
19	Pipocas do Coração	2008
20	Eu contei pra S!	2008
21	O Fantástico Mistério de Feiurinha	2008
22	Prô eu também!	2008
23	10 coisas boas pra se fazer na Terra	2008
24	Eu te adotei	2008
25	Organização da irmandade	2008
25a	Você não "ta" Empolgada	2008
26	Eu sei por que você ta "leno" isso	2008
27	Hoje o Barco Balançou!!!	2008
28	Tudo quanto...	2008
29	Super Pro de Sedna	2008

30	Super Prô de Sedna II	2008
31	Meu Príncipe!	2009
32	Agrupamento III	2009
33	Galeria dos (as) Famosos (as)!	2009
34	Pipocas Dona Dir	2009
35	Sexta-feira 13!	2009
36	Aprendizagens no Agrupamento III	2009
37	Ligações Afetivas	2009
38	Docinho e Lindinha	2009
39	A Marina se foi!	2009
40	Reflexões sobre a escola com um ex-aluno.	2009
41	Déjà Vu	2009
41a	O que você quer ser?	2009
41b	Jardim Japonês II	2009
41c	As Maravilhas do Mundo e ECA	2009
42	Noção da Vida	2009
43	Ah!! Por que você não falou antes?	2009
44	La Hojarasca	2009
45	GEPEC – Grupo de terça	2009
46	Dia a dia e Cotidiano	2009
47	Eu só quero brincar de praia!	2009
48	Diálogos soltos em volta do Mundo!!!	2010
49	Querida mil vezes querida!	2010
50	Quero levar o Mundo para casa!	2010
51	Conversa Pesada	2010
52	Que língua falo eu?!	2010
53	Gênero, Número e Grau!	2010
54	É A MAFÊ!!	2010
55	Fala outra Escola?	2010
56	Pipoca Resposta da Mafê	2010
57	Visita de Akins ao Mundo	2010
58	Viva a Itália	2010
59	Canção para o Vento	2010
60	Pipocas da Memória	2010
61	Pipoca: Você Troca	2010
62	Pipoca sobre ausências!	2010
63	Mas você faltou mesmo!!!	2010
64	Prô, acho que limpar fogão não é mais fácil!!!	2010

65	A Argila Moldando as Relações na Escola	2010
66	Isso parece coisa de europeu!	2010
67	Segura o Leme de Leve	2010
68	Eu na visão da Escola em 03 momentos diferentes	2010
69	Ué não é segredo!	2011
70	Mineirinha	2011
71	Você sabe "lê"?!	2011
72	A descoberta da leitura	2011
73	O que é uma Palavra?!	2011
74	Ele é mudo!!!	2011
75	"Quebro o processo di novo?"	2011
76	Ela mudou o comprimento da saia?	2011
77	As mil utilidades do ferro	2011
78	Uma conversa sobre Deus!	2011
79	O que é Qualificação?	2011
80	Prô me ensina "fala" ?????	2011
81	Prô posso te pedir uma coisa?	2011
82	Meu Escritor!	2011
83	Prô me ensina a fazer um clone!	2011
84	Estudos Bakhtinianos	2011
85	Todas as Estrelas de Sedna	2011
86	Faltava abandonar a velha escola!	2011
87	Prô a gente fica muiiito tempo aqui na escola!	2011
88	Pipoca do Brasil	2012
89	Onde Tudo começou!!	2012
90	A primeira indisciplina a gente nunca esquece!	2008
91	È tão gostoso fazer essas coisas aqui né Prô!	2012
92	Crianças! Apenas crianças.	2012
93	Crianças: não sei o que, nem sei de onde	2012
94	Chove sobre Gallarate	2012
95	A noite é uma criança!!!	2012
96	Três Moradores de Nunca	2012
97	Vida Pulsante na Terra do Nunca	2012
98	A Vida não imita a Arte	2012
99	La Moneda de Argenta	2012
100	As Cinco Maravilhas do Mundo Super Moderno!	2012
101	Monza	2012

102	Floreale	2012
103	Aulas de Português!	2012
104	Habitantes da Terra do Nunca	2012
105	Hoje é o dia de Navigli!	2012
106	Infância na Itália!	2012
107	1ª série	2012
108	Hora do Almoço!	2012
109	La Juve	2012
110	Mi piace! Non mi piace!	2012
111	Pipocas da Igualdade	2012
112	Uma tarde no trem!	2012
113	Pequenos detalhes de Rescalda!	2012
114	Afortunati	2012
115	Brastália ou Itabrás?!	2012
116	Rescaldina Terra do Nunca!	2012
117	O Controle	2012
118	Dois momentos diferentes com Piratas do Brasil	2012
119	Será que a gente é assim?!	2012
120	De volta a Terra do Nunca: Rescaldina	2012
121	Uns segredos!	2012
122	Agosto	2012
123	Quebra Cabeça	2012
124	O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas	2012
125	Carrinhos de pipocas	2012
126	A Vida	2012
127	De Volta ao presente	2012
128	A Procura do Carrinho de Pipocas	2012
129	O Inferno de Dante	2012
130	Em Defesa do Aluno	2012
131	Una Giornata Particolare	2012

132	O Brasil Redescoberto	2012
133	Rosso	2012
134	Vou sentir saudade em janeiro	2012
135	A Terra do Nunca	2012
136	Outras Terras	2012
137	La isola che non c'é!	2012
138	Alecrim	2012
139	Prô você não mudou nada!	2012
140	Auguri você foi adotada!	2012
141	Esse brilho em seu olhar	2012
142	Ah Prô, sei lá!	2013
143	Prô joguei esses dois pedaços fora	2013
144	XPTo 13, você lembrou que a gente ta em maio!	2013
145	Meu maior desafio	2013
146	Essa mini sociedade	2013
147	Textos	2013
148	O dia do bets chegou à escola	2013
149	Isso é amizade	2013
150	Gêneros- masculino e feminino.	2013
151	Multiplicação e Divisão	2013
152	Troca de cartas	2013
153	E assim nasceu a dupla	2013
154	O olhar da criança	2013
155	Prô hoje a gente vai ser promovido de novo?	2013
156	Eu não sou Robô!	2013
157	A descoberta da escrita	2014
158	A palavra mágica	2014

159	A semana começa	2014
160	Agora também sou autora	2014
161	Aqui na bíblia fala mil vezes em Deus!	2014
162	Aqui tem tanto S com som de Z.	2014
163	As 3 balas e a matemática	2014
164	Bolinha de Gude	2014
165	Gente grande fala tudo errado!	2014
166	Manu a menina que sabia ouvir.	2014
167	Mas eu não sei!	2014
168	Nossa a gente nunca vai escrever igual gente grande.	2014
169	Prô olha como eu estudo!	2014
170	Prô você ta me dizendo que meu pai ta errado?	2014
171	Robô você ta jogando autor fora!	2014
172	A amoeba!	2014
173	A escola não responde nada né?	2014
174	A pequena Manu.	2014
175	Lápis cor de pele.	2014
176	O esconderijo das letras.	2014
177	O gosto da revista.	2014
178	O primeiro dia de aula.	2014
179	Pode usar coisa de matemática quando fala	2014
180	Prô esse quadrado fica onde?	2014
181	Ratei!	2014
182	Você enxerga dentro da gente!	2014
183	Deus é engraçado.	2014
184	O chão do caderno	2014

185	Vou passar 20 anos com dor?!	2014
186	Setmana senza la goma	2014
187	O gelo derrete e te enferruja	2014
188	Zebra com Z?!	2014
189	Pipoca Evangélica	2015
189	Minha pequena rosa	2015
190	Prôôô... olha aqui!!	2015
191	Meu melhor amigo!	2015
192	Aqui é o céu.	2015
193	A escrita	2015
194	Eu já descobri a escrita	2015
195	Kilometro	2015
196	No 8º ano a gente não pode fantasiar	2015
197	Lombada	2015
198	Somos todos escravos!	2015
199	Tem vaga?	2015

Anexo II

Registros

Registros das aulas, feito por alunos em 2010, em mini fichas.

02/03/10	Brenda
03/05/10	Rillary
04/05/10	Graziela
10/05/10	Brenda
11/05/10	Ettore
13/05/10	Gabi
20/05/10	Sarah
24/05/10	Caroline
31/05/10	Roberta
07/06/10	Roberta

10/09/10	Brenda
18/09/10	Grazi
19/10/10	Gabrielly

Anexo III

Escritos de alunos

Textos alunos 2010. 3 ano A. 2010.

Tema	Total	Assunto	Data	Importante
Tema livre	03	Língua de Sinais. Eu vou contar sobre: A Escola Informática	08/03/10 29/10/10	
Se eu fosse...	06	Se eu fosse um continente.	05/04/10	Observação do Mapa Mundi em sala de aula. Transformado em acontecimento e em nome das turmas.
Se eu fosse...	03	Se eu fosse uma música.	12/04/10	Observação do Mapa Mundi em sala de aula. Transformado em acontecimento e em nome das turmas.
Se eu fosse...	03	Se eu fosse um oceano.	31/03/10	Observação do Mapa Mundi em sala de aula. Transformado em acontecimento e em nome das turmas.
Escolha de temas	03	A- Se eu morasse na lua. B- Medo	27/10/10	Aprender a escolher temas.

		C- Tema Livre		
Classificados Poéticos	06		23/08/10	Trabalho com rimas, poesias e o livro Você Troca de Eva Furnari.
Escolha de temas	04	A- Se eu fosse uma ampulheta. B- Se eu fosse o céu. C- Tema Livre	20/09/10	01. Aprender a escolher temas. 02. Nome usado na produção é o da fantasia. 03. As três primeiras correções foram feitas dentro do processo de combinações para auto correção. Fase final do processo de aquisição da escrita para o 3 ano. Projeto da escola.
Escolha de Temas	01	A- Meu programa preferido na T.V B- O maior sonho da minha vida. C- Tema livre.	18/11/10	
O Vulcão	14		23/09/10	Apresentação da proposta, pesquisa na Internet e

				confecção do vulcão com argila.
A construção do vulcão.	13		11/11/10	Analise da construção do vulcão e da sua "explosão".
A Mascote	02	A Mascote Dinorobô. Porque eu trouxe o dinossauro.	24/05/10 26/04/10	Trabalho de preparação para a Copa do Mundo. Com desdobramentos durante o resto do ano.

Anexos IV Presentes

Presentes 2010/ 2011
A Professora Robô! Autora Sofia Gusmão e Carolina Gusmão. (Mãe).
Texto livre: Francielle Gregio. Ex aluna no 4 ano fez um texto sobre a nossa relação, a professora me presenteou com o texto.
Bilhetes, cartas e desenhos de robôs.

Anexo V Produções

Produção de material multimídia e livros
2010: Coral em Libras. (DVD).
2013: A Farra da Capucheta. (DVD).
2013: Pipocas Pedagógicas: narrativas outras da escola. (Org).
2014: Pipocas Pedagógicas II: narrativas outras da escola. (Org).
2014: Que brincadeira é essa? (Org).
2015: Pipocas Pedagógicas III: narrativas outras da escola (Org)
2015: A memória do bebê. (Org)

Anexo VI– Álbuns a História vida alunos.

A história da minha vida: Mini livros feito pelos alunos em 2010. As crianças contaram e desenharam suas vidas, utilizando os antigos álbuns de fotografias, que foram enfeitados para virar livrinho. Os temas foram tirados depois de muito debate: Eu sou assim! Meus pais! Minhas irmãs! Meu quarto! A minha rua! A minha escola! Minha professora! A lembrança mais antiga! Minha melhor amiga! Meu brinquedo preferido! Minha brincadeira preferida! A roupa que mais gosto! Minha comida preferida! Minha aula preferida! Meu lugar preferido na escola! Um lugar que eu gostaria de conhecer! Um lugar que gosto de passear! A pessoa que marcou minha infância!
Brenda
Bruno
Carolina
Ettore
Gabriel
Graziella
Guilherme
Jefferson
Mariana
Rillary
Roberta
Yan

Anexo VII. Caderno vai e volta. 2007/2015

Caderno Vai e volta um caderno de comunicação com os pais. Nestes cadernos são marcadas as aulas que são dadas, planejamentos e outras necessidades apontadas pelos pais. Cada dia um aluno leva e no dia seguinte entrega.

2007	2º ano A	EMEF "Francisco Ponzio Sobrinho"
2008	2º ano B	EMEF "Francisco Ponzio Sobrinho"
2009	2º ano B	EMEF "Francisco Ponzio Sobrinho"
2010	3º ano B	EMEF "Francisco Ponzio Sobrinho"
2011	2º ano A	EMEF "Francisco Ponzio Sobrinho"
2013	3º ano A	EMEF "Ângela Cury Zákia"
2014	1º ano A	EMEF "Ângela Cury Zákia"
2015	1º ano A	EMEF "Ângela Cury Zákia"